

R e v i s t a
d e

ITALIA
 **NÍSTI**
CA XLVIII

2 0 2 3

Adriana Mendes Porcellato • Elena Sharafutdinova
Elisabetta Santoro • Giulia Martini • Manuela Lunati
Mayara da Silva Neto • Miriam Ravetto
Simona Frabotta • Vittoria Russo

SUMÁRIO

Editorial	2
Elisabetta Santoro	
Adriana Mendes Porcellato	
Luciane Nascimento Spadotto	
L'influenza della lingua materna nell'acquisizione delle preposizioni semplici in italiano come lingua seconda	6
Elena Sharafutdinova	
Il sistema pronominale in italiano e in portoghese brasiliano: i clitici tra le varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico	35
Manuela Lunati	
Adriana Mendes Porcellato	
Elisabetta Santoro	
Richieste in italiano e portoghese brasiliano: da uno studio contrastivo alla riflessione sull'interculturalità	64
Elisabetta Santoro	
Mayara da Silva Neto	
“È un complimento?”, “Ist das ein Kompliment für dich?”. Complimenti impliciti in social network italiani e tedeschi	95
Miriam Ravetto	
Sessismo linguistico: dagli studi di Alma Sabatini ai manuali di italiano L2/LS	123
Simona Frabotta	
Gli anglicismi virali del 2020: le modalità comunicative di una crisi tra (pseudo) tecnicismi e italiano burocratico	146
Vittoria Russo	
La funzione anti-dialogica. Condizioni di incongruenza negli scambi di battute della poesia italiana del Novecento	176
Giulia Martini	

EDITORIAL

Publicado no ano em que a *Revista de Italianística* comemora seu trigésimo aniversário, este número reafirma o compromisso com a divulgação de trabalhos, que colocam no centro de seu interesse a língua italiana e propiciam reflexões sobre a atualidade das pesquisas nesse âmbito desenvolvidas tanto no Brasil quanto na Itália e em outros países. No caso da presente edição, o foco é a comparação entre o italiano e outras línguas: não apenas o português brasileiro, mas também o inglês, o espanhol e o alemão. Estão aqui representadas, sobretudo, análises contrastivas que se concentram em aspectos específicos das línguas e atos de fala, mas há, além disso, também temas amplamente debatidos no panorama atual da Linguística italiana, como o uso de anglicismos e a linguagem sexista.

O que todos têm em comum é a convicção de que a língua permite que as pessoas se comuniquem umas com as outras e, ao mesmo tempo, que contem histórias, escrevam poemas, construam relações e expressem seus valores e crenças, contribuindo, assim, para a criação de um repertório compartilhado que vai definindo a identidade de um grupo social e caracterizando a cultura. Por outro lado, também a cultura influencia a forma como a língua evolui, distinguindo as comunidades de falantes. Tendo isso em vista, colocar duas ou mais línguas em confronto permite identificar diferenças e semelhanças não só em nível linguístico, mas também em nível cultural, favorecendo um entendimento mais aprofundado das maneiras como pessoas de comunidades distintas percebem, refletem e agem sobre o mundo.

Organizamos os artigos partindo da perspectiva do ensino e da aquisição de línguas, em que a comparação entre sistemas linguísticos pode contribuir para o aprimoramento da aprendizagem e, especialmente quando se levam em consideração aspectos discursivos e pragmáticos, para o desenvolvimento da competência comunicativa.

Nesse sentido, o artigo “*L’influenza della lingua materna nell’acquisizione delle preposizioni semplici in italiano come lingua seconda*”, de **Elena Sharafutdinova (California State University)**, se dedica ao paradigma contrastivista e investiga a aquisição das preposições simples em italiano L2. Os participantes do estudo são um grupo de aprendizes universitários estadunidenses, metade dos quais são falantes monolíngues de inglês e a outra metade, falantes bilíngues de inglês e espanhol. O objetivo é identificar se e em que medida a(s) L1 dos informantes, em combinação com fatores como o nível de proficiência e o gênero, influencia(m) o processo de aquisição das preposições em italiano. A análise dos dados, coletados por meio de quatro tarefas distintas, mostrou que os aprendizes bilíngues tiveram um desempenho melhor, comprovando a influência da(s) L1 na aquisição das preposições na L2. Outros fatores, como o nível dos aprendizes e as diferenças de uso das preposições na L1 e na L2, também parecem influir no desempenho dos informantes, ao passo que o gênero não apresentou uma correlação significativa. A autora conclui que, no contexto das universidades dos Estados Unidos, esses resultados podem trazer implicações para o planejamento de cursos de italiano L2 que levem em consideração a L1 dos aprendizes.

O papel importante da L1 na aquisição da L2 é explorado também no artigo “*Il sistema pronominale in italiano e in portoghese brasiliano: i clitici tra le varianti di realizzazione dell’oggetto anaforico*” de **Manuela Lunati (Universidade de São Paulo/Sapienza Università di Roma)**, **Adriana Mendes Porcellato** e **Elisabetta Santoro (Universidade de São Paulo)**. As autoras começam apresentando as formas dos pronomes clíticos de 3ª pessoa em italiano e português brasileiro, destacando os fatores de complexidade nos dois sistemas, que se devem, pelo menos em parte, aos conflitos entre formas e posições concorrenciais nas variedades de cada língua: *standard*, *substandard* e *neostandard* para o italiano; norma-padrão, norma culta e vernáculo geral brasileiro para o português. Ao confrontar as línguas entre si, emergem também diferenças nas variantes de realização do objeto anafórico, especialmente quanto à disponibilidade (p. ex. o pronome nulo), à frequência (p. ex. os clíticos) e ao uso (p.ex. o pronome tônico enfático). Embora essas divergências possam representar um obstáculo para a aquisição dos clíticos em italiano por parte de aprendizes brasileiros, no trabalho destaca-se que essas dificuldades podem ser enfrentadas na sala de aula por meio da realização de exercícios específicos e do confronto entre os dois sistemas, concentrando-se não só nas formas, mas principalmente nas dimensões sociolinguística e pragmática do uso dos clíticos.

A comparação entre português brasileiro e italiano continua na perspectiva da Pragmática cross-cultural, onde se enquadra o trabalho “*Richieste in italiano e portoghese brasiliano: da uno studio contrastivo alla riflessione sull’interculturalità*” de **Elisabetta Santoro** e **Mayara Silva Neto (Universidade de São Paulo)**. Considerando que o pedido é um ato de fala consideravelmente sensível às diferenças culturais, capaz, assim, de manifestar traços distintivos de uma língua/cultura, as autoras analisam esse ato de fala, com o objetivo de identificar convergências e divergências nas duas línguas. Os dados foram coletados por meio de DCTs e a investigação leva em consideração o grau de (in)diretividade dos pedidos e as estratégias a que os falantes

recorrem para sua realização. Com a análise, observou-se que, embora compartilhem algumas características, as línguas examinadas apresentam diferenças no que tange aos elementos escolhidos para a realização dos pedidos, sobretudo quando se observam as variáveis manipuladas: “grau de imposição” e “distância social”. Além disso, as estudiosas ressaltam que investigações baseadas em *corpora* de diferentes línguas, com dados obtidos seguindo a mesma metodologia, contribuem para identificar tendências em cada uma das línguas e culturas selecionadas, o que pode oferecer *insights* para entender aspectos que envolvem as interações em perspectiva intercultural.

Ainda no âmbito da Pragmática cross-cultural, **Miriam Ravetto (Università del Piemonte Orientale)**, em seu trabalho intitulado “*‘È un complimento?’*, *‘Ist das ein Kompliment für dich?’*. *Complimenti impliciti in social network italiani e tedeschi*”, apresenta uma pesquisa inovadora, cujo foco está no confronto de elogios em italiano e alemão. A investigação partiu de interações entre jovens (15 a 30 anos) nas redes sociais Instagram e Whatsapp, onde esse ato de fala é particularmente recorrente. As análises se concentraram tanto nos elogios implícitos quanto nas respostas a esse ato e revelaram semelhanças, mas também algumas diferenças entre as duas línguas, como o maior leque de estratégias de realização do ato utilizadas pelos informantes italianos. No artigo, os resultados obtidos são também confrontados com estudos anteriores sobre o mesmo ato de fala em interações orais face-a-face, mostrando, por exemplo, que a distribuição das estratégias de realização e de resposta a elogios implícitos mudam de acordo com o tipo de interação. Esse estudo traz, portanto, importantes considerações não só sobre as diferenças cross-linguísticas e cross-culturais entre italianos e alemães, mas também sobre como a língua se adapta ao meio de transmissão.

Para refletir sobre o ensino de italiano, o artigo “*Sessismo linguistico: dagli studi di Alma Sabatini ai manuali di italiano L2/LS*” de **Simona Frabotta (Universidad de Málaga)** explora, nos livros didáticos de italiano L2/LE, o tema do sexismo linguístico, que está sendo cada vez mais debatido pela sociedade, tanto na Itália quanto em outros países. A autora parte do trabalho seminal de Alma Sabatini, publicado no final dos anos 1980, no qual são descritas e categorizadas uma série de “*dissimetrie grammaticali*”, ou seja, formas cristalizadas na língua italiana que demonstram diferenças de tratamento entre homens e mulheres, especialmente em termos de uso do masculino não marcado (p. ex. o masculino com valor genérico) e dos “agentivos” (p. ex. uso de títulos de profissões de maior prestígio no masculino). Ao analisar um livro didático de italiano L2/LE, com base nas diferentes categorias de “*dissimetrie grammaticali*”, Frabotta encontra exemplos de boa parte delas, demonstrando que, enquanto professoras/es e autoras/es de livros didáticos não promoverem uma mudança para um uso menos sexista da língua, as recomendações de Sabatini continuarão sendo um princípio reconhecido mas, infelizmente, não concretizado.

Observando ainda o uso e as transformações do italiano, mas passando para o âmbito administrativo, no estudo “*Gli anglicismi virali del 2020: le modalità comunicative di una crisi tra (pseudo)tecnicismi e italiano burocratico*”, **Vittoria Russo (Università della Calabria)** investiga o uso de anglicismos na língua italiana da imprensa e do governo no contexto da pandemia

de COVID-19. A pesquisa se desenvolveu entre janeiro e dezembro de 2020, concentrando-se especialmente nos meses em que a emergência sanitária atingiu seu ponto mais crítico. As análises foram feitas a partir de conteúdo institucional, ou seja, atos normativos publicados na *Gazzetta Ufficiale*, e matérias jornalísticas publicadas no jornal italiano *Corriere della Sera*. Os resultados revelam que muitos dos anglicismos analisados já estavam presentes na língua italiana, embora restritos a contextos específicos de diferentes setores. No entanto, em 2020, esses termos passaram a ser dicionarizados, à medida que se tornaram parte do vocabulário cotidiano. Além disso, os dados permitem entender que, apesar de o contexto institucional ter se mostrado mais relutante em adotar os anglicismos, na mídia o termo em inglês é sempre preferido em relação ao seu equivalente em italiano, o que pode tornar as informações menos acessíveis aos cidadãos, com implicações particularmente graves em contextos críticos como o da pandemia.

Por fim, em uma perspectiva distinta em relação aos dois artigos da revista que colocam em primeiro plano a comparação entre línguas, a Pragmática volta a ser a base teórica do trabalho de **Giulia Martini (Università degli Studi di Siena)**, intitulado “*La funzione anti-dialogica. Condizioni di incongruenza negli scambi di battute della poesia italiana del Novecento*”. Baseada nas trocas fragmentadas e anti-dialógicas da poesia italiana do século XX, a pesquisa abrange várias obras poéticas, desde “Canti di Castelvecchio” de Giovanni Pascoli (1903) até “Composita solvantur” de Franco Fortini (1994). Com o estudo, a autora levanta o debate sobre a questão da subjetividade lírica moderna articulada na relação entre a forma poética e o expediente dialógico. Nos resultados, observa-se que os diálogos presentes nesses textos se manifestam, muitas vezes, de forma disfuncional e não seguem uma lógica, o que cria uma impressão constante de que há um processo em andamento, uma falta de conclusão e um caráter fragmentado e desordenado.

A leitura de artigos desenvolvidos a partir de olhares, lugares e línguas diferentes poderá certamente estabelecer diálogos com os estudos sobre a língua italiana, já existentes ou atualmente em elaboração. Desejamos que essa edição seja inspiradora e incentive ainda muitas pesquisas, com o auspício de que a *Revista de Italianística* possa continuar sendo um dos veículos de divulgação desses trabalhos.

Buona lettura!

As organizadoras deste número
Elisabetta Santoro, Adriana Mendes Porcellato
e Luciane do Nascimento Spadotto

**L'INFLUENZA DELLA LINGUA MATERNA
NELL'ACQUISIZIONE DELLE PREPOSIZIONI
SEMPLICI IN ITALIANO COME LINGUA SECONDA**

**A influència da língua materna na aquisição de
preposições simples do italiano como segunda língua**

**The Influence of the Mother Tongue on the Acquisition
of Simple Prepositions in Italian As a Second Language**

ELENA SHARAFUTDINOVA *

ABSTRACT: L'acquisizione delle preposizioni costituisce uno degli aspetti più difficili della grammatica italiana (KATERINOV, 1975) e si è riscontrato che il *transfer* influisce sull'apprendimento delle preposizioni, che è mediato da vari fattori, tra cui la L1, il livello di competenza nella L2, il tipo di compito assegnato (JARVIS, 2000) e il genere degli apprendenti (LLACH, 2010). Concentrandosi su una popolazione di 48 studenti universitari statunitensi di italiano, nella fascia d'età compresa tra i 18 e i 22 anni, equamente distribuiti dal punto di vista dell'appartenenza al genere femminile e maschile e della L1 (n=24 monolingui in inglese e n=24 bilingui in spagnolo-inglese), questo studio ha esaminato l'influenza della rispettiva L1 sull'uso delle preposizioni in italiano L2. Si sono anche confrontate le *performance* degli studenti a diversi livelli di competenza per valutare l'effetto della durata dell'esposizione alla L2 sull'acquisizione delle preposizioni italiane. Inoltre, lo studio ha verificato se i risultati dell'apprendimento fossero influenzati dalle differenze di genere. Per valutare la conoscenza delle preposizioni in L2 e le modalità di *transfer* dalla L1, sono stati utilizzati compiti

*Docente – California State University
sher@csufresno.edu (ORCID: 0000-0001-5777-6393)



di traduzione, riempimento di lacune, scelta multipla e giudizi di grammaticalità. Lo studio ha dimostrato che sia il tipo di L1 sia il livello di competenza della L2 influenzano l'acquisizione delle preposizioni in italiano L2. Al contrario, il genere non ha un ruolo significativo in questo processo. L'analisi degli errori ha dimostrato che l'influenza del *transfer* negativo dalla L1 diminuisce con l'aumentare del livello di competenza della L2. Infine, i modelli di *transfer* e i risultati dell'apprendimento non sembrano essere influenzati dai diversi tipi di compito.

PAROLE CHIAVE: Transfer linguistico; Interferenza della L1; Italiano L2; Preposizioni.

RESUMO: A aquisição das preposições constitui um dos aspectos mais difíceis da gramática italiana (KATERINOV, 1975), e foi constatado que a transferência afeta o aprendizado de preposições, que é mediado por vários fatores, inclusive a L1, a duração da intervenção didática, o tipo de tarefa (JARVIS, 2000) e o gênero dos aprendizes (LLACH, 2010). Concentrando-se em uma população de 48 alunos estadunidenses de graduação aprendizes de italiano, entre 18 e 22 anos, igualmente distribuídos quanto ao gênero masculino e feminino e à L1 (n=24 falantes nativos monolíngues de inglês e n=24 falantes bilíngues de espanhol-inglês), esse estudo examinou a influência da respectiva L1 no uso das preposições em italiano L2. Comparou-se também o desempenho dos alunos em diferentes níveis de proficiência para avaliar o efeito do tempo de exposição à L2 na aquisição de preposições em italiano. Além disso, o estudo verificou se os resultados da aprendizagem foram influenciados por diferenças de gênero. Para avaliar o conhecimento dos alunos quanto às preposições da L2 e os tipos de transferência da L1, foram empregadas tarefas de tradução, preenchimento de lacunas, múltipla escolha e julgamento de gramaticalidade. O estudo demonstrou que tanto o tipo de L1 quanto o nível de competência na L2 são fatores que influenciam a aquisição de preposições em italiano L2. Por outro lado, o gênero não parece desempenhar uma função significativa no processo. A análise de erros comprovou que a influência do *transfer* negativo da L1 diminui com o aumento do nível de proficiência na L2. Por fim, os padrões de transferência e os resultados da aprendizagem não são aparentemente influenciados pelos tipos de tarefas.

PALAVRAS-CHAVE: Transferência linguística; Interferência da L1; Italiano L2; Preposições.

ABSTRACT: The acquisition of prepositions constitutes one of the most difficult aspects of Italian grammar (KATERINOV, 1975), and L1 transfer has been found to affect the learning of prepositions mediated by various factors, including L1 background, length of instruction, task type (JARVIS, 2000), and gender (LLACH, 2010). This study examined L1 influence on the use of prepositions in L2 Italian in a population of 48 US undergraduate students in Italian, age range 18-22, equally distributed based on gender (n=24 females and n=24 males) and L1 (n=24 native monolingual English and n=24 bilingual Spanish-English). The study also compared students' performance at different proficiency levels to evaluate the effect of length of exposure (increased L2) on the acquisition of Italian prepositions. Moreover, the study verified whether the learning outcomes were influenced by gender differences. Translation, fill-in-the-blank, multiple-choice, and grammaticality judgment tasks were employed to evaluate students' knowledge of L2 prepositions and L1 transfer patterns. The study demonstrated that both L1 background and L2 proficiency are influential factors in the acquisition of prepositions in L2 Italian. On the contrary, gender does not play any significant role in the process. The error analysis proved that the influence of L1 negative transfer declines with an increased L2 proficiency level. Finally, transfer patterns and learning outcomes are not influenced by the task types.

KEYWORDS: Language transfer; L1 interference; L2 Italian; Prepositions.

1. Introduzione

Il presente studio esamina l'effetto del *transfer* dalla prima lingua (da adesso in poi, L1) nell'acquisizione delle preposizioni in italiano come lingua seconda (da adesso in poi, L2) di apprendenti di sola madrelingua inglese o bilingui inglese-spagnolo. L'italiano, l'inglese e lo spagnolo sono tre lingue che appartengono alla famiglia linguistica indoeuropea, sebbene siano diverse le distanze tra loro, visto che, mentre l'italiano e lo spagnolo fanno parte della sottofamiglia romanza, l'inglese fa parte di quella germanica. Pertanto, l'effetto del *transfer* (o CLI, acronimo per *Crosslinguistic influence*) nell'acquisizione delle preposizioni in italiano L2 potrebbe differire a seconda della L1 (JARVIS, 2000). Già negli anni '70, Katerinov (1975), in un lavoro che aveva come obiettivo definire le liste di frequenza degli errori, aveva evidenziato come l'acquisizione delle preposizioni rappresenti una delle aree più problematiche della grammatica italiana per gli studenti di lingua inglese e spagnola. L'ipotesi è che la difficoltà nell'uso delle preposizioni in italiano sia frutto del *transfer* negativo dalla madrelingua (da adesso in poi, L1) che può essere associato o meno ad altri fattori come la durata dell'intervento didattico, il tipo di compito assegnato e il genere degli apprendenti. Attraverso l'individuazione di quattro tipologie di compiti appropriate per studenti sia a livello elementare che intermedio, questo studio si prefigge di valutare i modelli di *transfer* interlinguistico (errori associati alla L1) nell'acquisizione delle preposizioni in italiano L2 da parte di parlanti solo di inglese o parlanti bilingui di inglese e spagnolo in diverse fasi dell'apprendimento della lingua obbiettivo. Inoltre, la presente ricerca intende analizzare il ruolo del genere nell'acquisizione delle preposizioni in italiano L2. Infine, si intende esplorare le implicazioni pedagogiche dei risultati raggiunti e, sulla base di questi ultimi, formulare raccomandazioni curriculari e suggerimenti per l'insegnamento in classe.

2. Quadro teorico e revisione della letteratura

In questa sezione, daremo prima di tutto una definizione operativa di *transfer*, passando poi in rassegna la letteratura sull'argomento (2.1), i fattori che influenzano il *transfer* linguistico (2.2), il *transfer* nelle preposizioni (2.3) e, infine, un confronto tra preposizioni nelle tre lingue prese in esame, inglese, spagnolo e italiano (2.4).

Recentemente, un notevole numero di studi di linguistica applicata ha indagato l'effetto del *transfer* dalla L1 nella *Second Language Acquisition* (SLA). Come vedremo nelle sezioni 2.2 e 2.3, la maggior parte di questi studi si è concentrata sull'acquisizione dell'inglese come L2; solo pochi si sono invece occupati dell'apprendimento delle preposizioni italiane. Questi ultimi studi hanno incluso parlanti di diverse L1 (polacco, spagnolo e dialetti italiani) e hanno adottato metodi diversi (test orali e scritti, compiti di traduzione o compiti scritti) nella valutazione

dei risultati dell'apprendimento. Inoltre, pochissimi contributi hanno indagato l'acquisizione dell'italiano L2 da parte di studenti di madrelingua inglese.

Il *transfer*, o interferenza translinguistica o linguistica, in particolare l'influenza della L1 è considerata un aspetto fondamentale dell'apprendimento della L2 (per esempio: LADO, 1957; SELINKER 1972, 1983; RICHARDS 1974; GASS, 1984; ODLIN, 1989, 2003; GASS; SELINKER, 2008). Il *transfer* può influenzare la sintassi, il vocabolario, la fonologia ecc. Le somiglianze tra la L1 e L2 possono condurre ad un *transfer* positivo nell'acquisizione della L2 mentre le differenze tra le due lingue possono produrre un *transfer* negativo. Il *transfer* negativo è relativamente facile da individuare in quanto è equivalente alle occorrenze di errori, ovvero, produzioni devianti rispetto a regole o norme di riferimento della L2, spesso associate alla L1. Il *transfer* negativo, quindi, potrebbe ostacolare o rallentare l'acquisizione di forme nella L2, mentre il *transfer* positivo la facilita.

2.1 La ricerca sul *transfer* linguistico

Il *transfer* linguistico è stato storicamente associato al comportamentismo, e perciò inteso come conseguenza del processo di formazione delle abitudini (ODLIN, 1989). Il comportamentismo afferma che i problemi affrontati dai parlanti nella L2 derivano dagli aspetti della L1 che interferiscono nella sua acquisizione (GASS; SELINKER, 2008). Sono state formulate almeno due teorie allo scopo di prevedere gli errori risultanti dal *transfer* dalla L1 durante il processo di acquisizione di una L2: l'analisi contrastiva (da adesso in poi, CA, dall'inglese *Contrastive Analysis*) e l'analisi degli errori (da adesso in poi, EA, dall'inglese *Error Analysis*). L'approccio CA (LADO, 1957) confronta due "lingue per determinare gli errori potenziali col fine ultimo di isolare ciò che deve essere imparato e ciò che non deve esserlo nel caso dell'apprendimento di una lingua seconda"¹ (GASS; SELINKER, 2008, p. 96) attraverso un confronto sistematico, struttura per struttura, del sistema fonologico, sintattico, morfologico e culturale di L1 e L2 con l'obiettivo finale di individuare le differenze e le somiglianze tra le due lingue (LADO, 1957). Invece, a partire dalla fine degli anni '60, l'EA confronta gli errori che un apprendente fa nel produrre la lingua obiettivo con la lingua obiettivo stessa. Pertanto, gli errori non vengono attribuiti alla sola L1 dell'apprendente (cioè, al *transfer* negativo dalla L1) ma anche al sistema L2 dell'apprendente (GASS; SELINKER, 2008, 2008). Gass e Selinker riportano due tipologie di errori commessi dagli apprendenti di L2: (1) gli errori interlinguistici attribuibili al *transfer* dalla L1, ad esempio nell'espressione incorretta prodotta da un francofono "*We just enjoyed to move and to play*" in cui l'errore deriva dal fatto che la lingua francese non ha un equivalente

1 "languages in order to determine potential errors for the ultimate purpose of isolating what needs to be learned and what does not need to be learned in a second-language-learning situation" (GASS e SELINKER, 2008, p. 96).

per *-ing* e il verbo è usato all'infinito; (2) gli errori intralinguistici, ovvero errori che derivano da difficoltà nell'acquisizione della lingua obbiettivo stessa, per esempio nell'espressione in inglese "*He comed yesterday*" in cui l'errore deriva dalla regolarizzazione della forma irregolare del tempo passato (GASS; SELINKER, 2008, p. 104).²

Alla fine degli anni '60, l'interpretazione comportamentista e la CA sono state fortemente criticate a causa dell'incapacità di prevedere i problemi di *transfer* che gli apprendenti affrontano nella SLA (WHITMAN; JACKSON, 1972). Per Chomsky (1965), i bambini nascono con un'innata capacità di apprendere il linguaggio. Pertanto, la loro acquisizione non è influenzata da fattori esterni poiché è regolata da un insieme di meccanismi universali e innati. Partendo da questo punto di vista, ricercatori quali Krashen (1984) o Dulay e Burt (1974) concludono che l'acquisizione della L2 da parte degli adulti è simile all'acquisizione L1 e quindi non è influenzata dalla L1 degli apprendenti. Dulay, Burt e Krashen (1981) affermano che gli errori commessi dagli apprendenti di L1 e di L2 sono simili e sono da categorizzare come errori di apprendimento piuttosto che di *transfer*, ridimensionando così l'importanza di quest'ultimo nella teoria e nella pedagogia SLA.

Il *transfer* è stato successivamente ripreso nello studio del processo cognitivo relativo alla SLA (GASS, 2000). Sostenendo che esso svolge un ruolo chiave nell'apprendimento interlinguistico, Selinker (1972) ha fatto una distinzione tra *transfer* negativo e positivo e ha introdotto il termine "interlingua" per indicare un sistema di conoscenza sistematica di L2 indipendente sia da L1 che da L2. Odlin (1989) ha affermato che il *transfer* linguistico è un processo interlinguistico e l'acquisizione di una lingua è influenzata non solo dalla L1 ma anche da altre lingue che sono state precedentemente acquisite. Il ricercatore ha anche osservato che il *transfer* negativo, nelle situazioni in cui la forma della L1 che è utilizzata nella produzione di L2, non appartiene alla forma della L2. Sulla base di questa osservazione, ha inoltre suggerito di studiare e confrontare apprendenti con diverse L1 per valutarne gli effetti. Sempre Odlin (2003) ha anche evidenziato le opinioni opposte dei ricercatori a proposito dell'influenza del *transfer* negativo e positivo sull'acquisizione, con Weinreich (1953) che privilegia il ruolo del *transfer* negativo rispetto a quello positivo e, viceversa, Ringbom (1987) per il quale il *transfer* positivo influenza l'acquisizione più di quello negativo. Inoltre, Odlin, ha notato come i ricercatori, negli studi pubblicati nei due decenni precedenti al suo contributo, abbiano mostrato un forte interesse per l'influenza

2 Per quanto riguarda gli errori commessi dagli studenti di madrelingua inglese nell'apprendimento dell'italiano, un esempio di errore interlinguistico è rappresentato dall'uso del verbo *giocare* al posto di *suonare* nella frase *giocare la chitarra* perché la distinzione tra i due verbi non c'è in inglese (entrambi i verbi sono tradotti con *play*); invece, un esempio di errore intralinguistico è l'uso di *pulo* al posto di *pulisco* nella frase *pulo casa ogni giorno*, errore causato dalla generalizzazione dei verbi irregolari al presente.

interlinguistica (ad esempio, KELLERMAN, 1983, 1995; KELLERMAN; SHARWOOD- SMITH, 1986; RINGBOM, 1987; ODLIN, 1989; DECHERT; RAUPACH, 1989; SELINKER, 1992; GASS; SELINKER, 1992; GASS, 1996) e ha descritto due metodi particolarmente efficaci: il confronto tra L1, L2 e interlingua di una struttura specifica (SELINKER, 1969), e lo studio di una struttura L2 presente in una sola delle due (o più) lingue native dell'apprendente (MASTER, 1987; MESTHRIE; DUNNE, 1990).

La funzione del *transfer* da L1 non è solo un'operazione mentale complessa, ma anche parte di un repertorio di strategie utilizzate nell'acquisizione di L2. Lo studente di una nuova lingua potrebbe usare la sua L1 come strumento per affrontare i problemi relativi sia alla comunicazione che all'apprendimento. Il *transfer* linguistico è ora considerato allo stesso modo degli altri processi coinvolti nell'acquisizione linguistica, grazie a questo rinnovato interesse nel considerare lo studente di una nuova lingua - con le sue aspettative, obiettivi, atteggiamenti, stile e preferenze di apprendimento - attore attivo nel processo di acquisizione.

Tuttavia, Göbel e Vieluf (2014) sostengono che strategie di apprendimento basate sul *transfer* sono utilizzabili spontaneamente solo dagli studenti di lingua più dotati, mentre gli studenti più deboli hanno bisogno di un supporto didattico per raggiungere lo stesso obiettivo. Di conseguenza, è diventato un presupposto comune per la ricerca contemporanea concentrarsi su metodi di insegnamento basati sul *transfer* al fine di migliorare la *performance* degli apprendenti nello studio delle lingue straniere.

2.2 Fattori che influenzano il *transfer* linguistico

I fattori associati al *transfer* della L1 sono: distanza tra L1 e lingua obiettivo, *background* linguistico, livello di competenza nella L2, tipo di compito assegnato, durata dell'intervento didattico e fattori individuali quali l'età (JARVIS, 2000). Tra questi ultimi, Llach (2010) include anche il genere.

I ricercatori di SLA concordano sul fatto che le somiglianze tra L1 e L2 aumentano il grado di influenza della L1 (ANDERSEN, 1983; KELLERMAN, 1995), ma solo a livello di *transfer* formale e non semantico (RINGBOM, 1987; JARVIS, 2000). Più precisamente, secondo alcuni contributi, l'influenza della L1 diminuisce con l'aumento della competenza pragmatica (BU, 2012) e di scrittura in L2 (CHEN, 2007; PHOCHAROENSIL, 2013). Al contrario, altri studiosi hanno constatato che il livello di competenza in L2 non avrebbe un'influenza significativa sul *transfer* linguistico sia in grammatica e fonologia (HADADI et al., 2014) che nella scrittura (HUSSEIN; MOHAMMAD, 2011). Di segno opposto, invece, è l'analisi di Salehi (2009), in base alla quale l'influenza della L1 aumenta con l'aumentare della competenza nell'uso delle preposizioni della L2 collocate al termine di una frase. Altri studi sono giunti alla conclusione che i diversi tipi di compiti assegnati evidenziano un'influenza significativa della L1 sulla scrittura (GASS, 1980), sul lessico interlinguistico (JARVIS, 2000), sulla produzione orale (VILADOT; CELAYA, 2006) e sulla comprensione dei connettivi del discorso (ZUFFEREY et al., 2015). Per quanto

riguarda il genere, studiando il *transfer* dalla L1 nella scrittura in L2, alcuni contributi hanno rilevato che il genere non ha un ruolo significativo (CHENG, 2001; ROSTAMI ABUSAEEDI; BOROOMAND, 2015). Al contrario, altri studiosi hanno riscontrato differenze significative tra maschi e femmine nell'acquisizione delle preposizioni (NGHI, 2023), della pronuncia (LI, 2004) e del vocabolario (JIMÉNEZ CATALÁN, 2003, 2008). In particolare, nello studio sulle preposizioni, è emerso come le femmine abbiano dimostrato una maggiore maturità sintattica nell'uso delle preposizioni, mentre i maschi una maggiore competenza linguistica in generale (NGHI, 2023).

2.3 Acquisizione delle preposizioni in italiano L2 ed effetto del *transfer* da diverse L1

Diversi ricercatori si sono concentrati sulle preposizioni in italiano L2 rispetto a diverse L1 come spagnolo, irlandese, russo, polacco, dialetti italiani e croato (FRENDA, 2005; SOROKINA, 2011; MARTÍNEZ, 2013; TOPIĆ, 2016; MOSCA, 2018; CITRARO, 2018). Martínez (2004) ha studiato l'uso della preposizione *a* da parte di studenti di spagnolo L1. Ha utilizzato come compito una traduzione per condurre la EA e l'analisi dell'interlingua. I risultati hanno mostrato l'effetto della L1 nell'uso di questa preposizione. Citraro (2018) ha sottolineato che l'acquisizione delle preposizioni in italiano L2 risulta difficile anche per coloro che hanno un dialetto italiano come L1. Per lo studio ha utilizzato un compito di scrittura fatto dagli studenti, sul quale ha eseguito l'EA, trovando errori associati al *transfer* dialettale che mostrano l'effetto della L1 sull'uso delle preposizioni. Frenda (2005) ha condotto confronti interlinguistici tra preposizioni in irlandese e in italiano e ha dimostrato la mancanza di una corrispondenza biunivoca tra queste lingue. Mosca (2018) ha studiato, invece, l'acquisizione di alcune preposizioni in italiano come L2 da parte di studenti di lingua polacca L1, raccogliendo testi orali e scritti. Il ricercatore ha mostrato le possibili interferenze tra italiano e polacco e ha identificato l'effetto del *transfer* dalla L1, insieme ad altri fattori. Sorokina (2011) ha sottolineato che gli studenti russi hanno grandi difficoltà a padroneggiare le preposizioni in italiano L2, a causa di interferenze interlinguistiche e intralinguistiche. Inoltre, ha confrontato le preposizioni in russo e italiano e ha fornito suggerimenti per insegnare queste ultime agli studenti russi. Topić (2016) ha studiato la conoscenza metalinguistica di parlanti multilingui, concentrandosi sull'acquisizione delle preposizioni in italiano come seconda lingua straniera da parte di studenti croati. Hanno preso parte allo studio partecipanti aventi come L1 il croato e l'inglese come L2. Topić ha così potuto identificare la presenza di *transfer* sia lessicale che grammaticale durante un compito di traduzione orale. Il *transfer* grammaticale L1 era evidente nell'uso delle preposizioni, a causa del calco sintattico e semantico (*transfer* negativo L1). I risultati di tutti questi studi suggeriscono che l'acquisizione delle preposizioni in italiano come L2 può essere influenzata dal *transfer* della L1.

2.4 Confronti tra preposizioni semplici in italiano, inglese e spagnolo

Per comprendere la natura del *transfer* linguistico nell'uso delle preposizioni in italiano L2, nel presente studio si sono condotti confronti interlinguistici tra preposizioni in italiano, in inglese e in spagnolo. L'italiano ha otto preposizioni semplici *di – a – da – in – su – con – per – tra / fra* (KINDER; SAVINI, 2004). Alcune delle preposizioni semplici come *di – a – da – in – su – con* possono anche essere combinate con l'articolo determinativo (preposizioni articolate). Tuttavia, le preposizioni articolate non sono state incluse nell'analisi perché questa caratteristica non è presente in inglese ed è molto limitata in spagnolo. Un paragone tra preposizioni semplici in italiano, inglese e spagnolo è presentato di seguito (Tabella 1); il confronto tra queste lingue è stato condotto misurando l'accuratezza nell'uso delle preposizioni da parte degli studenti di L2.

Tabella 1 – *Interrelazioni tra le preposizioni semplici in italiano, inglese, e spagnolo*

Inglese	Italiano	Spagnolo
from, out of, of	di	de
	da	
at, about, to, towards	a	a
for	per	para, por
between, among	tra/fra	entre
on, onto, over, above	su	sobre
in, into	in	en
with, within	con	con

Sulla base della Tabella 1, possiamo vedere come le preposizioni in italiano, inglese e spagnolo siano simili in alcuni casi e notevolmente diverse in altri. Nel complesso, lo spagnolo e l'italiano hanno molte categorie corrispondenti di preposizioni – sebbene non tutte – cosa che non si verifica invece nel confronto tra inglese e italiano.

In spagnolo e italiano, le preposizioni e i loro usi sono abbastanza simili, cioè abbiamo una mappatura uno-a-uno in quattro delle sette categorie di preposizioni, seppure con alcune eccezioni. In particolare, alle preposizioni italiane *di* e *da* corrisponde in spagnolo solo la preposizione *de*; viceversa alle due preposizioni spagnole *por* e *para* corrisponde in italiano la sola preposizione *per*. In generale, per le preposizioni in inglese e italiano non abbiamo una mappatura uno-a-uno e l'uso delle preposizioni spesso differisce; di conseguenza, gli apprendenti che hanno l'inglese come L1 non devono concentrarsi sulle distinzioni più sottili, ma al contrario imparare ad incasellare in modo più flessibile le proprie preposizioni nelle corrispondenti categorie italiane.

3. Obiettivi dello studio e metodologia

I quesiti che hanno guidato la ricerca sono:

1. In che modo la L1 dei parlanti monolingui di inglese o bilingui di inglese e spagnolo influenza l'acquisizione delle preposizioni in italiano L2?
2. Il livello di competenza nella L2 influenza l'acquisizione delle preposizioni in italiano L2? E se sì, in che modo?
3. Il genere degli apprendenti influenza l'acquisizione delle preposizioni in italiano L2?
4. In che modo le tipologie del compito influenzano i risultati dell'apprendimento e i modelli di *transfer*?

Hanno partecipato allo studio 48 studenti (24 maschi, 24 femmine), tutti nella fascia d'età tra i 18 e i 22 anni (età media = 19,3) e iscritti ai corsi di italiano del primo, secondo, terzo e quarto semestre di un'università pubblica negli Stati Uniti.

Gli studenti sono stati divisi in gruppi in base al loro livello di competenza linguistica nella L2: 12 erano di livello elementare 1 (1° semestre), 12 di livello elementare 2 (2° semestre), 12 di livello intermedio 1 (3° semestre) e 12 di livello intermedio 2 (4° semestre). Tutti i partecipanti sono nati e cresciuti negli Stati Uniti e hanno indicato l'inglese come L1, ma il 50% dei partecipanti di ciascun gruppo ha dichiarato di parlare anche lo spagnolo insieme all'inglese come L1 e di appartenere alla categoria dei bilingui precoci. Dodici partecipanti di inglese L1 hanno riferito di aver studiato per meno di due anni lo spagnolo o il francese come L2 in corsi di lingua straniera, pur senza essere fluenti in queste due lingue. Tutti gli studenti hanno seguito corsi basati sull'approccio comunicativo. Al momento della raccolta dei dati, i partecipanti erano al terzo mese del semestre di 16 settimane e avevano imparato e praticato le preposizioni semplici in italiano.

Allo scopo di verificare il *background* linguistico degli studenti, prima dell'inizio della raccolta dei dati, è stato somministrato un questionario online. Grazie al questionario, si sono raccolte una serie di informazioni, tra le quali il genere di appartenenza, la/le madrelingua/e, le lingue straniere studiate e effettivamente parlate. Per raccogliere i dati sono stati utilizzati i seguenti compiti: traduzione, riempimento degli spazi vuoti, scelta multipla e valutazione di grammaticalità. Un estratto di ciascun compito è riportato di seguito (Tabella 2). Ogni compito conteneva 18 domande sull'uso delle preposizioni. La selezione che riportiamo delle preposizioni in questi compiti si basa su differenze e somiglianze nell'uso delle preposizioni in italiano, in inglese e spagnolo.

Tabella 2 – *Esempi di domande per ogni compito*

Compiti	Esempio
Traduzione	1. I live in Rome _____
Riempimento degli spazi vuoti	1. Vivo _____ Roma
Scelta multipla	1. Vivo _____ Roma 1. in 2. a 3. no preposition 4. per
Valutazione di grammaticalità	1. Vivo in Roma 1. Estremamente appropriato 2. Abbastanza appropriato 3. Né appropriato né inappropriato 4. Abbastanza inappropriato 5. Estremamente inappropriato

Come si è detto nella sezione 2.4, la corrispondenza tra le preposizioni in italiano in spagnolo è per lo più uno-a-uno, cosa che, con poche eccezioni, non si verifica invece per l'inglese. Non c'è invece corrispondenza uno-a-uno in tutte e tre le lingue nel caso delle preposizioni *di* e *da* in italiano, *de* in spagnolo, e *from*, *out of*, *of* in inglese. Pertanto, nella scelta delle preposizioni da testare, si è tenuto conto delle differenze e delle similitudini tra l'italiano, l'inglese e lo spagnolo, consentendo un'analisi più accurata dei casi di transfer negativo dalla L1, oltre che di *transfer* intralinguistico. Le preposizioni sono state suddivise nel modo seguente:

1. l'uso delle preposizioni è simile ed è quindi possibile il *transfer* o la traduzione diretta (è previsto, in questo caso, il *transfer* positivo);
2. l'uso delle preposizioni è diverso e non è quindi possibile la traduzione diretta (è previsto, in questo caso, il *transfer* negativo).

L'esperimento è stato condotto durante il normale orario di lezione e i materiali sono stati presentati online. Prima di tutto, i partecipanti sono stati informati dello scopo di questo studio e della confidenzialità dei suoi risultati. In seguito, sono stati invitati a compilare un modulo online di consenso. Subito dopo, sono stati consegnati nell'ordine il questionario sul *background* linguistico e quattro attività: traduzione (compito 1), completamento degli spazi vuoti (compito 2), scelta multipla (compito 3) e valutazione di grammaticalità (compito 4), in quest'ordine. Questa sequenza è stata ideata per non dare ai partecipanti la possibilità di utilizzare gli indizi

ricavabili dai compiti a scelta multipla o di valutazione di grammaticalità negli altri due compiti, ovvero quello di traduzione e quello di riempimento degli spazi vuoti. Inoltre, le domande sono state randomizzate all'interno di ogni attività per evitare distorsioni nei risultati.

4. Risultati

È stato utilizzato un sistema di punteggio binario per valutare le risposte dei partecipanti nelle attività di traduzione, riempimento degli spazi vuoti e a scelta multipla (1 per una risposta corretta, 0 per una risposta errata). Per il compito di valutazione di grammaticalità, il punteggio era 0 o 1 per la risposta “Estremamente appropriato/Estremamente inappropriato”; 0,5, per la risposta “Né appropriato né inappropriato”; 0,25 o 0,75, per la risposta “Abbastanza appropriato/Abbastanza inappropriato”.

Per il trattamento statistico dei dati è stato usato il sistema SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). È stata condotta una serie di analisi della varianza unidirezionale (ANOVA) per determinare se esisteva una differenza statisticamente significativa tra i gruppi, indicata dal valore p al di sotto della soglia $p=.05$. I test ANOVA hanno mostrato che non vi era alcuna differenza significativa tra i gruppi elementare 1 e 2 [$F(1,22)=1.556$, $p=.225$] e i gruppi intermedi 1 e 2 [$F(1,22)=1.669$, $p=.209$]. Pertanto, i gruppi elementari 1 e 2 sono stati combinati per formare il gruppo di livello elementare e i gruppi di livello intermedio 1 e 2 sono stati accorpati come gruppo di livello intermedio. Ognuno dei due gruppi era quindi composto da 24 partecipanti e le loro caratteristiche sono mostrate di seguito (Tabella 3).

Tabella 3 – Caratteristiche dei partecipanti, ugualmente distribuiti in base al genere ($F=12$, $M=12$ per gruppo)

Gruppi	Elementare (Studenti primo anno)	Intermedio (Studenti secondo anno)
L1 inglese	12	12
L1 spagnolo-inglese	12	12
Età media	18.7	19.8
Fascia d'età	18 - 22	18 - 22

Nella Tabella 4, per comodità di lettura, si è espressa la media dei punteggi di accuratezza per le quattro attività di ciascun gruppo in percentuali. Il gruppo di livello intermedio ha superato

del 13% il gruppo di livello iniziale. I bilingui hanno superato del 10% i monolingui. Infine, le partecipanti di sesso femminile hanno superato del 2% i partecipanti di sesso maschile.

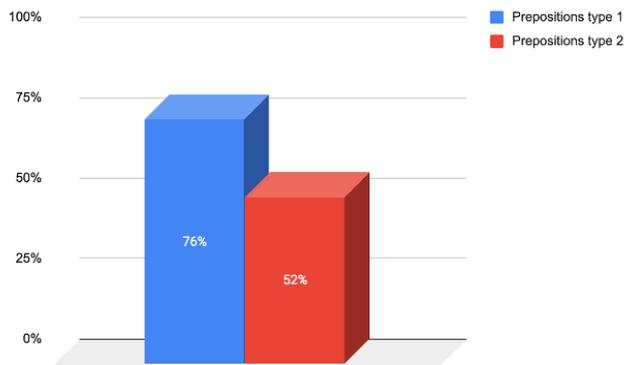
Tabella 4 - Media dei punteggi di accuratezza in percentuali per livello di competenza, background L1 e gruppi di genere

Partecipanti	Livello di competenza		Background L1		Genere	
	elementare	intermedio	inglese	inglese-spagnolo	femminile	maschile
Punteggio	57%	70%	59%	69%	64%	62%

È stata condotta una serie di test ANOVA unidirezionali per determinare se le differenze sulla media dei punteggi di accuratezza tra livello di competenza, L1 e gruppi di genere fossero significative. I risultati hanno mostrato che le differenze tra i gruppi elementari e intermedi [$F(1,46)=32.378, p=.000$] e tra i gruppi monolingui (solo inglese) e bilingui (spagnolo-inglese) [$F(1,46)=10.374, p=.002$] sono significative, mentre quella tra gruppi di sesso maschile e femminile [$F(1,46)=12.000, p=.628$] non lo era. Pertanto, il livello di competenza e il *background* linguistico, sembrano rivestire un ruolo rilevante nell'acquisizione delle preposizioni semplici dell'italiano, mentre non è questo il caso per il genere.

Le preposizioni in ciascuno dei quattro compiti sono state divise in due tipi: il primo tipo (tipo 1) sono preposizioni che si comportano in modo simile in L1 e L2, per esempio tra lo spagnolo *sobre* e l'italiano *su* o tra l'inglese *with* e l'italiano *con* nella frase *esco con i miei amici/I go out with my friends*, e il secondo tipo (tipo 2) sono preposizioni L1 e L2 che si comportano in modo diverso, come nel caso dell'inglese *in* (o lo spagnolo *en*) e l'italiano *a* nella frase *I live in Rome/Vivo en Roma)/Vivo a Roma*. La media dei punteggi di accuratezza in percentuale per il tipo di preposizione 1 e il tipo 2 sono mostrati di seguito (Figura 1).

Figura 1- Media dei punteggi in percentuali per la preposizione di tipo 1 e di tipo 2



È stata inoltre eseguita un'ANOVA ripetuta unidirezionale per esaminare l'effetto del tipo di preposizione, se presente. I risultati hanno mostrato che la differenza sui tipi di preposizione [F(1,47)=202.969, p=0.000] era significativa. Pertanto, nel complesso, nei due gruppi, i partecipanti hanno ottenuto risultati significativamente migliori sulle preposizioni di tipo 1 (possibile *transfer* positivo) rispetto alle preposizioni di tipo 2 (possibile *transfer* negativo). Per esempio, i partecipanti hanno generalmente identificato le preposizioni corrette *con* e *in* rispettivamente nelle frasi *pago con la carta* e *sono in cucina* mentre la preposizione *in*, nella frase *siamo in tre*, che manca sia in inglese che in spagnolo, in molti casi non è stata individuata.

È stato effettuato un test di affidabilità per valutare l'indice di correlazione intraclasse tra i tipi di compiti assegnati. Il risultato ha mostrato un alto grado di coerenza intraclasse tra i quattro compiti. La misura media per la correlazione intraclasse era 0,88 con un intervallo di confidenza del 95% da 0,818 a 0,929 [F (47,141) = 8,571, p=0,000]. Pertanto, nel complesso, tra i gruppi, i risultati raggiunti dai partecipanti sono stati costantemente simili per ciascun tipo di attività. Un test di correlazione di Pearson sui tipi di preparazione ha rivelato un livello moderato di correlazione tra le prestazioni dei partecipanti sui due tipi di preposizioni [r(48)=0.49, p=.000].

I risultati ottenuti dagli studenti divisi in base al gruppo di livello elementare e intermedio sono indicati nella figura 2 e nella figura 3 le quali rappresentano la media dei punteggi di accuratezza sui due tipi di preposizione (Figura 2) e sui quattro tipi di attività (Figura 3) espressa in percentuali per ciascun gruppo rispettivamente. Entrambi i gruppi hanno ottenuto risultati migliori con la preposizione di tipo 1 (dove le preposizioni nelle L1 e L2 agiscono in modo simile). I partecipanti di livello intermedio hanno superato i partecipanti di livello elementare in ogni attività.

Figura 2 – *Media dei punteggi in percentuali sui tipi di preposizione per livello elementare e intermedio*

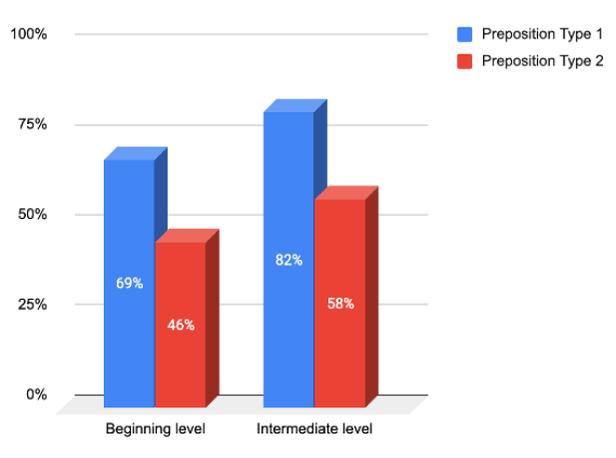
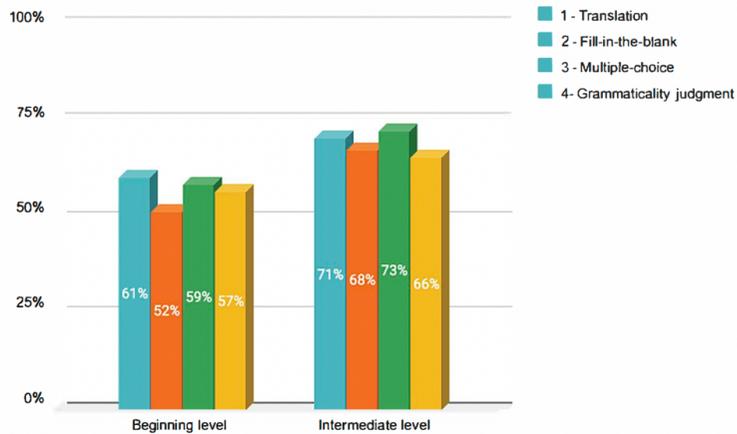


Figura 3 – *Media dei punteggi di accuratezza in percentuali sui tipi di attività per livello iniziale e intermedio*



Per comodità del lettore, rappresentiamo i dati suddivisi in gruppo con L1 inglese e gruppo con L1 spagnolo-inglese nella Figura 4 e nella Figura 5 che presentano la media dei punteggi espressa in percentuali sui due tipi di preposizione e sui quattro tipi di attività dei due gruppi rispettivamente. Gli studenti bilingui hanno superato quelli monolingui in ogni compito. Entrambi i gruppi con L1 inglese e L1 spagnolo-inglese hanno ottenuto risultati migliori nelle frasi in cui le preposizioni L1 e L2 agiscono in modo simile.

Figura 4 – *Media dei punteggi di accuratezza in percentuali sui tipi di preposizione dei gruppi L1 inglese e spagnolo-inglese*

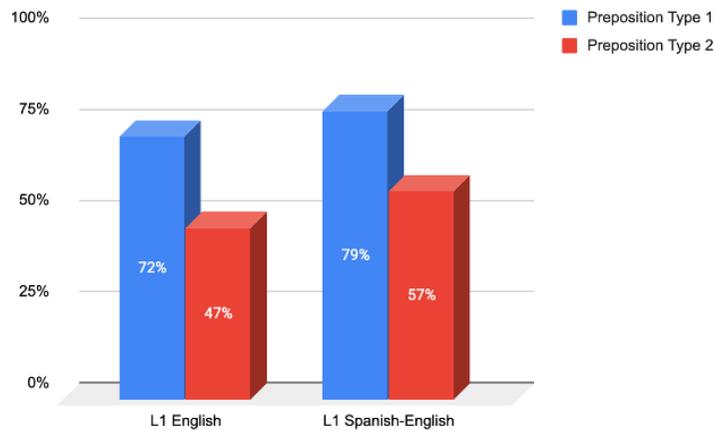
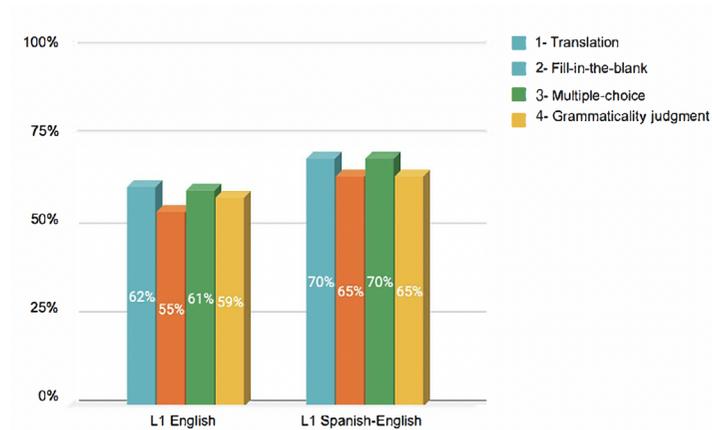


Figura 5 – *Media dei punteggi in percentuali sui tipi di attività dei gruppi di inglese L1 e spagnolo-inglese*



La Tabella 5 riporta i risultati di un test MANOVA con livello di competenza (elementare, intermedio) e tipo di L1 (inglese vs inglese-spagnolo) come fattori fissi e tipo di compito e di preposizioni come variabili dipendenti. Come mostra il valore p risultato al di sotto di .05, test ha stabilito differenze significative tra il gruppo elementare e quello intermedio su tutte e quattro le attività:

Tabella 5 – *Livello di competenza (elementare, intermedio) e tipo di L1 (inglese vs inglese-spagnolo) come fattori fissi*

Tipo di attività e di preposizioni	F	p
Traduzione	F(1,44)=32.126	p=.000
Riempimento di lacune	F(1,44)=32.987	p=.000
Scelta multipla	F(1,44)= 26.946	p=.000
Giudizi di grammaticalità	F(1,44)=15.806	p=.000
Preposizioni tipo 1	F(,44)=39.583	p=.000
Preposizioni tipo 2	F(1,44)=16.049	p=.000

Lo stesso test ha rivelato anche un effetto della L1 su tutte e quattro le attività (Tabella 6):

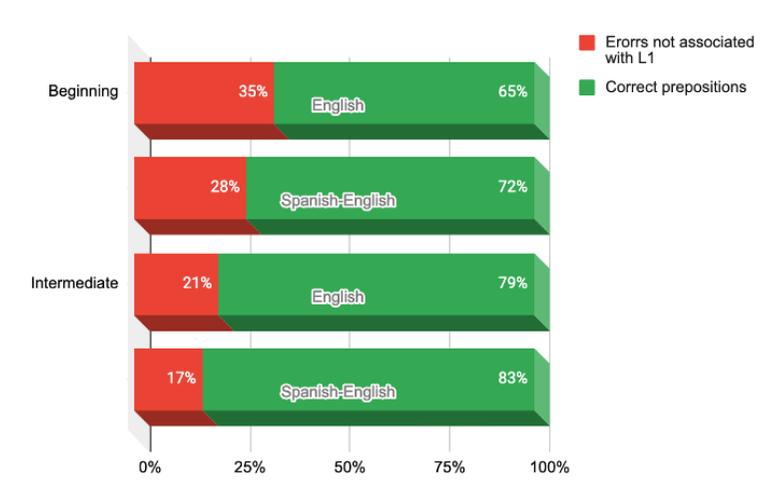
Tabella 6 – *Effetto della L1 sulle quattro attività e due tipi di preposizioni*

Tipo di attività e di preposizioni	F	p
Traduzione	F(1,44)=21.053	p=.000
Riempimento di lacune	F(1,44)=13.251	p=.002
Scelta multipla	F(1,44)=11.014	p=0.01
Giudizi di grammaticalità	F(1,44)=6.114	p=.017
Preposizioni tipo 1	F(1,44)=11.604	p=.001
Preposizioni tipo 2	F(1,44)=13.572	p=.001

Tuttavia, non vi è stato alcun effetto dell'interazione tra livello di competenza e L1 [F(6,39)=0.578, p=0.745]. I risultati hanno mostrato che, in termini di tipo di compito e tipo di preposizione, il gruppo intermedio ha superato il gruppo elementare e il gruppo bilingue ha superato il gruppo monolingue.

Per esplorare ulteriormente le tipologie di *transfer*, se presenti, sono stati analizzati i modelli di errore dei partecipanti. I partecipanti hanno commesso errori di sostituzione, omissione e addizione che possono o meno essere associati alla loro L1. Un errore di sostituzione si ha quando si sostituisce una preposizione sbagliata al posto di quella corretta, come per esempio nella frase *sono in Los Angeles*, dove la preposizione *in* viene scelta al posto di *a*. Un errore di omissione è la cancellazione di una preposizione obbligatoria, per esempio nella frase *io esco casa*, dove la preposizione *da* è omessa. Un errore di addizione è l'inserimento di una preposizione dove non è richiesta, come nella frase *aspetto per mio marito* dove la preposizione *per* è stata aggiunta benché non sia necessaria. Gli errori di sostituzione e di omissione della preposizione del tipo 1 (dove le preposizioni L1 e L2 agiscono in modo simile) sono stati combinati per il calcolo perché nessuno dei due è associato alla L1. L'errore di addizione non si applica alla preposizione di tipo 1 perché sia la L1 che la L2 richiedono una preposizione. Di seguito, si riportano il punteggio medio di errori e risposte corrette in percentuale sulle preposizioni di tipo 1, per livello di competenza e tipo di L1 (Figura 6).

Figura 6 – *Media dei punteggi di accuratezza e degli errori delle preposizioni di tipo 1 per livello di competenza e gruppi L1, in percentuali*

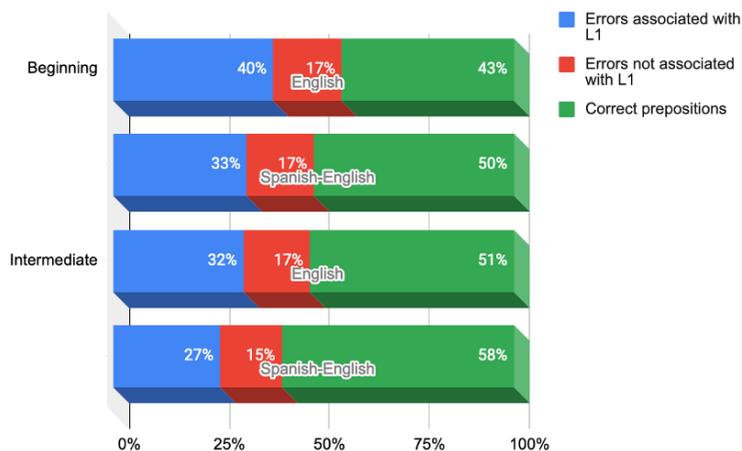


Una serie di test ANOVA unidirezionali ha mostrato una differenza significativa tra i gruppi monolingue e bilingue di livello elementare [$F(1,22)=7.404, p=.012$] ma non tra quelli di livello intermedio [$F(1,22)=3.004, p=.097$]. Se al livello intermedio i gruppi con L1 inglese e inglese-spagnolo erano simili per quanto riguarda le preposizioni di tipo 1, al livello principiante, invece, gli apprendenti bilingui hanno superato quelli monolingui. I partecipanti di ogni livello di competenza e *background* linguistico hanno commesso errori che non sono associati alla L1 (non si tratta di errori di apprendimento sistematici) anche perché l'uso delle preposizioni L1 e L2 è simile.

La distribuzione degli errori sulle preposizioni di tipo 2 (dove le preposizioni della L1 e L2 agiscono in modo diverso) è stata calcolata sulla base della L1 e della possibilità di *transfer* negativo (vedi Figura 7). Il primo caso è quando la L1 (inglese o spagnolo) non ha preposizioni, ma la L2 sì; quindi, sono previsti errori di omissione dovuti alla possibilità di *transfer* negativo. In questo caso, gli errori di omissione sono stati associati alla L1 a differenza di altri errori. Il secondo caso è quando la L1 e la L2 hanno preposizioni diverse; quindi, sono previsti errori di sostituzione dovuti alla possibilità di *transfer* negativo. Pertanto, in questo secondo caso, gli errori di sostituzione sono stati associati alla L1. Infine, l'ultimo caso è quando la L1 prevede l'uso di preposizioni, ma la L2 no, quindi sono previsti errori di addizione a causa della possibilità di *transfer* negativo. In questo terzo caso, gli errori di addizione sono risultati associati alla L1.

Gli errori sono stati combinati in due gruppi: errori associati alla L1 (sostituzione, omissione e addizione) ed errori non associati alla L1.

Figura 7 - Media dei punteggi di accuratezza e degli errori delle preposizioni di tipo 2 per livello di competenza e gruppi L1, in percentuali



Per esplorare se i partecipanti si sono comportati in modo diverso sui tipi di errore (errori associati alla L1 ed errori non associati alla L1) della preposizione di tipo 2 per livello di competenza (elementare, intermedio) e per gruppi di differente L1, è stato utilizzato un MANOVA unidirezionale. Il risultato ha mostrato un effetto complessivo dei tipi di errore [$F(2,43)=263.359$, $p=.000$] e un effetto del livello di competenza [$F(2,43)=7.675$, $p=0.001$].

L'effetto delle diverse L1 ha raggiunto appena la soglia di significatività [$F(2,43)=3.272$, $p=0.048$]. Tuttavia, non vi è stato alcun effetto di interazione tra livello di competenza e tipo di L1 [$F(2,43)=0.347$, $p=0.709$]. I risultati dell'analisi degli effetti tra soggetti hanno rivelato che le differenze significative sul livello di competenza riguardavano solo gli errori associati alla L1 [$F(1,44)=9.752$, $p=.003$], ma non gli errori non associati alla L1 [$F(1,44)=2.33$, $p=.134$]. Allo stesso modo, l'analisi ha mostrato che le differenze significative relative alle diverse L1 riguardavano solo errori associati alla L1 [$F(1,44)=5.899$, $p=.019$] e non errori non associati alla L1 [$F(1,44)=0.48$, $p=.828$].

I risultati per ogni livello di competenza e *background* linguistico erano simili: gli errori associati alla L1 dei partecipanti (errori di *transfer* negativo) sono significativamente più

frequenti di altri errori che non sono associati alla L1 (errori di apprendimento). Gli errori di *transfer* negativo diminuiscono con l'aumentare del livello di competenza per entrambi i gruppi con differenti L1, invece la tendenza a compiere errori di apprendimento si mantiene pressoché uguale in entrambi i gruppi di L1 e in diversi livelli di competenza. Inoltre, le prestazioni dei principianti bilingui (inglese-spagnolo) e monolingui (inglese) sono risultate simili al livello intermedio. Infine, per quanto riguarda i risultati conseguiti dai partecipanti a seconda del genere, non abbiamo riscontrato differenze significative.

5. Discussione

Tornando alle domande sulle quali si è basato questo studio, la prima riguardava come l'inglese L1, sia per gli apprendenti bilingui che per quelli monolingui, influenzasse l'acquisizione delle preposizioni in italiano L2. Le ricerche finora hanno raggiunto un consenso basato sul fatto che la L1 degli studenti ha un ruolo importante nell'acquisizione della L2 (ad esempio, JARVIS, 2000; LLACH, 2010). I risultati del presente studio non solo hanno confermato l'effetto della L1 sull'acquisizione della L2, ma hanno anche fornito nuovi dati sull'acquisizione di preposizioni in italiano L2 confrontando gruppi di diverse L1. I risultati mostrano che i bilingui hanno superato del 10% i monolingui nei punteggi di accuratezza. Questo effetto della L1 è stato osservato sia per i gruppi di livello elementare che per quelli di livello intermedio, indicando che l'influenza linguistica era presente nella fase iniziale dell'apprendimento ed era ancora presente dopo oltre un anno di studio della L2. La successiva analisi dei risultati ottenuti dai partecipanti sui due diversi tipi di preposizioni ha mostrato che i punteggi di accuratezza dei bilingui erano significativamente più alti di quelli dei monolingui su entrambi i tipi di preposizioni. Una delle spiegazioni delle differenze può essere dovuta alla distanza linguistica tra la L2 e la L1. Nello specifico, l'italiano è molto più vicino allo spagnolo (essendo entrambe lingue romanze) che all'inglese (afferente al gruppo delle lingue germaniche). I risultati confermano le conclusioni di studi precedenti che mostrano che la distanza linguistica tra la lingua target e quella nativa influenza il processo di acquisizione della L2 (ANDERSEN 1983; JARVIS, 2000; KELLERMAN, 1995; RINGBOM, 1987). Il presente studio fornisce nuovi dati alla ricerca sull'acquisizione delle preposizioni in italiano come L2 confrontando apprendenti con diverse L1 con differente distanza dall'italiano L2.

L'effetto del *transfer* da L1 è stato analizzato anche confrontando due diversi tipi di preposizioni. I risultati hanno mostrato che sia i gruppi madrelingua inglese che i gruppi di madrelingua spagnolo-inglese hanno ottenuto risultati migliori con le preposizioni di tipo 1 che con le preposizioni di tipo 2. Mentre i migliori risultati ottenuti dagli studenti sulle preposizioni di tipo 1 potrebbero non essere correlati esclusivamente al *transfer* positivo dalla L1, la principale fonte di errori per le preposizioni di tipo 2 potrebbe essere attribuita al *transfer* negativo della L1,

come indicato dall'analisi degli errori. Infatti, nelle frasi in cui le preposizioni L1 e L2 agiscono in modo diverso, i partecipanti sono incorsi in un numero significativamente maggiore di errori associati alla L1 o errori interlinguistici che errori intralinguistici o di apprendimento. Diversamente dagli errori interlinguistici, gli errori di apprendimento (o intralinguistici) non hanno un'origine sistematica e non sono dovuti all'influenza della L1. L'analisi degli errori ha rivelato che i modelli di *transfer* dalla L1 erano evidenti in tutti e tre i tipi di errori: sostituzione, omissione e addizione da parte di studenti sia monolingui che bilingui. Precedenti studi sull'acquisizione dell'italiano L2 con dialetti polacchi, spagnoli e italiani come L1 hanno riportato simili modelli di transfer (MOSCA, 2018; MARTÍNEZ 2004; CITRARO 2018). Tuttavia, gli studi di Mosca (2018) e Martínez (2004) non includono tutte le preposizioni semplici e si concentrano rispettivamente su *a, in, per, tra* e *a*, mentre lo studio di Citraro (2018) si concentra su tutte le preposizioni, sebbene i tipi di preposizione non siano stati sottoposti a controllo. Il presente studio ha fornito nuove prove che mostrano l'effetto degli errori associati all'inglese L1 e all'inglese-spagnolo L1 su tutte le preposizioni semplici.

Per rispondere al secondo quesito della ricerca, che chiedeva se e in che modo il livello di competenza nella L2 posseduto dagli apprendenti influenzasse l'acquisizione delle preposizioni italiane, i risultati hanno mostrato che complessivamente i partecipanti di livello intermedio hanno ottenuto risultati migliori rispetto ai principianti, indicando in questo modo che un maggiore livello linguistico nella L2 fa la differenza nell'acquisizione delle preposizioni. I dati hanno anche mostrato che il ruolo giocato dal livello linguistico sull'apprendimento è stato significativo sia per i gruppi monolingui che bilingui. Pertanto, una maggiore esposizione nell'apprendimento aiuta a migliorare i risultati di acquisizione delle preposizioni in italiano indipendentemente dalla L1 degli studenti. I risultati confermano le osservazioni di Jarvis (2000) e Llach (2010) sull'importanza del livello di competenza (o della durata dell'esposizione all'insegnamento) nell'acquisizione delle preposizioni italiane.

L'effetto del *transfer* dalla L1 per ciascun livello di competenza è stato analizzato anche confrontando i due diversi tipi di preposizioni. I risultati hanno mostrato che il gruppo di livello intermedio ha ottenuto risultati significativamente migliori rispetto al gruppo di livello iniziale sulle preposizioni di entrambi i tipi: tipo 1 e tipo 2. Il gruppo di livello intermedio ha ottenuto risultati piuttosto buoni nelle frasi in cui le preposizioni della L2 e L1 agiscono in modo simile (82%), ma devono continuare ad affinare l'abilità di utilizzo delle preposizioni che agiscono in modo diverso in L1 e L2 (58%). Inoltre, poiché gli studenti di livello elementare hanno ottenuto risultati migliori su preposizioni che agiscono in modo simile rispetto a preposizioni che agiscono in modo diverso (rispettivamente 69% e 46%) essi devono concentrare i propri sforzi su entrambi i tipi di preposizioni. I risultati suggeriscono che i tipi di preposizione (correlati a L1) influenzano l'acquisizione della L2 in diverse fasi dell'apprendimento e questa influenza diminuisce con un maggior livello di competenza nella L2. Per dimostrare che questa influenza è causata dal *transfer* negativo L1, sono stati analizzati i modelli di *transfer* L1 (errori associati alla L1) sulle preposizioni di tipo 2 da parte di gruppi di livello elementare e intermedio. I modelli

di *transfer* L1 erano evidenti in tutti e tre i tipi di errori (sostituzione, omissione e addizione) sia per i gruppi di livello iniziale che per quelli di livello intermedio. La maggior parte degli errori è stata causata dal *transfer* negativo della L1, che però diminuisce con l'aumento del livello di competenza L2. La ricerca sull'acquisizione delle preposizioni in italiano è molto limitata in generale e, in particolare, gli studi sull'uso delle preposizioni in italiano L2 non hanno confrontato i risultati di diverse fasi dell'apprendimento. In particolare ci sono tre studi tra quelli che abbiamo consultato che hanno dimostrato che il *transfer* da L1 diminuisce con una maggiore competenza in L2 (CHEN, 2007; BU, 2012; PHOOCHAROENSIL, 2013). Il presente studio offre nuove scoperte sull'acquisizione delle preposizioni in italiano come L2 da parte di studenti di livello elementare e intermedio. I risultati suggeriscono anche che, benché il *transfer* dalla L1 diminuisca con l'aumentare dell'esperienza nella L2, i modelli di *transfer* negativo da L1 a L2 sono simili in entrambi i gruppi.

Ritornando al terzo quesito della ricerca, che chiedeva se il genere influenzasse l'acquisizione delle preposizioni italiane L2, i risultati hanno mostrato che le partecipanti di sesso femminile hanno ottenuto risultati leggermente migliori rispetto ai partecipanti di sesso maschile (2%): una differenza non statisticamente significativa. Per questa ragione, il genere non sembra avere un ruolo significativo nell'acquisizione delle preposizioni in italiano L2 e non influenza il *transfer* linguistico. Il risultato è coerente con gli studi precedenti di Cheng (2001) e Rostami Abusaeedi e Boroomand (2015). Il presente studio fornisce nuove prove che dimostrano che l'affidamento alla L1 nell'acquisizione delle preposizioni in italiano L2 non dipende dal genere.

Il presente studio comprendeva quattro diversi compiti: traduzione, riempimento degli spazi vuoti, scelta multipla e valutazione di grammaticalità per valutare l'acquisizione da parte degli studenti delle preposizioni italiane L2. I risultati hanno fornito dati per rispondere al quarto quesito della ricerca che chiedeva se compiti diversi influenzassero i risultati ottenuti dai partecipanti e i loro modelli di *transfer* dalla L1. Nel complesso, i risultati ottenuti dai partecipanti sui quattro compiti sono stati coerenti, come indicato dai test di correlazione. Pertanto, i tipi di compiti non influiscono sui risultati di apprendimento e sui modelli di *transfer* nell'acquisizione delle preposizioni italiane L2. Nelle attività, i partecipanti hanno costantemente applicato il *transfer* negativo della L1 nell'uso delle preposizioni nella L2. Questa uniformità nei risultati ottenuti dagli studenti nelle varie attività può essere spiegata in quanto tutte le attività presentavano lo stesso livello di complessità. Gli elementi testati in ogni compito includevano solo frasi semplici in termini di struttura della frase e difficoltà del vocabolario in modo che fossero alla portata dei partecipanti sia di livello elementare che di quello intermedio. Pertanto, il compito più attivo come la traduzione di una frase semplice è paragonabile agli altri tre compiti. Inoltre, la mancanza di differenze sostanziali nell'esecuzione dei diversi compiti suggerisce anche che il metodo di valutazione è stato completo ed efficace, il che rappresentava una delle principali preoccupazioni metodologiche per la progettazione del test.

Considerazioni finali

Diversamente da quanto realizzato nei precedenti studi sulle preposizioni in italiano L2, il presente studio ha preso in esame una varietà di compiti e fornito nuovi dati riguardanti il loro effetto sull'acquisizione delle preposizioni. I risultati hanno dimostrato l'importanza del livello di competenza (durata dell'esposizione all'insegnamento) e della L1 sull'acquisizione delle preposizioni in italiano L2. Il genere, invece, non sembra rappresentare un fattore di influenza. Gli studenti dei corsi di italiano hanno applicato in modo coerente le loro L1 nei compiti, commettendo errori di sostituzione, omissione e addizione. L'analisi di tali errori ha mostrato che l'effetto del *transfer* negativo dalla L1 diminuisce con un aumento del livello di competenza nella L2. Infine, i tipi di compiti somministrati ai partecipanti non hanno influenzato i risultati di apprendimento e i modelli di *transfer* nell'acquisizione delle preposizioni in italiano L2. Il presente studio ha contribuito alla ricerca sull'acquisizione della seconda lingua e ha fornito nuovi dati sul ruolo della lingua madre nell'acquisizione delle preposizioni in italiano come L2.

I risultati di questo studio hanno anche implicazioni pedagogiche. I dati attuali hanno mostrato che le preposizioni italiane sono di difficile acquisizione per gli studenti di madrelingua sia inglese che spagnolo-inglese e gli scarsi risultati ottenuti dagli studenti sono principalmente provocati dal *transfer* negativo dalla L1. Come riportato in precedenza, ai partecipanti di questo studio non sono state esplicitamente insegnate le possibilità di *transfer* positivo, né è stato loro insegnato di evitare il *transfer* negativo dalle loro lingue native nell'apprendimento delle preposizioni italiane. Considerando che non è garantito che gli studenti sappiano sfruttare appieno il *transfer* positivo né che siano pienamente consapevoli del *transfer* negativo, interventi didattici mirati sono necessari per aiutare gli apprendenti a stabilire le necessarie connessioni per poter approfittare del *transfer* positivo. Allo stesso modo, è richiesta anche un'istruzione esplicita per evitare il *transfer* negativo. Secondo Cummins (2013) e Göbel con Vieluf (2014), l'insegnamento del *transfer* dalla L1 può migliorare il rendimento degli studenti nel corso dell'apprendimento della L2. Inoltre, il fatto che i risultati ottenuti dai bilingui e dai monolingui siano state significativamente diverse potrebbe indicare che avere corsi separati per questi studenti possa accelerare l'apprendimento per gli ispanofoni. Infatti, alcune università negli Stati Uniti offrono già corsi di lingua italiana come L2 per parlanti spagnoli utilizzando le somiglianze tra italiano e spagnolo nella grammatica e nel vocabolario per accelerare l'acquisizione della L2 (DOLCI; TAMBURRI, 2015; DONATO, 2016).

Riferimenti bibliografici

ANDERSEN, R. Transfer to somewhere. In GASS S. and L. SELINKER (Eds.). *Language transfer in language learning*. Rowley, MA: Newbury House, 1983, pp. 177–204.

BU, J. A study of relationships between L1 pragmatic transfer and L2 proficiency. *English Language Teaching*, v. 5, n. 1, 2012, pp. 32-43. DOI: : <http://dx.doi.org/10.5539/elt.v5n1p32>

CHEN, F. The L2 acquisition of information sequencing in Chinese: The case of English CSL learners in Taiwan. *Electronic Journal of Foreign Language Teaching*, v. 4, n. 2, 2007, pp. 170-191. Disponibile all'indirizzo: <https://e-flt.nus.edu.sg/v4n22007/chen.pdf>

CHENG, Y. *First language transfer amongst Malay students in national primary schools*. Tesi (Master) - University of Malaya, 2001. Disponibile all'indirizzo: <http://studentsrepo.um.edu.my/id/eprint/2416>

CHOMSKY, N. *Aspects of the Theory of Syntax*. Boston: The MIT Press, 1965.

CITRARO, C. Il caos preposizionale: analisi dell'errore e didattica. *Italica Wratislaviensia*, v. 9, n. 2, 2018, pp. 81-92. DOI: <https://doi.org/10.15804/IW.2018.09.17>

CUMMINS, J. Current research on language transfer. Implications for language teaching policy and practice. In SIEMUND, P.; GOGOLIN, I.; SCHULZ M. EDITH; DAVYDOVA, J. (Eds.). *Multilingualism and language diversity in urban areas: Acquisition, identities, space, education*. John Benjamins Publishing Company, 2013, pp. 289-304.

DECHERT, H. W.; RAUPACH, M. (Eds.). *Transfer in language production*. Norwood, NJ: Ablex, 1989.

DOLCI, R.; TAMBURRI, A. (Eds.). *Intercomprehension and multilingualism: theory and practice for teaching Romance languages*. NY: Queens College's John D. Calandra American Institute, 2015.

DONATO, C. The Future is multilingual: French, Italian, and Portuguese for Spanish speakers. *ADFL Bulletin*, v. 44, n. 1, 2016, pp. 112-127. DOI: <https://doi.org/10.1632/adfl.44.1.112>

DULAY, H.; BURT, M. Natural sequences in child second language acquisition. *Language Learning*, n. 24, 1974, pp. 37-53. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.1974.tb00234.x>

DULAY, H.; BURT, M.; KRASHEN, S. *Language two*. Oxford: Oxford University Press, 1981.

FRENDIA, A. S. Cross-linguistic comparisons: A case study involving Irish and Italian prepositions. *ITB Journal*, v. 12, n. 1, 2005, pp. 24-29. DOI: <https://doi.org/10.21427/D79B3K>

GASS, S. M. An investigation of syntactic transfer in adult L2 learners. In SCARCELLA, R.; KRASHEN, S. (Eds.). *Research in second language acquisition*. Rowley, MA: Newbury House, 1980, pp. 69-82.

GASS, S. M. A review of interlanguage syntax: language transfer and language universals. *Language Learning*, v. 34, n. 2, 1984, pp. 115–132. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.1984.tb01007.x>

GASS, S. M. Second language acquisition and linguistic theory: the role of language transfer. In RITCHIE W. and BHATIAT. K. (Eds.). *Handbook of Second Language Acquisition*. San Diego: Academic Press, 1996, pp. 317–45.

GASS, S. M. Fundamentals of second language acquisition. In ROSENTHAL, J.W. (Ed.), *Handbook of undergraduate second language education*. Mahwah, NJ.: Lawrence Erlbaum, 2000, pp. 29-46.

GASS, S.; SELINKER, L. (Eds.). *Language Transfer in Language Learning*. Amsterdam: John Benjamins, 1992.

GASS, S.; SELINKER, L. *Second language acquisition: An introductory course*. 3rd ed. New York and London: Routledge, 2008 [first edition: 1994].

GÖBEL, K.; VIELUF, S. The effects of language transfer as a resource in instruction. In GROMMES P.; ADELHEID H. (Eds.). *Plurilingual education: Policies – practices – language development*. Amsterdam: John Benjamins, 2014, pp. 181-196.

HADADI, A.; ABBASI, H. ; GOODARZI, A. How L1 influence changes with regard to L2 proficiency increase. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, v. 98, 2014, pp. 614-617. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.03.458>

HUSSEIN, A.; MOHAMMAD, M. Negative L1 impact on L2 writing. *International Journal of Humanities and Social Science*, v. 1, n. 18, 2011, pp. 184-195. Disponibile all'indirizzo: https://www.ijhssnet.com/journals/Vol_1_No_18_Special_Issue/22.pdf

JARVIS, S. Methodological rigor in the study of transfer: identifying L1 influence in the interlanguage lexicon. *Language Learning*, v. 50, n. 2, 2000, pp. 245-309. DOI: <https://doi.org/10.1111/0023-8333.00118>

JIMÉNEZ CATALÁN, R.M. Sex differences in L2 vocabulary learning strategies. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 13, n. 1, 2003, pp. 54-77. DOI: <https://doi.org/10.1111/1473-4192.00037>

JIMÉNEZ CATALÁN, R. M.; OJEDA ALBA, J. The English vocabulary of girls and boys: evidence from a quantitative study. In LITOSSELITI L.; SAUTON H.; HARRINGTON K.; SUNDERLAND J. (Eds.) *Theoretical and methodological approaches to gender and language study*. London: Palgrave Macmillan, 2008.

KATERINOV, K. *L'analisi contrastiva e l'analisi degli errori di lingua applicate all'insegnamento dell'italiano a stranieri*. Perugia: Edizioni Guerra, 1975.

KELLERMAN, E. Now you see it, now you don't. In GASS S. and L. SELINKER (Eds.). *Language transfer in language learning*, Rowley, MA: Newbury House, 1983, pp. 112-134.

KELLERMAN, E. Crosslinguistic influence: transfer to nowhere? *Annual Review of Applied Linguistics*, v. 15, 1995, pp. 125-150. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0267190500002658>

KELLERMAN, E.; SHARWOOD-SMITH, M. (Eds.). *Cross-Linguistic Influence in Second Language Acquisition*. Elmsford, NY: Pergamon, 1986.

KINDER, J.; SAVINI V. *Using Italian. A guide to contemporary usage*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

KRASHEN, S. *Writing: research, theory and applications*. Oxford: Pergamon Press, 1984.

LADO, R. *Linguistics across cultures*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1957.

LI, C. Y. Acoustic analysis of Taiwanese learners. Pronunciation in English vowels. *Journal of Language and Learning*, v. 2, n. 2, 2004, pp. 186-201.

LLACH, M. P. A. An overview of variables affecting lexical transfer in writing. *International Journal of Linguistics*, v. 2, n. 1, 2010, pp. 2-17. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0267190500002658>

MARTÍNEZ, C. La preposición *a* ante el objeto directo en italiano/LE: ¿fosilización por interferencia o error de competencia? *Cuadernos de investigación en Filología*, vv. 29-30, 2004, pp. 269-284. DOI: <https://doi.org/10.18172/cif.2193>

MASTER, P. *A cross-linguistic interlanguage analysis of the acquisition of the English article system*. Tesi di dottorato - Los Angeles: University of California, 1987.

MESTHRIE, R.; DUNNE, T. Syntactic variation in language shift: the relative clause in South African Indian English. *Language Variation and Change*, v. 2, 1990, pp. 31-56. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0954394500000259>

MOSCA, M. Preposizioni *a*, *in*, *per*, *tra*. L'italiano L2 di parlanti polacchi. *Italica Wratislaviensia*, v. 9, n. 2, 2018, pp. 195-218. DOI: <https://doi.org/10.15804/IW.2018.09.23>

NGHI, T. T. Exploring the impact of biological gender on L1 negative transfer in English preposition learning: an explanatory study. *Journal of Knowledge Learning and Science Technology*, v. 2, n. 1, 2023, pp. 1-12. DOI: <https://doi.org/10.60087/9k1aer29>

ODLIN, T. *Language transfer: Crosslinguistic influence in language learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989.

ODLIN, T. Crosslinguistic influence. In DOUGHTY C. and LONG M. (Eds.). *Handbook of second language acquisition*. Oxford: Blackwell, 2003, pp. 436-486.

PHOCHAROENSIL, S. Cross-linguistic influence: its impact on L2 English collocation production. *English Language Teaching*, v. 6, n. 1, 2013, pp. 1-10. DOI: <https://doi.org/10.5539/elt.v6n1p1>

RICHARDS, J. *Error analysis: perspectives on second language acquisition*. London, Longman, 1974.

RINGBOM, H. *The role of the first language in foreign language learning*. Bristol, Multilingual Matters, 1987.

ROSTAMI ABUSAEEDI, A. A.; BOROOMAND, F. A quantitative analysis of Iranian EFL learners' sources of written errors. *International journal of research studies in language learning*, v. 4, n. 1, 2015, pp. 31-42. DOI: <https://doi.org/10.5861/ijrsl.2014.682>

SALEHI, M. The Acquisition of Preposition Pied Piping and Preposition Stranding by Iranian Learners of English. *South Asian Language Review*, v. 19, n. 1E2, 2009, pp. 63-77.

SELINKER, L. Language Transfer. *General Linguistics*. v. 9, 1969, pp. 67-92.

SELINKER, L. Interlanguage. *IRAL-International Review of Applied Linguistics in Language Teaching*, v. 10, n. 1-4, 1972, pp. 209-232. DOI: <https://doi.org/10.1515/iral.1972.10.1-4.209>

SELINKER, L. Language transfer. In GASS S. and L. SELINKER (Eds.). *Language transfer in language learning*. Rowley, MA: Newbury House, 1983, pp. 33-68.

SELINKER, L. *Rediscovering Interlanguage*. London: Longman, 1992.

SOROKINA, E. I. Teaching the prepositional system of the Italian language. *Language and Culture*, v. 4, n. 16, 2011, pp. 118-126.

TOPIĆ, M. G. *Multilinguals' metalinguistic awareness of function words in L3*. Tesi (Diploma) - University of Zagreb, 2016.

VILADOT, J.; CELAYA, M.L. *How do you say 'preparar'? L1 use in EFL oral production and task-related differences*. Paper presented at the 30th AEDEAN Conference, University of Huelva, December 14-16, 2006.

WEINREICH, U. *Languages in contact*. The Hague: Mouton, 1953.

WHITMAN, R.; JACKSON, K. The unpredictability of contrastive analysis. *Language Learning*, v. 22, 1972, pp. 29-41. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-1770.1972.tb00071.x>

ZUFFEREY, S.; MAK, W.; DEGAND, L.; SANDERS, T. Advanced learners' comprehension of discourse connectives: The role of L1 transfer across on-line and off-line tasks. *Second Language Research*, v. 31, n. 3, 2015, pp. 389-411.

Ricevuto il: 13/05/2023

Accettato il: 21/10/2023

**IL SISTEMA PRONOMINALE IN ITALIANO
E IN PORTOGHESE BRASILIANO:
I CLITICI TRA LE VARIANTI DI REALIZZAZIONE
DELL'OGGETTO ANAFORICO**

**O sistema pronominal em italiano e português
brasileiro: os clíticos entre as variantes
de realização do objeto anafórico**

**The Italian and Brazilian Portuguese
Pronoun Systems: Clitics among the Variants
of Realization of Anaphoric Objects**

MANUELA LUNATI *

ADRIANA MENDES PORCELLATO **

ELISABETTA SANTORO ***

ABSTRACT: Nell'articolo si adotta un approccio di tipo contrastivo per mettere a confronto il portoghese brasiliano e l'italiano allo scopo di identificare similitudini e differenze per quanto riguarda: (i) il paradigma dei pronomi clitici, con particolare attenzione alle forme di 3^a persona e (ii) le varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico alternative ai clitici, quali il pronome zero (o categoria vuota) e i pronomi tonici. Dopo aver specificato quali proprietà determinano la complessità del microsistema dei clitici italiani dal punto di vista morfologico, sintattico e pragmatico, si presentano le forme dei pronomi tonici e clitici di

*Ph.D. – Universidade de São Paulo/La Sapienza Università di Roma
manuelalunati77@gmail.com (ORCID: 0000-0002-9114-301X)

**Ph.D. – Universidade de São Paulo/La Sapienza Università di Roma
adriana.porcellato@alumni.usp.br (ORCID: 0000-0001-6644-6038)

*** Docente – Universidade de São Paulo
esantoro@usp.br (ORCID: 0000-0001-7577-368X)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i48p35-63>



3^a persona di caso accusativo e dativo (e delle loro combinazioni nei nessi) dell'italiano e del portoghese brasiliano, considerati nelle loro varietà diamesiche, diafasiche e diastratiche. Vengono quindi sintetizzati i risultati dei principali studi sulle varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico in portoghese brasiliano, messe a confronto con le corrispondenti varianti disponibili (o meno) in italiano. Infine, si offre una riflessione sulle ragioni per cui il dominio dei clitici italiani rappresenta per gli apprendenti brasiliani una vera e propria sfida acquisizionale.

PAROLE-CHIAVE: Pronomi clitici; Oggetto anaforico; Pronome Zero; Italiano; Portoghese brasiliano.

RESUMO: No artigo, adota-se uma abordagem contrastiva para comparar o português brasileiro e o italiano com o objetivo de identificar semelhanças e diferenças com relação a: (i) o paradigma dos pronomes clíticos, com foco nas formas de 3^a pessoa, e (ii) as variantes de realização do objeto anafórico alternativas aos clíticos, tais como o pronome nulo (ou categoria vazia) e os pronomes tônicos. Após especificar quais propriedades determinam a complexidade do microsistema dos clíticos italianos em termos morfológicos, sintáticos e pragmáticos, apresentamos as formas dos pronomes tônicos e clíticos de 3^a pessoa de caso acusativo e dativo (e suas combinações) do italiano e do português brasileiro, considerados em suas variedades diatópicas, diafásicas e diastráticas. Em seguida, sintetizamos os resultados dos principais estudos sobre as variantes de realização do objeto anafórico em português brasileiro, comparadas com as correspondentes variantes disponíveis (ou não) em italiano. Por fim, oferecemos uma reflexão sobre as razões pelas quais o domínio dos clíticos italianos representa para os aprendizes brasileiros um verdadeiro desafio de aquisição.

PALAVRAS-CHAVE: Pronomes clíticos; Objeto anafórico; Pronome nulo; Italiano; Português brasileiro.

ABSTRACT: The article adopts a contrastive approach to compare Brazilian Portuguese and Italian. The aim is identifying similarities and differences regarding (i) the clitic pronoun paradigm, with particular attention to 3rd person forms, and (ii) the variants of anaphoric object realization used as alternatives to clitics, such as the zero pronoun (or empty category) and tonic pronouns. After specifying which properties of the Italian clitic microsystem determine its complexity from a morphological, syntactic, and pragmatic point of view, we present the forms of 3rd person tonic and clitic pronouns in the accusative and dative cases (and their combinations) both in Italian and Brazilian Portuguese,

taking into account different diatopic, diastratic, and diaphasic varieties. We then synthesize the results of the main studies on the variants of anaphoric object realization in Brazilian Portuguese, compared with the corresponding variants available (or not) in Italian. Finally, we reflect on the reasons why the mastery of Italian clitics represents a major acquisition challenge for Brazilian learners.

KEYWORDS: Clitic pronoun; Anaphoric object; Zero pronoun; Italian; Brazilian Portuguese.

1. Introduzione

Nella “*Gramática Pedagógica do Português Brasileiro*” di Marcos Bagno¹ si legge che

os clíticos [de 3ª pessoa] não fazem parte da gramática do [português brasileiro] contemporâneo. Eles ocorrem exclusivamente na atividade linguística dos falantes urbanos mais letrados, esporadicamente na língua falada, mas principalmente na escrita de gêneros textuais mais monitorados. (BAGNO, 2012, p.797, enfasi dell'autore)²

Partire da questa citazione ci sembra importante per una duplice ragione.

In primo luogo, l'affermazione di Bagno mette in allerta sulla necessità, in qualsiasi contributo che elegga a proprio focus i pronomi clitici, di operare delle distinzioni che abbiano a che vedere con la variazione diamesica (lingua scritta vs parlata), con i generi testuali (più o meno sorvegliati) e con le caratteristiche dei parlanti (contesto di residenza e livello di scolarità).

In secondo luogo, se Bagno fosse nel giusto nel constatare l'assenza dei clitici di 3ª persona dalla grammatica del portoghese brasiliano contemporaneo³, ne deriverebbe per l'apprendente brasiliano di italiano L2 una sfida acquisizionale estremamente ardua. Si tratterebbe, infatti, non tanto di dover acquisire nuove forme (quelle di L2) per una funzione nota (poiché esistente in L1) quanto di familiarizzare *ex novo* con una funzione sconosciuta (la referenza anaforica pronominale alla 3ª persona).

Dell'importanza di prendere in considerazione la variazione sociolinguistica e di mettere in discussione - facendole dialogare tra loro - le grammatiche prescrittive e quelle descrittive si terrà conto nel presente articolo, in cui, con spirito contrastivista, il portoghese brasiliano (PB) verrà messo a confronto con l'italiano (IT) rispetto sia al paradigma dei pronomi clitici, con

1 Professore del Dipartimento di Lingue Straniere e Traduzione dell'Università di Brasilia impegnato sul fronte del riconoscimento del portoghese brasiliano come lingua a sé (pertanto distinta dal portoghese europeo) e dotata di una sua grammatica specifica.

2 Le citazioni nel testo saranno sempre nella lingua originale. Al fine di facilitare la lettura, per le lingue diverse dall'italiano, inseriremo comunque in nota la nostra traduzione. Di seguito, quella del brano riportato sopra: “i clitici [di 3ª persona] **non fanno parte della grammatica del [portoghese brasiliano] contemporaneo**. Ricorrono esclusivamente nell'attività linguistica dei parlanti urbani più eruditi, sporadicamente nella lingua parlata, e soprattutto **nella lingua scritta in generi testuali altamente sorvegliati**.”

3 Si è scelto di considerare la sola variante brasiliana del portoghese e non anche quella europea, che dalla prima differisce sotto parecchi aspetti per quanto riguarda sia gli usi che la collocazione dei pronomi clitici.

particolare attenzione alle forme di 3^a persona, sia alle varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico alternative ai clitici, quali il pronome zero (o categoria vuota) e i pronomi tonici.

La restrizione dell'oggetto di interesse alla 3^a persona deriva innanzitutto dal particolare statuto di tale persona rispetto alle altre. I pronomi di 1^a e 2^a persona, infatti, svolgono esclusivamente una funzione deittica, servono cioè a introdurre (o reintrodurre) linguisticamente nel discorso elementi presenti nella situazione enunciativa (il parlante e l'interlocutore); i pronomi di 3^a persona, diversamente, possono avere, oltre alla funzione deittica, una funzione intratestuale anaforica o cataforica, nella misura in cui riprendono o anticipano un elemento che non fa parte dell'universo situazionale, ma la cui introduzione nel discorso è già avvenuta (anafora) o avverrà a breve (catafora). Inoltre, mentre i pronomi di 1^a e 2^a persona rimandano a referenti con tratto semantico [+animato] e, di norma [+umano], fatta eccezione per i casi di umanizzazione di oggetti e animali, quelli di 3^a persona possono rimandare anche a referenti di tipo [-animato] e sostituire nomi di oggetti o concetti astratti; è questa la ragione per cui Bagno (2012) si riferisce a questi ultimi con l'espressione "pronomi di non-persona" (*pronomes de não-pessoa*). L'opportunità di tale differenziazione sembra trovare giustificazione nel fatto che, mentre i pronomi di 1^a e 2^a persona sono universali, forme specifiche per la 3^a persona si trovano solo in alcune lingue (BAGNO, 2012).

Concentrarsi sui pronomi di 3^a persona ci è parso importante anche in considerazione del fatto che l'"inesistenza" dei clitici annunciata da Bagno rispetto al PB parlato contemporaneo non riguarda tutte le forme pronominali clitiche in ugual modo: interessa infatti quelle di 3^a persona, ma non quelle di 1^a e 2^a.

Infine, i dati acquisizionali sull'apprendimento dei clitici rivelano una maggiore difficoltà con la 3^a persona rispetto alle altre: per quanto riguarda l'apprendimento dei clitici italiani, ad esempio, sia nell'ipotesi di sequenza di acquisizione di Berretta (1986) che in quella di Giannini e Cancila (2005) *mi* e *ti* compaiono in alcuni usi prima di *lo*, e questo prima di *gli*; entrambe le ipotesi sono pertanto pienamente compatibili con la gerarchia di basicità ipotizzata, tra gli altri, da Mayerthaler (1981), secondo cui la 1^a e 2^a persona sono acquisite prima della 3^a.

Per mantener fede al proposito di tenere in considerazione le varie dimensioni della variazione sociolinguistica, nel comparare IT e PB rispetto al paradigma dei pronomi clitici (limitatamente alla 3^a persona) e alle varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico, specificheremo di volta in volta la varietà delle lingue oggetto di descrizione.

Per quanto riguarda l'italiano ci riferiremo:

- con l'espressione *italiano standard*, in seguito IT_s, "all'italiano colto, parlato e scritto, delle persone che hanno un'istruzione medio-alta" (SOBRERO; MIGLIETTA, 2006, p. 98);
- con l'espressione *italiano substandard*, in seguito IT_{ss}, all'insieme delle "varietà che (...) si collocano al di sotto dello standard" (SOBRERO; MIGLIETTA, 2006, p. 98), presentando tratti (del parlato, dell'italiano popolare, colloquiale, regionale ecc.) stigmatizzati, non ritenuti corretti nella codificazione tradizionale benché documentati nell'uso comune;

- con l'espressione *italiano neostandard* (BERRUTO, in stampa), in seguito IT_{NS}, alla varietà sorta dall'accettazione di tratti linguistici anteriormente stigmatizzati in seguito alla diffusione dello standard in contesti in precedenza prevalentemente o esclusivamente dialettaloni e alla sua adozione in nuovi settori.

Rispetto al PB, facendo nostra la terminologia di Bagno (2012), ci riferiremo:

- con l'espressione *portoghese brasiliano della norma standard* (“*norma-padrão*”), in seguito PB_S, alla lingua descritta nelle grammatiche prescrittive, basate sul portoghese europeo e ispirate all'uso letterario di un esiguo numero di scrittori della tradizione elevati a modelli da imitare, con risultati che, ignorando gli usi effettivi contemporanei, risultano anacronistici;
- con l'espressione *portoghese brasiliano della norma erudita* (“*norma culta*”), in seguito PB_E, all'insieme formato dalle varietà di prestigio, parlate e scritte (in generi testuali altamente sorvegliati) da residenti in contesti urbani altamente scolarizzati;
- con l'espressione *vernacolo generale brasiliano* (“*vernáculo geral brasileiro*”), in seguito PB_{VG}, alla lingua dell'uso reale contemporaneo, caratteristica del parlato spontaneo, non sorvegliato, e costituita dall'insieme dei tratti che ricorrono nel parlato indipendentemente dall'origine sociale, regionale etc.

L'articolo è così strutturato: in §2 vengono specificate le proprietà che determinano la complessità del microsistema dei clitici in IT dal punto di vista morfologico, sintattico e pragmatico; in §3 vengono presentate le forme dei pronomi tonici e clitici di 3^a persona di caso accusativo e dativo (e delle loro combinazioni nei nessi) in IT e PB, sia in IT_S e in PB_S che in altre varietà diamesiche, diafasiche e diastratiche; in §4 vengono sintetizzati i risultati dei principali studi sulle varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico in PB, messe a confronto con le corrispondenti varianti disponibili (o meno) in IT; nelle considerazioni finali, in ultimo, viene offerta una riflessione sulle ragioni per cui il dominio dei clitici italiani rappresenta per gli apprendenti brasiliani una vera e propria sfida acquisizionale.

2. I pronomi clitici in italiano: un microsistema di alta complessità

In italiano i clitici costituiscono un microsistema estremamente complesso dal punto di vista sia morfosintattico che pragmatico, tanto che per alcuni usi si osservano instabilità persino tra i parlanti nativi (BERRETTA, 1981). Di tale microsistema si tratterà in questa sezione le principali proprietà.

Come nelle altre lingue romanze, si distinguono in italiano due serie di forme pronominali morfologicamente distinte, una tonica e l'altra atona. La serie atona è costituita da forme monosillabiche (bisillabiche nei nessi) che, proprio in virtù della loro atonia, non possono essere usate in isolamento ma devono invece appoggiarsi fonologicamente a un'altra parola (detta “ospite”) con cui formano una stretta unità anche prosodica (CARDINALETTI; STARKE, 1999).

I pronomi clitici, rispetto ai tonici, sono deficitari di alcune proprietà sintattiche: non possono essere né coordinati (*Ho invitato voi e Mario a cena* ma **Ho invitato vi e Mario a cena*) né modificati (*Loro due* ma **Li due*) né collocati in isolamento (*A chi hai dato i biglietti? A loro* ma *A chi hai dato i biglietti? *Gli*)⁴ o focalizzati (*È te che amo* ma **È ti che amo*).

Il sistema dei clitici italiani è strutturato secondo i tratti di persona (prima, seconda e terza), numero (singolare e plurale) e caso (dativo, accusativo, locativo e genitivo). Non esiste nominativo, il che fa sì che l'italiano si distingua sia dal francese che da alcuni dialetti italo-romanzi, i quali possiedono, invece, dei clitici soggetto (SCHWARZE; CIMAGLIA, 2010; BENINCÀ, 2017); si confrontino, ad esempio, i seguenti casi (tratti da SCHWARZE; CIMAGLIA, 2010):

- *elle mange du pain* (francese);
- *la magna pan* (dialetto trentino);
- *(lei) mangia pane* (italiano).

Per quanto riguarda la morfologia, il paradigma dei clitici rivela vari aspetti di complessità, a partire dalle numerose omonimie e polisemie: alla 1^a e 2^a persona, ad esempio, le forme *mi*, *ti*, *ci* e *vi* valgono sia per l'accusativo che per il dativo (e il riflessivo); alla 3^a persona *le* ha valore sia di dativo singolare che di accusativo plurale; *gli* ha valore di dativo maschile singolare ma anche di dativo plurale in IT_{NS} e di dativo femminile singolare in IT_{SS}. Si registrano, inoltre, diversi conflitti tra forme concorrenziali, ciascuna propria di una varietà dell'italiano, ma con sovrapposizioni: è quanto accade al dativo, dove le grammatiche prescrivono *gli* "a lui", *le* "a lei" e lo pseudoclitico *loro* "a loro", ma dove esiste un'antica tendenza, con gli effetti di polisemia già anticipati, all'estensione analogica di *gli* al plurale (dove è considerato accettabile; HALL, 1960 e DURANTE, 1970) e al femminile (quindi anche alla 2^a persona di cortesia); nella varietà popolare (CORTELAZZO, 1972) è poi diffuso, per i dativi di 3^a (e di 2^a di cortesia), il *ci*. I fattori di complessità elencati sono sintetizzati nella Tabella 1.

Tabella 1 – Fattori di complessità del sistema pronominale dell'italiano: omonimie, polisemie, conflitti tra forme concorrenziali

Esempio	Forma/valore	Varietà
<i>Non mi saluta più.</i>	<i>mi</i> accusativo sing. (1 ^a p.)	IT _S
<i>Mi telefonava tutti i giorni.</i>	<i>mi</i> dativo sing. (1 ^a p.)	IT _S

4 Gli esempi precedenti sono tratti da Vedovato (2009).

<i>Mi sento un po' stanca.</i>	<i>mi</i> riflessivo sing. (1ª p.)	IT _s
<i>Ti ho visto ieri da lontano.</i>	<i>ti</i> accusativo sing. (2ª p.)	IT _s
<i>Ti scriveremo il prima possibile.</i>	<i>ti</i> dativo sing. (2ª p.)	IT _s
<i>Ti sei dimenticato del mio compleanno.</i>	<i>ti</i> riflessivo sing. (2ª p.)	IT _s
<i>I professori ci sgridano spesso.</i>	<i>ci</i> accusativo pl. (1ª p.)	IT _s
<i>I nonni ci regalavano sempre dei dolci.</i>	<i>ci</i> dativo pl. (1ª p.)	IT _s
<i>Domani svegliamoci un po' prima.</i>	<i>ci</i> riflessivo pl. (1ª p.)	IT _s
<i>Vi facciamo entrare subito.</i>	<i>vi</i> accusativo pl. (2ª p.)	IT _s
<i>Quando vi consegneranno le chiavi?</i>	<i>vi</i> dativo pl. (2ª p.)	IT _s
<i>Fermatevi!</i>	<i>vi</i> riflessivo pl. (2ª p.)	IT _s
<i>Non appena vedo Anna le restituisco le chiavi.</i>	<i>le</i> dativo sing. (3ª p.)	IT _s
<i>Le bambine le accompagni tu?</i>	<i>le</i> accusativo pl. (3ª p.)	IT _s
<i>Se incontri Luigi, gli dici di chiamarmi?</i>	<i>gli</i> dativo maschile sing. (3ª p.)	IT _s
<i>Adesso chiamo i ragazzi e gli do la merenda.</i>	<i>gli</i> dativo pl. (3ª p.)	IT _{NS}
<i>Sii sincero con gli operai e non dar loro false speranze.</i>	<i>loro</i> pseudoclitico dativo pl. (3ª p.)	IT _s formale
<i>Se vedi Pina, gli dici di farsi sentire?</i>	<i>gli</i> dativo femminile sing. (3ª p.)	IT _{SS}
<i>Il ragazzino è stato bravo, per questo ci ho dato un regalo.</i>	<i>ci</i> dativo sing. (3ª p.)	IT _{SS} (popolare)

Anche la sintassi dei clitici in italiano (come del resto nelle altre lingue romanze) è molto complessa; la posizione del clitico dipende infatti sia dal modo verbale che dal tipo di frase:

- in combinazione con verbi di modo finito, la posizione è normalmente proclitica (*Maria lo incontra*)⁵, tranne che con i verbi all'imperativo informale affermativo, con i quali la posizione è enclitica (*incontralo!*);
- in combinazione con verbi di modo non finito, la posizione è sempre enclitica (*conoscendolo, Maria decise di non incontrarlo*);
- con i verbi all'imperativo informale negativo, la posizione può essere sia proclitica che enclitica (*non incontrarlo!* o *non lo incontrare!*);
- nei nessi verbali, i clitici possono risalire da un verbo subordinato di modo non-finito al verbo reggente (*Maria vuole incontrarlo* > *Maria lo vuole incontrare*). Come specificato in Berretta (1985)⁶, tale risalita è opzionale (tranne che con *fare* e *lasciare* causativi, con i quali è obbligatoria) ed è permessa da una serie di verbi reggenti tra cui: i modali *volere, dovere, potere, sapere*; gli aspettuativi *stare per, stare a, stare* più gerundio⁷, *cominciare a, finire di, cercare di, riuscire a* etc.; i verbi di movimento come *andare a, venire a, tornare a* etc. La risalita dei clitici italiani nei nessi verbali è sintetizzata e esemplificata nella Tabella 2.

Tabella 2 – Risalita dei clitici italiani nei nessi verbali

Verbo reggente	Tipo di risalita	Esempi
modale (<i>volere, dovere, potere, sapere</i>)	facoltativa	<i>Voglio rivederti</i> > <i>Ti</i> voglio rivedere <i>Dovresti provarlo</i> > <i>Lo</i> dovresti provare <i>Non posso dirtelo</i> > <i>Non te lo</i> posso dire <i>Non hanno saputo rispondermi</i> > <i>Non mi</i> hanno saputo rispondere

5 Il fatto di aver accesso alla posizione proclitica è ciò che caratterizza i pronomi clitici rispetto ai pronomi tonici e ai sintagmi nominali pieni dal punto di vista sintattico: *Maria lo/*lui/*Gianni incontra*.

6 Cfr. anche Cordin e Calabrese (1988).

7 A proposito delle perifrasi con *stare*, Schwartze, nella voce sui clitici scritta a quattro mani con Cimaglia per l'*Enciclopedia dell'italiano* Treccani (2010), osserva che “anche se la scelta dell'ospite è libera quanto a grammaticalità del risultato, può esserci una preferenza, forse di natura prosodica, a favore del candidato che viene prima”, come nel seguente esempio proposto da Schwartze:

- *te lo stavo dicendo* – ? *stavo dicendotelo*;

Verbo reggente	Tipo di risalita	Esempi
causativo (fare, lasciare)	obbligatoria	<i>Mi hanno fatto impazzire</i> (*Hanno fatto impazzirmi) <i>Non mi lascia parlare</i> (*Non lascia parlarmi)
aspettuale (stare per, stare a, stare+ger., cominciare a, finire di, cercare di, riuscire a)	facoltativa	<i>Stanno per operarlo</i> > <i>Lo stanno per operare</i> <i>Sono stato a guardarla per ore</i> > <i>La sono stata a guardare per ore</i> <i>Stava accompagnandolo a scuola</i> > <i>Lo stava accompagnando a scuola</i> <i>Comincio a leggerlo</i> > <i>Lo comincio a leggere</i> <i>Ho finito di leggerlo</i> > <i>L'ho finito di leggere</i> <i>Cerco di farlo</i> > <i>Lo cerco di fare</i> <i>Non riesco a vederlo</i> > <i>Non lo riesco a vedere</i>
di movimento (andare a, venire a, tornare a)	Facoltativa	<i>Vado a trovarlo</i> > <i>Lo vado a trovare</i> <i>Vieni a prendermi?</i> > <i>Mi vieni a prendere?</i> <i>Torni a ritirarlo lei</i> > <i>Lo torni a ritirare lei</i>

Oltre alle regole appena presentate, rappresentano dei fattori di complessità sintattica:

- le combinazioni di clitici, come, ad esempio, quelle date da un dativo (di 1^a, 2^a o 3^a persona) seguito da un accusativo di 3^a: *me lo, te lo, glielo* etc.;
- le ridondanze o duplicazioni, come quella che vede, nei casi di dislocazione, l'accumulo di clitico e sintagma nominale (considerata pienamente grammaticale se la ripresa riguarda l'oggetto diretto, come in *Giovanni l'hai invitato?* e, diversamente, variante substandard se a essere ripreso è l'oggetto indiretto, come in *A Giovanni gli hai consegnato l'invito?*) o ancora quella, attestata nella varietà popolare, data da un tonico seguito da un clitico: *a me mi, a noi ci* etc.;
- fenomeni di risalita in nessi verbali, dal verbo subordinato di modo non finito al verbo reggente (*puoi prestarmelo?*>*me lo puoi prestare?*), come ricordato sopra.

3. I pronomi di terza persona in italiano e in portoghese brasiliano

In questa sezione parliamo i sistemi pronominali dell'IT e del PB - nelle loro diverse varietà sincroniche e diacroniche - per quanto riguarda, nello specifico, i pronomi clitici accusativi e dativi di 3^a persona (combinati o meno in nessi), e le corrispondenti forme toniche.

Per cominciare, nella Tabella 3 vengono presentati i pronomi di caso accusativo in IT_S e in PB_S.

Tabella 3 – Pronomi tonici e clitici di 3^a persona di caso accusativo in IT_s e in PB_s.

Persona, numero e genere	IT _s		PB _s	
	Pronomi tonici	Pronomi clitici	Pronomi tonici	Pronomi clitici
3 ^a p. sing. masc.	<i>lui</i>	<i>lo</i>	<i>(a) ele</i>	<i>o (-o/-lo/-lo/-no)</i>
3 ^a p. sing. fem.	<i>lei</i>	<i>la</i>	<i>(a) ela</i>	<i>a (-a/-la/-la/-na)</i>
3 ^a p. plur. masc.	<i>loro</i>	<i>li</i>	<i>(a) eles</i>	<i>os (-os/-los/-los/-nos)</i>
3 ^a p. plur. fem.	<i>loro</i>	<i>le</i>	<i>(a) elas</i>	<i>as (-as/-las/-las/-nas)</i>

In IT l'uso all'accusativo dei pronomi tonici *lui/lei/loro* si registra soltanto nei casi di enfasi. La stessa cosa accadeva in PB arcaico con *ele/elale/es/elas*, prima che, a partire dalla seconda metà del XIX secolo, i pronomi tonici iniziassero a sostituire i clitici accusativi in contesti con antecedente [+animato] (CYRINO, 1997; cfr. §4).

Come evidenziato dalla Tabella 3, all'accusativo esistono in PB_s alcune varianti per i clitici di 3^a persona:

- in posizione proclitica il pronome si presenta sempre con le forme *o, a, os, as*;
- in posizione enclitica, diversamente, la forma del pronome dipende dalla terminazione del verbo: se il verbo termina in vocale o dittongo orale, si utilizzano le forme *-o, -a, -os, -as*, legate al verbo da un trattino breve denominato *hífen* (es. *sabia-o bem*); se il verbo termina in *-r, -s o -z*, si sopprimono queste consonanti e il pronome assume le forme *-lo, -la, -los, -las* (es. *deve comprá-lo amanhã; unamo-nos a esta adorável Cabeça, e adoremola*, es. da NEVES, 2011; *Um rumor fê-lo voltar-se*, es. da Carlos Drummond de Andrade citato da CUNHA e CINTRA, 2008); se, infine, il verbo termina in dittongo nasale (*-am, -em, -ão, -õe*), il pronome prende le forme *-no, -na, -nos, -nas* (es. *sabiam-no bem*);
- in posizione mesoclitica (al futuro o al condizionale), infine, il pronome, collocato all'interno del verbo, si presenta sempre con le forme *-lo-, -la-, -los-, -las-* (es. *esperá-lo-ei amanhã*).

In PB_s, inoltre, le forme toniche dei pronomi di caso accusativo possono essere precedute, nell'uso enfatico, dalla preposizione *a*. Ciò accade di solito quando dipendono da verbi che esprimono sentimento (es. da CUNHA; CINTRA, 2008):

Paciente, obreira e dedicada, é a ela que em verdade eu amo (José Rodrigues Miguéis)

Nella Tabella 4 vengono invece presentati i pronomi tonici e clitici di 3^a persona di caso dativo nelle due lingue in esame.

Tabella 4 – Pronomi tonici e clitici di 3^a persona di caso dativo in IT_S e in PB_S

Persona, numero, genere	IT _S		PB _S	
	Pronomi tonici	Pronomi clitici	Pronomi tonici	Pronomi clitici
3 ^a p. sing. masc.	(a) <i>lui</i>	<i>gli</i>	(a/para) <i>ele</i>	<i>lhe</i>
3 ^a p. sing. fem.	(a) <i>lei</i>	<i>le</i>	(a/para) <i>ela</i>	<i>lhe</i>
3 ^a p. plur. masc.	(a) <i>loro</i>	- <i>loro</i>	(a/para) <i>eles</i>	<i>lhes</i>
3 ^a p. plur. fem.	(a) <i>loro</i>	- <i>loro</i>	(a/para) <i>elas</i>	<i>lhes</i>

In IT_{NS} alla forma pseudoclitica *loro* si sostituisce alla 3^a persona plurale (sia maschile che femminile) la forma *gli*.

Dall'osservazione della tabella emerge che:

- mentre in IT_S le forme toniche sono sempre precedute, al dativo, dalla preposizione *a*, in PB_E *a* si alterna a *para*, da cui tende con sempre maggior frequenza a essere sostituita (TORRES MORAIS, 2010), soprattutto nelle regioni del sud e sud-est del Brasile (BAGNO, 2012);
- per quanto riguarda la serie atona, mentre al singolare l'IT_S ha due diverse forme, una per il maschile (*gli*) e una per il femminile (*le*), il PB_S ha un'unica forma (*lhe*);
- sia l'IT_S e l'IT_{NS} che il PB_S hanno un'unica forma atona indistinta per genere al dativo plurale (*lhes* in PB_S, *-loro* in IT_S e *gli* in IT_{NS}).

Rispetto alla situazione descritta nelle due precedenti tabelle e prescritta dalle grammatiche tradizionali, è necessario evidenziare, per quanto riguarda il PB_{VG}, alcune alterazioni di caso e persona in atto:

- l'estensione delle forme *o(s)/a(s)*, che la norma standard prescrive come accusative, al dativo, come nel seguente esempio tratto dal *corpus* scritto di Rocha (2019, p. 195): *O desempenho de Marina cresceu absurdamente, muito pelo fato de o nome dela estar tão à frente nas pesquisas. Isso a conferiu uma segurança e uma autoconfiança muito maior;*

- l'uso della forma *lhe*, che la norma standard prescrive come di 3^a persona, alla 2^a persona, come sostenuto da Bagno: “*o lhe na língua falada só se refere a você, nunca a ele ou a ela*”⁸ (2012, p. 799);
- la scomparsa di *lhes*, che, secondo Bagno, “*nunca é usado na língua falada, nem em correferência com você nem em correferência com eles ou elas*”⁹ (2012, p. 799);
- l'uso delle forme *lhe/lhes*, che la norma standard prescrive come dative, all'accusativo (di seconda persona), come nei seguenti esempi: (i) *Você não imagina como lhe esperei na agência* (cfr., su questo tema, anche RAMOS, 1999), tratto dal corpus scritto di Araujo e Carvalho (2015), composto da lettere personali redatte da brasiliani di origine nordestina; (ii) *Dilma merece que lhe deixem em paz ao menos durante os quatro meses em que se submeterá a quimioterapia*, tratto da Bagno (2012, p. 800) come esempio di lingua della stampa online.

Sembra dunque che il sistema pronominale clitico del PB_{VG} stia evolvendo nella direzione di una sempre maggiore omonimia e polisemia.

Per quanto riguarda, infine, i nessi di clitici, l'IT_S prevede alla 3^a persona le combinazioni sintetizzate nella Tabella 5.

Tabella 5 – Nessi di clitici di 3^a persona (dativo+accusativo) in IT_S

	<i>lo</i>	<i>la</i>	<i>li</i>	<i>le</i>
<i>gli</i> (“a lui”)	<i>glielo</i>	<i>gliela</i>	<i>glieli</i>	<i>gliele</i>
<i>le</i> (“a lei”)	<i>glielo</i>	<i>gliela</i>	<i>glieli</i>	<i>gliele</i>
<i>gli</i> (“a loro”)	<i>glielo</i>	<i>gliela</i>	<i>glieli</i>	<i>gliele</i>

Come evidenziato dalla tabella, la combinazione dei clitici dativi e accusativi in nessi dà origine a estensioni e mutamenti di forma: in primo luogo, alle due forme dative di 3^a persona *gli* (con il significato di “a lui” e “a loro”) e *le* (“a lei”) si sostituisce la forma unica *gli*; in secondo luogo, la *-i* finale del clitico dativo diventa *-ie*.

Per quello che concerne, invece, i nessi in PB_S, Cunha e Cintra (2006) scrivono nella loro grammatica che “*quando numa mesma oração ocorrem dois pronomes átonos, um objeto directo*

8 In traduzione: “*lhe* nella lingua parlata si riferisce solo a *você*, mai a *ele* o a *ela*”

9 In traduzione: “non è mai usato nella lingua parlata, né in coreferenza con *você* né in coreferenza con *eles* ou *elas*”

e outro indirecto, podem combinar-se”¹⁰ (CUNHA e CINTRA, 2006, p. 220, corsivo nostro). La regola di combinazione, per quanto riguarda i clitici di 3^a persona, è quella sintetizzata nella Tabella 6.

Tabella 6 – Nessi di clitici di 3^a persona (dativo+accusativo) in PB_S

	<i>o</i>	<i>a</i>	<i>os</i>	<i>as</i>
<i>lhe</i> (“a ele”)	<i>lho</i>	<i>lha</i>	<i>lhos</i>	<i>lhas</i>
<i>lhe</i> (“a ela”)	<i>lho</i>	<i>lha</i>	<i>lhos</i>	<i>lhas</i>
<i>lhes</i> (“a eles”)	<i>lho</i>	<i>lha</i>	<i>lhos</i>	<i>lhas</i>
<i>lhes</i> (“a elas”)	<i>lho</i>	<i>lha</i>	<i>lhas</i>	<i>lhas</i>

Ma, come osservano gli stessi Cunha e Cintra (2006), e come Neves (2011) e Bagno (2012) confermano, in PB_{VG} i nessi possono considerarsi inesistenti:

No Brasil, quase não se usam as combinações mo, to, lho, no-lo, vo-lo etc. Da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais. (CUNHA; CINTRA, 2006, p. 221, enfasi nostra)¹¹

Per quanto riguarda, infine, le regole sintattiche di collocazione pronominale, alle due posizioni, proclitica ed enclitica, che si alternano in IT a seconda del modo verbale e del tipo di frase (cfr. §2), se ne affianca in PB_S una terza: in questa varietà è infatti possibile, benché rara, la mesoclisi, in presenza di verbi al futuro (*encontra-la-ei*) e al condizionale (*encontra-la-ia*). Di tale collocazione non si registrano praticamente occorrenze né in PB_{VG} né in PB_E: “*Sobre a mesóclise (...) [s]eu artificialismo é tamanho que os manuais de redação das grandes empresas jornalísticas já baniram de vez essa colocação para o arquivo morto das formas linguísticas extintas*” (BAGNO, 2012, p. 764)¹².

10 In traduzione: “quando in una stessa frase sono presenti due pronomi atoni, di cui uno rappresenta l’oggetto diretto e l’altro l’oggetto indiretto, essi *possono* combinarsi”.

11 In traduzione: “In Brasile, le combinazioni *mo, to, lho, no-lo, vo-lo* etc. non si usano quasi mai. Dalla lingua colloquiale sono completamente bandite e perfino nella lingua letteraria compaiono, in genere, soltanto in scrittori caratterizzati da una certa artificialità.”

12 In traduzione: “Per quanto riguarda la mesoclisi, (...) [l]a sua artificiosità è tale che persino i

Le regole di collocazione pronominale rappresentano uno dei problemi classici della descrizione del PB. La teoria che più ha avuto successo tra i grammatici è quella dell'attrazione lessicale, secondo cui certe parole (negazioni, elementi interrogativi ed esclamativi, modificatori, quantificatori, pronomi relativi, dimostrativi, indefiniti etc.) avrebbero il potere di "calamitare" a sé i clitici, determinandone la collocazione proclitica, all'interno di un sistema in cui la 'normalità' sarebbe però rappresentata dall'enclisi (per una comparazione tra le principali grammatiche normative a proposito dell'individuazione dei contesti sintattici di proclisi, cfr. VILELA, 2004). Nonostante i numerosi contributi a sostegno di questa teoria, non mancano le voci fuori dal coro, come quella di Gori (2008), secondo cui l'ipotesi dell'attrazione lessicale si scontrerebbe con la "costante ed evidente tendenza generale [del PB] alla proclisi" (GORI, 2008, p. 184), risultando non solo antieconomica rispetto a un inventario dei vocaboli privi di potere di attrazione, ma anche inconciliabile con il fatto che l'assenza di parole attrattrici non incide sulla collocazione del clitico. Questa tesi è sostenuta da diversi altri linguisti, tra cui ricordiamo Perini (2010), Bagno (2012) e Azeredo (2008), il quale aggiunge che "*a opção pela ênclise na fala pode revelar alto grau de monitoramento, quando não certo artificialismo no discurso*" (p. 260)¹³. Ne deriva, secondo Gori, uno scollamento tra grammatiche normative, da un lato, e uso linguistico, dall'altro, situazione ulteriormente complicata dall'esistenza, per quanto riguarda l'uso, di almeno due varietà diamesiche, quella della lingua parlata e quella della lingua scritta. Il risultato per Gori è che in Brasile manca un modello unico di collocazione delle forme pronominali clitiche, e si distinguono, invece, almeno tre modelli: "quello proprio della lingua parlata, quello proposto dalle grammatiche normative e quello della lingua scritta letteraria di oggi che nasce da una sorta di mescolanza delle regole degli altri due modelli" (GORI, 2008, p. 185).

Nell'impossibilità, in questa sede, di descrivere in maniera esaustiva la grande variabilità nella collocazione dei clitici in PB, ci limitiamo a registrare la maggiore tendenza all'enclisi delle forme accusative di 3ª persona. A differenza di ciò che accade alle altre forme clitiche, infatti, a quelle accusative di 3ª persona è interdotta la posizione di inizio frase, il che si spiega in termini di tonicità: mentre in PB (ma non nella varietà lusitana del portoghese) le altre forme sono semitoniche, i pronomi *o/a/os/as*, in virtù della loro ridotta tonicità, hanno sempre bisogno di appoggiarsi a materiale fonologico che li precede (GORI, 2008, p. 191). Inoltre, quando compaiono come oggetto di un verbo di modo non finito (al gerundio o all'infinito, preceduto o meno da preposizione), le forme clitiche accusative di 3ª persona, sia nello scritto che nel

manuali di redazione delle grandi imprese giornalistiche hanno già relegato definitivamente questa collocazione nell'archivio morto delle forme linguistiche estinte."

13 In traduzione: "la scelta dell'enclisi nel parlato può rivelare un alto grado di sorveglianza, o addirittura una certa artificiosità nel discorso."

parlato, sono collocate quasi sempre in posizione enclitica, a differenza di ciò che accade con le altre (GORI, 2008). Infine, nelle frasi con perifrasi verbali, *o/a/os/as* si comportano ancora una volta diversamente dalle altre forme: sono le uniche, infatti, che non compaiono mai in posizione proclitica rispetto al verbo principale (GORI, 2008).

4. Le varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico in italiano e in portoghese brasiliano

I pronomi clitici, di cui si sono presentate nelle precedenti sezioni le forme di 3^a persona, non rappresentano che una delle varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico in IT e in PB. In entrambe le lingue è infatti possibile ricorrere ad almeno un'altra strategia di ripresa anaforica più forte (perché più esplicita), quella consistente nella realizzazione dell'oggetto come sintagma nominale (SN) pieno, "adeguata (...) ad una ripresa ad una certa distanza nel testo, e/o ad un elemento che non ha particolare 'salienda' nell'universo di discorso" (BERRETTA, 1985, p. 195). Ma ancor più rilevante è che in PB, ma non in IT (in nessuna delle sue varietà), l'oggetto anaforico non solo può essere, ma di fatto è (come testimoniano gli studi descrittivi sul PB_{VG} presentati in questa sezione) quasi sempre realizzato o come pronome zero (categoria vuota) o come pronome tonico¹⁴ preceduto o meno da preposizione.

Oltre che per il *numero* di varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico disponibili, maggiore in PB per le ragioni sopra ricordate, i due sistemi linguistici a confronto si differenziano quindi per la *frequenza* del ricorso, alla 3^a persona, ai pronomi clitici: questi rappresentano in IT la strategia anaforica predominante, mentre in PB_{VG} costituiscono la variante meno frequente, con occorrenze molto rare in particolare nell'orale:

Em qualquer corpus de língua falada contemporânea que nos dispusermos investigar, vamos encontrar [que] a retomada anafórica de objeto direto de ÑP [não-pessoa] se dá predominantemente no PB por meio de uma categoria vazia, um "pronome-zero". O uso dos clíticos o/a/os/as, única forma admitida pela TGP [tradição gramatical do português], é extremamente raro. (BAGNO, 2012, p. 797, enfasi dell'autore)¹⁵

14 Come già specificato in §2, in IT l'uso dei pronomi tonici si registra solo nei casi di enfasi.

15 In traduzione: "In qualsiasi corpus di lingua parlata contemporanea che volessimo investigare, troveremo [...] che la ripresa anaforica dell'oggetto diretto di NP [non-persona] si realizza predominantemente in PB per via di una **categoria vuota**, un 'pronome-zero'. L'uso dei clitici *o/a/os/as*, unica forma ammessa dalla TGP [tradizione grammaticale del portoghese], è estremamente raro."

È ancora Bagno (2012) a pronunciarsi sulla frequenza in PB_{VG} sia del pronome zero che del pronome tonico non enfatico di caso accusativo. Il primo viene dall'autore definito "*campeão da preferência nacional*" ("campione di preferenza nazionale") (p. 798); del secondo viene detto che è "*regra estabelecidíssima no português brasileiro, ocorrendo em todas as regiões do país e em todas as classes sociais*" ("regola più che accolta nel portoghese brasiliano, in quanto ricorre in tutte le regioni del paese e in tutte le classi sociali") (p. 797). La situazione appena descritta è sintetizzata nella Tabella 7.

Tabella 7 – Varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico in IT e in PB_{VG} : disponibilità e frequenza

Varianti di realizzazione dell'oggetto anaforico	IT	PB_{VG}
Pronome clitico	disponibile [strategia preferenziale]	disponibile [estremamente raro]
Sintagma nominale pieno	disponibile	disponibile
Pronome tonico enfatico	disponibile	disponibile
Pronome tonico non enfatico	non disponibile	disponibile [strategia preferenziale]
Pronome zero	non disponibile	disponibile [strategia preferenziale]

Nella Tabella 8 si offrono esempi per ciascuna variante.

Tabella 8 – Varianti di realizzazione dell’oggetto anaforico in IT e in PB_{VG}: esempi¹⁶

Varianti di realizzazione dell’oggetto anaforico	IT	PB _{VG}
Pronome clitico	- <i>Hai più rivisto Milena?</i> - <i>Sì, la incontro sempre al supermercato.</i>	- <i>Chegou a rever a Milena?</i> - (?) ¹⁷ <i>Sim, sempre a encontro no mercado.</i>
Sintagma nominale pieno	- <i>Hai comprato il pane?</i> - <i>Certo che ho comprato il pane!</i>	- <i>Comprou pão?</i> - <i>Claro que comprei pão!</i>
Pronome tonico enfatico	- <i>Hai più rivisto poi Milena e Igor?</i> - <i>Guarda, incontro sempre lei al supermercato, ma mai lui.</i>	- <i>Chegou a rever a Milena e o Igor?</i> - <i>Olha, sempre encontro ela no mercado, mas ele nunca.</i>
Pronome tonico non enfatico	- <i>Hai più rivisto Milena?</i> - <i>*Sì, incontro sempre lei al supermercato.</i>	- <i>Chegou a rever a Milena?</i> - <i>Sim, sempre encontro ela no mercado.</i>
Pronome zero	- <i>Hai comprato il pane?</i> - <i>*Sì, Ø ho comprato.</i>	- <i>Comprou pão?</i> - <i>Comprei Ø.</i>

Per chiarire ulteriormente il quadro, di seguito verranno riportate le conclusioni di alcuni studi sulla variazione diacronica e/o sincronica nella realizzazione dell’oggetto anaforico in PB. Ci si concentrerà inizialmente sulle ricerche in cui sono state indagate le varianti di realizzazione dell’oggetto diretto, per poi passare a quelle in cui ci si è occupati dell’oggetto indiretto.

Vasta è la letteratura sul progressivo declino in PB (ma non nel portoghese europeo) dei clitici accusativi di 3^a persona¹⁸, tendenzialmente sostituiti in PB_{VG} da pronomi zero e tonici¹⁹ (DUARTE, 1986, 1989; KATO, 1993; CYRINO, 1994, 1996, 1997, 1999; GALVES, 1989).

16 Gli esempi utilizzati nella tabella sono stati costruiti a tavolino per illustrare i fenomeni in esame con la maggior chiarezza possibile; nonostante possano suonare innaturali, rappresentano realizzazioni linguistiche possibili nelle lingue a confronto.

17 L’appropriatezza pragmatica dell’esempio di realizzazione dell’oggetto anaforico come pronome clitico in PB è segnalata come dubbia per via della dimensione orale e colloquiale evocata dall’esempio.

18 Come osserva Cyrino (1994), i clitici accusativi di 1^a e 2^a persona continuano a essere utilizzati in PB, benché con frequenza ridotta.

19 Si tratta di un’evoluzione che non trova equivalenti nelle altre lingue romanze.

Secondo Cyrino (1997), tale declino mette in evidenza un cambiamento parametrico, indica cioè un nuovo valore attribuito al parametro dell'espressione fonologica dell'oggetto diretto anaforico.

Cyrino (1994) ha studiato la variazione nell'occorrenza dei clitici accusativi nelle opere teatrali di autori brasiliani dal XVI al XX secolo. Nella sua ricostruzione diacronica il mutamento linguistico nelle varianti di realizzazione dell'oggetto diretto anaforico è messo in relazione ai tratti semantici [\pm specifico] e [\pm animato] dell'antecedente. L'autrice osserva che, tra i clitici accusativi di 3^a persona, il primo a decadere nell'uso è stato *o* con antecedente frasale, seguito da *o* con antecedente predicativo, quindi dal clitico con antecedente SN [+specifico] e, infine, con antecedente SN [-specifico]²⁰. Tale processo è sintetizzato ed esemplificato nella Tabella 9.

Tabella 9 – Fasi del declino dei clitici accusativi di 3^a persona in PB

Fase	Fenomeno	Esempio
1	Declino di <i>o</i> con antecedente frasale	<i>(...) tomaste ante como ante/por marcante/o cossário Satanás/porque querees Ø</i> (Gil Vicente, XVI secolo)
2	Declino di <i>o</i> con antecedente predicativo	<i>Na substância é sempre o mesmo,/Se em quantidade não é Ø</i> (Gregório de Matos, XVII secolo)
3	Declino del clitico con antecedente SN [+specifico]	<i>(...) tem uma quinta tão grande, que é necessário 24 horas para se correr Ø toda</i> (Antonio José, XVIII secolo)
4	Declino del clitico con antecedente SN [-specifico]	<i>GUILHERMINA: Está faltando um copo dos novos, Dona Lourdes. DONA LOURDES: Se está faltando, é porque você quebrou Ø</i> (Marques Rebelo, XX secolo)

Per quanto riguarda la rilevanza del tratto semantico [\pm animato], la conclusione di Cyrino a proposito degli antecedenti con tratto [+specifico] è che la ripresa anaforica è preferibilmente realizzata attraverso il pronome zero in presenza del tratto [-animato] (*Vou lá em cima buscar a “Vida doméstica” para dona Maricota, que ela me pediu Ø*, Marques Rebelo, XX secolo) e, invece, mediante il pronome tonico in presenza del tratto [+animato]. Gli antecedenti con tratto [+animato] non verrebbero mai ripresi attraverso il pronome zero a meno che non possiedano il tratto [-specifico].

²⁰ Costituiscono esempi di antecedenti con tratto [-specifico] i SN “indefiniti, collettivi, astratti” (CYRINO, 1998).

Diversamente lo studio sulla variazione di Duarte (1986) mette in relazione, da una parte, l'occorrenza del pronome zero e, dall'altra, fattori sociali come il livello di scolarità e l'età. Duarte osserva che i soggetti più istruiti ricorrono al pronome zero anche in presenza del tratto [+animato], contesto semantico in cui i soggetti meno scolarizzati ricorrono invece al pronome tonico. La conclusione dell'autrice è che l'uso del pronome zero rappresenta una strategia utilizzata per evitare tanto il pronome tonico, considerato di basso prestigio e pertanto stigmatizzato nei contesti formali, quanto il clitico, considerato troppo formale. Il parlante scolarizzato, benché sia in grado di usare il clitico, vi ricorrerebbe con parsimonia, cercando forme sostitutive, tra cui il pronome zero.

Tale risultato è accolto nella grammatica descrittiva del PB_{VG} di Bagno:

O objeto nulo parece ter sido privilegiado pelos falantes urbanos mais letrados como uma forma de evitar por um lado o uso de ele-objeto considerado “errado demais”, e, por outro lado, o uso dos clíticos o/a/os/as considerados “certos demais”, pouco naturais, pedantes. O objeto nulo aparece, então, como uma solução de compromisso, uma estratégia de esquivia. (2012, p. 799)²¹

Benché meno studiato rispetto all'oggetto diretto, anche l'oggetto indiretto ha in PB_{VG} un comportamento variabile (DILLINGER *et al.*, 1996; BERLINCK, 1997; CYRINO, 1998, 1999; SILVEIRA, 2000; FREIRE, 2000, 2005; TORRES MORAIS, 2010) e alcune sue realizzazioni, per quanto pienamente accettabili in diversi contesti d'uso, sono divergenti rispetto a quelle previste dalla grammatica del PB_S (AMORIM; KANTHAK, 2009): è il caso della realizzazione come pronome zero (*O que você deu para o Pedro? – Dei Ø um livro*) o come pronome tonico retto da preposizione (*O que você disse **al**para ela?*).

Lo studio di Berlinck (1997), condotto su dati orali elicitati attraverso interviste informali, mostra la rilevanza della categoria vuota come variante di realizzazione dell'oggetto indiretto in PB_{VG}. L'analisi ha permesso di evidenziare come tale variante sia predominante (57%), seguita dal pronome clitico (26%) e dal pronome tonico preceduto da preposizione (17%). La considerazione della persona grammaticale ha permesso di relativizzare tali risultati: se, infatti, la categoria vuota è predominante con referenti di 1^a e 3^a persona, con quelli di 2^a persona la strategia anaforica preferenziale continua a essere il ricorso al clitico. I risultati di Berlinck evidenziano, inoltre,

21 In traduzione: “Pare che il pronome zero accusativo sia stato preferito dai parlanti urbani più istruiti per evitare, da una parte, l'uso di *ele* con funzione di oggetto, considerato ‘troppo sbagliato’, e, dall'altra, l'uso dei clitici *o/a/os/as*, considerati ‘troppo corretti’, poco naturali, pedanti. Il pronome zero accusativo compare, pertanto, come una soluzione di compromesso, una strategia di evitamento.”

che, nell'alternanza tra oggetto indiretto fonologicamente realizzato e pronomi zero, un fattore determinante è rappresentato dalla distanza tra l'antecedente e il complemento anaforico: nelle costruzioni con antecedente localizzato nella frase immediatamente precedente, la categoria vuota ha una frequenza di occorrenza pari al 77%.

I dati analizzati da Cyrino (1998), anch'essi orali²², confermano l'alta incidenza del pronome zero di caso dativo già evidenziata da Dillinger *et al.* (1996), rivelando inoltre l'esistenza di una certa variabilità diatopica e diafasica: mentre a Salvador (Nordest) la frequenza della categoria vuota è del 5,1% e a Recife (Nordest) del 13%, essa sale al 24,7% a San Paolo e a Rio de Janeiro (Sudest) e al 32,5% a Porto Alegre (Sud); inoltre, la formalità del contesto sembra favorire il ricorso alla categoria vuota (63,22%, vs 34,6% in contesti informali). In aggiunta, i dati rivelano che il pronome zero dativo è più frequente in contesti in cui l'antecedente possiede i seguenti tratti semantici: [-specifico] (55,8%, vs 44,1% in contesto di antecedente [+specifico]); [+animato] (59,7%, vs 40,3% in contesto di antecedente [-animato]). Combinando i due tratti, le percentuali riscontrate sono le seguenti:

- [-specifico, +animato] 41,5%;
- [+specifico, -animato] 26%;
- [+specifico, +animato] 18,2%;
- [-specifico, -animato] 14,3%.

Nelle costruzioni con verbi che esigono due complementi, la frequenza di occorrenza del pronome zero di caso dativo sale in maniera significativa nei seguenti contesti: con antecedenti con tratto [+animato] e [-specifico, +animato] (78,9% in entrambi i casi) e con antecedenti con tratto [-specifico] (94,7%).

Se Cyrino (1998) si focalizza sulla realizzazione del complemento dativo come pronome zero, Silveira (2000) si concentra piuttosto sulla sua realizzazione come pronome tonico contrapposto al clitico. Analizzando dati estratti dal progetto VARSUL (*Variacão Linguística Urbana da Região Sul*), Silveira ha constatato la coesistenza in PB_{VG} delle due varianti, con una preferenza, tuttavia, per il ricorso alla serie dei tonici (73%, vs 27% di realizzazioni con clitici). Considerando le persone del discorso, Silveira ha inoltre registrato una frequenza superiore di ricorso ai clitici alla 1^a e alla 2^a persona, mentre alla 3^a persona l'uso del tonico è risultato dominante.

Lo studio di Freire (2005), condotto su testi giornalistici e fumetti prodotti a Rio de Janeiro dal 1995 al 2004, conferma, per la varietà scritta del PB_{VG} e del PB_E, i risultati già ottenuti in relazione alla varietà orale: nel *corpus* le strategie alternative rispetto al ricorso al clitico di caso dativo raggiungono, nel loro complesso, una frequenza pari al 72%, con un'occorrenza del pronome tonico retto da preposizione superiore a quella del pronome zero.

22 Dati del progetto NURC (*Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta*), già parte del *corpus* della *Gramática do Português Falado*.

Considerazioni finali: l'acquisizione dei clitici italiani da parte degli apprendenti brasiliani come sfida e opportunità

Alla luce di quanto descritto nelle precedenti sezioni, è possibile riflettere sulle ragioni per cui il dominio dei clitici italiani rappresenta per gli apprendenti brasiliani una vera e propria sfida acquisizionale.

Esistono, in primo luogo, difficoltà legate alle fasi di sviluppo dell'interlingua. I pronomi clitici rientrano (assieme ad articoli, preposizioni, congiunzioni e ausiliari) nel gruppo delle cosiddette *parole funzione*, portatrici di significato puramente grammaticale, aventi il ruolo di indicare le relazioni esistenti tra le *parole contenuto* (verbi, nomi, aggettivi e alcuni avverbi), che, al contrario, veicolano un vero e proprio significato lessicale e sono pertanto semanticamente autonome (BERNINI, 2003; JEZEK, 2010). Gli studi sulle fasi di sviluppo dell'interlingua (CHINI, 2005; BOSISIO, 2012) hanno mostrato che nelle varietà prebasica (e in quella successiva, la varietà di base) gli elementi funzionali sono molto pochi e, laddove presenti, rientrano spesso in formule usate come unità non analizzate nelle loro parti costitutive: è il caso del clitico *lo* in *non lo so* (CHINI, 2005). È necessario attendere la fase postbasica affinché gli elementi funzionali diventino più numerosi e il loro uso cominci a essere governato dalle regole sintattiche specifiche della L2 (CHINI, 2005).

Tra le parole funzione, i clitici rappresentano, come si è visto (cfr. §2), un microsistema di alta complessità e marcatezza,

comprendente forme con collocazione sintattica varia (pre- o post-verbale: *ti scrivo; scrivimi*), bassa salienza fonica, il cui paradigma è talora semplificato nella stessa lingua parlata dei nativi (cfr. usi di *gli* come clitico dativale di 3^a sg. e pl., anche al posto di *le f.* e *loro pl.*) (CHINI, 2005, p. 95).

Anche alla luce di questi fatti, risulta comprensibile la lentezza nell'acquisizione dei clitici da parte degli apprendenti di italiano L2. Per quanto riguarda, nello specifico, gli apprendenti brasiliani, un'adesione al paradigma contrastivista – e, in particolare, alla gerarchia di difficoltà proposta da Larsen-Freeman e Long (1991)²³ – indurrebbe a ipotizzare un effetto ostacolante dell'interferenza del PB, dovuto all'esistenza in IT di:

23 Nella gerarchia di Larsen-Freeman e Long (1991) la forma più facile da acquisire è quella in cui c'è corrispondenza (L1 e L2 corrispondono sia strutturalmente che da un punto di vista semantico/funzionale; es. nel confronto tra PB L1 e IT L2: *-a* come marca morfologica del femminile singolare), mentre le forme più complesse sono, progressivamente, quelle convergenti (forme diverse in L1 che

- fenomeni di “sdoppiamento”: al dativo singolare, un’unica forma in PB_S – *lhe* – si manifesta in IT_S come due forme distinte – *gli* e *le*;
- “forme nuove”, assenti in PB ma presenti in IT: è il caso, ad esempio, dei nessi di clitici di tipo dativo+accusativo, assenti sia in PB_E che in PB_{VG};
- “forme assenti”, presenti in PB ma non in IT: è il caso del pronome zero e del pronome tonico non enfatico quali varianti di realizzazione dell’oggetto diretto e indiretto anaforico sia in PB_E che in PB_{VG};
- “forme convergenti”: all’acusativo plurale, due diverse forme toniche in PB, *eles* e *elas*, confluiscono in IT in un’unica forma, *loro*; al dativo, le due preposizioni che in PB precedono il pronome tonico – *a*, *para* – convergono in IT nella preposizione *a*;
- corrispondenze dal punto di vista fonetico che non coincidono con corrispondenze di tipo semantico e grafico, come accade tra le forme *lhe* del PB e *gli* dell’IT.

Siamo consapevoli che una conferma di tale ipotesi richiederebbe uno studio, oltre che delle produzioni di apprendenti brasiliani, dell’output di apprendenti aventi L1 diverse dal PB. Le ricerche attualmente disponibili in letteratura sull’acquisizione dei clitici italiani (tra le altre, BERRETTA, 1986; GIANNINI; CANCELA, 2005; SCHROEDER, 2000; LEONINI; BELLETTI, 2004; LEONINI, 2006; SANTORO, 2007; PONA, 2009; SCHUIRINGA, 2014; DE NICHILLO, 2017; LUNATI, 2022) possono rappresentare una prima base di confronto. Nonostante i limiti di comparabilità dovuti all’adozione di diverse metodologie di raccolta e di analisi dei dati, confrontando i risultati degli studi è possibile osservare come questi concordino su alcuni punti:

1. la graduale e costante ristrutturazione da parte degli apprendenti della competenza d’uso dei clitici nella direzione di quella dei parlanti nativi;
2. la difficoltà da parte degli apprendenti di raggiungere una padronanza della cliticizzazione pari a quella dei nativi perfino nelle fasi più avanzate del percorso di apprendimento;
3. l’elevata frequenza con cui gli apprendenti ricorrono, tra le strategie comunicative di evitamento disponibili, a quella consistente nella realizzazione dell’oggetto diretto come SN pieno, laddove quest’ultimo – in virtù del design dell’esperimento – risulta disponibile nel contesto linguistico immediato;
4. l’elevata frequenza con cui gli apprendenti realizzano l’oggetto come pronome zero;
5. il ricorso, benché raro, alla strategia consistente nella produzione del pronome tonico al posto del corrispondente clitico;
6. la ridotta incidenza di errori sintattici riguardanti la posizione del clitico.

confluiscono in un’unica forma in L2; es. *levar* e *trazer* confluiscono in *portare*), assenti (presenti in L1 ma assenti in L2; es. *ir* come ausiliare nella formazione del futuro), nuove (assenti in L1 ma presenti in L2; es. *ne* partitivo) e i fenomeni di sdoppiamento (un’unica forma in L1 si manifesta come due o più forme in L2; es. *de* si sdoppia in *di* e *da*).

È soprattutto dai punti 4 e 5 che possono scaturire dei suggerimenti per una didattica acquisizionale dei pronomi clitici italiani rispetto sia alla presentazione dei contenuti grammaticali che alla pratica sulle forme.

Dal punto di vista della presentazione dei clitici, l'indicazione principale per la programmazione didattica va nella direzione di un rinforzo del *noticing* – ovvero della riflessione e registrazione consapevole – di alcuni aspetti del sistema della lingua target quali:

- (i) l'indisponibilità della categoria vuota quale variante di realizzazione dell'oggetto anaforico in qualsiasi varietà dell'IT, da quella standard a quella popolare, in contesti sia formali che informali, tanto nello scritto quanto nel parlato, in tutti i generi indipendentemente dal livello di sorveglianza; tale riflessione si iscriverebbe tra le misure di trattamento degli errori morfosintattici di omissione;
- (ii) la relazione tra le strategie anaforiche e il carattere enfatico/non enfatico del contesto linguistico, come intervento per il trattamento della sovraestensione dei pronomi tonici.

Dal punto di vista della pratica, il suggerimento è quello di includere nel percorso didattico alcune modalità esercitative che nei manuali risultano non contemplate o sottorappresentate (cfr. LUNATI, 2022), quali:

- (i) gli esercizi, definiti da Lunati *di addizione/omissione*, in cui la decisione che gli apprendenti sono chiamati a prendere è se produrre o meno un clitico (e non quale forma è appropriata al contesto, come negli esercizi *di selezione* prevalenti nei manuali);
- (ii) gli esercizi di selezione con opzioni clitiche atone e toniche e con alternanza di contesti enfatici e non enfatici.

Riteniamo infine che sia utile introdurre attività di riflessione metalinguistica sui clitici non esclusivamente centrate sul sistema della L2 ma che includano la L1, e che contemplino il riferimento ai contesti d'uso e a dimensioni della variabilità sociolinguistica come la diamesia, la diafasia e la diatopia, le quali, come si è visto, determinano un'alternanza tra strategie anaforiche che non può essere ignorata. Si è visto, ad esempio, come nel PB le differenze tra “norma standard” (PB_S) e “vernacolo generale” (PB_{VG}) siano considerevoli, e come i parlanti si trovino a dover scegliere tra forme che, a seconda del contesto, rischiano di suonare o “troppo sbagliate” o “troppo pedanti”. Tematizzare tali differenze nella lezione di lingua contribuirebbe allo sviluppo nell'apprendente di una maggiore consapevolezza del sistema pronominale non solo della lingua target, ma anche della lingua materna. Un tale percorso di insegnamento/apprendimento dei clitici italiani favorirebbe inoltre la prospettiva della lingua in uso e rappresenterebbe per il pubblico brasiliano un'occasione per acquisire una competenza linguistico-comunicativa non confinata nella dimensione della morfosintassi e nel prescrittivismismo delle grammatiche normative.

Riferimenti bibliografici

AMORIM, D. G., KANTHAK, G. S. Representações do objeto indireto no português brasileiro. *Inventário*, n. 7, 2009, pp. 1-10.

ARAÚJO, F. J. N. de, CARVALHO, H. M. de. Te e lhe como acusativos clíticos de 2a pessoa em cartas pessoais cearenses. *LaborHistórico*, v. 1, n.1, 2015, pp. 62-80. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v1i1.4785>

AZEREDO, J. C. de. Gramática Houaiss da língua portuguesa. São Paulo: Publifolha, 2008.

BAGNO, M. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola editorial, 2012.

BERLINCK, R. de A. Sobre a realização do objeto indireto no português do Brasil. In *Anais do II Encontro do CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul)*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1997.

BERNINI, G. Come si imparano le parole. Osservazioni sull'acquisizione del lessico in L2. *Itals*, v. 1 n. 2, 2003, pp. 23-47.

BERRETTA, M. Un aspetto della (in)competenza testuale degli adolescenti: la comprensione delle proforme". In: BERRETTA, M. (a cura di). *Sviluppi della linguistica e problemi dell'insegnamento*. Torino: Giappichelli, 1981, pp. 97-133.

BERRETTA, M. I pronomi clitici nell'italiano parlato. In: HOLTUS, G., RADTKE, E. (a cura di) *Gesprochenes Italienisch in Geschichte und Gegenwart* (Atti dell'omonima sezione del Deutscher Romanistentag, Berlin, 5-8 ottobre 1983). Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1985, pp. 185-224.

BERRETTA, M. Per uno studio sull'apprendimento dell'italiano in contesto naturale: il caso dei pronomi personali atoni. In: GIACALONE RAMAT, A. (a cura di). *L'apprendimento spontaneo di una seconda lingua*. Bologna: Il Mulino, 1986, pp. 329-52.

BERRUTO, G. Italiano neostandard. In: SERENA, E. *Dizionario dell'italiano L2: insegnamento, apprendimento, ricerca*. Pisa: Pacini, in stampa.

BOSISIO, C. *Interlingua e profilo d'apprendente*. Milano: EDUCatt, 2012.

CARDINALETTI, A., STARKE, M. The typology of structural deficiency: A case of study of three classes of pronouns. In: VAN RIEMSDIJK (a cura di) *Clitics in the languages of Europe*. Berlin: De Gruyter Mouton, 1999, pp. 145-233.

CHINI, M. *Che cos'è la linguistica acquisizionale*. Roma: Carocci editore, 2005.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tesi di dottorato (Doutorado em Ciências) - UNICAMP, Campinas, 229 pp., 1994. Disponibile all'indirizzo: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=492670>

CYRINO, S. M. L. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I., KATO, M. (org.) *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996, pp. 163-184.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora UEL, 1997.

CYRINO, S. M. L. O objeto indireto nulo no português brasileiro. *Signum - Estudos da linguagem*, n. 1, 1998, pp. 35-54.

CYRINO, S. M. L. Elementos nulos pós-verbais no português brasileiro oral contemporâneo. In: NEVES, M. H de M. (a cura di) *Gramática do português falado*. Vol. VII: Novos estudos, Campinas: UNICAMP, 1999, pp. 595-626.

CORDIN, P., CALABRESE, A. I pronomi personali. In RENZI, L. (a cura di) *Grande grammatica italiana di consultazione. La frase. I sintagmi nominale e preposizionale*. Bologna: Il Mulino, 1988, pp. 535-593.

CORTELAZZO, M. *Avviamento critico allo studio della dialettologia italiana. Vol. III. Lineamenti di italiano popolare*. Pisa: Pacini, 1972.

CUNHA, C., CINTRA, L. F. L. *Breve gramática do português contemporâneo. 16ª ed.* Lisboa: João Sá da Costa, 2006.

CUNHA, C., CINTRA, L. F. L. *Nova gramática do português contemporâneo. 5ª ed.* Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DE NICHILLO, A. *Insegnamento esplicito delle strutture sintattiche a movimento: pronomi clíticos, frasi passive e frasi relative in uno studente bengalese con italiano L2*. Tesi di Laurea magistrale in Scienze del Linguaggio. Università Ca' Foscari di Venezia, Venezia, 2017. Disponibile all'indirizzo: <http://hdl.handle.net/10579/10643>

DILLINGER, M.; GALVES, C.; PAGOTTO, E.; CERQUEIRA, V. Padrões de complementação no português falado. In: KATO, M. A. (a cura di) *Gramática do português falado. Vol. 5: Convergências*. Campinas: UNICAMP, pp. 275-324, 1996.

DUARTE, M. E. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Tesi di master di ricerca - PUC-SP, San Paolo, 1986.

DUARTE, M. E. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: GALVES, C. "O objeto nulo no português brasileiro: percurso de uma pesquisa".

Cadernos de Estudos Lingüísticos, v. 17, 1989, pp. 65-90. Disponibile em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636801>

DURANTE, M. I pronomi personali nell'italiano contemporaneo. *Bollettino del centro di studi filologici e linguistici siciliani*, 11, 1970, pp. 180-202.

FREIRE, G. *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. Tesi di master di ricerca (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 103 pp., 2000. Disponibile all'indirizzo: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/2166>

FREIRE, G. *A realização do acusativo e do dativo anafórico de 3ª pessoa na escrita brasileira e lusitana*. Tesi di dottorato (Doutorado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras, Università Federale di Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 204 pp., 2005. Disponibile all'indirizzo: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=164633

GALVES, C. Objet nul et structure de la proposition en portuguais brésilien. *Revue des langues romanes*, v. 93, 1989, pp. 305-336.

GIANNINI, S., CANCELILA, J. Direzionalità di accesso nell'acquisizione dei clitici pronominali in italiano L2. In BOMBI, R., CIFOLETTI, G., FUSCO, F., INNOCENTE, L., ORIOLES, V. (a cura di) *Studi linguistici in onore di Roberto Gusmani*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2005, pp. 883-905.

GORI, B. *La grammatica dei clitici portoghesi*. Firenze: Firenze University Press, 2008.

HALL, R. A. Statistica grammaticale: l'uso di gli, le e loro come regime indiretto. *Lingua Nostra*, 21, 1960, pp. 58-65.

JEZEK, E. "Definizione lessicale". In: *Enciclopedia dell'italiano*. Treccani, 2010.

KATO, M. The distribution of pronouns and null elements in object position in Brazilian Portuguese. In: ASHBY, W. J.; MITHIN, M.; PERISSINOTTO, G. *Linguistic perspectives on the Romance languages. Selected papers from the XXI linguistic symposium on Romance languages*. Current Issue in Linguistic Theory Series, Amsterdam, John Benjamins, 1993, pp. 225-235. DOI: <https://doi.org/10.1075/cilt.103.23kat>

LARSEN-FREEMAN, D.; LONG, M. H. *An introduction to second language acquisition research*. London/New York, Longman, 1991.

LEONINI, C. *The acquisition of object clitics and definite articles: Evidence from Italian as L2 and L1*. Tesi di dottorato. Università degli Studi di Firenze, Firenze, 2006. Disponibile all'indirizzo: http://www.ciscl.unisi.it/doc/doc_pub/leonini06-phd-thesis.pdf

LEONINI, C., BELLETTI, A. Adult L2 Acquisition of Italian Clitic Pronouns and ‘Subject Inversion’/VS Structures. In: *Proceedings of GALA 2003 (Generative Approaches to Language Acquisition)*. Utrecht, LOT, 2004.

LUNATI, M. *I pronomi clitici nelle produzioni scritte di apprendenti brasiliani di italiano L2: analisi degli errori e descrizione dell’interlingua*. Tesi di dottorato in Linguistica. San Paolo-Roma, Università degli studi di San Paolo (USP) e La Sapienza Università di Roma, 306 pp., 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.8.2022.tde-06102022-201107>

MAYERTHALER, W. *Morphologische Natürlichkeit*. Wiesbaden: Athenaion, 1981.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos de português*. 2a ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

PERINI, M. A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

PONA, A. *L’italiano come L2 nei college americani: i pronomi clitici*. Tesi di dottorato. Firenze, Università degli Studi di Firenze, 2009. Disponibile all’indirizzo: <https://flore.unifi.it/retrieve/handle/2158/559106/16702/Tesi%20Pona.pdf>

RAMOS, C. de M. A. *O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro/ espanhol peninsular*. Tesi di dottorato in Linguistica. Università Federale di Alagoas, Maceió, 1999.

ROCHA, A. P. A. Norma padrão versus norma culta: o uso dos pronomes átonos de terceira pessoa ‘o(s) e ‘a(s)’ como objeto indireto no português brasileiro. *LaborHistórico*, v. 5, 2019, pp. 190-198. DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v5iespecial.25544>

SANTORO, M. Second language acquisition of Italian accusative and dative clitics. *Second Language Research*, v. 23, n.1, 2007, pp. 37-50. Disponibile all’indirizzo: <http://www.jstor.org/stable/43103727>

SCHROEDER, D. N. *A produção dos pronomes lo, la, li e le em italiano por aprendizes brasileiros*. Tesi di master di ricerca. Università Federale di Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Disponibile all’indirizzo: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/109367>

SCHUIRINGA, M. H. *Pronomi clitici e acquisizione L2. Una ricerca sull’acquisizione L2 adulta di pronomi clitici in italiano*. Tesi di laurea. Università di Utrecht, Utrecht, 2014. Disponibile all’indirizzo: <https://studenttheses.uu.nl/handle/20.500.12932/17983>

SCHWARZE, C., CIMAGLIA, R. “Clitici”. In *Enciclopedia dell’Italiano*. Treccani, 2010: [http://www.treccani.it/enciclopedia/clitici_\(Enciclopedia-dell’Italiano\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/clitici_(Enciclopedia-dell’Italiano)/)

SILVEIRA, G. A realização variável do objeto indireto (dativo) na fala de Florianópolis. *Letras de hoje*, v. 35, n.1, 2000, pp. 189-207. Disponibile all'indirizzo: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14764>

SOBRERO, A. A.; MIGLIETTA, A. *Introduzione alla linguistica italiana*. Bari: Laterza, 2006.

TAVONI, M. Caratteristiche dell'italiano contemporaneo e insegnamento della scrittura. In: BRUNI, F., RASO, T. (a cura di) *Manuale dell'italiano professionale*. Bologna: Zanichelli, 2002.

TORRES MORAIS, M. A. Conversando sobre o objeto indireto nulo no português brasileiro. *Estudos da Língua(gem)*, v. 8, n.1, 2010, pp. 171-185. Disponibile all'indirizzo: <https://doi.org/10.22481/el.v8i1.1119>

VEDOVATO, D. Categorizzazione dei pronomi personali in italiano: risultati di un'attività didattica. In BENINCÀ, P., PENELLO, N. (a cura di) *G&D - Grammatica e Didattica*, 2, Dipartimento di studi linguistici e letterari dell'Università di Padova, 2009, pp. 19-36.

VILELA, A. C. S. *A mesóclise em textos acadêmicos: frequência, estratégias de esquiva e avaliação*. Tesi di laurea. Università Federale di Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004. Disponibile all'indirizzo: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nupevar/ana_carolina.pdf

Ricevuto il: 07/09/2023

Accettato il: 18/10/2023

**RICHIESTE IN ITALIANO E PORTOGHESE
BRASILIANO: DA UNO STUDIO CONTRASTIVO ALLA
RIFLESSIONE SULL'INTERCULTURALITÀ**

**Pedidos em italiano e português brasileiro: de um
estudo contrastivo à reflexão sobre interculturalidade**

**Requests in Italian and Brazilian Portuguese: From a
Cross-Cultural Study to a Reflection about Interculturality**

ELISABETTA SANTORO *
MAYARA DA SILVA NETO **

ABSTRACT: Il Gruppo di ricerca “*Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural*” (CNPq/Fapesp/USP) sta conducendo un’indagine contrastiva incentrata sulle richieste e su come vengono realizzate in diverse lingue e culture, al fine di identificare somiglianze e differenze e di riflettere su come possono interferire nelle interazioni tra i parlanti. Ampiamente studiata, la richiesta è stata scelta per almeno due ragioni: (a) si tratta di uno degli atti linguistici più frequenti; (b) è fortemente influenzata da fattori contestuali e culturali. Tali fattori assumono una rilevanza particolare se si considera che si tratta di un *Face-Threatening Act* o “atto minaccioso per la faccia” (BROWN; LEVINSON, 1987), visto che con una richiesta si cerca di indurre l’interlocutore a compiere un’azione (SEARLE, 1979) e così si mette in gioco sia la faccia positiva di chi la fa, sia la faccia negativa di chi la riceve. Di fatto, da una parte, un rifiuto può frustrare il bisogno di essere riconosciuti e approvati e, dall’altra, dover reagire a una richiesta può ostacolare la propria libertà individuale.

*Docente – Universidade de São Paulo
esantoro@usp.br (ORCID: 0000-0001-7577-368X)

**Dottoranda – Universidade de São Paulo
mayara.neto@usp.br (ORCID: 0000-0001-6742-1473)



I dati analizzati in questo articolo sono stati raccolti tramite uno degli strumenti utilizzati dal gruppo di ricerca: un *Written Discourse Completion Task* (WDCT), in cui si presentano situazioni di vita quotidiana che inducono la realizzazione di una richiesta. Ai partecipanti si chiede di scrivere ciò che direbbero se si trovasse nelle situazioni proposte che sono state elaborate tenendo conto di distanza sociale e grado di imposizione, due delle variabili contestuali proposte da Brown e Levinson (1987).

I risultati presentati qui sono relativi a due campioni composti da 30 italiani e 30 brasiliani. L'analisi si concentra sugli atti principali e su alcune tipologie di atti di supporto (BLUM-KULKA et al., 1989), oltre che su come espressioni ricorrenti possono essere indizi di convenzionalità in ciascuna delle due lingue di riferimento, considerando in particolare in che modo la conoscenza di queste caratteristiche pragmatiche può influenzare le dinamiche comunicative interculturali.

PAROLE CHIAVE: Richieste; Italiano; Portoghese brasiliano; Written Discourse Completion Task; Interculturalità.

RESUMO: O grupo de pesquisa “Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural” (CNPq/Fapesp/USP) está conduzindo uma pesquisa contrastiva sobre pedidos e sua realização em diferentes línguas e culturas, com o intuito de identificar convergências e divergências e de refletir sobre como podem interferir na interação entre os falantes. Amplamente estudado, o pedido foi escolhido por, ao menos, dois motivos: (a) trata-se de um dos atos de fala mais frequentes; (b) é fortemente influenciado por fatores contextuais e culturais. Tais fatores adquirem particular relevância quando se considera que é um *Face-Threatening Act* (BROWN; LEVINSON, 1987), já que com um pedido se busca induzir o interlocutor a realizar uma ação (SEARLE, 1979), colocando assim em risco tanto a face positiva de quem o realiza, quanto a face negativa de quem o recebe. De fato, por um lado, uma eventual recusa pode frustrar a necessidade de o indivíduo ser reconhecido e aprovado e, por outro, a necessidade de reagir a um pedido pode comprometer a liberdade individual.

Os dados analisados neste artigo foram coletados por meio de um dos instrumentos utilizados pelo grupo: um *Written Discourse Completion Task* (WDCT), no qual são apresentadas situações da vida cotidiana que induzem à realização de pedidos. Aos participantes é solicitado que escrevam o que diriam se estivessem nas situações propostas, que foram elaboradas considerando a distância social e o grau de imposição, duas das variáveis contextuais propostas por Brown e Levinson (1987). Os resultados apresentados aqui se referem a duas amostras, compostas por 30 italianos e 30 brasileiros. A análise se concentra nas características dos atos

principais e em certos tipos de atos de suporte (BLUM-KULKA et al., 1989), bem como no modo como as formulações recorrentes podem ser indícios de convencionalidade em cada uma das duas línguas de referência, considerando particularmente de que maneira o conhecimento sobre tais características pragmáticas pode influenciar as dinâmicas comunicativas interculturais.

PALAVRAS-CHAVE: Pedidos; Italiano; Português brasileiro; Discourse Completion Task; Interculturalidade.

ABSTRACT: The Research Group “*Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural*” (CNPq/Fapesp/USP) is conducting a cross-cultural investigation focused on requests and how they are carried out in different languages and cultures, in order to identify similarities and differences and to reflect on how they may interfere in interactions between speakers. Widely studied, the request was chosen for at least two reasons: (a) it is one of the most frequent speech acts; (b) it is strongly influenced by contextual and cultural factors. These factors gain particular relevance when one considers that it is a Face-Threatening Act (BROWN; LEVINSON, 1987), since with a request one seeks to induce the interlocutor to perform an action (SEARLE, 1979) and thus brings into play both the positive face of the one making it and the negative face of the one receiving it. In fact, on the one hand, a rejection can frustrate the need to be acknowledged and approved, and on the other hand, having to react to a request can hinder one’s individual freedom.

The data analyzed in this article were collected through one of the instruments used by the group: a Written Discourse Completion Task (WDCT), which contains everyday life situations that induce the realization of a request. Participants are asked to write what they would say if they found themselves in the proposed situations, which were elaborated by taking into account social distance and degree of imposition, two of the contextual variables proposed by Brown and Levinson (1987).

The results presented here are based on two samples of 30 Italians and 30 Brazilians. The analysis focuses on the characteristics of head acts and some types of supportive moves (BLUM-KULKA et al., 1989), as well as on how recurrent expressions may be a sign of conventionality in each of the two target languages, considering particularly how the knowledge of these pragmatic features can influence intercultural communication dynamics.

KEYWORDS: Requests; Italian; Brazilian Portuguese; Discourse Completion Task; Interculturality.

1. Introduzione

Nel film *Lezioni di cioccolato*, di C. Cupellini (Italia, 2007), Mattia, un imprenditore edile senza scrupoli, assume in nero Kamal, un egiziano che si trova a Perugia per realizzare il sogno di fare un corso da cioccolataio. Sul cantiere, che per risparmiare non è stato attrezzato con le necessarie misure di sicurezza, Kamal ha un incidente e accetta di non sporgere denuncia, a patto che il suo datore di lavoro faccia il corso fingendo di essere lui. Le situazioni difficili non mancano e per risolverle Mattia non ha alternativa se non chiedere aiuto a Kamal, come accade nel dialogo riportato di seguito¹, in cui gli telefona di nascosto.

M - *Kamal, mi spieghi perché mi attacchi il telefono in faccia, eh?*

K - *Tu maleducato! Non chiedi favore subito, ok? Prima dici: "Come stai, Kamal? Come sta tua famiglia? Bambino mangia?"*

M - *Ma chi se ne frega? Ho fretta, Kamal, dai!*

K - *Tuo problemo...* [Kamal riattacca e Mattia ritelefona]

M - *Ciao, Kamal, come stai?*

K - *Bene, grazie!*

M - *La tua famiglia come sta?*

K - *Oh, bene, bene...*

M - *Il bambino mangia?*

K - *Siiii... Vedi? È più bello parlare così...*

M - *Mi serve la ricetta del palooza!*

Per Mattia dovrebbero bastare il tono di voce e i chiari segnali dell'urgenza ("Ho fretta, Kamal, dai!") a giustificare l'assenza dei convenevoli iniziali, ma Kamal non transige: usa l'"autorità" che ha in questo contesto non solo per imporre ciò che gli sembra adeguato, ma anche per concludere con un chiaro giudizio di valore ("Vedi? È più bello parlare così"). In altre parole, per Kamal è negativo ciò che appartiene all'altro, mentre è esplicitamente positivo il modo di agire che appartiene a lui e alla sua cultura di origine e che può imporre sfruttando il suo momentaneo potere.

Siamo di fronte a un tipico caso di "dialogo interculturale", in cui parlanti provenienti da diverse culture si trovano a interagire nella stessa lingua – "straniera" per uno dei due come sottolinea l'italiano parlato da Kamal – con un inevitabile confronto tra diverse visioni del

¹ Il dialogo è stato trascritto direttamente dal film, senza utilizzare nessuna specifica norma di trascrizione, visto che l'obiettivo era solo quello di riportare il contenuto dell'interazione. È stato ovviamente mantenuto il modo in cui si esprimono i due personaggi, compreso il parlato da "straniero" che caratterizza Kamal.

mondo e delle relazioni sociali che si manifestano anche linguisticamente. Di fatto, il modo in cui parliamo e interagiamo segue norme pragmatiche che cambiano in ogni lingua e in ogni cultura, così come cambiano le altre dimensioni della lingua. Non esserne consapevoli può portare a ciò che è stato definito “*sociopragmatic failure*” (THOMAS, 1983), conseguenza delle differenze tra i diversi sistemi di valori degli individui e dei gruppi sociali a cui appartengono che portano a un’inevitabile conclusione: tutte le situazioni in cui due o più lingue e culture entrano in contatto possono potenzialmente produrre malintesi, disagi o addirittura conflitti che una maggiore conoscenza dei meccanismi soggiacenti può contribuire ad evitare.

Sono queste alcune delle riflessioni che hanno stimolato la creazione del gruppo di ricerca “*Pragmática (inter)linguística, cross-cultural e intercultural*” (GPP)² che, a partire dalla teoria degli atti linguistici, si dedica allo studio cross-culturale di più lingue e culture a partire da corpora raccolti tramite strumenti di diverso tipo. Il confronto tra le lingue ha l’obiettivo di far emergere analogie e differenze grazie alle quali possiamo comprendere meglio il loro funzionamento e identificare ciò di cui è importante tenere conto nella comunicazione interculturale e quindi anche in ambiti come la traduzione o la didattica delle lingue³. Presenteremo in quest’articolo i risultati di uno studio basato su due campioni costituiti dai dati di 30 brasiliani (BRA) e 30 italiani (ITA) che appartengono ad una ricerca più ampia sull’atto linguistico della richiesta.

2. Le richieste in prospettiva contrastiva e interculturale: tra valori culturali e scelte linguistiche

La richiesta è uno degli atti linguistici più sensibili alle differenze culturali e può, anche per questo, veicolare tratti distintivi di una lingua/cultura, farci riflettere su come si organizza una comunità linguistica e favorire il confronto con le altre. Austin (1962) considera che si tratta di un atto esercitativo, visto che presuppone l’esercizio di potere o influenza, oltre a prevedere la possibilità di cambiare l’andamento di determinate azioni dell’altro. La classificazione cambia

2 Creato nel 2013, all’Università di San Paolo (USP), il gruppo di ricerca (<https://www.gppragmatica-usp.com/>) si occupa attualmente di due progetti, tra loro complementari, sempre sull’atto linguistico della richiesta. Uno dei due progetti è finanziato dal *Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico* (CNPq 409716/2021-9); l’altro dalla *Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo* (FAPESP 2022/05865-9).

3 Sulla base dello stesso materiale utilizzato per questo articolo, è già stata pubblicata una proposta didattica in un numero precedente della *Revista de Italianística* (PORCELLATO et al., 2022) che offre spunti concreti su come utilizzare dati empirici per lo sviluppo della consapevolezza (meta) pragmatica e della competenza interculturale.

con Searle (1969; 1979) che include invece la richiesta tra i direttivi poiché implica sempre un “far fare”, ovvero, il tentativo di un parlante di portare il suo interlocutore a realizzare un’azione. Esistono altre possibili descrizioni, ma particolarmente interessante è quella di Sbisà (2009 [1989]) che lo annovera tra i comportativi, visto che ha come effetto previsto che il parlante ottenga dal suo interlocutore un diverso comportamento e, in tal modo, ciò che gli serve. Va aggiunto, come fa Caffi (2009), che, oltre a soddisfare delle necessità concrete, il modo in cui si realizza una richiesta può includere “aspetti identitari”: scegliamo di chiedere in un certo modo anche perché vogliamo dare una determinata immagine di noi stessi che si costituisce nel rapporto e nell’interazione con gli altri.

Questa immagine sociale – a partire da una proposta di Goffman (1957), abitualmente denominata “faccia” – è particolarmente esposta nelle richieste. Si può minacciare sia la faccia “positiva”, che si riferisce al bisogno di sentirsi parte di un gruppo sociale e di ricevere e manifestare solidarietà; sia quella “negativa” che chiama in causa il desiderio di essere indipendenti e di preservare il proprio territorio o spazio individuale. Nella realizzazione di una richiesta si corrono “rischi” da entrambe le parti: chi la riceve vede deviato il corso delle sue azioni e quindi la sua libertà individuale; chi la fa deve mettere in conto un possibile rifiuto ovvero una rottura dei meccanismi sociali che caratterizzano la solidarietà e il bisogno di riconoscimento e approvazione. Da ciò proviene il fatto che le richieste siano tra quegli atti linguistici che Brown e Levinson (1987) hanno denominato *Face-Threatening Act* (FTA)⁴, affermando che “*any rational agent will seek to avoid these face-threatening acts, or will employ certain strategies to minimize the threat*” (1987, p. 68).

Difficilmente, tuttavia, si può evitare di chiedere e ci sono quotidianamente innumerevoli situazioni nelle quali siamo obbligati ad affidarci all’aiuto degli altri per risolvere necessità di ogni tipo. Per questa ragione, tendiamo a selezionare tra gli strumenti che le lingue mettono a nostra disposizione quelli che possono contribuire a mitigare la forza illocutoria e quindi la potenziale “minaccia” dell’atto che stiamo realizzando. Il nostro sforzo aumenta o diminuisce a seconda della situazione in cui ci troviamo che dipende, nel nostro caso, dal tipo di richiesta e, in particolare, da due fattori: (a) il livello di difficoltà, detto grado di imposizione; (b) la relazione con il nostro interlocutore che può variare sia sull’asse orizzontale, ovvero in base alla distanza sociale, che sull’asse verticale che implica relazioni di potere (BROWN; LEVINSON, 1987). È ovviamente molto più “facile” chiedere un bicchiere d’acqua a un amico piuttosto

4 La denominazione è stata spesso criticata (si veda, tra gli altri, KERBRAT-ORECCHIONI, 2001) perché considerata troppo forte e quasi “ipocondriaca”. Nonostante questo e nonostante le diverse proposte alternative che sono state fatte, continua ad essere la più utilizzata e la più frequente in questo filone di studi. Crediamo che sia così anche perché rende l’idea del delicato equilibrio di cui tener conto nelle interazioni.

che un cellulare in prestito a un passante o ancora al nostro capo di prestarci la macchina. Ci si può quindi aspettare che, a seconda del contesto, le richieste cambino anche linguisticamente portandoci ad utilizzare un numero minore o maggiore di strategie attenuative. Il loro uso ha una duplice funzione: da una parte, protegge il nostro interlocutore facendolo sentire meno forzato a compiere una determinata azione e, dall'altra, tutela anche noi stessi, visto che possiamo cercare di tenerci aperta una via di scampo se le cose non vanno come previsto.

La prima tra le scelte linguistiche che è necessario compiere quando si elabora una richiesta è il grado di (in)direttezza (BLUM-KULKA, 1989; HAVERKATE, 1994): si va dall'uso di strategie dirette come l'imperativo all'esplicitazione di sole "piste" (più o meno forti) che devono essere colte e interpretate dal nostro interlocutore. Sono numerosi i fattori che entrano in azione nel momento in cui si fanno queste scelte. Ne citiamo qui tre: (a) il grado di inferenza necessario; (b) la fiducia nella solidarietà e nell'empatia dell'altro; (c) la contrapposizione tra la valorizzazione, da un lato, della vicinanza e dell'appartenenza a un gruppo sociale e, dall'altro, della protezione dello spazio individuale.

Fare una richiesta indiretta dicendo semplicemente che si ha molta sete quando si vorrebbe in realtà chiedere un bicchiere d'acqua ha infatti diverse conseguenze: è molto minore l'"invasione" del territorio dell'altro, a cui si lascia l'autonomia di decidere se e come reagire alla sollecitazione ricevuta, ma implica anche avere fiducia nella sua solidarietà e nel fatto che sarà lui a offrirci aiuto, sebbene il segnale che lanciamo sia solo implicito e richieda un più elevato grado di inferenza. Al contrario, chiedere in modo diretto esige un minor grado di inferenza da parte dell'interlocutore, a cui si dice con chiarezza qual è l'oggetto desiderato, ma presuppone l'esistenza di una vicinanza e di un'intimità che autorizza a "invadere" il suo territorio e, di solito, fa leva sul senso di appartenenza a uno stesso gruppo sociale (BRIZ; ALBELDA, 2013).

Esistono tuttavia strategie intermedie che ci permettono di limitare la nostra "intrusione" nello spazio altrui, senza tuttavia lasciare completamente aperta l'interpretazione e senza affidarci del tutto alla decisione dell'interlocutore di venirci incontro. Se infatti decidiamo di esprimere la nostra richiesta sotto forma di domanda o di creare l'impressione che non stiamo effettivamente chiedendo, ma verificando, per esempio, se il nostro interlocutore ha la possibilità di esaudire la nostra richiesta (nella situazione che stiamo usando, potremmo dire "Avresti un bicchiere d'acqua?" o "Potresti darmi un bicchiere d'acqua?"), mettiamo in atto strategie che si denominano di indirettezza convenzionale (BLUM-KULKA et al., 1989). Si tratta delle strategie considerate più "sicure", visto che non chiediamo in modo eccessivamente coercitivo, ma non lasciamo neanche troppo spazio all'inferenza che potrebbe non portarci al risultato previsto.

Oltre al grado di (in)direttezza, hanno un peso anche altre strategie che si possono adoperare. Menzioniamo tra queste la scelta della prospettiva che, di volta in volta, può mettere in evidenza il parlante, l'interlocutore, entrambi o nessuno dei due, oppure l'uso di modificatori e atti di supporto, che possono servire a diminuire la forza illocutoria dell'atto linguistico facendolo sembrare, per esempio, meno impositivo o spiegando le ragioni per cui il nostro interlocutore dovrebbe aiutarci.

3. Fare richieste in italiano e portoghese brasiliano: gli obiettivi di una ricerca cross-culturale

Partendo dalle riflessioni appena esposte, questo studio ha i seguenti obiettivi:

(1) analizzare contrastivamente le richieste in italiano e portoghese brasiliano prendendo in esame in particolare l'(in)direttezza, la prospettiva e l'uso degli atti di supporto, al fine di verificare la presenza di convergenze e divergenze;

(2) verificare l'effetto del grado di imposizione e della distanza sociale sulle scelte linguistiche nei due campioni in esame;

(3) osservare convergenze e divergenze nell'uso di strutture "convenzionali" che possano rivelare aspetti della relazione tra lingua e cultura.

L'ipotesi che sta alla base dello studio realizzato è che, nonostante possano condividere alcuni tratti, le lingue esaminate presentino alcune caratteristiche diverse per quanto riguarda gli elementi scelti per la realizzazione delle richieste, in particolare se si osservano gli effetti delle variabili manipolate, ovvero "grado di imposizione" e "distanza sociale". Supponiamo, inoltre, che esistano strutture tramite le quali è possibile identificare tendenze di ciascuna delle due lingue e culture, il cui esame offre spunti per comprendere i meccanismi che possono entrare in gioco negli scambi interculturali tra italiani e brasiliani.

4. Come studiare le richieste: la metodologia

Nelle sezioni che seguono, verrà illustrata ciascuna delle tappe metodologiche dello studio. Partiamo da una descrizione del *Written Discourse Completion Task* (WDCT), scelto per elicitarle le richieste che verranno analizzate, e presentiamo poi la tassonomia utilizzata per l'analisi. Concludiamo questa sezione fornendo dati sui partecipanti analizzati e sulle loro principali caratteristiche.

4.1 Il *Written Discourse Completion Task* (WDCT) come strumento per la raccolta dei dati

Proposto inizialmente da Levenston e Blum (1978) e utilizzato negli anni successivi in importanti studi di pragmatica cross-culturale (BLUM-KULKA, 1982; BLUM-KULKA; OLSHTAIN, 1984; BLUM-KULKA et al., 1989), il DCT è uno strumento di raccolta dei dati ampiamente utilizzato in questo campo. L'abbiamo scelto nella versione scritta (WDCT) e "aperta" anche per lo studio del gruppo di ricerca già menzionato, dopo aver valutato che ci avrebbe permesso di ottenere un corpus costruito sulla base di parametri controllabili.

Come prima tappa della sua elaborazione, è stato selezionato il luogo (*setting*) in cui sono ambientate le interazioni ipotetiche proposte agli informanti: metà delle situazioni si svolge per

strada, ovvero in un luogo pubblico che garantisce agli interlocutori maggiore libertà (è sempre possibile spostarsi senza necessariamente dover fornire molte spiegazioni), e l'altra metà a casa del parlante o dell'interlocutore, quindi in un luogo privato, che riduce la libertà di azione anche perché presuppone quasi sempre l'esistenza di un legame tra i due interagenti.

Le variabili che sono state manipolate e analizzate sono il grado di imposizione (GI), ovvero se la richiesta era "facile" o "difficile" da esaudire, e la distanza sociale (DS), visto che, in alcune situazioni, sono stati previsti partecipanti legati da un rapporto di amicizia e, in altre, sconosciuti o quasi (BROWN; LEVINSON, 1987). Il WDCT del GPP è composto da otto situazioni che sono state ottenute creandone due per ognuna delle possibili combinazioni tra le variabili GI e DS. Per poter osservare che cosa accade nei casi "estremi", i risultati riportati qui provengono da quattro situazioni: quelle in cui sia GI che DS sono bassi (GI↓ e DS↓) (Tabella 1) e quelle in cui, invece, sia GI che DS sono alti (GI↑ e DS↑) (Tabella 2).

Tabella 1 – Esempi di WDCT (GI↓ e DS↓) in italiano e in portoghese

Setting	ITA	BRA
STRADA	Tu e un tuo amico/una tua amica siete appena saliti(e) sull'autobus quando ti accorgi che hai dimenticato il portafoglio e i biglietti/l'abbonamento che avevi. Che cosa gli/le dici?	<i>Você e um(a) amigo(a) entram em um ônibus e, nesse momento, você percebe que esqueceu a carteira e não tem como pagar a passagem. O que você lhe diz?</i>
CASA	Sei appena entrato a casa di un tuo amico/una tua amica e hai sete. Che cosa gli/le dici?	<i>Você acabou de entrar na casa de um(a) amigo(a) e está com sede. O que você lhe diz?</i>

Tabella 2 – Esempi di WDCT (GI↑ e DS↑) in italiano e in portoghese

Setting	ITA	BRA
STRADA	Sei per strada, devi incontrare un tuo amico straniero che sta per arrivare dopo un lungo viaggio e sarà ospite a casa tua. A causa di un imprevisto, arriverai in ritardo e devi avvisarlo. Il tuo cellulare per qualche inspiegabile motivo non funziona e non ci sono neanche altri telefoni in giro. Non ti resta che cercare un cellulare in prestito per una telefonata e c'è un signore che sta passando ... Che cosa gli dici?	<i>Você está na rua indo encontrar um amigo estrangeiro, que está chegando de viagem. Por causa de um imprevisto, vai se atrasar e precisa avisá-lo. Seu celular, por algum motivo, não funciona. Também não há telefones ao redor. Assim, sua única opção é que o senhor que está passando lhe empreste um celular... O que você lhe diz?</i>
CASA	Ti sei appena trasferito in un nuovo appartamento. Durante le prime due settimane, noti che la signora del piano di sopra fa un rumore eccessivo, anche al di fuori dell'orario in cui è consentito. Decidi di parlare con lei per cercare di risolvere il problema. Che cosa le dici?	<i>Você mudou recentemente para um novo apartamento. Durante as duas primeiras semanas, percebe que a senhora do andar de cima faz barulho excessivo, mesmo fora do horário permitido. Decide, então, conversar com ela para resolver o problema. O que você lhe diz?</i>

Il WDCT è stato inviato a parlanti nativi nella loro rispettiva lingua materna utilizzando Google Moduli. La richiesta era di scrivere ciò che pensavano avrebbero detto nelle situazioni descritte (sempre situazioni di vita quotidiana nelle quali chiunque si potrebbe trovare). Sebbene sia stato spesso criticato perché non considerato capace di captare ciò che le persone dicono nella realtà (si veda, tra gli altri, GOLATO, 2003), il WDCT ha vari indiscussi vantaggi tra cui quello di poter essere distribuito elettronicamente e in maniera anonima e di rivelare il funzionamento della competenza (meta)pragmatica. Detto in altro modo: è possibile che il WDCT non ci permetta di sapere che cosa direbbero esattamente i partecipanti in una determinata situazione, ma ci consente di avere accesso a ciò che considerano sarebbe adeguato dire. Si tratta dunque di uno strumento che, rivelando caratteristiche della lingua e della cultura di appartenenza, può evidenziare aspetti potenzialmente problematici nella comunicazione interculturale.

4.2 Una tassonomia per l'analisi cross-culturale delle richieste

Per l'analisi delle richieste ottenute in più lingue tramite i WDCT, il GPP ha elaborato una tassonomia (SANTORO, 2017; SANTORO et al., 2021), basata sul corpus raccolto e ispirata a quella di Blum-Kulka et al. (1989) per il progetto CCSARP (*Cross-Cultural Study of Speech Act Realization Patterns*) e alle proposte di Nuzzo (2007) che si è concentrata in particolare sull'italiano.

La tassonomia parte dalla distinzione tra atto principale (*head act*) e atti di supporto (*supportive moves*), ovvero, tra la parte centrale nella sequenza di una richiesta, che trasmette la sua forza illocutoria, e la parte dell'enunciato che, come si intuisce dal termine stesso, funge da supporto dell'atto principale. Per l'analisi degli atti principali vengono presi in considerazione il grado di (in)direttezza e la prospettiva (Tabella 3).

Tabella 3 – Tassonomia per gli atti principali: grado di (in)direttezza e prospettiva

Atti principali	Grado di (in)direttezza	diretto	ap1
		convenzionalmente indiretto	ap2
		non convenzionalmente indiretto	ap3
	Prospettiva	parlante come agente (io)	pp1
		interlocutore come agente (tu)	pp2
		noi inclusivo	pp3
		impersonale	pp4

Un atto principale viene considerato diretto (**ap1**) nei seguenti casi:

- (a) verbi all'imperativo;
- (b) verbi performativi o performativi attenuati (“Devo chiederti...” / “*Preciso pedir...*” / “*Queria pedir...*”);
- (c) indicazione dell'obbligo di esaudire l'azione richiesta (“Devi fare...” / “*Você precisa fazer...*”);
- (d) *want-statement* (“Vorrei che tu facessi...” / “*Eu queria que você fizesse...*”);
- (e) domande riguardanti l'azione richiesta (“Faresti...?” / “*Você faria...?*”).

Va precisato che la presenza di attenuazione, che in alcuni casi può anche avere valore di cortesia, non influisce sull'attribuzione del grado di (in)direttezza, così se a un imperativo si aggiunge, ad esempio, una marca rituale di cortesia come in "Prendimi un bicchiere d'acqua, per favore" / "*Pegue um copo d'água para mim, por favor!*", l'atto principale verrà comunque classificato come **ap1**.

Si parla di richieste convenzionalmente indirette (**ap2**) quando alla richiesta vera e propria si sostituiscono altri atti linguistici come

- (a) proposte ("Che ne dici di fare...?" / "*O que você acha de fazer...?*");
- (b) espressioni di necessità ("Ho bisogno di un bicchiere d'acqua" / "*Preciso de um copo d'água*");
- (c) apparenti verifiche di condizioni o capacità dell'interlocutore ("Hai una penna?" / "*Tem uma caneta?*"; "Potresti darmi una penna?" / "*Poderia me dar uma caneta?*").

La convenzionalità di queste strategie permette a chi parla di essere facilmente compreso e non richiede da parte dell'interlocutore un elevato grado di inferenza.

È invece maggiore il grado di inferenza necessario se l'atto linguistico è espresso in modo non convenzionalmente indiretto (**ap3**). In questo caso, il parlante sceglie formulazioni che danno solo delle piste più o meno forti per far capire all'interlocutore qual è l'oggetto della richiesta. Se dico per esempio "Sto morendo di sete!" / "*Estou morrendo de sede!*", il mio interlocutore capirà che non sto solo constatando di aver sete, ma sto in realtà chiedendo qualcosa da bere. Sebbene si tratti in questo caso di un atto indiretto piuttosto frequente, che è quindi facilmente accessibile, non possiamo non tener conto del fatto che una scelta di questo tipo protegge sia chi fa, sia chi riceve la richiesta. Di fatto, si lascia aperta la possibilità di "tornare indietro", di fingere di non aver capito o di non essere stati interpellati.

La categoria denominata "atto principale inesistente" (**ap0**) viene utilizzata quando il parlante dichiara che nella situazione data non direbbe niente, ovvero che non realizzerebbe l'atto.

Nel momento in cui si sceglie come formulare una richiesta, oltre al grado di (in)direttezza, il parlante deve scegliere anche la prospettiva. Come si vede nella Tabella 3, il parlante può orientare la richiesta verso se stesso ("Posso avere...?" / "*Posso pegar...?*") (**pp1**) o verso la persona con cui interagisce ("Mi presti...?" / "*Você me empresta...?*") (**pp2**), creando un effetto di responsabilizzazione che mette o l'io o il tu in primo piano. Le altre due possibilità più frequenti sono rappresentate dall'uso della prima persona plurale, con un noi inclusivo ("Possiamo farlo adesso?" / "*Podemos fazer isso agora?*") (**pp3**) che tende a funzionare come minimizzatore della forza illocutoria; o anche da forme impersonali ("Questo va fatto subito" / "*Isso precisa ser feito logo*") (**pp4**), che possono essere un tentativo di non attribuire a nessuno degli interlocutori la responsabilità apparente sull'azione da compiere.

A seconda degli elementi contestuali presupposti dalla richiesta, il parlante può preferire aggiungere informazioni che vanno oltre quelle già espresse nell'atto principale. In questi casi, troviamo nella formulazione delle richieste i cosiddetti atti di supporto, che possono comparire

sia prima che dopo l'atto principale. Nella tassonomia del GPP, questa categoria comprende dieci diverse strategie (v. Tabella 4), che servono, ad esempio, a modulare l'intensità della forza illocutoria della richiesta (come nel caso dell'esclamazione), fornire informazioni aggiuntive rispetto a quanto detto nell'atto principale (che è la funzione della giustificazione) o includere elementi rituali dell'interazione (cosa che accade usando gli appelli).

Tabella 4 – Tipi di atti di supporto

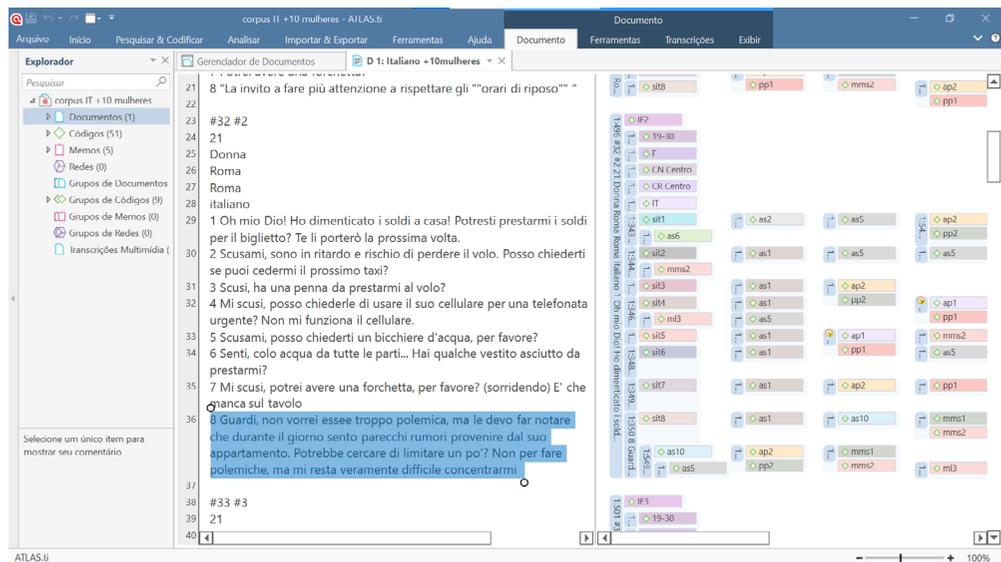
Atti di supporto	Appello	as1	Scusi, signore
	Esclamazione	as2	Oh no!, Mannaggia!
	Minimizzatore	as3	Non ci vorrà molto
	Preparatore	as4	Devo chiederle un grosso favore
	Giustificazione	as5	Sto morendo di sete, mi daresti
	Proposta di risarcimento o garanzia	as6	Pago la chiamata
	Alternativa	as7	Se non puoi, mi arrangio
	Adulatore	as8	Tu che mi aiuti sempre
	Ringraziamento	as9	Ti ringrazio
	Riconoscimento del costo della richiesta	as10	Se non ti scoccia...

Infine, la tassonomia comprende anche i modificatori. Questi elementi possono essere presenti sia dentro che fuori dell'atto principale e sono suddivisi in tre sottocategorie:

- (a) morfosintattici, di cui fanno parte verbi modali (“Puoi prestarmi...?” / “*Pode me emprestar...?*”) e diminutivi (“...un attimino” / “...*um instantinho*”);
- (b) lessicali, come nel caso dei dubitatori (“Per caso...” / “*por acaso...*”) e dei rafforzatori (“Una telefonata urgente” / “*Uma ligação urgente*”);
- (c) discorsivi, che comprendono le marche rituali di cortesia (“Per favore” / “*Por favor*”) o i riformulatori (“Voglio dire che...” / “*Quero dizer que...*”).

Per annotare il corpus con tutte le occorrenze degli elementi che compongono la tassonomia e poter così procedere a un’analisi qualitativa e quantitativa, il GPP utilizza il software ATLAS.ti (https://atlasti.com/) che, dopo l’annotazione manuale, consente di visualizzare i risultati delle analisi sotto forma di grafici e tabelle in modo relativamente intuitivo e veloce, oltre che di esportarli per il trattamento statistico. Riportiamo di seguito una schermata di ATLAS.ti (Figura 1) che contiene l’annotazione delle richieste di una delle informanti.

Figura 1 – Esempio di schermata del software di analisi dei dati ATLAS.ti



Nella colonna centrale compaiono, precedute dalle caratteristiche della parlante (ID, età, genere, città di nascita e residenza e lingua materna), le otto richieste scritte a partire dal WDCT. È evidenziata in azzurro la situazione in cui si chiede alla vicina di casa di fare meno rumore

e nella colonna a destra si trovano le categorie effettivamente utilizzate, tra cui, oltre al tipo di atto principale (**ap2**) e alla prospettiva (**pp2**), tutti i modificatori e atti di supporto presenti.

4.3 I partecipanti

Come si è detto sopra, il questionario è stato distribuito elettronicamente e divulgato tramite vari canali e da diversi membri del GPP. Della sezione dedicata ai dati “biolinguistici” dei partecipanti, abbiamo selezionato solo le caratteristiche essenziali, ovvero età, genere e provenienza, che ci hanno consentito di creare due campioni relativamente omogenei. Ne riportiamo di seguito il profilo (Tabella 5).

Tabella 5 – Età, genere e provenienza dei partecipanti

		ITA	BRA
Età	18 – 30	12	14
	31 – 40	4	5
	41 – 50	7	6
	> 51	7	5
Genere	F	22	19
	M	8	11
Numero totale		30	30
Origine	10 nord 10 centro 10 sud e isole		San Paolo e dintorni

Come si è anticipato nell’introduzione, i due campioni sono composti da 30 informanti italiani (ITA) e 30 brasiliani (BRA) e sono comparabili sia per età che per genere. Quanto all’età, sono distribuiti su quattro fasce, con una predominanza nella prima che comprende informanti dai 18 ai 30 anni. Anche il genere dei due campioni è stato bilanciato, ma per entrambi la percentuale di donne è molto superiore rispetto a quella degli uomini (il 73,3% nel campione italiano e il 63,3% in quello brasiliano). Per quanto riguarda la provenienza, i 30 italiani sono ugualmente distribuiti tra nord, centro e sud/isole, mentre i 30 brasiliani sono tutti di San Paolo e dei comuni limitrofi.

5. Le richieste in italiano e portoghese brasiliano: i risultati dei campioni analizzati

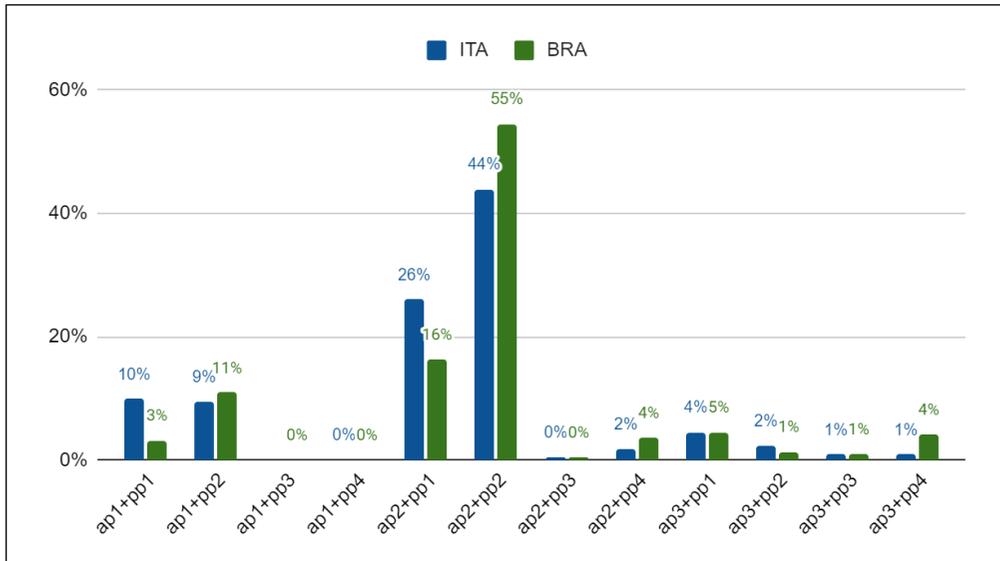
In questa sezione verranno presentati i risultati dell'analisi dei due campioni⁵, incentrata inizialmente sugli atti principali, a partire dai quali, nella maggior parte dei casi, viene trasmessa la forza illocutoria delle richieste. Esamineremo i diversi gradi di (in)direttezza e la prospettiva scelta dagli informanti, dedicandoci anche a riflessioni su alcune formulazioni ricorrenti che possono rappresentare indizi di convenzionalità e permettere di riconoscere pattern caratteristici di entrambe le lingue. Nella parte finale verranno presi poi in considerazione anche appelli e giustificazioni, visto che si tratta degli atti di supporto più frequenti.

5.1 (In)direttezza e prospettiva

A partire dall'analisi dell'indirettezza e della prospettiva degli atti principali, sono state osservate le combinazioni più frequenti che riportiamo di seguito (Grafico 1), confrontando italiano (ITA) e portoghese brasiliano (BRA).

5 La raccolta e l'annotazione dei dati qui utilizzati è frutto della collaborazione delle autrici con diversi altri membri del GPP che ringraziamo.

Grafico 1 – (In)direttezza di atti principali (ap) e prospettiva (pp): combinazioni più frequenti in ITA e BRA



Confermando un risultato a cui sono arrivati diversi studi precedenti⁶, l'atto convenzionalmente indiretto associato alla prospettiva incentrata sull'interlocutore (**ap2 + pp2**), come in “Mi potresti prestare i soldi per il biglietto?” o in “*Você poderia pagar para mim?*”, è di gran lunga la combinazione più frequente (ITA = 44% / BRA = 55%). A una notevole distanza dalla prima, ma ancora con una chiara differenza rispetto alle altre, si riconosce la seconda combinazione più frequente, formata dall'atto convenzionalmente indiretto con la prospettiva concentrata su chi fa la richiesta (**ap2 + pp1**), che compare, per esempio, in “Posso avere un bicchiere d'acqua?” o in “*Posso usar seu telefone?*” (ITA = 26% / BRA = 16%). L'atto diretto insieme alla prospettiva dell'interlocutore (**ap1 + pp2**), come in “Mi daresti un bicchiere d'acqua?” e in “*Me dá um copo de água?*”, figura come la terza strategia preferita dai parlanti (ITA = 9% / BRA = 11%), in italiano praticamente alla pari con la combinazione atto diretto e prospettiva orientata verso l'*io*

6 Pensiamo a lavori di diverso tipo che vanno dai riferimenti classici nel campo della pragmatica cross-culturale come Blum-Kulka et al. (1989) a lavori su dati parzialmente uguali a quelli esaminati qui come quello di Santoro e Porcellato (2020).

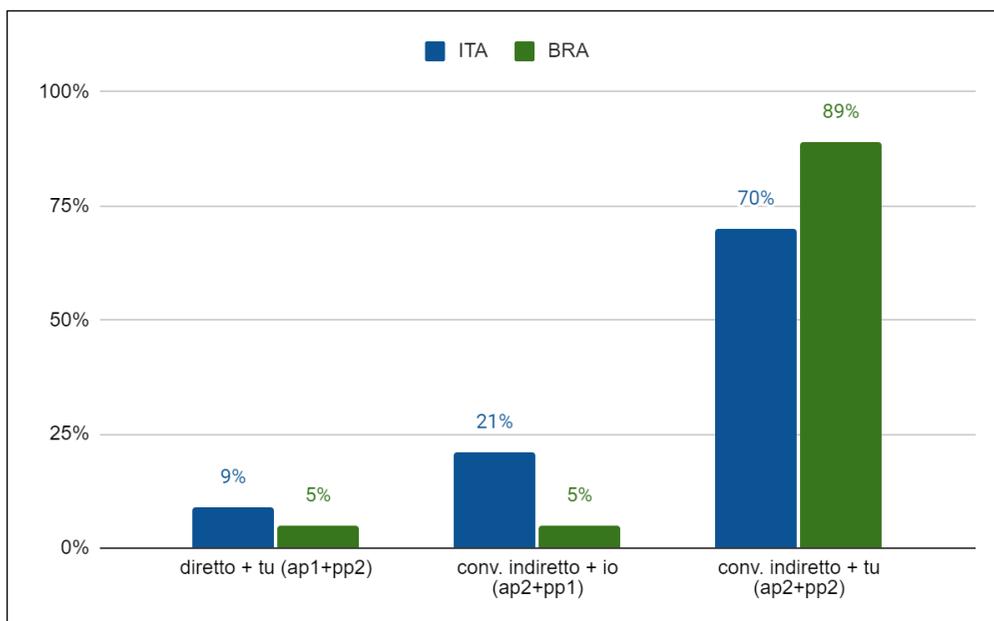
(**ap1 + pp1**), come in “Vorrei chiederle cortesemente di moderare i rumori” che in portoghese è, invece, molto meno rappresentata (ITA = 10% / BRA = 3%).

Ma che ci dicono il grado di (in)direttezza e la prospettiva adottata? La combinazione che compare con maggiore frequenza nei dati, che, come si è detto, è quella dell’atto convenzionalmente indiretto associato alla prospettiva del *tu* (**ap2 + pp2**), può essere interpretata come una tendenza dei parlanti a scegliere una strategia che richiede un livello di inferenza intermedio e implica una sorta di “fiducia parziale” nella solidarietà dell’altro, limitando, al tempo stesso, l’invasione del suo territorio. Nell’atto principale diretto che, per quanto in misura molto inferiore, è stato talvolta scelto soprattutto dagli italiani, la maggiore direttezza presupporrebbe invece una più chiara invasione dello spazio altrui che, tuttavia, può scaturire dall’appartenenza allo stesso gruppo sociale e dalla vicinanza tra i protagonisti dell’interazione che rende “legittimo” questo tipo di comportamento (BRIZ; ALBELDA, 2013).

L’effetto di vicinanza viene ulteriormente rafforzato dall’uso consistente della seconda persona (**pp2**) con la quale i parlanti chiamano in causa l’interlocutore, da una parte, evitando ambiguità perché lo responsabilizzano e, dall’altra, mostrando che si sentono autorizzati a entrare nel suo spazio individuale. Nel caso specifico dell’italiano, si tratta di una tendenza riscontrata anche in altri studi tra cui quello di Bartali (2022) che analizza richieste orali, raccolte tramite role play, sia tra amici che tra sconosciuti, con alto e basso grado di imposizione. Non si può trascurare, tuttavia, che nel nostro campione in italiano non è irrilevante la presenza della prima persona (**pp1**). In tal modo, si sposta il centro della richiesta e si dà al parlante e non all’interlocutore il ruolo di agente principale, anche se spesso tramite un verbo modale si trasforma la richiesta di un oggetto o di un’azione in un’apparente richiesta di permesso. Il diverso effetto prodotto non può essere ignorato, sebbene sia vero che questa scelta può essere attribuita — almeno in parte — ad una caratteristica dell’italiano in cui l’uso della prima persona in questi casi si può considerare quasi formulaico.

Dopo questa prima analisi generale, al fine di verificare che tipo di influenza hanno sulle richieste le variabili manipolate, abbiamo separato le due situazioni con grado di imposizione e distanza sociale alti (GI↑ DS↑) dalle due in cui sono bassi (GI↓ DS↓). Per cominciare, riportiamo di seguito (Grafico 2) i risultati che riguardano le due situazioni GI↑ DS↑: chiedere un cellulare in prestito a uno sconosciuto per fare una telefonata urgente (CELLULARE) e chiedere alla signora dell’appartamento del piano superiore che faccia meno rumore (RUMORE).

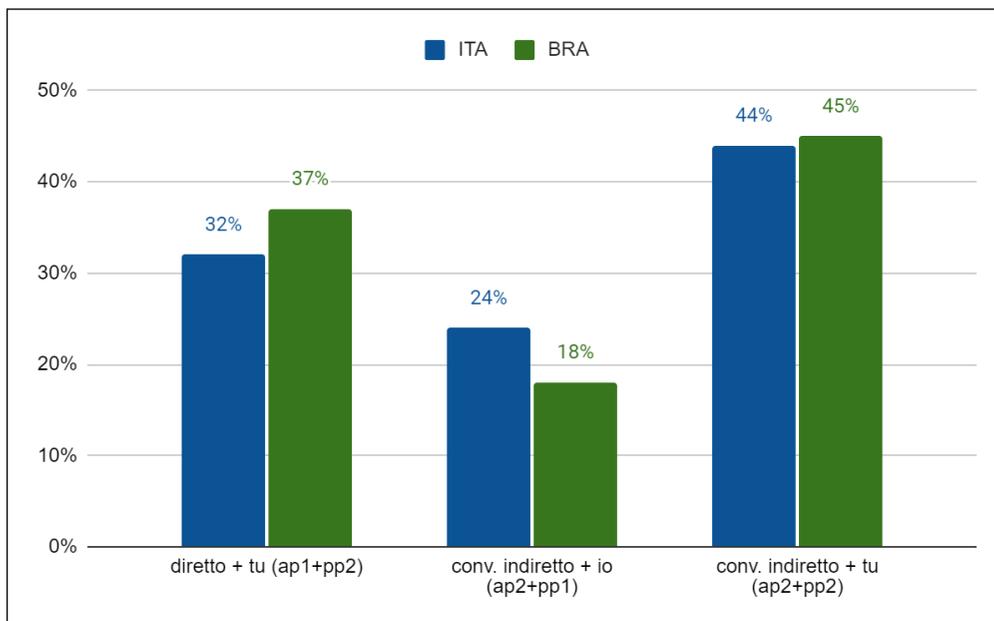
Grafico 2 – Indirettezza e prospettiva in situazioni con grado di imposizione e distanza sociale ALTI (GI↑ DS↑) - CELLULARE e RUMORE



Sebbene si ripetano, in linea di massima, i risultati presentati nel grafico generale, l'aspetto più saliente è che esiste una disparità molto più significativa tra la combinazione dell'atto convenzionalmente indiretto orientato verso chi ascolta (**ap2 + pp2**) (ITA = 70% / BRA = 89%) e le altre, come se essere diretti e usare l'*io* come prospettiva, attribuendo a sé stessi la responsabilità per l'azione da eseguire, sembrassero strategie inadeguate in questi contesti. Infatti, la prospettiva del *tu*, pur implicando una maggior invasione dello spazio altrui, può essere vista come un modo per far capire all'interlocutore che il parlante si affida a lui per ottenere ciò di cui ha bisogno, così da renderlo più sensibile alle sue necessità. Anche in questo caso, comunque, la combinazione che include la prima persona (**ap2 + pp1**) compare in italiano in misura significativamente maggiore rispetto al portoghese (ITA = 21% / BRA = 5%), dato che conferma questa diversa tendenza nelle due lingue. Sulla questione dell'indirettezza, i dati indicano ancora una volta che l'uso di strutture convenzionalizzate è percepito come garanzia di comprensione dell'enunciato, a cui non serve aggiungere esplicitazioni potenzialmente minacciose per la faccia di chi parla e/o di chi ascolta.

Vediamo adesso il grafico (Grafico 3) con i risultati relativi alle due richieste $GI\downarrow DS\downarrow$, in cui si chiedono, in entrambi i casi ad un amico, un bicchiere d'acqua (ACQUA) e i soldi per il biglietto dell'autobus (BIGLIETTO).

Grafico 3 – Indirettezza e prospettiva in situazioni con grado di imposizione e distanza sociale BASSI ($GI\downarrow DS\downarrow$) - ACQUA e BIGLIETTO



Ancora una volta, la strategia più frequente è quella che associa l'atto convenzionalmente indiretto e la prospettiva del *tu* (**ap2 + pp2**), con percentuali pari al 45% per i brasiliani e al 44% per gli italiani. Tuttavia, le altre due combinazioni (**ap1 + pp2** e **ap2 + pp1**) indicano tendenze inverse se confrontate sia con quelle generali (Grafico 1) che con quelle delle situazioni $GI\uparrow DS\uparrow$ (Grafico 2). Rispetto ai dati relativi a tutte le situazioni, si osserva che l'atto diretto con la prospettiva del *tu*, che era al terzo posto tra le strategie più utilizzate, passa qui al secondo (ITA = 32% / BRA = 37%). Confrontando, invece, questo grafico con quello di $GI\uparrow DS\uparrow$, è immediatamente chiaro che con $GI\downarrow DS\downarrow$ le preferenze non sono altrettanto concentrate e si suddividono fra le tre combinazioni con distanze inferiori tra loro. Ciò potrebbe significare che una richiesta $GI\downarrow$ – più facile da esaudire – può motivare i parlanti a scegliere più spesso una

strategia diretta (qui più usata dai brasiliani che dagli italiani), soprattutto se l'interlocutore è un amico, cosa che sembra dare il diritto di entrare nel territorio altrui e potenzia la tendenza a far leva sull'intimità e sulla vicinanza. Un dato da evidenziare è che nei contesti analizzati aumenta anche in portoghese il numero di casi in cui si seleziona la prospettiva in prima persona (**pp1**) (ITA = 24% / BRA = 18%).

5.2 La convenzionalità nelle richieste e l'effetto delle variabili “grado di imposizione” (GI) e “distanza sociale” (DS)

Il passo successivo dell'analisi è stato quello di verificare l'eventuale presenza di ricorrenze nelle formulazioni e nei pattern che strutturano le richieste nelle due lingue in esame. Di seguito (Tabella 6), alcuni esempi rappresentativi tratti dalla situazione in cui si chiede in prestito un cellulare a un passante (GI↑DS↑).

Tabella 6 – Esempi di richieste della situazione CELLULARE (GI↑DS↑)

ITA	BRA
Può prestarmi il suo cellulare?	<i>O senhor pode ligar pra ele, <u>por favor</u>?</i>
Mi potrebbe far fare una telefonata, <u>per favore</u> ?	<i>O senhor pode me emprestar seu aparelho, <u>por favor</u>?</i>
Potrebbe farmi chiamare dal suo, <u>per favore</u> ?	<i>Poderia me emprestar seu celular, <u>por favor</u>?</i>
Potrebbe <u>gentilmente</u> cercare di fare meno rumore	<i>Você poderia me emprestar o celular ?</i>
Potrebbe <u>gentilmente</u> prestarmi il suo cellulare per pochi secondi?	<i>O senhor poderia <u>fazer a gentileza</u> de me emprestar seu celular?</i>
Potrebbe <u>gentilmente</u> prestarmi il suo cellulare?	<i>O senhor poderia me emprestar o celular por alguns instantes?</i>
Potrebbe prestarmi il suo cellulare?	<i>O senhor poderia me emprestar seu celular rapidinho?</i>
Potrebbe prestarmi il suo telefono?	<i>Poderia me emprestar o celular para avisar para ele, <u>por favor</u>?</i>
Sarebbe così <u>gentile da</u> prestarmi il suo per un minuto?	<i><u>O senhor se importa</u> que eu use o seu celular para isso?</i>
Sarebbe così <u>gentile da</u> farmi fare una chiamata velocissima?	<i><u>O senhor se importaria</u> de me emprestar o seu celular?</i>

Colpisce l'elevato numero di occorrenze del verbo modale "potere"/"poder", evidenziate in grassetto, tramite il quale si sostituisce alla richiesta effettiva una domanda con cui apparentemente si indaga sulla capacità o possibilità dell'interlocutore di fare qualcosa. Il verbo modale viene spesso usato anche al condizionale sia in italiano che in portoghese brasiliano il che ha la funzione di mitigare la forza illocutoria dell'atto linguistico, visto che provoca l'illusione di allontanare il parlante dall'azione espressa dal verbo principale, diminuendo la minaccia creata dall'invasione del territorio dell'interlocutore (NUZZO, 2007). L'osservazione degli esempi fornisce indizi di una distribuzione simile di queste strategie in entrambe le lingue, nelle quali è molto frequente – anche in questo caso in misura comparabile – un altro modificatore: la marca rituale di cortesia che si manifesta soprattutto con "per favore" / "por favor" o, in alternativa, "gentilmente". È possibile individuare inoltre alcune formulazioni ricorrenti come "Sarebbe così gentile da...", un modificatore denominato "adulatore", mediante il quale il parlante sottolinea le capacità o le virtù dell'interlocutore con l'intenzione di persuaderlo a realizzare l'azione desiderata. Ancora una strategia è quella delle scelte lessicali attenuanti come in "O senhor se importaria...", che creano un effetto di distanziamento rispetto all'interlocutore e alla richiesta stessa (SANTORO et al., 2021). Un aspetto interessante è che nelle due lingue queste formulazioni contengono un verbo al condizionale ("sarebbe" e "importaria"), che contribuisce alla costruzione del suo valore attenuante complessivo. Tutte queste formule sono state sottolineate nella tabella per facilitarne la visualizzazione.

Vediamo ora esempi di richieste derivanti dalle situazioni in cui si chiedono a un amico un bicchiere d'acqua o i soldi per comprare il biglietto dell'autobus (GI↓DS↓).

Tabella 7 – Esempi di richieste delle situazioni ACQUA e BIGLIETTO (GI↓/DS↓)

ITA	BRA
Che me lo dai un bicchiere d'acqua, per favore	<i>Me empresta o dinheiro da passagem.</i>
Mi dai un bicchier d'acqua per favore?	<i>Me empresta x reais, depois eu te pago?</i>
Mi <u>daresti</u> un bicchier d'acqua, per favore?	<i>Paga pra mim?</i>
Mi <u>daresti</u> un bicchier d'acqua?	<i>Paga pra mim?</i>
Mi <u>daresti</u> un bicchiere d'acqua?	<i>Você paga pra mim?</i>
Mi <u>daresti</u> un bicchiere d'acqua?	<i>Você me empresta o dinheiro da passagem</i>
Mi offri un bicchiere d'acqua?	<i>Você pagar minha passagem dessa vez?</i>
Mi <u>offriresti</u> un bicchiere d'acqua?	<i>Você pode me pagar?</i>

Mi <u>presteresti</u> dei soldi per il biglietto per favore?	Você pode pagar a minha?
Mi presti 1 euro e 50?	Você pode pagar a passagem pra mim?
Mi presti i soldi del biglietto?	Você poderia me emprestar dinheiro?
Mi presti i soldi per il biglietto?	Você poderia emprestar-me o dinheiro?
Mi presti i soldi?	Você poderia pagar a minha?
Mi puoi dare un bicchiere d'acqua per favore?	Você me dá um copo d'água?
Mi puoi offrire un bicchier d'acqua?	Me dá um copo com água?
Mi potresti dare un bicchiere d'acqua per favore?	Me dá um copo de água?
Mi potresti prestare i soldi per il biglietto?	Você pode me arrumar um copo d'água por favor ?

Rispetto a quanto accade nelle situazioni GI↑DS↑, sono particolarmente evidenti tre tendenze. La prima è un uso che si può dire formulaico di strutture che compaiono con grande frequenza nel corpus esaminato. La seconda è che si riduce la quantità di modificatori e che il verbo modale “potere” / “*poder*” (anche in questa tabella evidenziato in grassetto), non solo compare in minore misura, ma non presenta quasi nessuna occorrenza al condizionale. La terza è che soltanto in italiano si osserva una spiccata presenza di verbi al condizionale (sottolineati nella tabella), associati direttamente alla richiesta come in “Mi daresti un bicchier d'acqua?” oppure “Mi presteresti dei soldi per il biglietto per favore?”, cosa che potrebbe essere spiegata ipotizzando una maggior convenzionalità di quest'uso nell'elaborazione delle richieste.

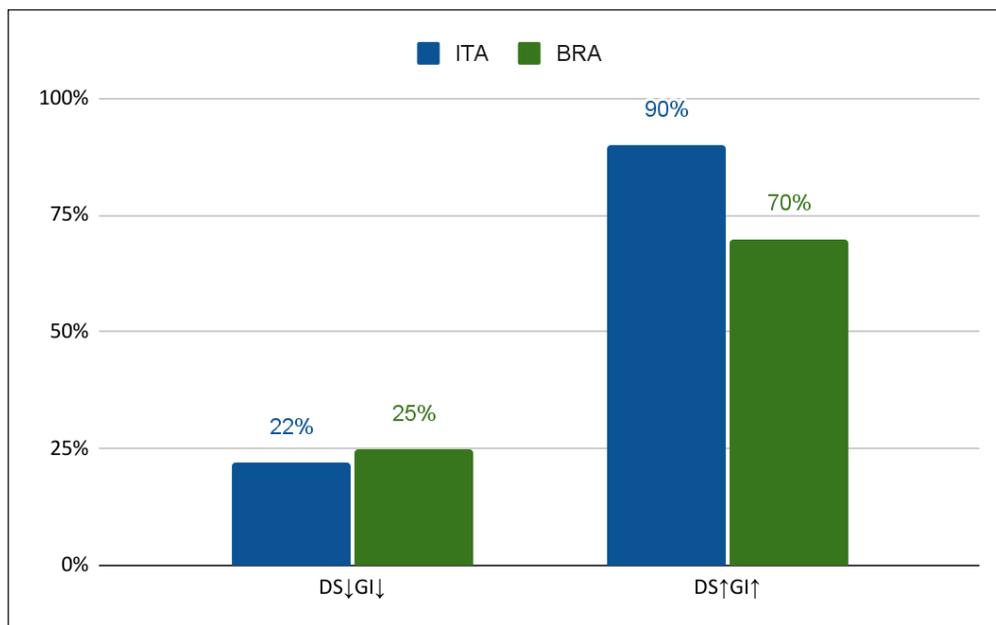
Sebbene si constati la presenza di strutture ricorrenti anche nelle richieste del tipo GI↑DS↑, sembra che nei contesti GI↓DS↓ la convenzionalità raggiunga livelli molto superiori, portando spesso alla scelta di frasi identiche e alla ripetizione quasi letterale delle stesse strutture. Ciò potrebbe indicare che, trovandosi in situazioni meno impegnative, nelle quali si è più sicuri di raggiungere l'obiettivo con uno sforzo minore, si tende a ricorrere ad un repertorio consolidato, senza sentire la necessità di soluzioni particolarmente creative o di un uso “personalizzato” delle strategie a disposizione.

5.3 Gli atti di supporto: appelli e giustificazioni

Passiamo adesso agli atti di supporto. Come preannunciato, ci soffermeremo solo su appelli (**as1**) e giustificazioni (**as5**), dato che dei dieci tipi previsti nella tassonomia del GPP (SANTORO et al., 2021), sono quelli più ricorrenti e a grande distanza dalla terza posizione, confermando quanto già dimostrato in studi anche su altre lingue (cfr., tra gli altri, SCHALKOSKI-DIAS;

Come abbiamo appena visto, le forme che, per la loro frequenza, si distinguono all'interno delle nuvole di parole sono quindi perlopiù quelle provenienti da situazioni DS↑. Separare le richieste ad alta distanza sociale e alto grado di imposizione da quelle in cui entrambi i parametri sono bassi può aiutarci a capire le ragioni che portano alla predominanza di queste espressioni. Vediamo di seguito (Grafico 4) in quale misura vengono usati gli appelli quando variano DS e GI.

Grafico 4 – Appelli in italiano e portoghese brasiliano (GI↓/DS↓ vs. GI↑/DS↑)



È notevole la disparità nell'uso dell'appello causata dalle variabili. Con GI↑DS↑ nel caso delle richieste in italiano si arriva addirittura al 90%. La percentuale è molto elevata anche in portoghese brasiliano, sebbene sia significativamente inferiore, visto che è pari al 70%. I contesti specifici che sono stati presentati agli informanti certamente favoriscono la presenza di questo atto di supporto, visto che ci si rivolge in quasi tutti i casi a sconosciuti ed è quindi necessario segnalare a chi è indirizzata la richiesta.

Quando, al contrario, la DS è bassa, il numero di richieste precedute da un appello cala vertiginosamente in entrambe le lingue (ITA = 22% / BRA = 25%): per rivolgersi a un amico, soprattutto se non lo si incontra proprio in quel momento, l'appello può essere omesso e altre

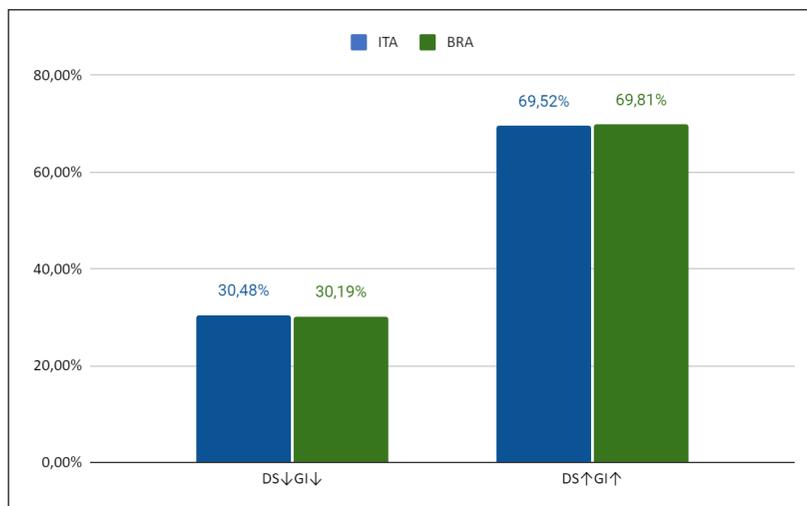
strategie possono servire a introdurre la richiesta e farsi carico del compito di richiamare l'attenzione dell'interlocutore.

- Giustificazioni

L'atto di supporto detto giustificazione si riferisce a quegli elementi che spiegano all'interlocutore da che cosa deriva una determinata richiesta come accade quando, nel caso del cellulare chiesto in prestito, si dice “[...] per fare una chiamata breve, è urgente!” o “*Preciso fazer uma ligação com urgência*”. L'elevata occorrenza di questo tipo di atto di supporto all'interno delle richieste esaminate (ITA = 77% / BRA = 72%) fa pensare a quanto osserva Caffi (2001), la quale, riprendendo Blum-Kulka (1992), sostiene che giustificare una richiesta implica trattare il nostro interlocutore come un individuo razionale a cui è necessario spiegare la ragione per la quale deve agire, anche perché non sarebbe cortese partire dal presupposto che faccia quanto gli chiediamo senza averne prima compreso il motivo. Al tempo stesso, giustificare significa attenuare la forza illocutoria e aumentare il grado di indirettezza, considerato che, se spiego al mio interlocutore che cosa mi spinge a fargli una richiesta, è molto probabile che questa sia percepita come meno impositiva, con effetti anche sulla probabilità di vederla esaudita.

Per analizzare i campioni in italiano e portoghese, abbiamo, in primo luogo, verificato la distribuzione delle giustificazioni, mettendole in relazione alle due variabili manipolate nell'esperimento (Grafico 5).

Grafico 5 – Giustificazioni in italiano e portoghese brasiliano (GI↓/DS↓ vs. GI↑/DS↑)



La situazione è pressoché identica in entrambe le lingue: quando le richieste sono caratterizzate da alto grado di imposizione e alta distanza sociale, si ha una percentuale di giustificazioni (ITA = 69,52% / BRA = 69,81%) che è più del doppio rispetto a quella di quando la configurazione è inversa (ITA = 30,48% / BRA = 30,19%).

Bastano pochi esempi a rendere chiara la ragione del dato quantitativo. Quelli che riportiamo di seguito (Tabella 9) sono stati scelti aleatoriamente e rappresentano, in italiano e portoghese, le quattro situazioni su cui è basato lo studio.

Tabella 9 - Giustificazioni in italiano e portoghese brasiliano (GI↓/DS↓ vs. GI↑DS↑)

	ITA	BRA
DS↓ GI↓	Posso avere un po' d'acqua? Mi presti i soldi per il biglietto?	<i>Me dá um copo de água?</i> <i>Poderia pagar minha passagem?</i>
DS↑ GI↑	Mi scusi devo fare una telefonata urgente! un mio amico straniero mi sta aspettando all'aeroporto ma farò ritardo e ho bisogno di avvisarlo. Posso cortesemente usare il suo cellulare? Buona sera, so che a volte non ce ne si rende conto, ma in questa casa si sentono facilmente i rumori degli altri appartamenti. Ad esempio, ieri sera stavo cercando di dormire. quando ho sentito qualcuno camminare con i tacchi. Non è che potreste fare più attenzione? Grazie.	<i>Senhor, eu vou encontrar um amigo que está chegando hoje ao país mas vou chegar tarde ao encontro e preciso avisar. E meu telefone não está funcionando. Poderia me emprestar o celular para avisar para ele, por favor.</i> <i>Oi, tudo bem? Eu sou sua vizinha aqui de baixo e às vezes eu escuto alguns barulhos vindos do seu apartamento. Às vezes me atrapalha a dormir e eu acordo muito cedo. Você pode dar uma diminuída no som por favor?</i>

Se nei casi di GI e DS bassi la richiesta sembra funzionare benissimo anche senza giustificazione, che quindi viene spesso eliminata, quando GI e DS sono alti, diminuiscono moltissimo le occorrenze in cui si chiede senza spiegarne le motivazioni. I parlanti tendono quindi di solito a dilungarsi, descrivendo i motivi e l'urgenza delle loro richieste, probabilmente per rendere più plausibile la richiesta, ma anche per aumentare le possibilità che venga esaudita. Chiedere un bicchier d'acqua a casa di un amico senza aggiungere spiegazioni, è certamente immaginabile, ma si può chiedere un cellulare in prestito a uno sconosciuto senza dirgli perché?

Ciò significa che una richiesta più difficile da esaudire richiede dal parlante un maggiore sforzo o "face work". Le motivazioni possono essere di almeno due tipi: da un lato, evitare

una minaccia alla faccia positiva o all'immagine del parlante, che si trova in una situazione di vulnerabilità e ha bisogno che i meccanismi sociali di solidarietà vengano attivati; dall'altro, minimizzare un'invasione del territorio o della libertà di scelta dell'interlocutore, che si vede obbligato a prendere una decisione ed eventualmente, a seconda della sua disponibilità, a eseguire l'azione sollecitata.

Alcune riflessioni conclusive

Dall'analisi appena esposta si evince che l'ipotesi da cui siamo partite viene, almeno in parte, confermata, visto che le richieste in italiano e portoghese brasiliano hanno tendenzialmente caratteristiche simili, ma anche differenze che è utile conoscere, perché è da lì che possono nascere situazioni di potenziale incomprensione o altre difficoltà nella comunicazione interculturale. Ripartendo dagli obiettivi dello studio, ricapitoliamo di seguito i principali risultati, focalizzando soprattutto in che cosa divergono le lingue esaminate.

Per quanto riguarda l'(in)direttezza e la prospettiva, gli esiti vanno nella stessa direzione sia in italiano che in portoghese brasiliano, con la predominanza di atti convenzionalmente indiretti (**ap2**) associati alla prospettiva di seconda persona (**pp2**). L'italiano, tuttavia, rivela una peculiarità legata all'uso della prospettiva di prima persona (**pp1**). Si tratta di una strategia che, se, da un lato, permette al parlante di spostare su sé stesso il ruolo di agente principale della richiesta, dall'altro, visto che la struttura contiene spesso il modale "potere", esprime un'apparente richiesta di permesso per portare a termine l'azione che gli concederà ciò di cui ha bisogno per mezzo di una sorta di condivisione della responsabilità tra il parlante e il suo interlocutore.

L'osservazione della convenzionalità dell'atto linguistico analizzato mostra che tanto in portoghese quanto in italiano si riscontra un'indubbia tendenza a formulazioni ricorrenti, talvolta persino identiche. Un aspetto che merita attenzione è però che in italiano vi è un uso più frequente del condizionale associato ai verbi che si riferiscono direttamente alla richiesta e che ciò accade indipendentemente da grado di imposizione (GI) e distanza sociale (DS), probabilmente perché nelle richieste la scelta di questo modo verbale è così convenzionalizzata da non sembrare influenzabile dalle variabili manipolate.

Si è visto poi che appelli e giustificazioni sono gli atti di supporto più frequenti nei due campioni esaminati con occorrenze molto elevate quando GI e DS sono alti. In questo tipo di situazione, mentre per le giustificazioni il comportamento delle due lingue è analogo, per gli appelli la percentuale in italiano è significativamente superiore. Inoltre, sempre in italiano, si registra una maggiore convenzionalità nell'impiego di "scusi" come formula per il contatto con persone che non si conoscono, mentre in portoghese brasiliano convivono varie opzioni, lasciando al parlante una più ampia possibilità di scelta. Un aspetto saliente, comunque, è che in italiano, a differenza del portoghese, predominano formule che tendono a mettere in primo

piano il rispetto del territorio altrui, cosa che potrebbe evidenziare una diversa tendenza nelle due culture.

Questi primi risultati mostrano che ricerche basate su corpora in diverse lingue, elicitati a partire dalla stessa metodologia e dallo stesso contesto, possono far luce sia su tendenze generali che su peculiarità e singoli elementi ricorrenti, fornendo così spunti per la riflessione sulle lingue e sulle culture. Lo studio qui presentato si basa su campioni relativamente limitati e raccolti tramite un'unica metodologia, cosa che non solo ostacola l'elicitazione di caratteristiche potenzialmente in grado di rivelare altre dinamiche di rilievo della comunicazione all'interno della stessa lingua e tra diverse lingue e culture, ma rende difficile estendere i risultati, sia dal punto di vista della produzione che della percezione degli atti linguistici in analisi. I progetti attualmente in corso prevedono misure come: i) l'aumento del numero di parlanti che costituiscono i corpora; ii) l'impiego di differenti metodologie in modo da permettere la triangolazione dei dati; iii) l'inclusione di almeno una terza lingua nell'analisi che potrà aumentare l'affidabilità dei risultati. Ci auguriamo di poter passare così dai primi indizi ad approfondimenti sulla riflessione che riguarda la comunicazione interculturale tra brasiliani e italiani e ciò che la può influenzare.

Riferimenti bibliografici

AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. London: Oxford University Press, 1962.

BARTALI, V. Request realisation strategies in Italian: The influence of the variables of Distance and Weight of Imposition on strategy choice. *Lodz Papers in Pragmatics*, 18.1, 2022, p. 55–90. DOI: <https://doi.org/10.1515/lpp-2022-0003>

BLUM-KULKA, S.; HOUSE, J. J.; KASPER, G. *Cross-Cultural Pragmatics: Requests and Apologies*. Norwood, New Jersey: Alex Publishing Corporation, 1989.

BLUM-KULKA, S. The Metapragmatics of Politeness in Israeli Society. In Watts, R. et al. (Eds.) *Politeness in Language: Studies in its History, Theory, and Practice*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1992.

BRIZ, A.; ALBELDA, M. Una propuesta teórica y metodológica para el análisis de la atenuación lingüística en español y portugués. La base de un proyecto en común (ES.POR. ATENUACIÓN), *ONOMÁZEIN* 28, 2013, p. 288 - 319.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Some Universals in Language Use*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAFFI, C. *La mitigazione*. Un approccio pragmatico alla comunicazione nei contesti terapeutici. Muenster, LIT, 2001.

CAFFI, C. *Pragmatica: sei lezioni*. Roma: Carocci, 2009.

GOFFMAN, E. *Ritual de Interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Trad. F. Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes. (Titolo originale: *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*. New York: Garden City), 2011 [prima edizione: 1967].

GOLATO, A. Studying Compliment Responses A Comparison of DCTs and Recordings of Natural Occurring Talk. *Applied Linguistics*, 24, 2003, 90-121. DOI: <https://doi.org/10.1515/text.1.21.1-2.187>

KERBRAT-ORECCHIONI, C. *Les actes de langage dans le discours*. Théorie et fonctionnement. Paris: Nathan, 2001.

NUZZO, E. *Imparare a fare cose con le parole*. Richieste, proteste, scuse in italiano lingua seconda. Perugia: Guerra Edizioni, 2007.

PORCELLATO, A. M.; SPADOTTO, L. do N.; SILVA NETO, M. da. Dalla ricerca alla didattica: proposte per promuovere la consapevolezza metapragmatica e la competenza interculturale nell'insegnamento di italiano L2 ad apprendenti brasiliani. *Revista de Italianística*, 44, 135-161, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.i44p135-161>

SANTORO, E. Richieste e attenuazione: un confronto tra italiano e portoghese brasiliano. *Normas*, vol. 7, n. 2, 2017, p. 179-204. DOI: [10.7203/Normas.v7i2.11173](https://doi.org/10.7203/Normas.v7i2.11173)

SANTORO, E.; PORCELLATO, A. M. Língua, cultura e cognição: um estudo do ato de fala do pedido em italiano, português brasileiro, espanhol argentino e alemão. *PERcursos Linguísticos*, v. 10, n. 26, 2020 p. 49-71. DOI: <https://doi.org/10.47456/pl.v10i26.33412>

SANTORO, E.; PORCELLATO, A. M. Escolhas linguísticas e valores culturais na construção interacional de pedidos de brasileiros e italianos. *Linguagem em (dis)curso* 22 (3), Set-Dez 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-22-03-465-482>

SANTORO, E.; SILVA, L. A.; KULIKOWSKI, M. Z. Estudar pedidos na perspectiva da Pragmática cross-cultural. In: SANTORO, E.; SILVA, L.A; Kulikowski, M. Z. (a cura di.) *Estudos em Pragmática: atos de fala em português, italiano, espanhol e inglês*. São Paulo: Portal de Livros Abertos da USP, 2021, p. 13-36.

SBISÀ, M. *Linguaggio, ragione e interazione: per una pragmatica degli atti linguistici*. Edizione digitale: Edizioni Università di Trieste, 2009 [prima edizione: 1989].

SCHALKOSKI-DIAS, L; GODOY, E. Supportive moves in requests and orders in Brazilian portuguese and Uruguayan spanish variant. *Acta Scientiarum. Language and Culture*, vol. 40, 2018. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v40i1.36434>

SEARLE, J. *Expression and Meaning*. Studies in the Theory of Speech Acts. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

THOMAS, J. Cross-Cultural Pragmatic Failure. *Applied Linguistics*, 4, 1983, p. 91-112.
DOI: <https://doi.org/10.1093/applin/4.2.91>

Ricevuto il: 26/07/2023

Accettato il: 25/10/2022

**“È UN COMPLIMENTO?”, “IST DAS EIN
KOMPLIMENT FÜR DICH?”.
COMPLIMENTI IMPLICITI IN SOCIAL NETWORK
ITALIANI E TEDESCHI**

**“È un complimento?”, “Ist das ein
Kompliment für dich?”. Elogios implícitos
nas redes sociais italianas e alemãs**

**“È un complimento?”, “Ist das ein Kompliment
für dich?”. Implicit Compliments in
Italian and German Social Networks**

MIRIAM RAVETTO *

ABSTRACT: Il complimento è uno degli atti linguistici più studiati, come dimostra l’ampia letteratura dedicata a questo argomento. Tuttavia, le ricerche si concentrano soprattutto sull’uso dei complimenti espliciti probabilmente perché essi ricorrono con maggiore frequenza di quelli impliciti. Il presente contributo si propone di esaminare i complimenti impliciti, in cui i destinatari «need to infer the corresponding implicature for their interpretation» (MAÍZ-ARÉVALO, 2012, p. 983; cfr. anche BOYLE, 2000), in un corpus di interazioni in italiano e in tedesco attinte da due social network, Instagram e WhatsApp. In primo luogo, lo studio esamina e confronta, sia dal punto di vista qualitativo che quantitativo, i modelli comunicativi utilizzati per esprimere i complimenti impliciti nelle due lingue; in

*Docente – Università del Piemonte Orientale
miriam.ravetto@uniupo.it (ORCID:0000-0002-4099-974X)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i48p95-122>



seguito, attraverso un'analisi dettagliata delle reazioni ai complimenti da parte dei destinatari, esplora come gli atti linguistici in esame vengano percepiti dagli utenti delle piattaforme italiane e tedesche e rileva quali tipologie di risposta sono principalmente utilizzate dal soggetto complimentato.

PAROLE CHIAVE: Complimento; Risposta al complimento; Pragmatica cross-culturale; Social media.

RESUMO: O elogio é um dos atos de fala mais estudados, como atesta a vasta literatura dedicada a esse tema. No entanto, a pesquisa se concentra principalmente no uso de elogios explícitos, provavelmente porque eles ocorrem com mais frequência do que os implícitos.

Esta contribuição visa examinar elogios implícitos, ou seja, aqueles em que os destinatários «precisam inferir a correspondente implicatura para sua interpretação» (MAÍZ-ARÉVALO, 2012, p. 983; ver também BOYLE, 2000), em um corpus de interações em italiano e em alemão retiradas de duas redes sociais, Instagram e WhatsApp. Em primeiro lugar, o estudo examina e compara, qualitativa e quantitativamente, os modelos de comunicação usados para expressar elogios implícitos nas duas línguas; posteriormente, por meio de uma análise detalhada das reações dos destinatários dos elogios, explora como os atos de fala em questão são percebidos pelos usuários das plataformas italiana e alemã e detecta quais tipos de respostas são mais utilizados pelo sujeito elogiado.

PALAVRAS-CHAVE: Elogio; Resposta ao elogio; Pragmática cross-cultural; Mídia social.

ABSTRACT: Compliment is one of the most widely studied speech acts, as the extensive literature devoted to this topic shows. However, research mainly focuses on formulaic complimenting, probably because explicit compliments are far more frequent than implicit ones.

The present contribution aims to investigate implicit compliments, i.e., those where hearers «need to infer the corresponding implicature for their interpretation» (MAÍZ-ARÉVALO, 2012, p. 983; cf. also BOYLE, 2000), in a corpus of digital exchanges in Italian and German drawn from two social networking sites, Instagram and WhatsApp. Firstly, the study examines and compares, from both a qualitative and quantitative point of view, the linguistic patterns used to express implicit compliments in the two languages; then, through a detailed analysis of the reactions of compliments' addressees, it explores how these speech acts are perceived by Italian and German social network users and what response types

are mainly used by the complimented person to react to the implicit positive evaluation.

KEYWORDS: Compliment; Compliment response; Cross-cultural pragmatics; Social media.

1. L'atto linguistico del complimento

Come afferma Holmes (1986), un complimento è un atto linguistico con cui il parlante esprime una valutazione positiva di un “bene”, più precisamente un oggetto, una caratteristica o un'abilità posseduti dall'interagente:

Il complimento è un atto linguistico che esplicitamente o implicitamente attribuisce credito a qualcuno di diverso dal parlante, generalmente la persona a cui ci si rivolge, per qualche ‘bene’ (oggetto posseduto, caratteristica, abilità ecc.), che è valutato positivamente dal parlante e dall'ascoltatore¹ (p. 485)

Rappresenta un atto complesso che mostra una duplice natura illocutoria (ALFONZETTI, 2007 e 2010): esprimendo ammirazione, rientra tra gli atti espressivi, mostrando una funzione di *supportive action* rivolta verso il destinatario (POMERANTZ, 1978); al contempo, però, può essere considerato anche un atto verdetivo, in quanto veicola una valutazione.

Il complimento è da interpretarsi come un “regalo verbale” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1987, p. 15), un atto di cortesia positiva, finalizzato a soddisfare il bisogno di essere apprezzati, in conformità alla *Massima della Approvazione* (LEECH, 1983), e a creare, negoziare, rafforzare la solidarietà con l'interlocutore². Quale atto fatico che esprime un coinvolgimento nei confronti del destinatario e determina un avvicinamento tra i parlanti, il complimento rientra perfettamente nell'ambito della comunicazione emotiva (cfr. CAFFI; JANNEY, 1994). L'importante funzione sociale di questo atto linguistico emerge con evidenza nei contesti conversazionali in cui esso accompagna azioni dispreferite (LEVINSON, 1983) che minacciano la faccia del destinatario:

(1)

C01: ne vorresti ancora un sorso?

A02: no grazie anche se buonissima sta tua limonata ‘na bomba

C03: grazie <pb> <eh> ricetta segreta <risata>

A04: <risata>³

1 *The compliment is a speech act which explicitly or implicitly attribute credit to someone other than the speaker, usually the person addressed, for some ‘good’ (possession, characteristic, skill, etc.) which is positively valued by the speaker and the hearer.*

2 Si veda a questo proposito Bettoni (2006, p. 98), che afferma che “l'atto del complimentarsi è un atto espressivo usato con funzione conviviale, che si compie per stabilire e mantenere la *comity*”.

3 Gli esempi riportati nel paragrafo introduttivo sono tratti dal corpus Co.Cor (*Compliment Corpus*, <http://www.cocor.eu/>), una banca dati multilingue, in cui sono presenti allo stato attuale più di

Nell'attestazione (1) il complimento *buonissima sta tua limonata 'na bomba'* segue immediatamente un'azione comunicativa dispreferita, il rifiuto dell'offerta, avanzata dall'interagente, di un altro sorso di bevanda.

Esistono anche altre funzioni dei complimenti. In specifiche situazioni comunicative e in particolari contesti culturali l'espressione di una valutazione positiva nei confronti di un attributo o di un oggetto in possesso dell'interlocutore può essere un modo per ottenere informazioni relative all'entità complimentata. Come osserva Jaworski (1995, p. 79), la funzione di *information seeking* è frequente in polacco. Inoltre, un complimento potrebbe anche fungere da richiesta. Se rara o comunque inusuale nella cultura occidentale, questa funzione è frequentemente attestata in altre realtà culturali. Holmes e Brown (1987) citano, ad esempio, la cultura samoana, nella quale il complimento è normalmente interpretato come un desiderio di possedere il bene apprezzato, che il soggetto complimentato si sente quindi in dovere di donare al suo interagente.

I complimenti sono un fenomeno ampiamente studiato, come dimostra la ricca bibliografia al proposito. La maggior parte degli studi si è sinora concentrata sui complimenti espliciti, indagando le modalità di formulazione (cfr. ad es. MANES; WOLFSON, 1981; ALFONZETTI, 2009 [2006]), la risposta che ne segue (HERBERT; STRAIGHT, 1989; FRESCURA, 1996; GOLATO, 2002; TRAN, 2007; CHEN; YANG, 2010), l'influenza di diverse variabili nella gestione dell'atto, tra cui ad esempio il genere, l'età dei parlanti o la varietà areale (HOLMES, 1988; HERBERT, 1990; REES-MILLER, 2011; YING LIN et al., 2012; GUO et al., 2012; CASTAGNETO 2016). Altri lavori propongono analisi comparative che mettono a confronto due o più lingue e culture (NELSON et al., 1996; LORENZO-DUS, 2001; MIRONOVSKI, 2009; CHEN, 2010; RAVETTO, 2012, 2013; RAVETTO; CASTAGNETO in stampa).

Nei complimenti espliciti l'apprezzamento è espresso apertamente attraverso forme dal significato valutativo positivo, in modo particolare aggettivi (ad esempio *belli* in 2), ma anche avverbi, nomi e verbi in funzione performativa (ad es. *complimentarsi* in 3).

(2)

A01: Ma che belli questi capelli tagliati me ne sono accorta solo ora!

C02: <sorriso>

2000 complimenti in italiano e circa 700 in tedesco, accanto ad attestazioni in altri idiomi, e che raccoglie audio-, video-registrazioni e trascrizioni di segmenti di parlato contenenti l'atto linguistico del complimento e la risposta a esso. I dati sono trascritti attraverso il sistema di annotazione del corpus AVIP (<http://www.parlaritaliano.it/~parole/api/documenti/Codifica%20segmentale.PDF>). All'interno delle trascrizioni A è sempre il soggetto che formula il complimento (esplicito o implicito), mentre C è il destinatario dell'apprezzamento. Se intervengono altri partecipanti, sono identificati con altre lettere, ad esempio T.

(3)

A01: mi devo proprio complimentare con te per l'ottima cena

C02: <uh> grazie <pb> ma #<A03> che carino#

A03: #<C02> brava brava#

Per quel che riguarda la realizzazione verbale dei complimenti espliciti, molti studi notano il ricorso in svariate lingue ad un numero circoscritto di elementi lessicali e strutture sintattiche. Ad esempio, in riferimento al tedesco, Golato (2005) individua la presenza di poche costruzioni fisse e routinizzate. Il turno di parola che contiene l'atto del complimento si apre generalmente con un segnale conversazionale, come *übrigens* ('tra l'altro') o *aber* ('ma', esempio (4)), seguito da una forma pronominale (*die* nell'attestazione citata), dal verbo essere, da un aggettivo positivo (ad es. *schön*, 'bello') ed eventualmente dalla specificazione, attraverso una forma nominale, dell'entità complimentata (si veda sotto *deine Tasche*, 'la tua borsa'). Probst (2003) osserva anche che nelle attestazioni autentiche esaminate nel suo studio ricorrono gli stessi intensificatori anteposti alle forme aggettivali e avverbiali: *wirklich* ('davvero'), *total* ('totalmente') e *richtig* ('davvero'). Quest'ultimo è presente anche nell'esempio che segue:

(4)

A01: *aber die ist richtig schön <ehm> deine Tasche*

(ma è davvero bella ehm la tua borsa)

C02: <ah> *danke sehr*

(ah grazie molte)⁴

L'uso di costruzioni standardizzate, da un lato, rende il complimento facilmente identificabile, evitando fraintendimenti e permettendo all'interlocutore, a cui è rivolto l'apprezzamento, di reagire in modo adeguato. Dall'altro lato, il ricorso a strutture ripetute e routinizzate ha anche una funzione legata alla relazione sociale tra i parlanti, in quanto produce una semplificazione e riduce le divergenze che possono manifestarsi tra partecipanti con background sociali e culturali diversi.

1.1 I complimenti impliciti

Se, come detto sopra, sono numerosi i lavori scientifici che si occupano dei complimenti espliciti, solo pochi studi si sono sinora concentrati sui complimenti impliciti, oggetto del presente contributo (si vedano ad es. ALFONZETTI, 2010; MAÍZ-ARÉVALO, 2012; AL-BATAINEH, 2017).

4 Gli esempi in tedesco sono accompagnati dalla mia traduzione in italiano.

Secondo Boyle (2000) i complimenti impliciti sono quelli in cui la valutazione positiva non è asserita, ma presupposta ed è interpretabile come tale attraverso un processo inferenziale fondato sulle conoscenze extralinguistiche degli interlocutori o sulle massime del principio di cooperazione di Grice⁵.

(5)

A01: il cellulare è nella borsa di Rosaria altrimenti ti avrei registrato!

C02: grazie <pb> serve pagare 'sto corso <eh> <risata> la voce viene fuori

A03: <risata>

In (5) i due interlocutori si trovano al saggio di canto di C. La formulazione del parlante A che lamenta il fatto di non aver potuto registrare la performance di C è interpretata da quest'ultima come un complimento alla sua voce. C, infatti, reagisce prontamente al turno di A con un ringraziamento, una frequente tipologia di risposta ai complimenti (cfr. i dati italiani in RAVETTO, 2012), e poi riporta la ragione che spiega la sua abilità canora.

Secondo Brown e Levinson (1987) i complimenti espliciti sono strategie “*on record*”, mentre quelli impliciti - come suggerisce il nome stesso - rappresentano un atto comunicativo “*off record*”. Entrambe le modalità presentano vantaggi e svantaggi. Un complimento esplicito evita ambiguità e comporta onestà e franchezza da parte di chi parla, al contempo però può risultare anche minaccioso per la faccia di chi lo esprime, in quanto l'interlocutore potrebbe interpretarlo come un commento sgradito o imbarazzante. Inoltre, il complimento costituisce anche una minaccia per la faccia negativa del destinatario (BROWN; LEVINSON, 1987), perché pone in debito chi lo riceve, costringendolo a reagire in qualche modo alla formulazione o addirittura, come accade in alcune lingue e culture (cfr. §1), a cedere l'oggetto complimentato.

I complimenti impliciti sembrano di più facile gestione comunicativa e accettazione, come osserva Bruti:

[I complimenti impliciti] riducono certamente la potenziale minaccia alla faccia negativa del destinatario che spesso emerge sotto forma di imbarazzo di fronte a complimenti espliciti. In questi contesti, infatti, il soggetto complimentato tende a rispondere minimizzando l'apprezzamento espresso. Al contrario, con i complimenti impliciti il destinatario ha meno difficoltà ad accettare la valutazione positiva espressa dal suo interlocutore⁶. (2006, pp. 195-196)

5 Cfr. Boyle (2000, p. 28): “They [implicit compliments] are those in which the value judgment is presupposed and/or implicated by Gricean maxims”.

6 [Implicit compliments] certainly reduce the potential threat to the addressee's negative face that often emerges in the form of embarrassment in front of overt compliments. In fact, on such occasions

Queste osservazioni potrebbero indurre a pensare che i complimenti impliciti siano più frequenti di quelli espliciti e soprattutto attestati in contesti conversazionali in cui la relazione tra gli interagenti non è particolarmente stretta. Studi approfonditi su idiomi differenti dimostrano, al contrario, che i complimenti espliciti sono molto più utilizzati di quelli impliciti e ricorrono anche in interazioni tra partecipanti non necessariamente legati da rapporti di amicizia o simili (cfr. ad es. YLÄNNE-MCEWEN, 1993; YUAN, 2002; BRUTI, 2006). Secondo Maíz-Arévalo (2012) l'evidente preferenza d'uso dei complimenti espliciti potrebbe essere legata al rischio di fraintendimenti che un apprezzamento in forma implicita produce.

Sebbene si affermi che i complimenti impliciti, a differenza di quelli espliciti, non mostrano strutture ripetute e routinizzate, anche per i primi si possono individuare lessemi e costruzioni che ricorrono con elevata frequenza e, in forma analoga, in diverse lingue. Ad esempio, il complimento implicito rivolto a una donna "Tuo marito è un uomo fortunato" che si ritrova spesso nei dati italiani, è attestato anche – come dimostrano vari studi – in inglese e in spagnolo (MAÍZ-ARÉVALO, 2012).

Inoltre, Boyle (2000) nota la presenza di due *pattern* di formulazione dei complimenti impliciti che si ripetono con frequenza. Si tratta, nel primo caso, di paragonare l'interagente, a cui si rivolge la valutazione positiva, con una persona apprezzata da entrambi i partecipanti all'interazione:

(6)

A01: <uh> dein Make-up <pb> diese Augen wie <hm> wie Angelina Jolie

(uh il tuo trucco questi occhi come hm come Angelina Jolie)

C02: <oh> aber du bist so übertrieben #<A03> komm schon <oh> okay# schön aber nicht perfekt komm schon

(oh ma sei così esagerata dai oh okay carini ma non perfetti dai)

A03: #<C02 <mmm> aber nein# okay <pb> aber sie sind cool

(mmm ma no okay ma sono fighi)

C04: danke

(grazie)

In (6) il parlante tedesco A paragona gli occhi truccati dalla sua interlocutrice a quelli dell'attrice Angelina Jolie. C reagisce al complimento implicito, discreditando il soggetto complimentante (<oh> aber du bist so übertrieben) e riducendo l'intensità dell'apprezzamento (komm schon

the complimentee tends to respond so as to downplay the expressed praise. On the contrary, with implicit compliments the complimentee finds it less difficult to accept the content of the assertion made by the speaker.

<oh> okay# schön aber nicht perfekt komm schon). Dopo la reiterazione del complimento, questa volta in forma esplicita (*aber sie sind cool*), C approva la valutazione positiva, ringraziando.

Una seconda modalità di formulazione implicita consiste nel riferimento a qualcosa che l'interlocutore ha compiuto e di cui è particolarmente fiero, come nell'attestazione che segue.

(7)

A01: <eh> guidi una macchina così grande e #<T02> pure pure# con il cambio <pb> #<C03> <hm> automatico#!

T02: #<A01> <eh> è un figo#

C03: #<A01> sì automatico# okay ma è da un po' che ci guido <eh> sono un grande esperto oramai #<A04> <risata>#

A04: #<C03> <risata>#

In (7) il soggetto complimentante, attraverso una frase esclamativa, esprime un apprezzamento implicito nei confronti del suo interlocutore, che si dimostra abile a guidare un'auto di grandi dimensioni e dotata di cambio automatico. Un secondo partecipante all'interazione (T) interviene e trasforma il complimento implicito in una formulazione esplicita (*è un figo*). Il turno dell'interagente complimentato, C, si apre con il riferimento diretto al cambio automatico citato da A. Segue un'accettazione del complimento con una giustificazione (*okay ma è da un po' che ci guido*) e un'intensificazione della valutazione, da intendersi in senso ironico (*sono un grande esperto oramai*).

Come osserva anche Boyle (2000), le due modalità di formulazione dei complimenti impliciti sopra menzionate sono sfruttate nel caso in cui la valutazione positiva interessi l'aspetto fisico (ad es. il trucco in (6)) o particolari abilità (la capacità di guidare in (7)).

2. Le risposte al complimento

A differenza della verbalizzazione del complimento che, come affermato in §1, spesso si realizza attraverso il ricorso a poche strutture routinizzate, la risposta ad un apprezzamento positivo è molto varia e mostra l'uso di diverse strategie e di un ampio spettro di costruzioni sintattiche e forme lessicali.

Come nota già Pomerantz (1978), la necessità di reagire ad un complimento colloca il destinatario in uno stato di “*in between-ness*”, imprigionandolo tra due principi antitetici:

- (i) evitare di essere in disaccordo con l'interlocutore
- (ii) evitare di autoelogiarsi.

L'accettazione compiaciuta di una valutazione positiva rischia di apparire come un atteggiamento di eccessiva autostima, riducendo la solidarietà con l'interlocutore. Herbert

(1989) sostiene perciò che le reazioni a un complimento pragmaticamente più adeguate sono quelle che coinvolgono e uniscono in sé entrambi i principi teorizzati da Pomerantz.

Le risposte al complimento sono state esaminate e classificate in diversi studi (cfr. ad es. HOLMES, 1988; FRESCURA, 1996; GOLATO, 2005). Riprendendo e ampliando precedenti tipologizzazioni, Ravetto (2012) e Castagneto e Ravetto (2015) propongono una nuova categorizzazione, che è usata anche per l'analisi descritta nel presente contributo ed è illustrata nella Tabella 1.

Tabella 1 – Classificazione dei tipi di risposta al complimento

Tipologia	Esempi (fonte: Co.Cor, <i>Compliment Corpus</i>)
I. Accettazione diretta	
1. Ringraziamento	A01: che belli sti pantaloni! C02: ma grazie!
2. Accettazione compiaciuta	A01: alla fine hai avuto successo e sei stato grande! C02: lo so <pb> me lo hanno detto in molti
3. Accettazione	A01: il tuo smalto è bellissimo C02: sì amore mio
4. Accettazione non verbale	A01: che bella macchina che hai C02: <sorriso>
5. Ricambio	A01: proprio bella la tua borsa! C02: a me piace molto la tua invece
II. Accettazione limitata	
6. Accettazione ironica	A01: sei elegantissimo, complimenti C02: sì, sono un gran figo <risata> A03: <risata>
7. Minimizzazione	A01: bella sta canotta C02: <mmm> carina <pb> niente di che

Tipologia	Esempi (fonte: Co.Cor, <i>Compliment Corpus</i>)
8. Deflessione laterale (a) deflessione laterale del merito (b) deflessione laterale della qualità (c) deflessione laterale del topic (con spiegazione o giustificazione)	A01: hai proprio una bella collezione di piatti C02: molti li ha fatti a mano mia zia A01: bel maglione, ti dona proprio C02: tiene caldissimo <pb> va benone per questa stagione A01: che bei capelli! C02: li ho tagliati, figurati che sono cresciuti <pb> li avevo fin qua
9. Richiesta di rassicurazione	A01: bravo, ti sei difeso bene C02: sei sicuro? A03: ovvio <pb> hai risposto praticamente a tutto!
III. Non Accettazione	
10. Deflessione riduttiva	A01: <ah> belli sti stivali, dove li hai presi? C02: non te li consiglio, fanno un male ai piedi!
11. Discredito del soggetto complimentante	A01: che bella pettinatura oggi! C02: ma sei cieca?
12. Discredito del soggetto complimentato	A01: dai, hai una bella voce C02: sì, 'na rana gracchiante!
13. Rifiuto	A01: che buon caffè Manuelina C02: a me non piace 'sto caffè
IV. Non Riconoscimento	
14. Non riconoscimento	A01: che bel vestito! C02: mi passi il cellulare?

Essendo individuabili nel complimento una componente sia supportiva che verdittiva (cfr. §1), le risposte si dispiegano lungo due *continua*: quello di accettazione/non accettazione che

rispecchia la dimensione espressiva dell'atto, e quello di accordo/disaccordo che rispecchia invece la funzione di asserzione valutativa. Sulla scia di molti lavori precedenti (ad es. TRAN, 2007) e dello studio pionieristico sul complimento di Pomerantz (1978), che considera l'accordo come un'accettazione e il disaccordo come una forma di non accettazione, la categorizzazione proposta classifica le risposte all'interno del *continuum* accettazione/non accettazione, privilegiando la funzione maggiormente rappresentativa del complimento, ovvero quella espressiva (la funzione verdittiva è comune a più atti linguistici).

Come si evince dalla Tabella 1, sono state identificate quattro macro-categorie di risposta. L'"accettazione diretta", l'"accettazione limitata" e la "non accettazione" sono disposte lungo il *continuum* accettazione/non accettazione, mentre il "non riconoscimento" è una strategia di non risposta, che spesso serve al soggetto complimentato per sfuggire il dilemma conversazionale legato alla gestione del complimento.

Le prime tre macro-categorie si suddividono poi in sotto-tipologie, per un totale di 14 differenti tipi di risposta⁷.

3. I complimenti impliciti nei social network italiani e tedeschi

3.1 Il corpus

L'analisi empirica qui proposta si basa su un *corpus* di messaggi e testi (*post*) in italiano e in tedesco attinti da due *social network*, WhatsApp e Instagram. I dati sono stati raccolti nel periodo compreso tra aprile 2022 e febbraio 2023 e sono stati prodotti da utenti, quasi equamente divisi tra maschi e femmine, di età compresa tra i 15 e i 30 anni⁸. Nel suo complesso, il *corpus* è così composto: 6.561 messaggi WhatsApp in italiano e 5.980 in tedesco; 7.912 *post* Instagram per l'italiano e 7.788 per il tedesco. La raccolta, soprattutto per Instagram, è stata abbastanza complessa data la natura molto varia dei *post*, che possono essere brevi testi, immagini o video. Per scaricare i dati è stato usato il *software Instaloader*. Nonostante i testi estratti attraverso l'utilizzo di questo strumento presentino alcune irregolarità rispetto alla versione originale (ad es. l'uso della punteggiatura o di caratteri particolari), i materiali testuali ottenuti risultano perfettamente leggibili e osservabili ai fini della presente indagine.

7 Per un'analisi dettagliata e un'esemplificazione delle diverse categorie si rimanda a Ravetto (2012), Castagneto e Ravetto (2015), Castagneto e Sidraschi (2018).

8 Per la raccolta dei dati si ringraziano, in modo particolare, studenti italiani e tedeschi di scuole secondarie di secondo grado e di diverse università.

Si è scelto di condurre l'analisi su testi tratti da piattaforme social perché, a differenza di altre tipologie testuali, sono materiali ancora poco esplorati soprattutto dal punto di vista pragmatico (per l'analisi di alcuni fenomeni pragmatici si veda HERRING et al., 2013). Inoltre, questo tipo di interazioni risulta essere particolarmente ricco di complimenti. Gli utenti spesso condividono foto, video o comunicazioni per ricevere valutazioni positive dagli altri *user* della loro rete. Si potrebbe immaginare che la maggior parte dei complimenti formulati attraverso questi canali comunicativi siano in forma esplicita, anche perché i complimenti impliciti, come notano alcuni studi, dovrebbero ricorrere principalmente in contesti in cui la relazione tra gli interagenti non è stretta (cfr. §1.1 e MAÍZ-ARÉVALO 2012). In realtà, la ricerca ha mostrato come i complimenti impliciti siano presenti e ricorrano con una certa frequenza anche nei dati esaminati, in cui i parlanti⁹ sono amici, fidanzati, coniugi o conoscenti (cfr. §3.2).

L'analisi empirica di seguito descritta prende in considerazione la frequenza dei complimenti impliciti nelle due lingue, le modalità di formulazione utilizzate e le tipologie di risposte attestate.

3.2 La formulazione dei complimenti impliciti

I complimenti impliciti individuati nei due *social network* italiani sono in tutto 180, mentre ricorrono in numero più esiguo (87) nei dati tedeschi. Si tratta nella maggior parte dei casi di valutazioni positive dell'aspetto fisico o di oggetti dell'interagente, in seguito alla condivisione di immagini. Più raramente gli utenti rivolgono un apprezzamento implicito ad abilità pratiche o intellettuali, in quanto spesso difficili da mettere in mostra attraverso messaggi o *post* su *social network*.

9 In riferimento alle attestazioni dei *social network*, in questo contributo, viene usata la terminologia diffusa nell'ambito dell'analisi del parlato (ad es. *parlante*, *interagente* accanto ad *utente* o *user*), in quanto i messaggi e i *post* condivisi attraverso le piattaforme online, seppur scritti, riportano tratti dell'interazione dialogica (cfr. a questo proposito le riflessioni in COPPOCK; VIOLI, 1999, p. 353-356 e lo studio di diversi fenomeni in MARX et al., 2019). Occorre però sottolineare che le conversazioni sulle reti sociali, sebbene presentino caratteristiche tipiche dei dialoghi *face-to-face* o a distanza (ad es. al telefono), si differenziano da questi ultimi per una serie di aspetti soprattutto inerenti alla sequenza conversazionale: il passaggio dei turni avviene in modo lineare (il parlante reagisce solo dopo aver letto il messaggio o il *post* del suo interlocutore) e non sussistono sovrapposizioni di turni di parola. Generalmente, non si attesta asimmetria interazionale, ma tutti i partecipanti hanno analogo o simile potere nella strutturazione e nella gestione dello scambio dialogico. Inoltre, sono assenti i segnali non verbali, come movimenti del viso e gestualità corporea che, tra le tante funzioni (ad es. espressione di emozioni), servono anche a sincronizzare la sequenza interattiva e a favorire l'avvicendamento dei turni.

La Tabella 2 illustra la distribuzione delle diverse modalità di formulazione dei complimenti impliciti attestate nei dati delle due lingue in esame. La tassonomia qui proposta include tipologie di formulazione dei complimenti già presenti in altri studi sul tema (si veda ad esempio BOYLE, 2000 e MAÍZ-ARÉVALO, 2012) e attestate anche nei dati utilizzati ai fini della presente indagine, ad esempio la “comparazione” e il “riferimento a qualcosa di cui l’interlocutore va fiero”. Sono state poi aggiunte altre modalità espressive, come il “riferimento allo stato emotivo del parlante”, che si ritrovano nel *corpus* in esame ma che non sono state teorizzate in alcuno studio precedente.

Tabella 2 – Distribuzione delle modalità di formulazione dei complimenti impliciti

	Comparazione (es. <i>sembri Angelina Jolie</i>)	Riferimento a qualcosa di cui l’interlocutore va fiero (es. <i>guidi una macchina così grande!</i>)	Riferimento a terzi (es. <i>il tuo ragazzo è fortunato ad averti</i>)	Domanda rivolta all’interlocutore (es. <i>devi partecipare ad un provino di un film?</i>)	Riferimento a intenzioni/ desideri del parlante nei confronti dell’interlocutore (es. <i>ti ascolterei cantare tutto il giorno</i>)	Riferimento allo stato emotivo del parlante (es. <i>mi fai battere il cuore</i>)	Tot.
IT	71 (39,4%)	16 (8,9%)	19 (10,6%)	17 (9,4%)	38 (21,1%)	19 (10,6%)	180 (100%)
TED	45 (51,7%)	7 (8,1%)	17 (19,5%)	-	18 (20,7%)	-	87 (100%)
Tot.	116	23	36	17	56	19	267

La Tabella 2 mostra come nel *corpus* italiano occorrono sei diverse modalità di formulazione dei complimenti impliciti, mentre gli informanti tedeschi ne usino solo quattro. In generale, l’italiano manifesta quindi una maggiore varietà e creatività nella scelta dei modelli comunicativi per esprimere in modo indiretto una valutazione positiva.

La “comparazione”, uno dei due *pattern* contemplati da Boyle (2000) (cfr. § 1.1), è attestata con la maggior frequenza nelle interazioni sulle piattaforme social sia italiana (39,4% delle occorrenze totali) che tedesca (51,7%). In molti casi i destinatari dell’apprezzamento positivo sono paragonati a personaggi famosi, al fine di complimentare tratti del loro aspetto fisico.

(8)

A¹⁰: miiiiiiii in questa foto mi sembri leo amo

10 Al fine di garantire l’anonimato degli informanti, anche gli interagenti delle conversazioni esaminate e tratte dalle piattaforme social sono stati indicati con lettere alfabetiche: A corrisponde allo *user* che formula il complimento implicito, mentre C è il soggetto complimentato. Ogni riga dell’e-

C: ma di caprio?

A: si si amo

C: grazieeeeeeeee

(9)

A: *endlich angezogen? top du siehst so aus wie emma watson!!!!*

(finalmente indossato [un nuovo abito]? assomigli a Emma Watson!)

C: *danke* 😊

(grazie)

Nei due esempi proposti il soggetto a cui è rivolto il complimento implicito è paragonato ad un attore, che gli interagenti conoscono e apprezzano, Leonardo di Caprio nell'attestazione italiana e Emma Watson in quella tedesca. In (8) C reagisce alla valutazione positiva dapprima chiedendo conferma riguardo al termine di paragone usato dal suo interagente e poi ringraziando. Al complimento implicito in (9) segue un semplice ringraziamento. Da notare in entrambi i casi la presenza di un segnale para-verbale (*miiiiiii* in (8)) e verbale (*top* in (9)) che introduce la comparazione e anticipa la formulazione di un apprezzamento.

Non sempre il confronto viene interpretato come un complimento. Nel *corpus* italiano e tedesco sono presenti, infatti, casi – seppur molto rari – in cui la “comparazione” è fraintesa. Citiamo qui di seguito due esempi al proposito:

(10)

A: *ohi ti ho visto con la barba
assomigli a jason momoa!*

C: *fuck*

A: *ma è un complimento...*

è un figo per me ahahaha

C: *ok credevo mi insultassi
grazie allora*

(11)

A: *siehst wie eine hippie aus*

(assomigli a una hippie)

C: *ist das ein Kompliment für dich?*

(è un complimento per te?)

A: *JAAAAA ich liebe hippies*

(siiiiiiiii amo gli hippies)

C: ❤️

sempio corrisponde al singolo messaggio o *post*.

Nell'attestazione italiana (10) il confronto tra C e Jason Momoa non viene inizialmente apprezzato dal soggetto complimentato, che reagisce con *fuck*. L'interagente A risolve subito il fraintendimento che si è generato, esplicitando, attraverso un commento meta-pragmatico, che la sua formulazione andava intesa come un complimento e affermando di stimare la bellezza dell'attore usato come termine di paragone. La sequenza si conclude con l'intervento di C che ammette di aver mal interpretato l'atto comunicativo (*credevo mi insultassi*) e ringrazia per la valutazione espressa (cfr. esempi simili in MAÍZ-ARÉVALO, 2012).

Similmente, in (11) il complimento implicito non è subito interpretato come tale, C si accerta, infatti, che la comparazione tra lei e una *hippie* sia una valutazione positiva da parte della sua interlocutrice (*ist das ein Kompliment für dich?*); dopo aver ricevuto la conferma reagisce con un *emoticon* in segno di apprezzamento.

Il “riferimento a qualcosa di cui l'interlocutore va fiero”, il secondo *pattern* menzionato nello studio di Boyle (2000), è la modalità meno frequente sia in italiano (8,9%) che in tedesco (8,1%). La scarsa presenza di questa formulazione potrebbe dipendere dal fatto che, in questi casi, il complimento implicito è rivolto principalmente ad abilità dell'interlocutore (si veda sopra la capacità di guidare), mentre sui *social network* la maggior parte degli apprezzamenti interessa tratti dell'aspetto fisico. Analogamente a quanto osservato prima (cfr. esempio (7)), anche nei dati esaminati questa modalità di formulazione prevede quasi esclusivamente il ricorso a enunciati esclamativi, come in (12), in cui la frase *riesci a saltare così lungo!* è da intendersi come un complimento implicito in risposta ad un video in cui si vede C in una gara di atletica leggera.

(12)

A: madooo! quasi 4 metri! riesci a saltare così lungo!

C: siiiii

Gli altri due *pattern* sfruttati in entrambe le lingue sono il “riferimento a terzi” e il “riferimento a intenzioni/desideri del parlante nei confronti dell'interlocutore”; quest'ultimo mostra, tra l'altro, una frequenza molto simile in italiano (21,1%) e in tedesco (20,7%).

(13)

A: ahhhhh tuo padre che uomo fortunato ad accompagnarti all'altare!

C: ma grazie

ti adoro!

anche tu sei fantastica

(14)

A: *ich würde nur mit dir reisen wenn ich könnte*

(viaggerei solo con te se potessi)

aber wie du weißt...

(ma come sai...)

C: *ohhhh danke*
(ohhhh grazie)
wie nett
(che carino)

Nell'esempio italiano la *user A* fa riferimento ad una terza persona, esterna alla conversazione, il padre della ragazza, alla quale si rivolge, che reputa fortunato in quanto sarà lui ad accompagnare l'amica all'altare. Il complimento formulato attraverso questa modalità è subito inteso come tale da C che risponde con un ringraziamento e ricambia l'apprezzamento (*anche tu sei fantastica!*).

Nell'attestazione tedesca in (14) A esprime il suo desiderio di viaggiare solo con l'amico. Quest'ultimo reagisce con il segnale di apprezzamento *ohhhh danke* e un'esplicitazione della cortesia del suo interlocutore (*wie nett*).

Come si evince dalla Tabella 2, nei dati italiani in esame sono individuabili due modalità assenti in tedesco, più precisamente il "riferimento allo stato emotivo del parlante" (esempio (15) e la "domanda rivolta all'interlocutore" (16).

Nell'estratto che segue, l'interagente A, attraverso la manifestazione del suo stato d'animo, si complimenta implicitamente con il suo amico per la bravura nell'eseguire un brano musicale con il pianoforte. Anche in questo caso, come alcuni degli esempi sopra menzionati, l'apprezzamento implicito è introdotto da un segnale che esprime stupore (*uao*). Il soggetto a cui è destinato il complimento reagisce con un'accettazione ironica, indicata anche attraverso la forma paraverbale *aahahaha*.

(15)
A: uao! 'sto pezzo con il piano
mi vengono quasi i brividi!!!
C: è il mio intento aahahaha

Il ricorso ad una proposizione interrogativa, come sottolinea anche Maíz-Arévalo (2012), comporta il coinvolgimento dell'interlocutore, spingendolo a fornire una risposta. La domanda rappresenta perciò una modalità pragmatica adeguata a contesti in cui si vuole esprimere un complimento che – come abbiamo visto (cfr. §1) – ha soprattutto lo scopo di creare e rafforzare il rapporto con l'interagente. Nell'esempio sotto riportato, il parlante A, apprezzando l'eleganza di C, si rivolge alla sua interlocutrice con la domanda diretta *vuoi partecipare a miss eleganza 2022?*. Il soggetto a cui è destinato il complimento implicito ringrazia, ma poi minimizza la valutazione positiva espressa (*giusto un vestitino ma non elegantissimo*).

(16)
A: wow
vuoi partecipare a miss eleganza 2022?
ahhhah
C: grazie

giusto un vestitino ma non elegantissimo

3.3 La risposta ai complimenti impliciti

Facendo riferimento alla tipologizzazione descritta in §2 vengono esaminate qui di seguito le risposte ai complimenti impliciti realizzate all'interno dei *social network* in italiano e in tedesco.

Tabella 3 – Distribuzione delle risposte ai complimenti impliciti

Tipologia	Italiano	Tedesco	Tot.
I. Accettazione diretta	190 (76,3%)	120 (83,9%)	310
1. Ringraziamento	91 (36,6%)	64 (44,7%)	155
2. Accettazione compiaciuta	2 (0,8%)	3 (2,1%)	5
3. Accettazione	6 (2,4%)	11 (7,7%)	17
4. Accettazione non verbale ¹¹	29 (11,6%)	27 (18,9%)	56
5. Ricambio	62 (24,9%)	15 (10,5%)	77
II. Accettazione limitata	53 (21,3%)	14 (9,8%)	67
6. Accettazione ironica	28 (11,3%)	6 (4,2%)	34
7. Minimizzazione	7 (2,8%)	3 (2,1%)	10
8. Deflessione laterale	11 (4,4%)	1 (0,7%)	12
(a) deflessione laterale del merito	8	-	8
(b) deflessione laterale della qualità	-	-	-
(c) deflessione laterale del topic (con spiegazione o giustificazione)	3	1	4
9. Richiesta di rassicurazione	7 (2,8%)	4 (2,8%)	11
III. Non Accettazione	3 (1,2%)	4 (2,8%)	7
10. Deflessione riduttiva	2 (0,8%)	1 (0,7%)	3

¹¹ L'analisi qui proposta fa rientrare nella categoria di risposta "accettazione non verbale" l'uso degli emoticon, che esprimono segnali non verbali quali sorrisi, risate ecc.

11. Discredito del soggetto complimentante	-	-	-
12. Discredito del soggetto complimentato	-	-	-
13. Rifiuto	1 (0,4%)	3 (2,1%)	4
IV. Non Riconoscimento	3 (1,2%)	5 (3,5%)	8
14. Non riconoscimento	3 (1,2%)	5 (3,5%)	8
Tot.	249¹² (100%)	143 (100%)	392

Dalla tabella si rileva una distribuzione sulle quattro macro-categorie molto simile nelle due lingue in esame, che manifestano un'evidente concentrazione di risposte ai complimenti impliciti nell'ambito dell'"accettazione diretta" (76,3% sul totale delle risposte attestate in italiano e 83,9% in tedesco). Questo quadro generale si differenzia, almeno per il tedesco, dalla distribuzione che si osserva nei dati di parlato (semi-)spontaneo. L'analisi di Ravetto (2012), che prende in considerazione risposte a complimenti espliciti in conversazioni *face-to-face*, nota, infatti, una netta preferenza da parte dei parlanti tedeschi per risposte di "accettazione limitata" (cfr. RAVETTO, 2012, p. 103). Il risultato conferma l'idea secondo la quale il destinatario di un complimento implicito ha meno difficoltà ad accettare un apprezzamento positivo nei suoi confronti rispetto a chi riceve un complimento esplicito, che tende invece a minimizzare o non accettare la valutazione positiva (cfr. sopra 1.1).

In Whatsapp e Instagram gli utenti italiani e tedeschi reagiscono ad un apprezzamento indiretto molto spesso ringraziando il loro interlocutore. Il "ringraziamento", la più frequente tipologia di risposta nelle due lingue (36,6% in italiano e 44,7% nei dati tedeschi), può ricorrere come unica reazione o essere combinato ad altri tipi di risposta, come in (17) dove è seguito da una "deflessione laterale del topic" attraverso la quale il parlante tedesco spiega di possedere già da tempo il vestito menzionato nel complimento implicito sul suo aspetto fisico.

(17)

A: *mmmm dieses kleid*

(mmmm questo vestito)

da siehst du wie ein filmstar aus!

(assomigli a una star del cinema!)

12 Le strategie di risposta sono di numero maggiore rispetto al numero di complimenti impliciti (180 per l'italiano e 87 in tedesco) perché alla formulazione di un apprezzamento positivo da parte di un utente può seguire più di un tipo di risposta, ad esempio un "ringraziamento" unito ad un "ricambio".

C: *danke das habe ich seit einer ewigkeit eh eh*
(grazie ce l'ho da un'eternità eh eh)

Nell'ambito dell'"accettazione diretta", il "ricambio" risulta essere una strategia molto più spesso sfruttata nelle due piattaforme italiane, in cui ricorre nel 24,9% dei casi, rispetto a quelle tedesche (10,5%). Anche questo dato che si rileva dai *social network* diverge da quanto notato nelle interazioni faccia a faccia, nelle quali il "ricambio" è uno tra i tipi di risposta al complimento meno frequenti nel *corpus* italiano (RAVETTO, 2012). Citiamo un esempio qui di seguito:

(18)

A: amo guarderei tutto il giorno il tuo sorriso

mi fa stare beneeeee

C: ma anche il tuooooo

Attraverso il "ricambio" (*ma anche il tuooooo*) l'utente italiano tenta di eludere la componente di rischio della minaccia alla propria faccia negativa, dovuta al fatto che il ricevere un dono inevitabilmente indebita (BROWN; LEVINSON, 1987) e ricambiare permette quindi di sdebitarsi.

Tra le forme di "accettazione limitata", poco frequenti in entrambe le lingue, prevale in italiano l'"accettazione ironica" (11,3%), presente in tedesco nel 4,2% dei casi:

(19)

A: sabriiii hai un ragazzo fortunato 🍀

C: eh ma devi dirlo a lui ahahah

A: ahahhah

Nell'esempio in (19) l'apprezzamento implicito formulato attraverso il riferimento a terzi, nel caso specifico il fidanzato della ragazza complimentata, è accettato in modo ironico. L'ironia è indicata dai segnali para-verbali di risata (*ahahah*) prodotti da entrambi gli interagenti. Attraverso questa reazione, C cerca di sfuggire all'obbligo conversazionale di rispondere al complimento, proteggendo la sua faccia positiva ma contemporaneamente accettando il dono linguistico di A.

Nell'ambito della macro-categoria "accettazione limitata" risulta interessante notare anche la presenza estremamente ridotta di risposte di "deflessione laterale", di cui in tedesco è attestata una sola occorrenza (cfr. sopra esempio (17)). In italiano sono individuabili soprattutto "deflessioni laterali del merito" (8 casi in tutto), con cui chi riceve il complimento implicito addossa i meriti relativi all'entità complimentata a qualcun altro, come la compagna di scuola in (20):

(20)

A: wow wow lu

sei una dea con quell'highliner!

C: grazie me lo ha messo una mia compagna

Molto rara e rilevata con la stessa percentuale di frequenza (2,8%) sia in italiano che in tedesco è la “richiesta di rassicurazione”, attraverso la quale chi riceve il complimento implicito sollecita il suo interlocutore a confermare ed eventualmente reiterare la valutazione positiva, come in (21). Differentemente da quanto emerge dalla presente analisi, nelle interazioni *face-to-face* la “richiesta di rassicurazione” risulta essere la tipologia di risposta ai complimenti più frequente nella lingua tedesca (GOLATO, 2002; RAVETTO, 2012)¹³.

Nell’estratto seguente C reagisce al complimento implicito rivolto all’abilità di alzare un peso con la domanda *denkst du das?* che spinge l’interagente a confermare l’apprezzamento (*stimmt*), intensificandolo attraverso il prefisso *super-* (*Supergewicht*). Al nuovo messaggio di A ne segue uno di C che ringrazia per la valutazione positiva della sua prestazione.

(21)

A: *so ein Gewicht kannst heben!*

(sai alzare un peso del genere!)

C: *denkst du das?*

(lo pensi?)

A: *stimmt ein Supergewicht*

(certamente un superpeso)

C: *oh oh also danke*

(oh oh allora grazie)

Di frequenza molto più ridotta dell’“accettazione diretta” e dell’“accettazione limitata” sono le risposte che rientrano nelle macro-categorie “non accettazione” (1,2% per l’italiano e 2,8% per il tedesco) e “non riconoscimento” (1,2% nei dati italiani e 3,5% in quelli tedeschi).

Tra le strategie di “non accettazione” mancano in entrambi gli idiomi in esame risposte in cui viene discreditato sia il soggetto che formula il complimento sia l’interagente che lo riceve, mentre sono solo presenti “deflessioni riduttive” e “rifiuti”, come in (22), in cui lo *user* a cui è rivolto l’apprezzamento esprime disaccordo con l’interlocutore e nega il complimento implicito formulato:

(22)

A: *top! da siehst du wie ein topmodel aus*

(top! sembri una modella)

C: *naaa denke ich nich*

(naaa non penso)

13 Si veda anche Alfonzetti (2009) che sottolinea la natura di *recycling move* di questo tipo di risposte.

Sono inclusi nel “non riconoscimento”, da una parte, casi in cui il soggetto complimentato ignora la valutazione positiva non rispondendo al messaggio o *post*, oppure cambiando il *topic* conversazionale (ad es. (23)), e, dall'altra, attestazioni in cui il complimento implicito viene frainteso:

(23)

A: dimmi, te vuoi vincere il primo premio in bellezza?

C: mooo stasera ci sei?

In occorrenze come (23) non è chiaro se il destinatario del complimento implicito, qui formulato attraverso una domanda diretta (*te vuoi vincere il primo premio in bellezza?*), cambi argomento perché ritiene l'apprezzamento imbarazzante e inappropriato o semplicemente perché non lo riconosce.

Conclusioni

La presente indagine ha mostrato come gli utenti italiani e tedeschi di Instagram e WhatsApp di età compresa tra i 15 e i 30 anni rivolgano ai loro interlocutori non solo complimenti espliciti ma anche valutazioni positive in forma implicita.

Dal confronto dei dati si evince il ricorso in entrambi gli idiomi a specifiche modalità di formulazione, confermando in parte quanto osservato da Boyle (2000), che identifica, in generale, la presenza di due *pattern* comunicativi ripetutamente utilizzati quando si deve esprimere in modo indiretto un apprezzamento. Dei sei modelli attestati nei messaggi e *post* italiani solo quattro sono sfruttati dagli interagenti tedeschi. Nei dati tedeschi mancano, infatti, la “domanda rivolta all'interlocutore” (ad es. *vuoi partecipare a miss eleganza 2022?*) e il “riferimento allo stato emotivo del parlante” (*mi vengono quasi i brividi*).

Si è, inoltre, notato come in molti casi chi esprime il complimento implicito lo faccia precedere da un segnale verbale o para-verbale (ad es. *wow* o *cool*), che introduce e disambigua la valutazione indiretta.

Le interazioni che contengono un complimento implicito sono generalmente molto brevi e si risolvono, nella maggior parte delle attestazioni italiane e tedesche, in due turni, più precisamente l'apprezzamento e, a seguire, la reazione del soggetto complimentato. La sequenza si estende in rari casi a tre o quattro turni quando la risposta al complimento prevede una conferma dello stesso, come nel caso di “richieste di assicurazione”, o un chiarimento, ad esempio quando la valutazione implicita è stata fraintesa.

Nella maggior parte dei dati esaminati i complimenti impliciti sono interpretati come tali: l'interlocutore reagisce, infatti, ricorrendo a strategie usate solitamente per rispondere a un complimento esplicito, come il “ringraziamento”. In un numero molto ridotto di attestazioni

la valutazione implicita non viene intesa correttamente. Si tratta di casi in cui è presente la “comparazione” come modalità di formulazione e il termine di paragone utilizzato dal soggetto complimentante non è noto a entrambi gli interlocutori o non è totalmente apprezzato dal destinatario del complimento.

Per quel che riguarda più specificatamente la selezione delle tipologie di risposta, entrambe le lingue presentano una distribuzione molto simile, privilegiando strategie di “accettazione diretta”, tra le quali in modo particolare il “ringraziamento”. Solo in rarissimi casi il complimento è rifiutato o non è riconosciuto. Questo dato potrebbe essere giustificato dal fatto che nei *social network*, come quelli in esame, gli *user* mostrano fotografie o video proprio per ricevere apprezzamenti da parte dei loro interagenti. Rifiutare il complimento risulterebbe pertanto essere una scelta pragmaticamente inadeguata allo specifico contesto comunicativo.

Differenze abbastanza sensibili tra italiano e tedesco si manifestano nel caso della sottocategoria “ricambio”, che i giovani parlanti italiani usano più spesso dei loro coetanei tedeschi, e nel caso del “ringraziamento” che, sebbene sia il tipo di risposta più frequente in entrambe le lingue, ricorre in percentuale superiore in tedesco.

I risultati relativi alla distribuzione delle tipologie di risposta attestate nelle due piattaforme social in esame divergono per molti aspetti da quelli rilevati nell’indagine delle reazioni ai complimenti espliciti in contesti conversazionali faccia a faccia. Come detto, la maggior parte delle strategie sfruttate per reagire ad un complimento implicito su WhatsApp o Instagram confluiscono nella macro-categoria “accettazione diretta”. L’evidente preferenza per questo tipo di risposte conferma l’ipotesi secondo la quale i complimenti impliciti sono di più facile accettabilità di quelli espliciti. Come dimostrano precedenti studi (cfr. ad es. RAVETTO, 2012), infatti, nel caso di apprezzamenti formulati in modo esplicito, i parlanti italiani e tedeschi tendono spesso a usare anche tipologie di risposta di “accettazione limitata”, ad esempio minimizzando la valutazione positiva o spostando l’attenzione dal contenuto del complimento a informazioni sull’entità complimentata.

Inoltre, tra le risposte di “accettazione diretta”, il “ricambio” è una tipologia molto frequente nelle due piattaforme online italiane. Al contrario, tale strategia risulta essere molto rara come reazione a complimenti espliciti nelle interazioni dirette. Nell’ambito delle risposte di “accettazione limitata”, la “richiesta di rassicurazione” mostra una bassissima percentuale di frequenza nei dati tedeschi attinti dai social network, mentre nelle conversazioni *face-to-face* è la modalità più ampiamente sfruttata dai parlanti tedeschi per reagire a un complimento esplicito. Quest’ultimo dato potrebbe essere giustificato in primo luogo dal fatto che, come sopra affermato, nel caso di complimenti impliciti sono preferite tipologie di risposta di “accettazione diretta”, mentre la “richiesta di rassicurazione” rientra tra le strategie di “accettazione limitata”. In secondo luogo, la “richiesta di rassicurazione”, prevedendo solitamente una reazione da parte del soggetto complimentante, che è indotto a reiterare e confermare la sua valutazione, amplia la sequenza di gestione del complimento, aumentando il numero di turni conversazionali. Nei dialoghi sui *social network*, tipologia di comunicazione molto vicina all’oralità ma pur sempre scritta, un’estensione

eccessiva dei turni di parola potrebbe risultare scomoda. Infatti, nei dati esaminati gli scambi che contengono la formulazione di un complimento implicito si riducono, nella maggior parte dei casi, a due messaggi o *post* e, più in generale, l'interazione avviene attraverso rapidi e brevi passaggi di parola. Un tipo di risposta al complimento come la "richiesta di rassicurazione", che prevede un'interazione ed elaborazione verbale più ampia e complessa, potrebbe apparire poco adeguata al mezzo di comunicazione.

In conclusione, i risultati emersi dalla presente indagine potranno essere approfonditi nell'ambito di futuri studi attraverso un attento confronto che tratterà la gestione del complimento, implicito o esplicito, in differenti contesti comunicativi, mettendo in luce il complesso funzionamento pragmatico di questo atto linguistico a seconda del tipo di interazione (ad es. conversazione diretta o comunicazione mediata) o proponendo un'analisi qualitativa e quantitativa delle tipologie di risposta sfruttate per reagire ad una valutazione esplicita, da una parte, e implicita, dall'altra. Anche l'età degli interagenti potrà essere un'altra possibile variabile d'analisi: i dati proposti nel presente contributo, che ha preso in considerazione giovani utenti di età compresa tra i 15 e i 30 anni, potranno essere comparati con campioni di informanti di altre fasce di età, in modo da valutare se e come variano sia le modalità di formulazione di un complimento implicito sia il tipo di reazione ad esso.

Riferimenti bibliografici

AL-BATAINEH, H. A. Pragmatic Study of Implicit Compliments in Jordanian Arabic. *International Journal of Linguistics, Literature and Culture (LLC)*, v. 4, n. 1, 2017, pp. 89–111.

ALFONZETTI, G. I complimenti nella conversazione: criteri e problemi di categorizzazione. In: TROTTER, D. (a cura di). *Actes du XXIV Congrès International de Linguistique et de Philologie Romanes*. Vol. 3. Tübingen: Niemeyer, 2007, pp. 211-224.

ALFONZETTI, G. *I complimenti nella conversazione*. Roma: Editori Riuniti University Press, 2009 [prima edizione: 2006].

ALFONZETTI, G. Complimenti espliciti e impliciti. *Le forme e la storia*, v. III, n.1. Catanzaro: Rubbettino, 2010, pp. 165-187.

BETTONI, C. *Usare un'altra lingua*. Guida alla pragmatica interculturale. Bari: Laterza, 2006.

BOYLE, R. "You've worked with Elizabeth Taylor!": phatic functions and implicit compliments. *Applied Linguistics*, v. 21, n. 1, 2000, pp. 26-46. DOI: <https://doi.org/10.1093/applin/21.1.26>

- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- BRUTI, S. Cross-cultural pragmatics: the translation of implicit compliments in subtitles. *The Journal of Specialised Translation*, n. 6, 2006, pp. 185-197.
- CAFFI, C.; JANNEY, R.W. Toward a pragmatics of emotive communication. *Journal of Pragmatics*, v. 22, n. 3-4, 1994, pp. 325-373. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(94\)90115-5](https://doi.org/10.1016/0378-2166(94)90115-5)
- CASTAGNETO, M. Le risposte ai complimenti in Italia: questioni di gender. In: *Atti del Sodalizio Glottologico Milanese*. Alessandria: Edizioni dell'Orso, 2016, pp. 169-179.
- CASTAGNETO, M.; RAVETTO M. The variability of compliment responses: Italian and German data. In: BIANCHI, F., GESUATO, S. (a cura di). *Pragmatics on the Go*. Cambridge: Cambridge Publishing, 2015, pp. 387-413.
- CASTAGNETO, M.; SIDRASCHI, D. Strategie di risposta ai complimenti sull'aspetto fisico in italiano. In: GILLE, J.; NORÉN, C. (a cura di). *Self and Other in Dialogue. Romance Studies on Discourse and Interaction*. Berlin: Peter Lang, 2018, pp. 59-90.
- CHEN, R. Compliment and Compliment Response Research: A Cross-Cultural Survey. In: TROSBORG, A. (a cura di). *Pragmatics Across Languages and Cultures*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2010, pp. 79-102.
- CHEN, R.; YANG, D. Responding to compliments in Chinese: Has it changed?. *Journal of Pragmatics*, v. 42, n. 7., 2010, pp. 1951-1963. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2009.12.006>
- COPPOCK, P.J.; VIOLI, P. Conversazioni Telematiche. In: GALATOLO, R.; PALLOTTI, G. (a cura di). *La conversazione. Un'introduzione allo studio dell'interazione verbale*. Milano: Raffaello Cortina, 1999, pp. 319-364.
- FRESCURA, M. The conflictual behavior of Italian speakers in responding to compliments. *Rassegna Italiana di Linguistica Applicata*, n. 28, 1996, pp. 89-110.
- GOLATO, A. German compliment responses. *Journal of Pragmatics*, n. 32, 2002, pp. 29-54. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(01\)00040-6](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(01)00040-6)
- GOLATO, A. *Compliments and Compliment Responses. Grammatical structure and sequential organization*. Amsterdam: John Benjamins, 2005.
- GUO, H.; ZHOU, Q.; CHOW, D. A variationist study of compliment responses in Chinese. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 22, n. 3, 2012, pp. 347-383. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1473-4192.2012.00315.x>

HERBERT, R.K. The ethnography of English compliments and compliment responses: a contrastive sketch. In: OLEKSY, W. (a cura di). *Contrastive Pragmatics*. Amsterdam: John Benjamins, 1989, pp. 3-35.

HERBERT, R.K. Sex-based Differences in Compliment Behavior. *Language in Society*, n. 19, 1990, pp. 201-224. Disponibile all'indirizzo: <http://www.jstor.org/stable/4168132>

HERBERT, R.K.; STRAIGHT, H.S. Compliment-rejection versus compliment-avoidance: listener-based versus speaker-based pragmatic strategies. *Language and Communication*, v. 9, n. 1, 1989, pp. 35-47. DOI: [https://doi.org/10.1016/0271-5309\(89\)90005-0](https://doi.org/10.1016/0271-5309(89)90005-0)

HERRING, S.; STEIN, D.; VIRTANEN, T. (a cura di). *Pragmatics of Computer-Mediated Communication*. Berlin/Boston: de Gruyter, 2013.

HOLMES, J. Compliments and Compliment Responses in New Zealand English. *Anthropological Linguistics*, v. 28, n. 4, 1986, pp. 485-508. Disponibile all'indirizzo: <https://www.jstor.org/stable/30028355>

HOLMES, J. Paying compliments: A sex-preferential politeness strategy. *Journal of Pragmatics*, v. 12, n. 4, 1988, pp. 445-465. DOI: [https://doi.org/10.1016/0378-2166\(88\)90005-7](https://doi.org/10.1016/0378-2166(88)90005-7)

HOLMES, J.; BROWN, D. Teachers and Students Learning about Compliments. *TESOL Quarterly*, v. 21, n. 3, 1987, pp. 523-546. DOI: <https://doi.org/10.2307/3586501>

JAWORSKI, A. 'This is not an Empty Compliment!' Polish Compliments and the Expression of Solidarity. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 5, n. 1, 1995, pp. 63-94. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1473-4192.1995.tb00073.x>

KERBRAT-ORECCHIONI, C. La description des échanges en analyse conversationnelle: l'exemple du compliment. *DRLAV – Revue de Linguistique*, n. 36/37, 1987, pp. 1-53. DOI: <https://doi.org/10.3406/drlav.1987.1054>

LEECH, G. *Principles of Pragmatics*. Harlow, England: Longman, 1983.

LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

LORENZO-DUS, N. Compliment responses among British and Spanish university students: a contrastive study. *Journal of Pragmatics*, v. 33, n. 1, 2001, pp. 107-127. DOI: [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00127-7](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00127-7)

MAÍZ-ARÉVALO, C. "Was that a compliment?" Implicit compliments in English and Spanish. *Journal of Pragmatics*, v. 44, n. 8, 2012, pp. 980-996. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.04.004>

MANES, J.; WOLFSON, N. The Compliment Formula. In: COULMAS, F. (a cura di). *Conversational Routine*. Mouton: The Hague, 1981, pp. 115-132.

MARX, K.; LOBIN, H.; SCHMIDT, A. *Deutsch in Sozialen Medien: interaktiv – multimodal – vielfältig*. Berlin, Boston: de Gruyter, 2019.

MIRONOVSKI, L. (2009). *Komplimente und Komplimenterwiderungen im Russischen und im Deutschen*. Frankfurt am Main: Peter Lang.

NELSON, G.L.; AL-BATAL, M.; ECHOLS, E. Arabic and English Compliment Responses: Potential for Pragmatic Failure. *Applied Linguistics*, v. 17, n. 4, 1996, pp. 411-432. DOI: <https://doi.org/10.1093/applin/17.4.411>

POMERANTZ, A. Compliment Responses: Notes on the Cooperation of Multiple Constraints. In: SCHENKEIN, J. (a cura di). *Studies in the Organisation of Conversational Interaction*. New York: Academic Press, 1978, pp. 79-112.

PROBST, J. Ein Kompliment in Ehren...Aspekte eines „höflichen“ Sprechaktes in mehreren Sprachen. In: BAUMGARTEN, N.; BÖTTGER, C.; MOTZ, M.; PROBST, J. (a cura di). *Übersetzen, interkulturelle Kommunikation, Spracherwerb und Sprachvermittlung – das Leben mit mehreren Sprachen. Zeitschrift für interkulturellen Fremdsprachenunterricht*, v. 8, n. 2-3, 2003, pp.1-16.

RAVETTO, M. Le risposte al complimento in italiano e in tedesco. *Studi italiani di linguistica teorica e applicata*, n. 1 (nuova serie), 2012, pp. 85-122.

RAVETTO, M. Das Komplimentieren in deutsch-italienisch Kontaktsituationen. In: HANS-BIANCHI, B.; MIGLIO, C.; PIRAZZINI, D.; VOGT, I. (a cura di). *Fremdes wahrnehmen, aufnehmen, annehmen – Studien zur deutschen Sprache und Kultur in Kontaktsituationen*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2013, pp. 247-260.

RAVETTO, M.; CASTAGNETO, M. Face(s) and facework(s) in a corpus of German and Italian compliments. In: HELD, G. (a cura di). *Revisiting FACE – ontological, epistemological and methodological ‘faces’ of a socio-pragmatic concept*. Leiden/Boston: Brill, in stampa.

REES-MILLER, J. Compliments revisited: Contemporary compliments and gender. *Journal of Pragmatics*, v. 43, n. 11, 2011, pp. 2673-2688. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2011.04.014>

TRAN, G.Q. Compliment Response Continuum Hypothesis. *The International Journal of Language Society and Culture*, n. 21, 2007. Disponibile all'indirizzo: <https://aaref.com.au/wp-content/uploads/2018/05/21-1.pdf>

YING LIN, C.; WOODFIELD, H.; REN, W. Compliments in Taiwan and Mainland Chinese: The influence of region and compliment topic. *Journal of Pragmatics*, v. 44, n. 11, 2012, pp. 1486-1502. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.06.012>

YLÄNNE-MCEWEN, V. Complimenting Behaviour: A cross-cultural Investigation. *Journal of Multilingual and Multicultural Development*, v. 14, n.1, 1993, pp. 499- 508. DOI: <https://doi.org/10.1080/01434632.1993.9994551>

YUAN, Y. Compliments and compliment responses in Kunming Chinese. *Pragmatics*, v. 12, n. 2, pp. 183-226. DOI: <https://doi.org/10.1075/prag.12.2.04yua>

Ricevuto il: 12/07/2023

Accettato il: 13/10/2022

Ringraziamenti - Si ringraziano i revisori anonimi, i cui suggerimenti e osservazioni hanno contribuito ad arricchire il presente articolo.

SESSISMO LINGUISTICO: DAGLI STUDI DI ALMA SABATINI AI MANUALI DI ITALIANO L2/LS

**Sexismo lingüístico: dos estudos de Alma Sabatini
aos livros didáticos de italiano L2/LE**

**Linguistic Sexism: from Alma Sabatini's
Studies to Italian L2/FL textbooks**

SIMONA FRABOTTA *

ABSTRACT: Il sessismo linguistico è un fenomeno che si manifesta nell'uso di determinati elementi della lingua in senso discriminatorio, dovuto fondamentalmente allo stampo androcentrico che caratterizza la cultura e la società e che si riflette sulla lingua generando disparità tra i generi, emarginazione delle donne e un uso incerto di determinate espressioni. Gli insegnamenti della linguista Alma Sabatini, pubblicati alla metà degli anni '80, hanno per la prima volta identificato in maniera sistematica le "dissimmetrie grammaticali" relative all'uso sessista della lingua italiana. Attraverso un'indagine sul linguaggio della stampa e degli annunci di lavoro, Sabatini ha individuato delle categorie relative dell'uso maschile generico e degli agentivi che occultano la presenza femminile e che rappresentano ancora oggi un punto di riferimento fondamentale per l'indagine sul sessismo linguistico in tutti i contesti. Nel presente lavoro si analizza un manuale di italiano come lingua straniera, applicando le categorie individuate da Sabatini, con lo scopo di rilevare i diversi aspetti relativi all'uso sessista della lingua italiana. Dai risultati emerge che praticamente tutti gli indicatori sono rintracciabili nel manuale esaminato, il che da una parte dimostra la validità dello strumento d'ana-

* Docente – Universidad de Málaga
simonafrabotta@uma.es (ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5777-6393>)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i48p123-145>



lisi e dall'altra la necessità di rinnovare il materiale didattico tenendo presente le indicazioni offerte dalla storica linguista nel suo studio.

PAROLE CHIAVE: Italiano L2/LS; Sessismo; Libri di testo.

RESUMO: O sexismo linguístico é um fenômeno que ocorre no uso de certos elementos da linguagem de forma discriminatória, principalmente devido à natureza androcêntrica que caracteriza a cultura e a sociedade e se reflete na linguagem, resultando em disparidades de gênero, marginalização das mulheres e uso incerto de certas expressões. Os ensinamentos da linguista Alma Sabatini, publicados na década de 1980, identificaram de forma sistemática pela primeira vez “assimetrias gramaticais” relacionadas ao uso sexista da linguagem italiana. Através de uma investigação sobre a linguagem usada na mídia e em anúncios de emprego, Sabatini identificou categorias relacionadas à linguagem masculina genérica e às formas agentivas que ocultam a presença feminina, que ainda servem como um ponto de referência fundamental para o estudo do sexismo linguístico em todos os contextos. Neste estudo atual, analisamos um manual de italiano como língua estrangeira, aplicando as categorias identificadas por Sabatini, com o objetivo de identificar vários aspectos relacionados ao uso sexista da linguagem italiana. Os resultados mostram que praticamente todos os indicadores são identificáveis no manual examinado, o que, por um lado, demonstra a validade da ferramenta analítica e, por outro lado, destaca a necessidade de renovar materiais didáticos levando em consideração as percepções oferecidas pela linguista histórica em sua pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: Italiano L2/LE; Sexismo linguístico; Livros didáticos.

ABSTRACT: Linguistic sexism is a phenomenon that occurs in the use of certain elements of language in a discriminatory way, primarily due to the androcentric nature that characterizes culture and society and is reflected in language, resulting in gender disparities, the marginalization of women, and uncertain use of certain expressions. The teachings of linguist Alma Sabatini, published in the mid-1980s, systematically identified “grammatical asymmetries” related to sexist language use in the Italian language for the first time. Through an investigation into the language used in the media and job advertisements, Sabatini identified categories related to generic male language and agentive forms that conceal the female presence, which still serve as a fundamental reference point for the study of linguistic sexism in all contexts. In this current study, we analyze an Italian as a foreign language manual, applying the categories identified by Sabatini, with the aim of iden-

tifying various aspects related to sexist language use in the Italian language. The results show that virtually all indicators are identifiable in the examined manual, which, on the one hand, demonstrates the validity of the analytical tool and, on the other hand, highlights the need to renew teaching materials while considering the insights offered by the historical linguist in her research.

KEYWORDS: Italian L2/FL; Linguistic sexism; Textbooks.

1. Introduzione

“La parità rimane in moltissimi casi un principio giuridico e morale non ancora realizzato nella prassi della vita quotidiana”. Con questa affermazione, che sottolinea un disequilibrio purtroppo molto comune tra la difesa di certi valori relativi all’uguaglianza e la loro messa in pratica nella realtà di tutti i giorni, la linguista Alma Sabatini nel 1987 introduceva “Il Sessismo nella lingua italiana”, un testo che ancora oggi è un riferimento per gli studi linguistici in un’ottica di genere, e che era stato preceduto da “Raccomandazioni per un uso non sessista della lingua italiana”¹. Nel suo contributo Sabatini presenta i risultati di un lavoro di ricerca svolto per iniziativa della Commissione nazionale per la realizzazione della parità tra uomo e donna presso la Presidenza del Consiglio dei Ministri, sul linguaggio della stampa e degli annunci di lavoro, mettendo in luce per la prima volta in maniera chiara e sistematica, le diverse forme in cui si manifestava la discriminazione di genere nella lingua italiana dell’epoca.

Nella parte introduttiva, l’autrice evidenzia alcuni concetti chiave per la comprensione di quello che, secondo lei, è il problema di fondo, ovvero l’androcentrismo che caratterizza la società dell’epoca e che implica la non neutralità della norma linguistica: “la lingua italiana, come molte altre, è basata su un principio androcentrico: l’uomo è il parametro intorno a cui ruota e si organizza l’universo linguistico” (SABATINI, 1987, p. 24). Questo fenomeno dà luogo a una serie di usi che definisce “dissimmetrie grammaticali” e che mostrano la differenza di trattamento riservata a donne e uomini nelle forme grammaticali. L’autrice chiarisce che, tuttavia, non è il sistema linguistico italiano ad essere sessista, perché questo mette a disposizione tutta una serie di strutture per la corretta espressione del femminile in ogni caso. Si tratta invece di un problema che trascende la lingua e allo stesso tempo la incarna; ad essere sessista è la norma, cioè “la realizzazione tradizionale e socialmente determinata del sistema [che] rispecchia, attualmente, una società androcentrica [...] la norma attribuisce il valore primario al maschile e rende così, d’accordo con il principio sistemico, il suo significato estensivo” (BURR, 1995, p. 361-362).

Le “dissimmetrie grammaticali” si dividono in due categorie: quelle relative all’uso del maschile non marcato, che comprendono una serie di pratiche linguistiche che considerano la forma maschile come predominante o generica, con il conseguente effetto di invisibilizzare la presenza femminile, e quelle relative agli agentivi, cioè i termini utilizzati per descrivere cariche e ruoli. I primi sono una serie di nomi al maschile che teoricamente inglobano la presenza del femminile; i secondi sono la manifestazione di un uso particolare del maschile non marcato, che

1 Il testo è stato pubblicato autonomamente nel 1986 e poi di nuovo nel 1987 in appendice al volume. Per questo studio si è consultato il testo unico pubblicato nel 1987, contenente sia “Il Sessismo nella lingua italiana”, sia, in appendice, “Raccomandazioni per un uso non sessista della lingua italiana” e lo citeremo come un testo unico.

evidenziano la subordinazione delle donne, perché hanno la capacità di occultare o minimizzare la loro presenza in ruoli di rilievo, attraverso una serie di strategie che trovano realmente poca giustificazione sul piano grammaticale.

L'influenza di una dimensione sociale sulla dimensione linguistica nei casi di dissimmetrie grammaticali è evidente e, come sottolinea Biemmi (2017): “non vi è dubbio che all’origine del problema degli agentivi vi è la netta divisione dei ruoli fra donne e uomini, e la preclusione di alcune carriere alle donne fino a tempi recentissimi”. Lo stesso Francesco Sabatini nell’introduzione dell’opera riconosce che esiste una nulla resistenza all’accettazione del femminile di professioni di un rango più umile come “cameriera” o in professioni storicamente femminilizzate come “infermiera”, ma una chiara opposizione all’uso di termini come “ingegnera” che pur avendo la stessa desinenza morfologica di “infermiera” è sentito come incerto (p.10). Se il testo sul sessismo ha lo scopo di svelare le molteplici forme che questo fenomeno assume nella comunicazione scritta dei media, le *Raccomandazioni per un uso non sessista della lingua italiana* rappresentano un prontuario che identifica i termini problematici, soprattutto relativi ai ruoli e alle professioni, e punta a “suggerire alternative compatibili con il sistema lingua e [...] dare visibilità linguistica alle donne” (SABATINI, 1987, p. 97). Per l’autrice è importante riuscire a superare le argomentazioni che si danno a sostegno di un conservazionismo: per alcuni/e i femminili di professione “suonano male” o sono una questione di poca rilevanza, perché i problemi delle donne sono “ben altri” (il famoso “benaltrismo” di cui parla Gheno, 2019, p.110), per altri/e si tratta di un’imposizione ideologica, che attenta alla libertà di parola. In ogni caso si tratta di questioni che poco hanno a che vedere con un uso corretto della lingua.

Riflettere sul contributo di Alma Sabatini e applicare le sue riflessioni ai testi che utilizziamo quotidianamente ci fa comprendere come l’idea di un maschile non marcato, spesso addirittura definito “maschile neutro” generando un evidente ossimoro (CAVAGNOLI; DRAGOTTO, 2020, p. 98), sia poco valida e limitata e nasconda in realtà la concezione di una società e una lingua fatte a misura d’uomo.

Dalla pubblicazione dei testi di Sabatini, che, com’era prevedibile, non furono accolti con entusiasmo, l’interesse per l’argomento si è protratto fino ai nostri giorni, coinvolgendo non solo linguiste e linguisti e insegnanti di lingue, ma anche la comunità dei parlanti in generale, che grazie anche alla popolarizzazione delle reti sociali, si lanciano in polemiche sempre più accese sull’argomento (GHENO, 2019). A decenni di distanza, i suggerimenti di Sabatini non sono stati ancora accolti pienamente e si continua a discutere sulla correttezza o meno di determinati termini, con atteggiamenti che vanno dall’incertezza linguistica alla presunta scomodità fonetica e che arrivano a giustificare l’inutilità di un aggiornamento linguistico che tenga conto della presenza femminile in ambito professionale².

2 Si vedano al riguardo i lavori pubblicati con il titolo “Il sessismo nella lingua italiana. Trent’anni

Nell'ambito dell'insegnamento dell'italiano come lingua straniera il dibattito sul sessismo linguistico è al giorno d'oggi ancora marginale, sebbene le/i docenti di italiano L2/LS siano costantemente coinvolte/i nell'insegnamento dei fatti rilevanti della società, il che comporta in larga misura l'insegnamento dei ruoli di genere, un aspetto che attraversa praticamente tutti i punti del processo di apprendimento. Se inoltre condividiamo l'affermazione di Burgio (2015, p. 184) secondo il quale "ogni educazione è anche educazione di genere e che quasi ogni ambito sociale ha anche effetti di educazione di genere" diventa palese che l'educazione linguistica rappresenta un campo in cui i contenuti legati al genere permeano profondamente, anche se spesso non sono percepiti come rilevanti. Nella pratica dell'insegnamento di una lingua straniera risulta inoltre imprescindibile essere al corrente di contenuti culturali, sociali e linguistici relativi al genere e al sessismo, che, se ignorati, comportano il rischio di contribuire ad alimentare pregiudizi. La stessa Sabatini (1987, p. 23) fa riferimento agli effetti del sessismo nei libri scolastici, rifacendosi a studi che dimostrano che la presenza di forme di sessismo linguistico, specialmente l'uso del maschile non marcato, aumenterebbe le difficoltà delle donne al momento di identificarsi con il contenuto dei testi e memorizzarli, mentre, al contrario, gli studenti di sesso maschile hanno l'opportunità di aumentare la loro sfera di riferimento e apprendere in maniera più naturale.

Nell'attualità, gli esigui studi sul sessismo linguistico nei manuali di italiano come lingua straniera sono principalmente stati diretti a analizzare la presenza degli agentivi al femminile e la relazione fra questi e gli stereotipi di genere (NITTI, 2021; SABATINI, 2022; VUČENOVIĆ, 2022). I risultati hanno rilevato un chiaro squilibrio di genere nella frequenza dei nomi di professione, indicando da una parte, un'abituale associazione tra il soggetto maschile e il mondo del lavoro e, dall'altra, una limitazione della sfera lavorativa femminile a professioni tradizionali e poco prestigiose, come 'cameriera', 'infermiera' o 'maestra' (NITTI, 2021; SABATINI, 2022). Inoltre, si è evidenziato l'uso del sostantivo maschile per indicare professioni prestigiose come 'avvocato' o 'medico' (VUČENOVIĆ, 2022; SABATINI, 2022) e l'uso, seppur sporadico, del modificatore 'donna' (VUČENOVIĆ, 2022).

Nel presente contributo vogliamo partire dalle origini, rendendo omaggio al lavoro pionieristico realizzato da Alma Sabatini negli anni '80 che, sebbene possa sembrare datato, continua ad essere uno strumento molto valido per gettare luce sugli aspetti fondamentali della discriminazione basata sulla lingua negli ambiti più vari. L'obiettivo di questo studio è quello di svelare in che modo gli aspetti sessisti elencati da Sabatini come "dissimmetrie grammaticali" si manifestano all'interno di un manuale di italiano L2/LS, con il fine di aumentare la consapevolezza intorno a questo fenomeno, sia tra coloro che usano quotidianamente il materiale, sia tra coloro che sono coinvolti nel processo di creazione dei libri di testo, nella speranza che certi contenuti, troppo

dopo Alma Sabatini" a cura di Anna Lisa Somma, Gabriele Maestri e Federica Formato (2020) che riflettono sull'attualità delle riflessioni di Sabatini riguardo alla lingua e alla parità.

spesso sottovalutati, siano oggetto di un'analisi più profonda che porti alla modificazione di determinate forme e alla creazione di alternative più consone ai principi della parità. Applicare ai manuali il complesso degli indicatori proposti da Alma Sabatini ha il vantaggio di poter osservare le manifestazioni del sessismo in maniera più dettagliata, svelandone implicazioni che non si sono tenute presenti negli studi realizzati fino ad ora.

2. Campione e metodologia

Nell'ambito del presente studio si è scelto come campione il manuale *Qui Italia più* pubblicato da Le Monnier (MAZZETTI; FALCINELLI; SERVADIO, 2007), un testo che si dirige a un pubblico di giovani e adulti, creato per percorsi didattici che si svolgono indistintamente in Italia o all'estero. Il manuale, strutturato in 19 unità costruite intorno a situazioni comunicative di alta frequenza, risulta specialmente utile per realizzare uno studio omogeneo perché sviluppa in un solo volume il *curriculum* di italiano L2/LS dal livello iniziale fino al livello avanzato, offrendo un *corpus* ampio nel quale è possibile disporre di una gran varietà di contenuti da analizzare. Inoltre, il testo risulta particolarmente ricco di argomenti culturali e di attualità, facendo ricorso a materiali autentici sia per quanto riguarda i testi che le immagini.

Lo studio, di natura qualitativa, si è avvalso delle categorie tratte dalla pubblicazione di Alma Sabatini *Il Sessismo nella lingua italiana* (1987). L'autrice riconosce che le forme linguistiche sessiste, denominate "dissimmetrie grammaticali" si strutturano intorno a due aspetti principali, l'uso del maschile non marcato e gli agentivi, che, sebbene come abbiamo visto rappresentino un'ulteriore evidenza dell'uso del maschile non marcato, meritano un'analisi in profondità dato il loro impatto nella dimensione sociale del ruolo della donna. Per ognuno dei due aspetti principali si identificano successivamente le manifestazioni linguistiche più concrete:

1. Dissimmetrie relative al maschile neutro (non marcato).

- a) L'uso delle parole "uomo" e "uomini" con valore generico;
- b) I nomi maschili con valore generico;
- c) L'uso di sostantivi quali "fraternità", "fratellanza", "paternità" ecc.;
- d) La concordanza al maschile di una serie di nomi (+umano) maschili e femminili;
- e) La precedenza del maschile nelle coppie oppositive uomo/donna;
- f) La designazione delle donne come categoria a parte;
- g) Le limitazioni semantiche del femminile sempre marcato rispetto al maschile con doppia valenza.

2. Dissimmetrie relative agli agentivi:

- a) L'uso del titolo al maschile;
- b) Le sconcordanze grammaticali;

- c) Il modificatore “donna”;
- d) Il suffisso -essa.

I diversi indicatori elencati da Sabatini sono stati utilizzati per rilevare, a fine esemplificativo, l'eventuale presenza di contenuti sessisti in tutte le sezioni del manuale scelto come campione. Inoltre, facendo riferimento alle *Raccomandazioni per un uso non sessista della lingua italiana*, si è cercato di suggerire possibili maniere per sostituire gli aspetti sessisti individuati con altri più inclusivi. I risultati ottenuti non rappresentano né un dato sistematico né un giudizio globale sul volume in questione.

3. Dissimmetrie relative al maschile non marcato

La prima parte della riflessione che Sabatini fa sulla lingua italiana è dedicata all'uso del maschile non marcato, un fenomeno che consiste sia nell'uso di sostantivi maschili per indicare gruppi in cui sono presenti sia uomini che donne, sia per indicare una persona di cui non si conosce l'identità. Thornton (2022, p. 25) sottolinea il duplice valore del maschile che: “in qualche caso è usato in modo ‘restrittivo’, per riferirsi a una persona di sesso maschile, in altri casi è usato in modo ‘generalizzante’, per riferirsi a una persona senza specificarne il sesso (perché ignoto o indeterminato o irrilevante nel contesto)”. L'uso del maschile in modo sovraesteso è specialmente problematico perché in esso “la donna non è compresa ma tenuta nell'implicito” (SABATINI, 1987b, p. 99), quindi è il femminile ad essere “marcato” perché il suo uso per referenti umani implica sempre che la persona designata sia una donna, mentre il maschile “nasconde” al suo interno entrambi i generi. Sabatini elenca alcuni usi linguistici in cui il maschile risulta prevalente generando un disequilibrio di genere:

- a) L'uso delle parole “uomo” e “uomini” con valore generico

Un esempio del maschile non marcato è costituito dall'uso delle parole “uomo” e “uomini” con il significato di “esseri umani”. Questo è un caso di sessismo specialmente evidente perché la parola “uomo” si considera in italiano di genere fisso, cioè che sempre e solo può indicare un referente di genere maschile e si distingue morfologicamente dal femminile “donna” in maniera evidente.

Nel manuale esaminato esistono esempi di uso della parola “uomo” intesa come “genere umano” in espressioni che sono molto comuni nella lingua italiana in generale come “il cane è l'amico più fidato dell'uomo” (Figura 1):

Figura 1 – L'uso delle parole uomo -uomini con valore generico

**«Il computer non potrà mai sostituire l'uomo»
«Il cane è l'amico più fidato dell'uomo».**

Fonte: Nuovo Qui Italia più p. 43

L'espressione “uomo” in senso universale è facilmente sostituibile da persona/e, essere/i umano/i, specie umana, genere umano, popolo, popolazione ecc. (SABATINI, 1987, p. 103)

b) Nomi maschili con valore generico

Il maschile generico o non marcato è sicuramente il fenomeno più comune legato al sessismo linguistico nella lingua italiana ed è, di conseguenza, molto comune anche nei manuali di lingua. In questo caso si usa un sostantivo maschile in riferimento a gruppi o categorie di cui fanno parte persone di entrambi i sessi e/o a un referente specifico ignoto, una singola persona specifica, di cui non si conosce l'identità (THORNTON, 2022). Nei manuali di italiano L2/LS è frequente trovare sezioni dedicate alla cultura o alla società in cui si parla genericamente di “italiani”, senza considerare la differenza di genere che esiste nelle abitudini e nei gusti diversi della popolazione maschile e femminile nel paese³. È il caso della Figura 2 che presenta un'attività didattica dedicata a “Gli italiani al volante”, in cui appunto si dà per scontato che l'espressione “gli italiani” comprenda sia la popolazione maschile che femminile, e che pertanto il genere non influisca sulla relazione dei soggetti con l'argomento della condotta stradale. Questa supposta neutralità di genere in realtà è contraddetta sia dai diversi pregiudizi che vedrebbero le donne inadatte a questa pratica (espresse per esempio dal modo di dire “donna al volante pericolo costante”), sia da diverse statistiche che dimostrano che il tasso di incidenti stradali è minore se a guidare una macchina è una donna⁴.

3 Esempi di questo fenomeno sono presenti nel manuale analizzato nella sezione evidenziata nell'indice intitolata “Tempo libero degli italiani” (p. VI) o da affermazioni come “Gli italiani bevono troppo caffè” (p. 10).

4 Vedasi questo articolo del Sole 24 ore: <https://www.infodata.ilsole24ore.com/2020/01/18/le-donne-al-volante-sono-meno-pericolose-degli-uomini-soprattutto-tra-i-giovani/>

Figura 2 – Nomi maschili con valore generico: gli italiani



Gli italiani al volante

Ascolta e completa:

incidenti	code	traffico intenso
.....
.....
.....

Qual è il tempo di percorrenza dei seguenti tratti autostradali? Collega nel modo giusto:

Pesaro – Riccione	75 minuti
Faenza – Bologna	45 minuti
Fano – Cattolica	35 minuti

Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 48

Se il sostantivo usato come maschile generico è al singolare, il grado di sessismo risulta ancora più evidente, perché un nome al singolare ha un forte valore referenziale con il soggetto che rappresenta e il suo valore “inclusivo” è difficilmente giustificabile. Recentemente anche l’Accademia della Crusca (2023) ha ribadito che è importante “evitare in maniera assoluta il maschile singolare perché a torto considerato non marcato (da alcuni definito inclusivo o, meno correttamente, neutro)”.

Nei libri di testo, termini quali “compagno/i”, “insegnante/i”, “studente/i” sono spesso usati come maschile non marcato, sia al plurale per indicare referenti plurali misti (la parola “studenti” nella Figura 3) che al singolare, per indicare un referente specifico ignoto (la parola “compagno” nella Figura 4) soprattutto nelle consegne degli esercizi e negli spazi in cui si danno le istruzioni delle attività.

Figura 3 – Nomi maschili con valore generico: gli studenti



Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 25

Figura 4 – Nomi maschili con valore generico: il compagno



Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 105

L'alternativa in questi casi passa per utilizzare forme che neutralizzano il genere come “lavora in coppia o in gruppi” (come presente, tra l'altro, nell'illustrazione delle attività riportate nelle Figure 3 e 4) o utilizzare uno sdoppiamento in cui siano presenti i due generi come “compagno/a” o “compagna o compagno”.

c) L'uso di sostantivi quali: “fraternità”, “fratellanza”, “paternità”

Le raccomandazioni di Sabatini segnalano che termini quali “fratellanza” o “paternità”, formati con una radice esclusivamente maschile, sono espressioni sessiste che reiterano la centralità del maschile: non esistono infatti forme simmetriche come “maternità dell'opera”. Nonostante l'uso generalizzato di queste espressioni nella lingua italiana, nel campione analizzato non ne abbiamo trovato nessun esempio.

d) La concordanza al maschile di una serie di nomi (+umano) maschili e femminili.

Quando soggetti di diverso genere vengono ricondotti e accomunati da un unico elemento maschile, avviene secondo Sabatini (1987, p. 24) un “assorbimento” del femminile nel maschile che è considerato “naturale” ma che in realtà rimanda di nuovo all'imposizione del maschile

generico. Nella Figura 5 si vede un esempio di questo fenomeno, in cui il sostantivo femminile “attrice” e il sostantivo maschile “fidanzato” confluiscono nel participio maschile “conosciuti”.

Figura 5 -La concordanza al maschile: il participio

La famosa attrice italiana e il suo fidanzato
si sono conosciuti ventidue anni fa

Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 19

Sabatini afferma che l'accordo al maschile di termini misti non è l'unico possibile ma esistono casi di accordo del participio con il nome più vicino. Anche Thornton (2022, p. 22) ricorda a questo proposito che “un target di accordo presenta il valore di genere del controllore ad esso linearmente più vicino nel contesto, invece di presentare necessariamente il maschile come frutto del calcolo”.

e) La precedenza del maschile nelle coppie oppositive uomo/donna

Come abbiamo visto, in alternativa al maschile generico è possibile trovare l'uso di coppie oppositive che ammettono i due generi, quali “fratelli e sorelle” o “uomini e donne”, tuttavia anche in questo caso esiste un sessismo insito nella tendenza a collocare il maschile sempre in primo piano “con l'effetto di indicare l'importanza del primo termine nell'ordine di precedenza nella lingua” (SABATINI, 1987, p. 24). Nel testo analizzato non è frequente il ricorso all'espressione di entrambi i generi perché il maschile non marcato è la forma prevalente nell'espressione dei gruppi misti. Tuttavia, nella Figura 6 riportiamo uno dei pochi esempi di sdoppiamento in cui la posizione del maschile è la principale.

Figura 6 -La precedenza del maschile nelle coppie oppositive uomo/donna

Con un/a amico/a organizzi una gita a Matera:

- **come arrivare (aereo, treno, auto)**
- **cosa visitare e perché?**

Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 64

L'ideale in questo caso è non collocare il maschile costantemente in prima posizione, ma alternarlo tra la prima e la seconda; quindi, usare anche costruzione in cui prevalga il femminile come “una tua amica/un tuo amico”.

f) La designazione delle donne come categoria a parte

Il fatto di designare le donne in specifiche categorie rappresenta per Alma Sabatini una forma di discriminazione, perché le emargina dalle categorie generali e, allo stesso tempo, le oggettivizza (SABATINI, 1987). L'autrice esemplifica questa pratica con orazioni in cui per esempio si parla di “vecchi, pensionati, disoccupati e donne”, in cui evidentemente il termine “donne” non risulta compreso nelle categorie che lo precedono. La necessità di creare una categoria a parte fa sorgere di nuovo il dubbio sulla reale “inclusività” del maschile. Nella Figura 7 vediamo con chiarezza l'opposizione tra “gli italiani” e “le donne”, queste ultime indicate come una categoria a sé stante, a dimostrazione della loro non appartenenza a “gli italiani”, termine che in molte altre sezioni del testo si supponeva un termine inclusivo. Inoltre, le pubblicità presentate nell'attività hanno un profondo carattere sessista che si comunica sia attraverso l'idea che “Gli italiani si voltano” quando passa una donna, presentando il gesto come naturale e per niente inopportuno, sia dalle immagini che puntano l'attenzione alle gambe femminili come parti a sé stanti al servizio, di nuovo, dello sguardo maschile.

Figura 7 –La designazione delle donne come categoria a parte: le donne



Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 120

Nella Figura 8 si presenta una breve nota biografica dedicata allo scrittore Piero Chiara, in cui si descrivono i personaggi protagonisti dei suoi romanzi come “bellimbusti, seduttori attempati, perdigiorno, piccoli impiegati, giocatori, zitellone e donne sensuali”. Il femminile, di nuovo considerato a parte rispetto a tutti i sostantivi maschili precedenti, ha in questo caso la funzione di sottolineare due caratteristiche che si applicano, in un’ottica fortemente sessista, in esclusiva alle donne: l’essere zitella o una seduttrice.

Figura 8 –La designazione delle donne come categoria a parte: zitelle e donne sensuali.



Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 71

Sabatini (1987) dedica una riflessione proprio a “zitella”, termine storicamente carico di sfumature misogine, in cui dice che il corrispondente maschile “zitello” risulta arcaico e raro e che le varianti disponibili per definire un uomo non sposato sono “celibe”, usato prevalentemente nel linguaggio burocratico come il simmetrico femminile “nubile”, e “scapolo” che, a differenza di “zitella”, ha una connotazione più positiva, perché rimanda “agli aspetti più invidiabili della libertà maschile nei rapporti con la donna” (p. 60).

g) Limitazioni semantiche del femminile sempre marcato rispetto al maschile con doppia valenza.

In questa sezione l'autrice reitera che il nodo fondamentale del maschile non marcato sta nel suo valore universale, mentre l'uso del femminile si riferisce in maniera limitata solo alle donne e al loro universo di riferimento. Frasi come "Eduardo era uno dei più grandi attori italiani" ci comunica che l'attore risalta sia tra gli attori che tra le attrici, mentre dire che "Titina è stata una delle più grandi attrici italiane" non includerebbe gli uomini ma porterebbe a pensare immediatamente solo alle donne che si dedicano alla recitazione. La scelta di alcuni libri di testo di dedicare alle donne sezioni specifiche, riquadri di approfondimento o intere unità ha lo stesso effetto di quello descritto da Sabatini. Se nella sezione b) dedicata al maschile non marcato, abbiamo sottolineato che dietro a diciture come "gli italiani" non si tiene realmente conto delle differenze di genere che nascondono dati non sempre omogenei e egualitari, la presenza di contenuti esplicitamente dedicati alle donne conferma che sui manuali si comunica una cultura androcentrica in cui le donne sono l'eccezione a cui dover dedicare un approfondimento. L'effetto di tali proposte è completamente opposto: nel tentativo di dimostrare interesse verso le donne in una porzione limitata del testo si finisce per evidenziare il sessismo presente in tutto il resto del materiale. Nel testo analizzato ci sono alcune sezioni in cui si usano prevalentemente termini femminili come quella presentata nella Figura 9, in cui si parla di "esploratrici e reporter di guerra" o "donne speciali" ma solo in relazione all'ambito della moda.

Figura 9 – Limitazioni semantiche del femminile sempre marcato rispetto al maschile con doppia valenza: la moda

“Esploratrici e reporter di guerra, pantaloni coloniali e giacche militari”



dimostrativo, indicativo, interrogativo, esclamativo
 Aggettivi numerali
 Aggettivo sostantivato
Funzioni comunicative
 Esprimere gusti e preferenze
 Scrivere annunci economici

CAVALLI SUL NILO
Per l'etichetta italiana.
 Cavalli crea sahariana per il giorno e abiti da sera con stampe deco e una miscela di seta in scaglie oro e bronzo.

FERRAGAMO, PER LA SERA
Si ripropone in silhouette e abiti da sera da indossare con grandi pellicce.
 Ferragamo è espressione del massimo lusso.

EMPORIO ARMANI, IN MINGONIA
Mingonina, giacche sbellette e cinture sotto il seno e tanti piccoli abiti da sera color verde acqua, rosa e glisole.

GUCCI, SULLE ORME DI LEE MILLER
Da provincia elegante, con cappotti maschili stretti invita da portare ad abiti da sera da sera da sera. È la nuova donna Gucci.

Sharon Stone attesissima ospite d'onore delle sfilate: **Afrodisiaci**, cervello e **carisma**.
 Ecco gli ingredienti se si vuole essere seduttivi

Dive in sahariana, la moda è avventura

Da Cavalli a Gucci, donne molto "speciali" sulle **passerelle** di Milano

Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 132

Nella Figura 10 la gerarchia di genere tra l'uomo creatore e la donna oggetto è messa in evidenza dall'espressione "Datemi una donna ne farò una top" attribuita a John Casablanca, che viene ritenuto responsabile del successo di molte "modelle", un altro dei pochi termini che viene usato prevalentemente al femminile.

Figura 10 – Limitazioni semantiche del femminile sempre marcato rispetto al maschile con doppia valenza: una donna

DATEMI UNA DONNA
NE FARÒ UNA TOP

Se lo dice lui, c'è da crederci. John Casablanca ha scoperto e lanciato le modelle più famose degli ultimi 30 anni. E non ha intenzione di fermarsi qui. . .



Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 133

In questo caso, piuttosto che dedicare alle donne sezioni specifiche sui manuali è importante realizzare una revisione profonda di tutti i contenuti che si intendono includere in un libro di testo, in una prospettiva che tenga in mente la presenza delle donne in maniera trasversale, sia nei contenuti culturali e relativi ai fenomeni sociali, sia alla presentazione di dati statistici, per offrire una rappresentazione della società italiana più acorde con la realtà.

4. Dissimmetrie relative agli agentivi

Il testo di Sabatini dedica all'argomento degli agentivi diverse riflessioni perché questi rappresentano l'effetto più chiaro del sessismo che caratterizza la società e che si riflette nell'uso della lingua italiana. Gli agentivi sono "termini utilizzati per la classificazione di persone partecipanti a funzioni, posizioni, attività di tutti i tipi presenti nella società" (BURR, 1995, p. 349) e sono quindi l'espressione del ruolo che donne e uomini rivestono nella società. Bisogna considerare che storicamente abbiamo assistito a un'evoluzione che ha visto le donne inizialmente essere relegate a ruoli familiari o a professioni che si possono considerare un prolungamento del lavoro di cura, come la maestra e l'infermiera, per arrivare nell'attualità a essere presenti in praticamente tutti i campi lavorativi. Secondo Sabatini esiste una chiara resistenza al riconoscimento del progresso femminile nella società e una chiara volontà di mantenere un'immagine stereotipata delle donne. Questo avviene attraverso diverse strategie

linguistiche che hanno l'effetto di escludere o invisibilizzare la presenza delle donne in ambiti lavorativi rilevanti e prestigiosi:

a) L'uso del titolo al maschile

Uno degli esempi forse più evidenti del sessismo linguistico è quello di identificare un referente di genere femminile con un titolo o nome di ruolo maschile. Questo avviene soprattutto alle donne che rivestono una posizione rilevante e di prestigio in ambiti che forse nel passato erano loro preclusi a causa di barriere sociali e culturali. Nella lingua italiana descritta da Sabatini nel suo studio sono numerosi gli esempi di agentivi maschili relativi alle cariche prestigiose rivestite da donne e studi successivi confermano che la tendenza a utilizzare il maschile continua ad essere prevalente (cfr. BURR, 1995; FORMATO, 2020).

Non c'è da stupirsi che questa manifestazione di sessismo linguistico ancora saldamente presente nell'italiano contemporaneo si rifletta nei libri di testo di italiano per il pubblico straniero. Nella Figura 11 Giovanna Melandri viene identificata come “ministro” ma allo stesso tempo come “filosofa” o “ricercatrice”, mettendo in evidenza l'arbitrarietà nell'attribuzione del genere maschile a certi ruoli rispetto ad altri – non a caso, chiaramente il maschile viene usato per indicare il ruolo più prestigioso.

Figura 11 -Uso del titolo al maschile: ministro

3. Se Giovanna Melandri non fosse stata ministro, una filosofa. Se non fosse stata affascinata dall'economia politica, la ricercatrice.

Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 225

b) Le sconcordanze grammaticali

Nell'esempio riportato nella Figura 11, l'accordo tra “ministro” e il participio “stata” rimanda ad un altro aspetto rilevato da Sabatini (1987), quello delle sconcordanze grammaticali: “il voler designare le cariche e gli attributi di un certo livello al maschile [...] porta a questa aberrante confusione linguistica” (p. 49-50).

Se il fatto di designare un soggetto di genere femminile con un sostantivo maschile è, infatti, uno dei casi più evidenti di sessismo linguistico, la soluzione da applicare è altrettanto evidente: le regole morfologiche nella formazione del femminile descritte in numerosi studi indicano senza ombra di dubbio che parole come “ministra” siano perfettamente accettabili e corrette grammaticalmente (cfr. per esempio ROBUSTELLI, 2012 e 2014; FUSCO, 2020).

c) Il modificatore “donna”

Un'altra forma di qualificare la presenza delle donne nel mondo del lavoro come qualcosa di eccezionale è la formazione del femminile di professione attraverso l'apposizione del modificatore “donna” a un ruolo professionale espresso al maschile. In questi casi

la parte professionale della perifrasi è al maschile e il genere della referente è denotato da “donna”, separando la persona con il suo genere (femminile, di svantaggio) dalla sua professionalità (maschile, di prestigio). Se si confronta con il maschile avvocato uomo o uomo avvocato si capisce quanto questo sia straniante. (GIUSTI, 2022, p. 6)

Oltre a essere usato per indicare professioni di prestigio, come il caso di “ministro donna”⁵, la forma perifrastica composta da “donna”, anteposto o posposto al nome di professione, è frequente in professioni relative alle forze dell'ordine, come “donna poliziotto” o “donna soldato”, in cui evidentemente la crescente presenza femminile viene considerata valida con una certa difficoltà.

Nel testo analizzato non si sono trovate forme costruite con il modificatore “donna”, il che potrebbe essere interpretato come un segnale di scarso uso di questo tipo di costruzione.

d) Il suffisso -essa

L'espressione di certe professioni attraverso il suffisso -essa, come “vigilessa” o “presidentessa” è sconsigliata dalle linee guida di Sabatini proprio perché con la derivazione del femminile dal maschile tramite un suffisso si suggerisce che la professione è originariamente maschile e che si è adattata morfologicamente al femminile. Inoltre, Sabatini (1987, p. 26-27) ricorda che il suffisso -essa “ha assunto una connotazione spregiativa, ridicolizzante o ostile” ed è usata impropriamente giacché le regole della lingua non la prevedono. La parola “vigile” è, infatti, di genere comune e l'espressione del genere è lasciata ai determinanti che l'accompagnano: “la/il vigile”. Con il tempo e l'uso, alcune forme in -essa si sono cristallizzate nella lingua e hanno perso la connotazione negativa, come è il caso, ad esempio di “dottoressa”, “studentessa” e “professoressa” (GIUSTI, 2022, p. 6-7).

Nel testo analizzato, sono decisamente rare le forme in -essa, tranne le più accettabili come “professoressa” e “studentessa”, e addirittura nel riquadro dedicato ai femminili di alcune professioni si invita a evitare il suffisso -essa perché “potrebbe conferire un tono ironico” al sostantivo (Figura 12). Sfortunatamente si consiglia di sostituire “l'avvocatessa” con “l'avvocato”

5 Ancora nel 2021 Il quotidiano la repubblica dedicava un articolo a Tina Anselmi riferendosi a lei come “la prima ministro donna”: https://www.repubblica.it/moda-e-beauty/2021/07/29/news/moda_donne_politica_power_dressing_tina_anselmi_45_anni_fa_prima_politica_italiana_anniversario-312194128/

e “la vigilessa” con “il vigile”, termini che hanno l’effetto di invisibilizzare nuovamente la presenza femminile.

Figura 12- Il suffisso -essa: la regola

Unità 2

RICORDA CHE...

alcuni nomi maschili in → -o e in → -e si comportano come quei nomi maschili in -a che aggiungono al femminile il suffisso **-essa**. Questo suffisso potrebbe conferire al sostantivo un’intonazione ironica, in particolar modo se usato per alcune professioni. Nell’italiano contemporaneo si tende a lasciare il nome al maschile anche se riferito a **donne**. Esempio:

l’avvocato (anziché l’avvocatessa) Luisa Rossi; il vigile urbano (anziché la vigilessa) Paola Guerri.

Anche la parola *presidente*, riferita a una donna, si lascia spesso invariata: *il presidente o la presidente*.

Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 38

Un unico esempio di aggettivo femminile in -essa presente in *Nuovo Qui Italia* è quello di “poetessa” (Figura 13), che secondo Alma Sabatini andrebbe sostituito con “poeta”.

Figura 13- Il suffisso -essa: poetessa

L'incontro



ALDA MERINI

Nata a Milano nel 1931 esordisce come autrice giovanissima, a soli 15 anni, nel 1947.

Nel periodo che va dal 1950 al 1953 frequenta per lavoro e per amicitia Salvatore Quasimodo. Dal 1961 inizia un triste periodo di silenzio e di isolamento, dovuto all'internamento al manicomio "Paolo Pini", che dura fino al 1972 (anche se interrotto da alcuni ritorni in famiglia).

Si alterneranno in seguito periodi di salute e malattie che durano fino al 1979 quando ritorna a scrivere, dando il via ai suoi testi più intensi sulla drammatica e scongiurata esperienza del manicomio. La Merini fa ritorno a Milano nel 1986 dopo aver sperimentato nuovamente gli onori del manicomio di Ferranto.

Sono questi, per la Merini, anni fecondi dal punto di vista letterario e di conquista di una certa serenità. Negli anni seguenti diverse pubblicazioni consolidano il ritorno sulla scena letteraria della scrittrice.

Una poetessa italiana

Alda Merini

Ha 75 anni, è una delle più grandi poetesse italiane del Novecento.

Il «presunto premio Nobel», come lei stessa ironicamente si definisce, fuma 70 o 80 sigarette al giorno (buttandone i mozziconi, senza spegnerli, sul parquet della sua minuscola casa): «Mi hanno allungato la vita», dice. Da ragazzina tentò di entrare in convento, poi ebbe un marito, quattro figlie.

Lavora ancora molto e commenta: «Ho avuto una bella vita»

Ride, spezza il filtro di una Diana, se la infila tra le labbra e l'accende. Sul parquet brucia ancora il mozzicone di quella precedente, una sottile voluta di fumo si alza tra libri, fogli, disegni, stoffe, abiti non stirati, panni che da giorni attendono di finire in una misericordiosa lavatrice, scatole di gomma da masticare e paltò macchiati appesi a un unico tronfio trespolo che sembra un babbo natale impalato da qualche crudele ragazzino.

Alda Merini è una delle più grandi poetesse italiane del Novecento. Di sigarette ne fuma settanta, a volte ottanta il giorno. "In manicomio ce le passavamo gli uni con gli altri. Stavamo in fila, a testa bassa, dentro i nostri camicioni, nel darci la **cicca indugiavamo** un po' per accarezzarci le mani. Erano le uniche ricchezze che avevamo, la sola cosa da fare, il solo gesto umano che ci univa nell'illusione di un breve spazio di normalità".

Fonte: Nuovo Qui Italia, p. 174

Dai dati appena presentati, possiamo concludere che nove delle undici categorie descritte da Sabatini come rivelatrici di sessismo linguistico hanno trovato un esempio nel libro di testo analizzato. Solo l'uso di termini a radice maschile, come "fratellanza" o "paternità", e l'uso del modificatore -donna accompagnato a un nome di professione maschile non sono presenti tra le pagine del manuale. Risulta inoltre interessante osservare che i diversi esempi di sessismo sono presenti in varie sezioni del manuale, come i titoli, gli esercizi, le tabelle esplicative o i testi adattati o autentici, cosa che mette l'accento sulla necessità di un'analisi del materiale attenta a tutte le dimensioni che lo compongono.

Considerazioni finali

I testi di Alma Sabatini, che per la prima volta in Italia proponevano in maniera strutturata il problema del sessismo nell'uso della lingua italiana, hanno svelato le diverse forme in cui la discriminazione di genere basata sulla lingua agisce in modi più o meno sottili. Le sue raccomandazioni, nonostante contino con più di trent'anni di vita, continuano ad essere un utile strumento di analisi e interpretazione della realtà linguistica in numerosi contesti, come il caso qui trattato, dei libri di testo di italiano L2/LS.

Analizzando il manuale preso come riferimento abbiamo trovato esempi di quasi tutti gli aspetti specificati dall'autrice: dall'uso di "uomo" per indicare tutto il genere umano, al diffusissimo uso del maschile non marcato, usato sia come referente a un soggetto ignoto, sia nel riferimento a gruppi misti, e per l'accordo dei participi nel caso di soggetti misti. Nell'esempio riportato di sdoppiamento, come alternativa al maschile generico, la prevalenza del maschile riafferma il disequilibrio di genere, mentre la designazione delle donne come una categoria a parte avviene tendenzialmente solo in determinati contesti e con particolari finalità nuovamente discriminatorie. Il femminile è sempre solo marcato: per esempio, quando si parla di "modelle" si parla solo di donne, ribadendo da una parte l'insufficiente capacità espressiva del maschile generico di comprendere entrambi i generi e dall'altra la marginalità della presenza femminile.

In linea con i risultati di studi precedenti (VUČENOVIĆ, 2022; SABATINI, 2022), si riconferma la presenza di esempi di agentivi al maschile con referenti femminili per le professioni di prestigio come "ministro". Inoltre, quando si invita, in linea con le raccomandazioni di Sabatini, ad evitare il suffisso -essa, come in "avvocatessa", si consiglia l'uso del titolo al maschile "avvocato", invisibilizzando nuovamente il femminile. Invece, l'uso del modificatore "donna", presente in altri manuali analizzati da Vučenović (2022), nel testo usato come campione risulta assente.

Le forme di sessismo linguistico elencate dall'autrice evidenziano gli ostacoli che l'affermazione della competenza delle donne ha incontrato, e continua ad incontrare, a livello di espressione linguistica: per il maschile delle professioni non esistono forme giustapposte (come il modificatore "uomo"), né suffissi speciali, né tantomeno vengono erroneamente identificati

soggetti maschili con termini femminili, anche in ambiti in cui la loro presenza è storicamente minore. Fortunatamente, tutte le forme di sessismo linguistico che abbiamo passato in rassegna sono facilmente superabili seguendo le regole morfologiche che guidano la formazione del femminile e il maschile degli agentivi. Queste sono perfettamente funzionanti nel sistema linguistico italiano, e, se applicate con proprietà, rendono la lingua più chiara e semplice e hanno la capacità di disinnescare l'onnipresente maschile.

I risultati ottenuti, se da una parte ribadiscono la validità dei contributi di Sabatini, dall'altra ci dimostrano che il sessismo è ancora oggi un fenomeno presente nell'italiano contemporaneo e, di conseguenza, trova un riflesso nei testi scolastici, rappresentando una forma di violenza simbolica che, attraverso l'occultamento o l'oscuramento, non dà all'operato femminile il valore che merita. Per disinnescare la discriminazione è necessario acquisire una prospettiva di genere che ci permetta di riconoscere che determinate forme di presentare la realtà, a prima vista semplici e oggettive, nascondono numerose implicazioni dettate dall'androcentrismo che caratterizza la nostra società. Come docenti, ma anche autrici e autori e editrici e editori, è nostra responsabilità essere coscienti delle varie manifestazioni che il sessismo assume nel materiale didattico, di cui in questo contributo ho evidenziato degli esempi, e lavorare affinché i valori dell'uguaglianza e i valori del femminismo si applichino in maniera concreta e trasversale all'insegnamento della lingua italiana e non rimangano, come temeva Sabatini, principi riconosciuti ma non realizzati nella pratica quotidiana.

Riferimenti bibliografici

ACCADEMIA DELLA CRUSCA. “L'Accademia risponde a un quesito sulla parità di genere negli atti giudiziari posto dal Comitato Pari opportunità del Consiglio direttivo della Corte di Cassazione”. Disponibile all'indirizzo: https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/l-accademia-risponde-a-un-quesito-sulla-parita-di-genere-negli-atti-giudiziari-posto-dal-comitato-par/31174?fbclid=IwAR12WBo_Ift4muWYzAV1ZO0WINJqhUYKJHUPuCJ9dAc84raVe8Zx3vugGX0_ Ultima consultazione: 15 apr. 2023

BIEMMI, I. *Educazione sessista. Stereotipi di genere nei libri delle elementari*. Torino: Rosenberg & Sellier, 2017.

BURGIO, G. Genere ed educazione. *Education Sciences & Society*, v. 6, n. 2, 2015, pp. 183-190.

BURR, E. Agentivi e sessi in un corpus di giornali italiani. In: MARCATO, G. (a cura di) *Dialettologia al femminile. Atti del Convegno Internazionale di Studi, Sappada/Plodn* (Belluno), 26.-30.06.1995. Padova: CLUEB 1995, pp. 349-365.

CAVAGNOLI, S.; DRAGOTTO, F. Ritorno al futuro? Le “Raccomandazioni” alla prova - a ritroso - dei dizionari dell’italiano. Una riflessione lessicologica, lessicografica e sociolinguistica. In: SOMMA, A. L.; MAESTRI, G. (a cura di). *Il sessismo nella lingua italiana. Trent’anni dopo Alma Sabatini*. Pavia: Blonk, 2020, pp. 74-120.

FORMATO, F. Linguistic markers of sexism in the Italian media: a case study of ministra and ministro. In: SOMMA, A. L.; MAESTRI, G. (a cura di). *Il sessismo nella lingua italiana. Trent’anni dopo Alma Sabatini*. Pavia: Blonk, 2020, pp. 122- 169.

FUSCO, F. L’abitudine fa la sindaca e l’avvocata. Il genere femminile nella lingua italiana anche a partire da Alma Sabatini. In: SOMMA, A. L.; MAESTRI, G. (a cura di). *Il sessismo nella lingua italiana. Trent’anni dopo Alma Sabatini*. Pavia: Blonk, 2020, pp. 44-73

GHENO, V. *Femminili singolari*. Firenze: Effequ, 2019

GIUSTI, G. Inclusività della lingua italiana, nella lingua italiana: come e perché. Fondamenti teorici e proposte operative, *DEP. Deportate, esuli, profughe. Rivista telematica di studi sulla memoria femminile*, n. 48, 2022, pp. 1-19.

MAZZETTI, A, MANILI, P. e BAGIANTI, M. R. *Nuovo Qui Italia. Corso di lingua italiana per stranieri. Livello intermedio/avanzato B2-C1*. Milano: Le Monnier, 2007.

NITTI, P. Il sessismo nella collocazione del lessico dei manuali di italiano L2. *Babylonia Journal of Language Education*, v. 3, 2021. pp. 42–45. DOI: <https://doi.org/10.55393/babylonia.v3i.123>

ROBUSTELLI, C. L’uso del genere femminile nell’italiano contemporaneo: teoria, prassi e proposte. In: CORTELAZZO, M. (a cura di.) “*Politicamente o linguisticamente corretto?*” *Maschile e femminile: usi correnti della denominazione di cariche e professioni. Atti della X Giornata della Rete per l’Eccellenza dell’italiano istituzionale (REI)*, Roma, 29.11.2010. Bruxelles: Commissione Europea, 2012, pp. 1-18.

ROBUSTELLI, C. *Donne, grammatica e media. Suggerimenti per l’uso dell’italiano*. GIULIA Giornaliste Unite Libere Autonome, 2014.

SABATINI, A. *Il sessismo nella lingua italiana e Raccomandazioni per un uso non sessista della lingua italiana*, Roma: Istituto poligrafico e Zecca dello Stato-Libreria dello Stato; Presidenza del consiglio dei ministri-Direzione generale delle informazioni della editoria e della proprietà letteraria artistica e scientifica, 1987.

SABATINI, S. Stereotipi e sessismo linguistico nei manuali di italiano L2/LS: analisi e proposte di riscrittura inclusiva. *Studi di Genere. Quaderni di Donne & Ricerca*, v. 11, Torino: CIRSDe, Università di Torino, 2022.

THORNTON, A. M. Genere e igiene verbale: l'uso di forme con ə in italiano. *Annali Del Dipartimento Di Studi Letterari, Linguistici E Comparati. Sezione Linguistica*, n. 11, 2022, p. 11-54. DOI: <https://doi.org/10.6093/2281-6585/9623>

VUČENOVIĆ, N. Grammaticalmente o ideologicamente corretto? L'impiego del maschile generico nei manuali di italiano per stranieri, *Italiano LinguaDue*, v. 14, n. 1, 2022, pp. 229-241. DOI: <https://doi.org/10.54103/2037-3597/18176>

Ricevuto il: 17/04/2023

Accettato il: 16/10/2023

GLI ANGLICISMI VIRALI DEL 2020: LE MODALITÀ COMUNICATIVE DI UNA CRISI TRA (PSEUDO)TECNICISMI E ITALIANO BUROCRATICO

**Os anglicismos virais de 2020: as modalidades
comunicativas de uma crise entre
(pseudo)tecnicismos e italiano burocrático**

**The 2020 Viral Anglicisms: The
Communicative Modalities of a Crisis between
(Pseudo)Technicalities and Bureaucratic Italian**

VITTORIA RUSSO *

ABSTRACT: Durante il periodo di emergenza sanitaria milioni di italiani hanno iniziato ad utilizzare piuttosto in fretta molte parole legate alla pandemia, la cui diffusione è avvenuta soprattutto grazie ai mezzi di comunicazione di massa che nel mondo di oggi, interconnesso e globalizzato, esercitano una grande influenza sugli usi linguistici. Alla base di questo studio vi è l'approfondimento di un fenomeno che riguarda la lingua italiana da molto e che continua ad essere piuttosto attuale: la presenza di termini ed espressioni inglesi, usati per indicare idee e concetti che hanno fatto e che continuano tuttora ad essere parte della lingua comune. L'obiettivo di questo lavoro è quello di esaminare alcuni degli anglicismi più diffusi nel 2020 in relazione a due *corpora* distinti (uno di stampo giornalistico e uno istituzionale) e, attraverso uno studio di tipo esplorativo, capire il loro grado di diffusione e di sostituibilità. I risultati ottenuti, infatti, permettono di notare che

*Master - Università della Calabria
vittoriar96@gmail.com (ORCID: 0009-0004-9770-9362)

DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v0i48p146-175>



molti di questi erano già presenti nella lingua italiana ma circoscritti a specifici ambiti settoriali: con l'avvento della pandemia, invece, e soprattutto attraverso i *mass media*, sono diventati di dominio generale.

PAROLE CHIAVE: Cambiamento linguistico; Anglicismi; Pandemia; Comunicazione.

RESUMO: Durante o período de emergência sanitária, milhões de italianos começaram a usar rapidamente muitas palavras relacionadas à pandemia, cuja propagação ocorreu principalmente graças aos meios de comunicação de massa que no mundo de hoje, interconectados e globalizados, têm uma grande influência no uso linguístico. A base deste estudo é o aprofundamento de um fenômeno que tem preocupado a língua italiana por um longo tempo e que continua sendo bastante atual: a presença de termos e expressões em inglês, usados para indicar ideias e conceitos que fizeram e continuam a fazer parte da linguagem comum. O objetivo deste trabalho é examinar alguns dos anglicismos mais difundidos em 2020 em relação a dois *corpora* distintos (um jornalístico e outro institucional) e, através de um estudo exploratório, entender seu grau de difusão e substitutibilidade. Os resultados obtidos nos permitem notar que muitos desses termos já estavam presentes na língua italiana, mas limitados a áreas setoriais específicas; com o advento da pandemia, no entanto, e especialmente através das mídias de massa, tornaram-se de domínio geral.

PALAVRAS-CHAVE: Mudança linguística; Anglicismo; Pandemia; Comunicação.

ABSTRACT: During the period of health emergency millions of Italians began to use rather quickly many words related to the pandemic. The spread of such words occurred mainly thanks to the mass media that have a great influence on linguistic usage in today's interconnected and globalized world. The basis of this study is the deepening of a phenomenon that has concerned the Italian language for a long time and that continues to be quite current: the presence of English terms and expressions, used to indicate ideas and concepts that have been and continue to be part of everyday life. The aim of this work is to examine some of the most widespread anglicisms in 2020 in relation to two distinct corpora (a journalistic one and an institutional one) and, through an exploratory study, to understand the extent of diffusion and substitutability of these terms. The results obtained allow us to note that many of these anglicisms were already present in the Italian language

but were limited to specific sectors; with the advent of the pandemic, however, and especially through the mass media, they have become generally widespread.

KEYWORDS: Linguistic change; Anglicisms; Pandemic; Communication.

“...mai come in quei giorni,
giorni che speriamo non ritornino mai più,
ci siamo resi conto di vivere
una vita tra le parole”
(ANTONELLI, 2021, p. 149).

1. Introduzione

Il cambiamento linguistico non avviene mai improvvisamente: si può sentire una parola in televisione, alla radio, leggerla nei giornali ma, per far in modo che la reale diffusione avvenga, è necessaria la partecipazione di una comunità linguistica e, soprattutto, l'interazione diretta tra i parlanti. In questo contesto la pandemia di Covid 19 non ha quindi avuto effetti solo dal punto di vista medico-sanitario (PIETRINI, 2021, p. 18), ma anche da quello linguistico e il virus non è stato l'unico a mutare, visto che ha influenzato anche il linguaggio.

Nel presente lavoro l'attenzione verrà posta in modo particolare su alcuni degli anglicismi utilizzati dai comunicatori pubblici e istituzionali, i quali, di fronte alle conseguenze di un'emergenza inattesa, hanno dovuto non solo riformare il loro linguaggio adattandolo alle nuove necessità, ma anche interpretare in maniera quasi immediata i testi giuridici e gestire un numero sempre più crescente di domande proveniente dall'opinione pubblica.

Nella parte iniziale si daranno brevi cenni storici sull'influsso dell'inglese sulla lingua italiana per poi arrivare alla definizione di anglicismi, pseudo-anglicismi, prestiti adattati e non adattati.

Nella parte centrale dell'articolo, poi, si troveranno lo studio e l'analisi degli anglicismi presi in esame, oltre che dei loro corrispondenti italiani, con l'obiettivo di mettere in luce le modalità comunicative del discorso istituzionale e giornalistico; si tratta di termini provenienti sia da specifici ambiti settoriali come quello economico (*cashback*, *recovery fund*), medico (*contact tracing*, *spillover*), informatico (*droplet*), politico (*click day*, *V-day*) ma anche dal linguaggio giornalistico (*covid free*, *drive-through*, *lockdown*, *smart working*).

Il periodo che abbiamo analizzato è gennaio-dicembre 2020. Si è prestata, tuttavia, particolare attenzione ai mesi in cui l'emergenza ha raggiunto il picco, perciò quelli da marzo in poi. Infine, si passerà a riflettere sulle ripercussioni e sulla risonanza che i termini analizzati hanno avuto nella lingua comune rispetto agli equivalenti italiani e a capire la natura e i motivi della loro diffusione.

2. L'influsso dell'inglese nell'italiano: brevi cenni storici

La relazione tra l'inglese e l'italiano non è un fenomeno recente: se fino al Rinascimento le parole inglesi accolte in italiano erano, però, molto poche e relegate perlopiù alle necessità giuridiche e commerciali dei banchieri e dei mercanti italiani attivi in Inghilterra, un vero e proprio interesse per la cultura inglese inizia soltanto nel Settecento; il termine “anglicismo”, infatti, risale proprio a quest'epoca (GUALDO, 2019, p. 26). Nel secolo dei Lumi grazie alla rivoluzione industriale, alla grandezza dell'impero coloniale, ai successi economici e diplomatico-militari della Gran Bretagna e degli Stati Uniti, al mito della rivoluzione americana e della giovane Nazione indipendente, si arriva a parlare di anglomania, cioè di un'autentica ammirazione e imitazione della tradizione e della cultura inglese. È proprio questo il periodo in cui termini come *club*, *pamphlet*, *humor* entrano nella lingua italiana insieme ad altri termini legati alla moda, alle bevande, ai cibi, ai commerci e alla navigazione (CARTAGO, 1994, p. 727). Nel corso dell'Ottocento, poi, in Italia iniziano ad avere molto successo le opere di Shakespeare, le sue tragedie, infatti, vengono tradotte in italiano; nel Novecento, già dalla fine della Prima Guerra Mondiale, l'attrattiva verso la lingua inglese continua a crescere, in particolare verso l'*American English*, ma il momento di svolta arriva dopo la Seconda Guerra Mondiale perché gli Stati Uniti diventano emblema di libertà e di uno stile di vita nuovo e affascinante, soprattutto per le classi operaie e per i giovani, segnando il successo dell'irresistibile *American way of life* che ha invaso tutti i settori della vita quotidiana. Alcuni studiosi della lingua hanno definito questo fenomeno “itanglese” o “itanglish”, espressione nata dalla contaminazione tra “inglese” e “italiano” e usata per indicare un italiano fortemente influenzato dalla lingua inglese (VALLE, 2018). Una delle conseguenze più recenti di ciò è la formazione di pseudo-anglicismi, cioè di espressioni che nella lingua di arrivo vengono percepite come prestiti, ma nella lingua di origine hanno un altro significato o, in alcuni casi, non esistono. Si tratta di un termine già attestato negli anni Settanta, in particolare in “Influssi inglesi nella lingua italiana” del linguista Klajn (1972, p. 101) in cui spiega che “un vero pseudo-anglicismo, o falso prestito, sarebbe una parola ritenuta inglese, ma che in inglese non esiste affatto”. Si pensi, per esempio, a *spending review*, un'espressione apparsa nelle cronache economico-finanziarie nel 2012 e che in inglese indica la revisione della spesa pubblica, ma in italiano viene spesso abbreviata in *spending*, che, in inglese, indica qualcosa di diverso, ovvero un'azione di spesa (CORBOLANTE, 2014); oppure *focus* che deriva da *focus document* o *focus report*, che nei siti ministeriali indica un documento di approfondimento mentre in inglese indica una cosa, una persona o una situazione a cui si presta particolare attenzione, un punto focale, quindi, oppure enfasi (CORBOLANTE, 2016). Diverso è, invece, il caso dei prestiti adattati o calchi che fino alla metà del Novecento erano frequenti (un esempio è il termine “bistecca” che deriva dall'inglese *beefsteak*). Nell'italiano di oggi, invece, sono gli anglicismi non adattati a conoscere una più larga diffusione: si pensi a parole come *computer*, *film*, *stop*, *shopping*, *blog*, *bar*, *smartphone*, *slogan*, *partner*, *show*,

pullman, staff, standard e così via, per le quali l'Accademia della Crusca ha rinunciato ormai da tempo a trovare un sostituto (D'ACHILLE, 2017). “L'adozione di parole straniere non è affatto un male di per sé” afferma Vittorio Coletti (2016), anzi è una linfa per le lingue vive e, quando l'adozione funziona bene, i forestierismi non vengono più percepiti come tali, ma diventano parole italiane.

Va aggiunto che ad oggi in Italia non esiste nessuna legge che tuteli la lingua nazionale: l'Accademia della Crusca, infatti, non può imporre obblighi linguistici e non ha gli stessi poteri delle accademie consorelle ovvero, *l'Académie Française* e la *Real Acadèmia Española*, che svolgono compiti specifici nella sostituzione di anglicismi che potrebbero entrare nelle rispettive lingue. Finora, solo la legislazione italiana è stata cauta nell'accogliere forestierismi: nel 2001, infatti, i Presidenti di Camera e Senato e il Presidente del Consiglio dei ministri decisero di adottare le regole e raccomandazioni per la formulazione tecnica dei testi legislativi, in cui veniva fortemente consigliato di evitare le parole straniere, a meno che queste non fossero già in uso o non ci fossero sinonimi italiani corretti (GUALDO, 2019, p. 43). Tuttavia, in casi di emergenza come quelli vissuti durante la pandemia, i forestierismi non sono mancati: la paura di fronte ad una situazione inattesa e il rapido cambiamento degli eventi non ha lasciato il tempo ai comunicatori pubblici ed istituzionali di evitare gli anglicismi e di riflettere sull'uso della lingua e “questo non è un problema da poco”, sostiene Cortelazzo (2021, p. 197) soprattutto perché la lingua burocratica e istituzionale è già ostica di per sé. Quando si parla di italiano burocratico o burocratese, infatti, si fa riferimento a quella varietà di lingua italiana caratterizzata da uno stile comunicativo e da un linguaggio oscuro e difficile da comprendere, utilizzato da amministrazioni e istituzioni pubbliche, soprattutto in forma scritta. La complessità del linguaggio burocratico, amministrativo e istituzionale, inoltre, è un problema antico: nell'Ottocento con Giuseppe Dembsher e il Manuale, ossia la guida per migliorare lo stile di cancelleria, si trovano alcune indicazioni su come evitare l'oscurità di questo tipo di linguaggio. Negli anni passati, invece, ci hanno provato ministri come Sabino Cassese con il “Codice di Stile” (1993), ma anche professori universitari come Maria Emanuela Piemontese con “Guida alla redazione dei documenti amministrativi” (1997) e Michele Cortelazzo con “Guida alla scrittura istituzionale” (2003). Ancora oggi, il tema della battaglia al burocratese è piuttosto vivo, soprattutto perché, di fronte ad un'emergenza sanitaria inattesa, chi si occupa di comunicazione si è ritrovato ad interpretare in maniera quasi immediata i testi giuridici, caratterizzati da locuzioni preposizionali e congiunzionali complesse (“a condizione che”, “allo scopo di”, “al fine di”), connettivi arcaici o perlomeno di basso uso (“allorquando”, “ivi”, “ove”), verbi fraseologici (“trovare applicazione”, “essere a conoscenza”), nominalizzazioni, incisi, ridondanze di ogni genere, abbreviazioni e sigle non sempre note (DPCM per decreto del Presidente del Consiglio dei Ministri; DPR per decreto del Presidente della Repubblica), ma anche dalla presenza dei cosiddetti pseudo-tecnicismi o tecnicismi collaterali così chiamati da Serianni (1985, p. 270), parole, cioè, non propriamente tecniche e non necessarie ma preferite per la loro connotazione tecnica come marca di stile e di registro più alto (LUBELLO, 2021) e che, come sostiene il saggista Benedetti, sono “spesso

immesse nel discorso col solo esito di aumentare le difficoltà di comprensione anche quando sarebbero disponibili i corrispettivi italiani” (2008, p. 61). La presenza dell’inglese, dunque, a differenza di qualche anno fa, sembra essere ormai inarrestabile persino nei documenti istituzionali i quali, secondo la studiosa Vaccarelli (2019), appaiono sempre più destinati a quella limitata fascia di popolazione con un’appropriata educazione giuridica, e perciò inaccessibili alla maggior parte dei cittadini; aspetto paradossale dato che le leggi e i testi normativi dovrebbero raggiungere tutti, a prescindere dal livello di scolarizzazione.

La storia, tuttavia, ricorda quanto sia complesso intervenire sull’uso della lingua, imponendo obblighi e divieti¹: durante gli anni del fascismo, le parole straniere scomparvero non solo dalla ricerca scientifica, ma anche dalle insegne, dalle scritte commerciali, da tutti i luoghi e dagli scritti di rilevanza pubblica e di maggiore visibilità, come la stampa, la radio, il cinema, la scuola e lo sport che sono stati al centro di questa operazione. Tuttavia, i tentativi del regime di modernizzare il sistema linguistico furono un fallimento pressoché totale. Nella lingua di oggi, spiega Rosati (2018), il contatto linguistico è ormai inevitabile.

3. Metodologia e corpus

Nel presente articolo sono presi in esame concetti e tematiche affrontate da altri linguisti (in particolare CORBOLANTE 2016, 2020, 2021; MARAZZINI 2020; CORTELAZZO 2021; GUALDO 2019) che riguardano l’influenza dell’inglese sulla lingua italiana. In particolare, questo lavoro si concentra su 11 anglicismi, analizzati partendo da due *corpora* distinti: gli atti normativi pubblicati sulla *Gazzetta Ufficiale* e gli articoli di giornale del *Corriere della Sera*.

Il primo *corpus* di testi è costituito dai 72 atti normativi pubblicati sulla *Gazzetta Ufficiale* durante il 2020, che comprendono le varie leggi, i decreti del Presidente del Consiglio dei Ministri, i decreti-legge e le delibere del Consiglio dei Ministri. Gli atti sono reperibili sul sito della *Gazzetta Ufficiale*: dopo aver effettuato l’accesso alla sezione “aree tematiche”, è presente una parte dedicata al coronavirus, da cui è possibile risalire alla raccolta degli atti emanati dal governo con misure urgenti in materia di contenimento e gestione dell’emergenza epidemiologica da Covid-19.

1 Durante l’epoca fascista, infatti, Benito Mussolini voleva fondare un’Italia nuova ma soprattutto una lingua nuova, un italiano uguale per tutti e, per realizzare questo obiettivo, il regime manifesta una vera e propria xenofobia linguistica. Sono questi gli anni delle campagne di stampa contro i forestierismi, considerati come dei mali da estirpare e che, secondo il fascismo, avevano invaso ogni campo. [Cfr. VANNI, 2014]

Il secondo *corpus* è invece costituito dagli articoli di giornale pubblicati, sempre nel 2020, su uno dei più noti quotidiani italiani, ovvero *Corriere della Sera*, comprese le edizioni regionali, presenti negli archivi del giornale pubblicati sul sito.

Seguirà l'analisi degli anglicismi citati, raggruppati in base al linguaggio settoriale da cui derivano, riportando, oltre al loro corrispettivo italiano, laddove esiste, il numero totale di occorrenze in entrambi i *corpora* attraverso l'utilizzo di una tabella in cui per ogni mese è possibile osservarne la frequenza, al fine di risalire al numero complessivo delle occorrenze mensile e poi annuale e per arrivare a riflettere sulla differenza d'uso nei due *corpora* esaminati.

4. La lingua italiana e l'economia

Generalmente, il motivo principale per cui i forestierismi entrano nella nostra lingua è la mancanza di parole equivalenti per indicare cose o concetti sconosciuti alla nostra cultura (COCO et al., 2008, p.74). Esistono, tuttavia, anche casi diversi, quando, per esempio, è stato annunciato il piano del governo per combattere l'evasione, incentivando i pagamenti tracciabili, è stato usato un forestierismo, nonostante la lingua italiana disponesse già di una valida alternativa. Il termine in questione è *cashback* – “rimborso”, il quale, facendo riferimento alla definizione del Devoto-Oli (2021), indica proprio un rimborso parziale della cifra spesa per un acquisto. L'iniziativa, inoltre, ha portato con sé due anglicismi correlati: *cashless* e *contactless*, entrambi formati dalla preposizione *less* (“eccetto, a meno di”) e, rispettivamente, dai sostantivi *contact* e *cash* (“contatto” e “denaro”). Quello di cui bisogna tener conto, però, è che non si tratta di termini arrivati dal nulla: secondo il dizionario Devoto-Oli, infatti, il primo uso di *cashback* risale al 2012, anche se viene accolto nel dizionario soltanto a partire dall'edizione del 2021. Si tratta, infatti, di un termine che già circolava in italiano ma con una bassa frequenza e solo in documenti di natura finanziaria. Nel 2020, invece, come si osserva nella Tabella 1, il suo ambito d'uso si espande, entrando ufficialmente nella lingua italiana nell'ultimo mese dell'anno: il 2 dicembre 2020, infatti, per sostenere le attività commerciali e le famiglie, la Presidenza del Consiglio dei Ministri e il Ministero dell'Economia e delle Finanze promuovono il Piano Italia *Cashless* che prende avvio con un breve messaggio pubblicitario mandato in onda in prima serata su tutti i canali nazionali e dedicato alla prima misura del piano, ovvero *l'extra cashback* di Natale². Nella *Gazzetta Ufficiale*, invece, da gennaio fino all'autunno del 2020, il termine *cashback* era quasi assente: l'unica attestazione riguarda il mese di agosto, in particolare il decreto-legge del 14/08 in cui nell'articolo 73 si parla di “rifinanziamento *cashback*”. Ricompare, poi, in un decreto

2 La conferenza stampa è consultabile sul sito ufficiale del Governo Italiano (www.governo.it) alla voce “governo” e “campagne di comunicazione”.

di ottobre e in quello del 28 novembre in cui viene citato il “sistema *cashback*” o il “rimborso *cashback*” senza ulteriori spiegazioni; espressione che potrebbe risultare ridondante, dal momento che *cashback* significa proprio “rimborso” ed è, quindi, come se si dicesse: “rimborso rimborso”.

Tabella 1 – Occorrenze del termine *cashback*

Mese	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	0
Marzo 2020	0	0
Aprile 2020	0	0
Maggio 2020	0	0
Giugno 2020	0	1
Luglio 2020	0	12
Agosto 2020	1	6
Settembre 2020	0	5
Ottobre 2020	1	10
Novembre 2020	9	27
Dicembre 2020	0	126
TOTALE	11	197

L'utilizzo della parola *cashback* non è stato visto di buon occhio neanche dall'Accademia della Crusca e in particolare dall'allora Presidente Marazzini, il quale ha dichiarato che ancora una volta, senza nessun motivo, si era deciso di rinunciare alla lingua italiana e di usare un termine inglese per rivolgersi ai cittadini italiani, senza peraltro considerare che per la stragrande maggioranza di loro, *cashback* è un termine oscuro³ (BRIGHENTI, 2020).

3 Intervento di Claudio Marazzini tratto da un'intervista a cura del giornalista Matteo Brighenti, 2020. https://www.paneacquaculture.net/2020/06/01/gli-italiani-non-sono-feri-della-propria-lingua-intervista-a-claudio-marazzini-presidente-accademia-della-crusca/?fbclid=IwAR1V14CCR-3n5v2vDZs1usU0YSJpCnLqI_KA6Sh4W0mzAdeFIQqYij8ydR38 (ultima consultazione: 13 ott.

Un altro anglicismo proveniente dalla lingua della politica molto diffuso nella stampa con circa 900 occorrenze (Tabella 2) è *Recovery fund* – “fondo per la ripresa”. L’espressione è stata accolta come neologismo dal Devoto-Oli a seguito dell’emergenza sanitaria con la definizione di “strumento finanziario per l’erogazione di sussidi e investimenti a sostegno della ripresa di un sistema economico (regionale, nazionale o transnazionale) messo in difficoltà da una situazione di crisi o di emergenza”. Negli atti della Gazzetta Ufficiale l’anglicismo non si è affermato, anche se si tratta di “un copione già visto altre volte”, sostiene la studiosa Corbolante (2021): nella comunicazione pubblica politici e media privilegiano anglicismi, mentre nei testi istituzionali e delle leggi vengono usati nomi italiani.

Diversa è, infatti, la situazione per l’oralità, quantomeno, per gli ambiti ritenuti meno informali: il Presidente Conte ad aprile 2020, ad esempio, usa proprio l’espressione inglese per annunciare ai cittadini l’introduzione di questo strumento innovativo in grado di risollevare il Paese dalla crisi economica causata dalla pandemia⁴. Sono stati numerosi, poi, gli interventi successivi in cui, non solo Conte ma anche altri ministri e cariche di rilievo hanno usato la locuzione inglese, tanto che *Recovery fund* viene considerato, sempre dalla terminologa Corbolante (2021), un anglicismo istituzionale a tutti gli effetti (2021).

Tabella 2 – Occorrenze per *Recovery fund*

Mese	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	0
Marzo 2020	0	0
Aprile 2020	0	64
Maggio 2020	0	70
Giugno 2020	0	74
Luglio 2020	0	137
Agosto 2020	0	67
Settembre 2020	0	182

2023).

4 Un estratto del filmato è consultabile sul canale Youtube curato da “La Repubblica” (<https://www.youtube.com/watch?v=L0Jn9IGwxE4>).

Ottobre 2020	0	115
Novembre 2020	0	89
Dicembre 2020	0	79
TOTALE	0	877

Un fenomeno ricorrente, poi, è quello di utilizzare l'abbreviazione *recovery*, privilegiando il determinante anziché il determinato e trasformando, così, l'anglicismo in un pseudo-anglicismo oppure confondere *fund* con *found*, forma del participio passato del verbo *find*, cioè “trovare”, “scoprire”, “cercare” o *recovery* con *ricovero*, termine che, invece, in inglese non esiste.

Il *Recovery Fund* ha portato all'approvazione da parte del Consiglio dei Ministri del “Piano Nazionale di Ripresa e di Resilienza (PNRR)”, pubblicato poi in *Gazzetta Ufficiale*, che risulta ricco di termini ed espressioni inglesi derivanti tutti dal linguaggio dell'economia e della finanza come: *governance, fixed wireless access, chatbot, smart procurement, green deal, outcome-based performance, social collaboration, migration as a service, mobility as a service, knowledge management, fintech, agritech, design a chart of accounts for the EPSAS/IPSAS based accounting in the Italian public administration, green deal, gender equality index, bricks and bytes, once only, country specific recommendations, accounting maturity, capacity building, venture capital, STEM-Science, Technology, one health*⁵.

5. Tecnicismi medici nel lessico quotidiano

Fra i vari linguaggi settoriali, negli ultimi anni è stato quello della medicina ad interessare da vicino l'esperienza di tutti i parlanti e la lingua di riferimento della letteratura scientifica internazionale è proprio l'inglese (GUALDO, 2019, p. 43). Gli anglicismi presenti nel linguaggio medico, infatti, secondo Bellina (2011), non solo sono numericamente rilevanti ma giungono ad occupare livelli più pervasivi del linguaggio. È dall'inglese che provengono termini ormai noti come *by-pass, check-up, scanning, screening, pap-test* (2011), entrati in italiano come prestiti integrali e per i quali sarebbe impossibile trovare un sostituto.

È proprio dall'ambito medico che proviene il prossimo anglicismo, ovvero *contact tracing* – “tracciamento dei contatti”, un'espressione usata in particolare da quando, nel febbraio 2020, è stato necessario rintracciare tutte le persone con cui il trentottenne di Codogno, il primo paziente

5 Il documento è consultabile sul sito ufficiale del Governo Italiano, nella sezione dedicata al PNRR meglio mettere i link in nota e non nei riferimenti.

italiano ufficiale di Covid-19, era entrato in contatto. Un neologismo, dunque, dell'edizione del 2020 del Devoto-Oli, adottato sin da subito, prima dalla stampa e poi dalle istituzioni, come si osserva nella Tabella 3.

È nel mese di ottobre che, però, le occorrenze osservate nel *Corriere della Sera* aumentano in maniera notevole, visto che, con l'inizio della seconda ondata, il tracciamento dei contatti si fa ancora più intenso. Al contrario, nella *Gazzetta Ufficiale*, le occorrenze sono presenti in minor quantità: *contact tracing* compare per la prima volta soltanto a maggio, in particolare nell'allegato n.17 del decreto del 17 maggio.

Tabella 3 – Occorrenze del termine *contact tracing*

Mese	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	0
Marzo 2020	0	5
Aprile 2020	0	38
Maggio 2020	1	20
Giugno 2020	1	43
Luglio 2020	1	46
Agosto 2020	3	55
Settembre 2020	0	22
Ottobre 2020	18	65
Novembre 2020	55	51
Dicembre 2020	67	25
TOTALE	146	370

Anche in questo caso non si tratta di un concetto nuovo: quello che si è denominato *contact tracing* era infatti già nato decenni prima della sua diffusione durante la pandemia nell'ambito della sanità pubblica (CORBOLANTE, 2020) per indicare tutti quei soggetti che potrebbero essere stati a contatto con un portatore di malattie altamente infettive come il morbillo, l'ebola, l'infezione da HIV e la tubercolosi, quindi è un termine che nasce. L'espressione inglese

oltretutto è già attestata nel *Corriere della Sera* e risale al 2017, anno in cui vennero trovati tre focolai di morbillo.

L'espressione *contact tracing* è quindi un esempio di come un evento mondiale come la pandemia ha portato con sé ripercussioni anche sul piano linguistico. In questo caso, si passa da un tecnicismo raro e di basso uso un termine molto frequente proprio perché trova un valido alleato nella lingua dei giornali, dell'informazione, dell'intrattenimento e della propaganda politica. È necessario specificare, però, che sono soprattutto le più alte istituzioni, in alcuni casi, a non prestare particolare attenzione alla lingua da usare: il Ministero della Salute, ad esempio, un punto fondamentale durante il periodo di emergenza sanitaria, più volte ha pubblicato comunicati in cui veniva usato l'anglicismo, il quale verrà poi ripreso anche da altre istituzioni governative. Una possibile spiegazione può essere anche fornita dal fatto che organismi internazionali come l'Organizzazione Mondiale della Sanità, punto di riferimento fondamentale durante il periodo di pandemia, ma anche l'ONU, con le sue organizzazioni satelliti, e l'Unione Europea usano l'inglese come lingua veicolare.

Ancora una riflessione: la pandemia da Covid-19 non ha presentato una situazione completamente nuova visto che in tempi più o meno recenti l'umanità ha dovuto fare i conti con l'influenza spagnola e quella asiatica e con l'ebola. La minaccia del coronavirus è quella attuale, ma è da quando l'uomo ha iniziato ad organizzarsi in società che le malattie contagiose hanno assunto un ruolo particolare nella storia dell'umanità. Quello che accomuna molti di questi virus è la modalità con cui si sono trasmessi e per designarlo spesso si è fatto ricorso ad un anglicismo, anche in questo caso proveniente dall'ambito medico-scientifico, ovvero *spillover* – “salto di specie”. Registrato come un neologismo in una delle ultime versioni del Devoto-Oli, ma riportato anche in altre fonti come “Treccani”, nel linguaggio medico il termine indica il passaggio di un agente patogeno da una specie all'altra, fenomeno biologico ritenuto la causa scatenante del Covid-19.

Va detto che non tutte le parole che entrano nel vocabolario vengono usate con la stessa frequenza e che, allo stesso modo, non tutti i forestierismi registrati sono destinati ad entrare in italiano in maniera così significativa: si tratta, infatti, di un anglicismo perlopiù instabile, quantomeno nell'uso quotidiano, uscito quasi subito dal linguaggio comune e che si è fatto notare perché è entrato in italiano come un prestito non adattato, immediatamente riconosciuto come tale dai parlanti e dunque associato ad un linguaggio tecnico-specialistico. Come si vede dalla Tabella 4, infatti, le uniche occorrenze del termine riguardano il linguaggio giornalistico.

Tabella 4 – Occorrenze del termine *spillover*

Mese	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	9

Marzo 2020	0	7
Aprile 2020	0	15
Maggio 2020	0	8
Giugno 2020	0	6
Luglio 2020	0	10
Agosto 2020	0	2
Settembre 2020	0	4
Ottobre 2020	0	3
Novembre 2020	0	2
Dicembre 2020	0	1
TOTALE	0	67

Molte di queste occorrenze, in realtà, riguardano il libro di David Quammen intitolato proprio “Spillover” (2014) in cui veniva preannunciata la possibilità di una nuova e temibile pandemia. Il grado di diffusione del termine, quindi, come si nota dai numeri, è sempre stato molto basso: nel linguaggio istituzionale non ha avuto successo e nella *Gazzetta Ufficiale* compare, piuttosto, il corrispondente italiano, ovvero “salto di specie”.

6. Linguaggio settoriale e lingua comune

Un'altra parola chiave di questo periodo è il termine *droplet* – “gocciolina”. Per il Devoto Oli, la prima attestazione nella lingua italiana risale al 2001, ma circoscritta esclusivamente all'ambito informatico, usato per indicare un'applicazione che consente di eseguire in modo automatizzato una medesima azione su numerosi documenti. Nonostante, quindi, il termine sia stato registrato in italiano quasi vent'anni fa, è stato introdotto nel dizionario soltanto a seguito dell'emergenza sanitaria del 2020 come neologismo e con una nuova accezione, quella di “minuscola goccia di saliva o escreato che una persona emette involontariamente nell'ambiente starnutando, tossendo o anche solo parlando, potenziale veicolo di trasmissione di agenti patogeni” (Devoto-Oli, 2021). Si tratta di un termine che da marzo 2020 inizia a circolare anche fuori dalla letteratura scientifica, entrando a far parte non soltanto del lessico quotidiano ma anche di quello istituzionale e burocratico. Soltanto nel 2020 registra quasi 120 occorrenze negli atti normativi

della *Gazzetta Ufficiale*, senza contare i numerosi comunicati stampa, avvisi, campagne di comunicazione e dichiarazioni in cui il forestierismo appare in forma scritta ma anche orale. Da marzo 2020 anche *Corriere della Sera* e gli altri giornali nazionali iniziano a registrare un numero maggiore di occorrenze del termine, come si osserva nella Tabella 5, molto spesso associato a quell'insieme di gocce attraverso le quali si può verificare il contagio. La parola entra nell'uso corrente così velocemente da essere usata non soltanto come termine tecnico-scientifico, ma anche nel significato esteso di distanza di sicurezza per evitare il contagio.

Tabella 5 - Occorrenze del termine *droplet*

Mese	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	1
Marzo 2020	0	50
Aprile 2020	0	15
Maggio 2020	8	19
Giugno 2020	16	12
Luglio 2020	12	14
Agosto 2020	15	2
Settembre 2020	0	3
Ottobre 2020	34	12
Novembre 2020	17	4
Dicembre 2020	17	2
TOTALE	119	134

Oltre al significato denotativo di gocciolina, la parola *droplet* acquisisce un significato connotativo più ampio: accade, infatti, che in molti casi per giustificare la necessità di un anglicismo viene reinventato il suo significato trasformandolo in qualcosa di nuovo. Alla base ci potrebbe essere una semplificazione semantica: partendo dalla regola di dover mantenere la distanza minima di sicurezza, si è arrivati al criterio, alla norma del *droplet*, spiega Di Carlo (2020). A livello morfologico bisogna considerare un aspetto, quello del plurale: in alcuni casi si registra la -s finale, che indica proprio il plurale, ma nella maggior parte dei casi si preferisce

l'invariabilità, come avviene, d'altronde, per i forestierismi non adattati. Se da un lato, dunque, è certo che il linguaggio burocratico è quella varietà di lingua che risulta essere più resistente e più compatta ai mutamenti temporali, è altrettanto vero che, d'altra parte, rappresenta l'origine di neologismi e tecnicismi (PIZZOLI, 2018, p. 103): uno dei primi ad usare il termine *droplet* in Italia è stato il Presidente della regione Veneto, Luca Zaia, il quale, durante un'intervista sulla bozza di un decreto, concessa per la carica istituzionale che occupa, parla di limitazioni del *droplet* e di garantire il *droplet*, cioè il metro di distanza utile per evitare il contagio.

7. Lingua e istituzioni politiche

Altri due anglicismi, diffusi grazie a delle specifiche iniziative, sono *click day* e *V-day*. Anche chi ha una conoscenza prettamente scolastica dell'inglese, ormai ha familiarità con locuzioni del tipo *x-day*, in uso da circa 40 anni nella lingua italiana, e che si riferiscono a giorni specifici in cui ricorre un determinato evento (CORBOLANTE, 2020b). In particolare, del 2020 si ricordano due giornate *click day* – “giornata del clic”, dedicata all'invio telematico di richieste e *V-day* o *vaccine day* – “giornata del vaccino”. Il primo, il *click day*, è un evento che nel 2020 è ricorso il 3 novembre (ma non solo) ed era una giornata in cui si potevano ricevere buoni o rimborsi per l'acquisto di mezzi di mobilità sostenibile. In questo caso, però, non si tratta di un neologismo: il vocabolario Treccani, infatti, registra la voce già nel 2008, con particolare riferimento alle domande di nullaosta per l'assunzione e la regolarizzazione di lavoratori extracomunitari. Lo stesso vale per *V-day*: nonostante nel 2020 si sia sentito solo dal 27 dicembre in poi, in occasione dell'inizio della vaccinazione di massa di alcuni Paesi europei, in realtà la prima attestazione nel Treccani risale al 2008 con un'unica accezione, ovvero il giorno di Walter Veltroni, con particolare riferimento alla sua designazione alla carica di segretario del Partito democratico. Si tratta di una struttura linguistica tipica dell'inglese, con il determinato (*day*) come secondo elemento e con il primo elemento (*click* e *vaccine*), cioè il determinante, a sinistra. *Click day* è totalmente assente dagli atti normativi della *Gazzetta Ufficiale*, come si nota nella Tabella 6, ma non completamente assente da linguaggio istituzionale.

Tabella 6 – Occorrenze del termine *click day*

Mese	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febrero 2020	0	1
Marzo 2020	0	8

Aprile 2020	0	9
Maggio 2020	0	6
Giugno 2020	0	9
Luglio 2020	0	0
Agosto 2020	0	1
Settembre 2020	0	2
Ottobre 2020	0	7
Novembre 2020	0	13
Dicembre 2020	0	1
TOTALE	0	57

La parola è stata usata la prima volta dal Ministero dell'Interno: secondo Corbolante (2020c) la prima attestazione risale al Decreto Flussi 2007 dedicato alla regolarizzazione di cittadini extracomunitari per poi passare nel 2011 ad indicare le procedure necessarie per identificare le graduatorie per i finanziamenti a fondo perduto concessi alle imprese. Nel 2020, invece, viene ripreso per indicare determinate giornate dedicate al rilascio di bonus (bonus per aiutare i liberi professionisti, bonus bicicletta e così via).

V-day è un'espressione che è stata letta e sentita centinaia di volte nei vari quotidiani, notiziari, telegiornali, giornali radio, nei quali è possibile trovare anche attestazioni diverse come *vaccine day*, *vaccination day*, *vax day* o il composto ibrido *vaccino day*. In realtà, l'espressione *v-day* arriva dal Regno Unito e ha avuto rilievo, sostiene Corbolante, perché usata dal ministro della sanità Matt Hancock (2020b) per poi essere ripresa tempestivamente anche dalle nostre istituzioni e, in seguito, anche dai media. Rispetto a quelli precedenti, questo è il termine che registra meno occorrenze (Tabella 7) perché si inizia a parlare dei vaccini soltanto verso la fine dell'anno. Anche in questo caso, *v-day* non compare negli atti normativi della *Gazzetta Ufficiale*, anche se è proprio il Ministero della Salute a promuovere l'inizio della campagna vaccinale in Italia con diversi comunicati⁶.

6 Consultabili sul sito ufficiale del Ministero della Salute (www.salute.gov.it) nella sezione "comunicati".

Tabella 7 – Occorrenze del termine *v-day*

Mese:	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	1
Marzo 2020	0	0
Aprile 2020	0	0
Maggio 2020	0	0
Giugno 2020	0	0
Luglio 2020	0	0
Agosto 2020	0	0
Settembre 2020	0	0
Ottobre 2020	0	2
Novembre 2020	0	0
Dicembre 2020	0	18
TOTALE	0	21

Ancora su *V-day* va detto che non si tratta di un fenomeno nuovo: l'aumentare di locuzioni con *day* inizia negli anni Ottanta, decennio in cui le parole inglesi, soprattutto grazie alla diffusione di serie televisive e film statunitensi, sono entrate nelle case degli italiani. Nel giro di poco tempo, l'aumentare di locuzioni con il termine *day* proveniente dagli Stati Uniti, spiega Zoppetti (2020a), ha fatto in modo che questa parola diventasse il secondo elemento di avvenimenti e ricorrenze sempre più importato e imitato, al punto che l'anglicismo è stato registrato nei dizionari come secondo elemento formativo. Si tratta di termini, *clic* e *day*, accolti nell'uso molti anni fa e che dunque hanno poche probabilità di essere sostituiti. “Quale speranza di successo avrebbe, oggi, anche il più brillante sostituto di parole come clic, film, bar, smog, flirt?” si domanda Giovanardi (2019).

8. Usi mediatici in tempo di Covid

Anche se nella fase iniziale della pandemia si parla quasi esclusivamente di coronavirus, è il termine “covid” a imporsi nel medio e lungo periodo. Covid, infatti, pur essendo l’acronimo di *CO[rona] VI[rus] D[isease]*, sin da subito è stato percepito non come una sigla, ma come un’unità lessicale, indicando la malattia specifica e, al tempo stesso, la pandemia nel suo insieme (SGROI, 2020). Il termine covid si diffonde così velocemente da rimpiazzare la forma estesa coronavirus e diventare il principale elemento lessicale per la realizzazione di numerosi derivati e composti. Alcuni di questi sono delle vere e proprie locuzioni anglicizzate, tra cui l’espressione *covid free* – “privo/non colpito da Covid-19”. In realtà, si tratta di un termine costruito per analogia con altri anglicismi già presenti in italiano: si pensi, ad esempio, all’espressione di vecchia data *duty free*, ma anche ad espressioni più recenti come *cruelty free*, *gluten free*, *plastic free* ecc. *Covid free*, invece, come si può notare nella Tabella 8, è un’espressione particolarmente diffusa nel discorso giornalistico sul coronavirus nelle sue fasi più avanzate. Le collocazioni, poi, sono numerose: inizialmente si parla di cibo *covid free*, ma con l’avanzamento della pandemia si parla anche di reparti, di poli, di ospedali, di sanità *covid free*, per poi passare a regioni, Paesi, comuni, località, voli, collegamenti, isole, città, e scuole *covid free*.

Tabella 8 – Occorrenze del termine *covid free*

Mese	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	0
Marzo 2020	0	2
Aprile 2020	0	27
Maggio 2020	0	42
Giugno 2020	0	44
Luglio 2020	0	28
Agosto 2020	0	21
Settembre 2020	0	19
Ottobre 2020	0	25
Novembre 2020	0	17

Dicembre 2020	0	9
TOTALE	0	293

Covid free non compare mai negli atti normativi della *Gazzetta Ufficiale*: deduciamo che si tratta di un'espressione esclusivamente di stampo giornalistico che nel linguaggio istituzionale non si è diffusa.

A turbare molti italiani, poi, è il fatto che nella lingua inglese non c'è sempre corrispondenza tra grafia e pronuncia, anzi in inglese la pronuncia non traspare quasi mai dalla grafia: ecco perché spesso è facile rilevare alcune incertezze proprio sul piano grafematico, specie al momento dell'ingresso dell'anglicismo. Questa incertezza potrebbe riguardare l'anglicismo *drive-through* – “guidare attraverso”, infatti se si omettesse il trattino e la prima lettera h, il significato sarebbe un altro: *trough* indica un trogolo e quindi *drive trough* indicherebbe il trogolo posizionato in un vialetto d'accesso; errore, questo, segnalato in una notizia della regione Lombardia relativa ai tamponi per chi rientra da alcuni Paesi esteri (CORBOLANTE, 2020d). Va ricordato che in inglese il livello di corrispondenza tra il piano grafematico e quello fonemico non è così alto come in italiano, per cui è facile cadere nell'errore. Il sostantivo, inoltre, entrato tra i neologismi dell'edizione del 2020 del Devoto-Oli, generalmente indica un negozio o un ristorante che prepara cibi da asporto, in cui i clienti vengono serviti senza scendere dall'automobile. Con l'avvento della pandemia, la parola assume una nuova accezione e inizia a riferirsi al sistema di tamponi di massa fatti alla popolazione dall'automobile per garantire il distanziamento sociale. Uno dei primi Paesi a sperimentare questo metodo è stato la Corea del Sud, descrivendolo come *drive-through testing*, per l'appunto, ma anche *drive-in* e *drive-up testing*, servizio che tempestivamente si diffonde nel resto del mondo e anche in Italia, compreso il nome inglese con il quale viene definito. Inoltre, nella Tabella 9 si osserva che il termine in campo giornalistico registra poche occorrenze fino all'autunno, mentre si verifica un aumento ad ottobre e novembre, mesi in cui il virus ritorna a circolare, e quindi la possibilità di effettuare tamponi diagnostici diventa ancora più necessaria. Nella *Gazzetta Ufficiale*, l'espressione *drive-through* è totalmente assente. Non si tratta, infatti, di un'iniziativa del Governo centrale, ma del Ministero della Difesa in accordo con le singole regioni: l'anglicismo si trova in misura maggiore proprio nei comunicati stampa pubblicati sul sito del Ministero della Difesa⁷.

7 Gli avvisi e i comunicati stampa sono consultabili sul sito del Ministero della Difesa (www.difesa.it) nella sezione “area stampa”.

Tabella 9 - Occorrenze del termine *drive through*

Mese:	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	0
Marzo 2020	0	2
Aprile 2020	0	4
Maggio 2020	0	3
Giugno 2020	0	0
Luglio 2020	0	1
Agosto 2020	0	6
Settembre 2020	0	4
Ottobre 2020	0	17
Novembre 2020	0	28
Dicembre 2020	0	9
TOTALE	0	74

Anche in questo caso va specificato che non si tratta di un completo neologismo: l'anglicismo *drive-through* circolava già nella lingua italiana, anche se in alcuni dizionari non veniva registrato. Ci sono, infatti, ristoranti, locali, *fast-food* che consentono il servizio *drive-through*, ma nel 2020 cambia la collocazione. Per chi non ha dimestichezza con l'inglese, tuttavia, rimane un termine difficile da scrivere e da pronunciare e, secondo Corbolante, è “una pessima scelta perché poco trasparente” (2020d).

Inoltre, una delle parole simbolo del periodo vissuto è *lockdown* – “confinamento” - un termine che ha rappresentato l'eccezionalità, un evento straordinario che non si era mai verificato e, probabilmente proprio per questa ragione, è rimasto per lo più intraducibile. Il Devoto-Oli, accogliendolo a tutti gli effetti tra i neologismi del 2020, spiega che si tratta di un protocollo che consiste nell'isolamento totale di una determinata area, con il divieto di accesso, di uscita e talvolta anche di circolazione interna, applicato nel prevenire la diffusione di un contagio o in altre situazioni di grave pericolo; lo stesso vale per il dizionario Treccani: “isolamento, chiusura, blocco d'emergenza”.

Parola definita come “parola dell’anno” dagli esperti linguistici del celebre dizionario inglese Collins, scelta motivata dal fatto che il termine è diventato sinonimo di un’esperienza che ha profondamente modificato la vita delle persone in tutto il mondo. La tabella 10, inoltre, fa notare che *lockdown* compare nei titoli di molti giornali a marzo 2020, in particolare dopo che il Presidente del Consiglio Giuseppe Conte ha annunciato il decreto “Chiudi Italia” con cui estendeva a tutto il territorio nazionale le misure di contenimento in vigore, fino a quel momento, solo nelle zone rosse, il *lockdown* ha moltiplicato le sue comparse nella stampa: a partire dai giorni successivi, infatti, si iniziano a registrare migliaia di occorrenze. Nella *Gazzetta Ufficiale*, il numero di occorrenze si mantiene inizialmente basso.

Tabella 10 – Occorrenze del termine *lockdown*

Mese	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	0
Marzo 2020	0	114
Aprile 2020	0	928
Maggio 2020	1	1413
Giugno 2020	1	1304
Luglio 2020	1	922
Agosto 2020	3	653
Settembre 2020	0	723
Ottobre 2020	8	1120
Novembre 2020	20	1043
Dicembre 2020	20	346
TOTALE	54	8566

Numerose sono poi le circolari, gli avvisi, i comunicati stampa pubblicati dai singoli Ministeri e dalle amministrazioni regionali facendo riferimento al periodo di *lockdown*. Anche Mentana, un noto giornalista italiano, durante la sua trasmissione sul canale La7, dopo aver pronunciato *lockdown*, aggiunge: “come ormai si dice” (ZOPPETTI, 2020b), a riprova della diffusione della parola.

Andando ad osservare le occorrenze degli anni precedenti, si nota che nella stampa *lockdown* veniva usato per riferirsi a notizie estere ed era generalmente legato ad episodi di sparatorie, attentati o situazioni d'emergenza verificatesi soprattutto negli Stati Uniti e in Inghilterra, e il forestierismo, avvertito come tale, compare sempre tra virgolette o accompagnato da una traduzione. La prima comparsa del termine in Italia, secondo il Devoto-Oli, si ha nel 2003 ma in maniera sporadica e come citazione dell'uso angloamericano. Dal 2013 in poi, invece, inizia ad intensificarsi gradualmente: prima in rapporto ad episodi accaduti negli Stati Uniti, poi agli episodi terroristici verificatosi in Europa da parte dell'ISIS, indicando quindi le misure restrittive messe in atto per fronteggiarli, fino ad arrivare al 2020 per indicare le misure di contenimento attuate per fronteggiare la pandemia (PAOLI, 2020). Una parola, quindi, che è passata dall'essere sconosciuta e di bassa frequenza ad essere una delle più frequenti e diffuse. Molte sono state le proposte di sostituzione da parte della Crusca, il presidente Claudio Marazzini più volte ha suggerito di usare termini italiani come serrata, blindatura, segregazione, reclusione, clausura, confinamento; alcune di queste potrebbero ricordare il linguaggio bellico, altre, invece, il contesto religioso, come, appunto, "clausura". Tutti i tentativi di rendere *lockdown* con un corrispondente italiano, però, sono di fatto falliti.

L'ultimo anglicismo che intendiamo affrontare è *smart working* o "lavoro intelligente, agile". L'emergenza Covid-19 ha costretto molte persone a lavorare da casa e per indicare questa nuova modalità di lavoro si è fatto ricorso principalmente ad un'espressione inglese di bassa circolazione fino ad un anno fa nella lingua italiana. Molti, infatti, non ne avevano mai sentito parlare, ma, dallo scoppio della pandemia, si è diffusa rapidamente. In realtà, si tratta di uno pseudo-anglicismo, dato che in inglese questa modalità di lavoro, così come viene intesa in italiano, si definisce in un altro modo, con locuzioni come *working from home*, *remote working* o *telecommuting*, come si può verificare nelle cronache dei giornali e dei media americani e britannici (CORBOLANTE, 2020e). Non si tratta, in questo caso di un neologismo: il dizionario Treccani lo accoglie nel 2018, *Corriere della Sera*, invece, lo usa già dal 2013 e nel 2020 se ne inizia a parlare già all'inizio di gennaio in relazione alla preoccupante situazione epidemiologica che gradualmente ha coinvolto tutto il Paese. Quello che sembra essere cambiato durante l'ultimo anno è l'accezione dell'aggettivo *smart*: in inglese indica qualcosa di "intelligente, in gamba, brillante" (*smartphone*, ad esempio, letteralmente significa "telefono intelligente", cioè un telefono con capacità molto più avanzate rispetto ai vecchi telefoni cellulari), in italiano, invece, è diventato sinonimo di telematico o ciò che avviene *online*, l'aggettivo telematico piuttosto viene percepito come burocratico e obsoleto, non adatto al lessico del XXI secolo, spiega sempre Corbolante (2020e). Essendo un'espressione derivante prevalentemente dalla stampa, l'espressione *smart working* ha avuto una diffusione piuttosto limitata tra i decreti della *Gazzetta Ufficiale*, come mostra la Tabella 11.

Tabella 11 - Occorrenze del termine *smart working*

Mese	Gazzetta Ufficiale	Corriere della Sera
Gennaio/Febbraio 2020	0	46
Marzo 2020	0	239
Aprile 2020	0	275
Maggio 2020	5	182
Giugno 2020	4	157
Luglio 2020	0	135
Agosto 2020	4	77
Settembre 2020	0	88
Ottobre 2020	8	163
Novembre 2020	4	120
Dicembre 2020	4	63
TOTALE	29	1545

Nonostante ciò, nel 2020 soltanto sul sito del Ministero per la Pubblica Amministrazione sono stati pubblicati circa 60 avvisi, circolari e campagne di comunicazione contenenti l'anglicismo⁸. L'aggettivo *smart* ha dato origine alla neoformazione ibrida "smartabile", riferita alle attività svolte da remoto, usata, soprattutto, dal Ministro per la Pubblica Amministrazione, Fabiana Dadone. Diversi studiosi si sono schierati contro questa espressione. Sabatini, ad esempio, durante la sua rubrica domenicale di "pronto soccorso linguistico", ha affermato:

è possibile che non sappiamo più trovare un aggettivo per indicare le attività agevolate e semplificate? È una parola semplice, chiara e

⁸ Gli avvisi, i comunicati stampa e le circolari in questione sono consultabili sul sito del Ministero della Pubblica Amministrazione (www.funzionepubblica.it).

abbastanza comune, “smartabile” non lo capirebbe quasi nessuno. Siamo attenti a quello che diciamo e che non comprendiamo noi stessi⁹

Un uso attento della lingua non è sempre stata una priorità di politici e istituzioni. Nel 2021, invece, durante una conferenza stampa successiva alla sua visita al centro vaccinale di Fiumicino, il Presidente del Consiglio Mario Draghi, dopo aver letto un passaggio del suo testo che recitava: “per chi svolge attività che non consentono lo *smart working* sarà riconosciuto l’accesso ai congedi parentali straordinari o al contributo *baby-sitting*”, interrompe il suo intervento e commenta: “Chissà perché dobbiamo usare tutte queste parole inglesi”¹⁰. Una battuta che è stata ripresa da diversi mezzi di comunicazione italiani e ha riaperto il dibattito su questo tema. La salute della lingua dipende dai singoli parlanti: occorre quindi che ogni individuo, per la posizione che occupa – ministro, direttore di un giornale cartaceo o televisivo, intellettuale che sia spesso ospitato in trasmissioni di grande successo ecc. – abbia la responsabilità di usarla in maniera consapevole, rispettoso sia della sua storia, sia del diritto di ciascuno di noi a riconoscersi appieno nelle parole che ascolta o legge negli interventi di chi opera in un ambito pubblico, sostiene Serianni (2015).

Considerazioni finali

Con il seguente lavoro si sono voluti confrontare gli anglicismi proposti con i loro corrispondenti italiani al fine di valutare il loro grado di diffusione sia nella stampa sia nel linguaggio istituzionale italiano durante il 2020 per arrivare a riflettere sui loro effetti nella lingua comune. Alla luce di quanto esaminato, si nota che molti degli anglicismi analizzati erano già presenti nella lingua italiana, anche se circoscritti a specifici linguaggi settoriali, ma nel 2020 vengono riconosciuti come neologismi perché entrano nella disponibilità di tutti. Si veda l’esempio di *cashback* che fino ad un anno fa era relegato all’ambito economico e finanziario, mentre adesso sembra essere entrato nella disponibilità di tutti, come anche *contact tracing* e *spillover*, provenienti dal linguaggio medico-scientifico e diffusi molto presto nel linguaggio comune. I dati ottenuti, inoltre, permettono di capire che il termine inglese è sempre preferito all’equivalente italiano in particolare nella stampa il linguaggio istituzionale della *Gazzetta Ufficiale*, invece, si è

9 Intervento di Francesco Sabatini nella rubrica “pronto soccorso linguistico” del 29 settembre 2020 e disponibile su Rai Play dal minuto 96:00 (2020).

10 Frase tratta dall’intervento di Mario Draghi in visita al centro vaccinale di Fiumicino, 12/03/2021, consultabile sul canale Youtube curato da Palazzo Chigi (collegamento inserito in “riferimenti”).

dimostrato più restio ad accogliere gli anglicismi. Tuttavia, alcune espressioni si sono diffuse al largo pubblico proprio grazie alle istituzioni e alle loro campagne di comunicazione, come *click day*, *v-day* e *recovery fund*. Invece termini come *lockdown* oppure *droplet*, due prestiti integrali, nel giro di poco tempo, sono diventati parole simbolo del periodo vissuto, rimaste perlopiù intraducibili. Locuzioni come *covid free* e *drive-through* si sono diffuse come occasionalismi e tali sono rimasti; altre come *smart working*, poi, si sono radicate nell'uso soprattutto grazie al prestigio di cui gode oggi la lingua inglese. La diffusione di anglicismi relativi alla pandemia è senz'altro continuata: basti pensare a termini come *hub* o *caregiver*, diffusi quasi subito a partire dall'inizio della campagna vaccinale, anche se già presenti in italiano ma con un basso grado di diffusione, oppure al termine *cluster*, un forestierismo, spiega Marazzini, entrato nel linguaggio scientifico italiano già nel 2018 per designare un ammasso di stelle (2018, p. 52) ma che con l'avvento della pandemia ha preso ad indicare un focolaio epidemico, o ancora al recente *green pass* che Marazzini ha proposto di sostituire con Certificazione Covid (SGROI, 2021). Si tratta di termini ed espressioni non presi in esame nel seguente studio in quanto hanno iniziato a circolare dal 2021 in poi.

La pandemia, dunque, ha fatto capire che ogni evento umano ha riflessi che toccano la lingua perché è proprio attraverso essa che gli uomini prendono coscienza degli avvenimenti. Luca Serianni, che per oltre vent'anni insieme a Maurizio Trifone ha curato l'aggiornamento del Devoto-Oli, ha spiegato che in un dizionario è importante dare un'immagine della lingua e della cultura di un certo periodo storico (SERIANNI, 2020), ecco perché si sono accolti e si accoglieranno tutti i neologismi, segno dei tempi, entrati a pieno titolo nella vita quotidiana. Anglicismi compresi.

Riferimenti bibliografici

ANTONELLI, G. *Il mondo visto dalle parole*. Milano: Solferino, 2020.

BELLINA, M. "Lingua della medicina". In "Treccani", 2011. Disponibile all'indirizzo: [https://www.treccani.it/enciclopedia/lingua-della-medicina_\(Enciclopedia-dell'Italiano\)](https://www.treccani.it/enciclopedia/lingua-della-medicina_(Enciclopedia-dell'Italiano)). Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

BENEDETTI, A. *Sburocrazia. Analisi, note e proposte di correzione del linguaggio burocratico italiano*. Genova: Aba Libri, 2008.

COCO, A.; GIOVANARDI, C.; GUALDO, R. *Inglese-italiano 1 a 1. Tradurre o non tradurre le parole inglesi?*, San Cesario di Lecce: Manni, 2008.

CARTAGO, G. L'apporto inglese. In: SERIANNI, L.; TRIFONE, P. (a cura di). *Storia della lingua italiana*. Torino: Einaudi, 1994, p. 727.

CASSESE, S. *Codice di stile*. Roma: Istituto Poligrafico e Zecca dello Stato, 1993.

COLETTI, V. “L’italiano ridotto al silenzio”. In: Accademia della Crusca, 2016. Disponibile all’indirizzo: <https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/titolo/7396>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORBOLANTE, L. “Da Recovery a PNRR a #NextGenerationItalia”. In: Terminologia etc., 2021. Disponibile all’indirizzo: <http://blog.terminologiaetc.it/2021/01/19/definizione-pnrr-piano-nazionale-ripresa-resistenza/>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORBOLANTE, L. “Contact tracing vs tracciamento dei contatti”. In: Terminologia etc., 2020a. Disponibile all’indirizzo: <http://blog.terminologiaetc.it/2020/04/20/origine-significato-contact-tracing/>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORBOLANTE, L. “27 dicembre: Vaccination, Vaccine, Vax o V-Day?” In: Terminologia etc., 2020b. Disponibile all’indirizzo: <https://www.terminologiaetc.it/2020/12/27/nome-giornata-vaccinazione-anticovid/>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORBOLANTE, L. “Inglese farlocco: click day”. In: Terminologia etc., 2020c. Disponibile all’indirizzo: <https://www.terminologiaetc.it/2020/11/04/significato-clickday-cliccatore/>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORBOLANTE, L. “Con il drive trough tamponi nel trogolo?” In: Terminologia etc., 2020d. Disponibile all’indirizzo: <https://www.terminologiaetc.it/2020/08/19/significato-drive-through-tamponi/>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORBOLANTE, L. “Lavorare da casa non è smart working!” In: Terminologia etc., 2020e. Disponibile all’indirizzo: <http://blog.terminologiaetc.it/2020/03/09/significato-smartworking/>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORBOLANTE, L. “Le comunicazioni istituzionali e il rischio dell’inglese farlocco”. In: *Lingua Italiana*. Treccani, 2016. Disponibile all’indirizzo: https://www.treccani.it/magazine/lingua_italiana/speciali/ok/Corbolante.html. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORBOLANTE, L. “L’evoluzione di spending review” In: Terminologia etc., 2014. Disponibile all’indirizzo: <https://www.terminologiaetc.it/2014/08/06/pseudoanglicismo-spending/>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORTELAZZO, M. A. “Il burocratese”. In: “Treccani”, 2008. Disponibile all’indirizzo: https://www.treccani.it/magazine/lingua_italiana/speciali/burocratese/cortelazzo.html. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORTELAZZO, M. A. *Il linguaggio amministrativo: principi e pratiche di modernizzazione*. Roma: Carocci, 2021.

CORTELAZZO, M. A. *Guida alla scrittura istituzionale*. Roma-Bari: Laterza, 2003.

CORTELAZZO, M. A. Per un monitoraggio dei neologismi incipienti. In: MARAZZINI, C.; PETRALLI, A. (a cura di). *La lingua italiana e le lingue romanze di fronte agli anglicismi*. Firenze: goWare, 2015, p. 29.

D'ACHILLE, P. "I social network e la lingua italiana, tra neologismi e anglicismi". In: Accademia della Crusca, 2017. Disponibile all'indirizzo: <https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/i-social-network-e-la-lingua-italiana-tra-neologismi-e-anglicismi/83>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

DICARLO, M. "Droplet: piccole gocce nell'oceano dell'informazione". In: Italiano digitale. La rivista della Crusca in Rete, 2020. Disponibile all'indirizzo: <https://id.accademiadellacrusca.org/articoli/droplet-piccole-gocce-nelloceano-dellinformazione/461>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

GIOVANARDI, C. Inglese – Italiano 2 a 0. In: Treccani, 2019. Disponibile all'indirizzo: https://www.treccani.it/magazine/lingua_italiana/speciali/anglicismi2/1_Giovanardi.html. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

GOVERNO ITALIANO. *Piano Nazionale di Ripresa e Resilienza*, 2020. Disponibile all'indirizzo: <https://www.governo.it/sites/governo.it/files/PNRR.pdf>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

GUALDO, R. *Gli accoppiamenti maliziosi: scambi e contatti di lingua, e altro, tra italiane e inglesi*. Firenze: Franco Cesati Editore, 2019.

KLAJN, I. *Influssi inglesi nella lingua italiana*, Firenze: Olschki, 1972.

LA REPUBBLICA. *Coronavirus, Conte: "Recovery fund urgente, impensabile fino a poco fa"*. 23 aprile 2020. Disponibile all'indirizzo: <https://www.youtube.com/watch?v=L0Jn9IGwxE4>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

LUBELLO, S. "Parole in movimento: passato, presente, futuro. Il diritto da vicino: parole (giuridiche) per un anno. In "Treccani", 2021. Disponibile all'indirizzo: https://www.treccani.it/magazine/lingua_italiana/articoli/scritto_e_parlato/diritto7.html. Data ultima consultazione: 13 ott. 2023.

MARAZZINI, C. *L'italiano è meraviglioso. Come e perché dobbiamo salvare la nostra lingua*. Milano: Rizzoli, 2018.

PALERMO, M. *Linguistica italiana*. Bologna: Il Mulino, 2015.

PAOLI, M. “Lockdown”. In: Elenco delle parole nuove, Accademia della Crusca, 2020. Disponibile all’indirizzo: <https://accademiadellacrusca.it/it/parole-nuove/lockdown/18465>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

PIEMONTESE, M. E. Guida alla redazione dei documenti amministrativi. In: A. FIORITTO (a cura di) *Codice di Stile*, Roma: 1997.

PIETRINI, D. *La lingua infetta*. Roma: Treccani, 2021.

PIZZOLI, L. *La politica linguistica in Italia. Dall’unificazione nazionale al dibattito sull’internazionalizzazione*. Roma: Carocci, 2018.

ROSATI, F. “Economia, banche, finanza”. In “Treccani”, 2018. Disponibile all’indirizzo: https://www.treccani.it/magazine/lingua_italiana/speciali/anglicismi/Rosati.html. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

SABATINI, F. Pronto soccorso linguistico. *Rai Play*, 2020. Disponibile all’indirizzo: <https://www.raiplay.it/video/2020/09/UnoMattina-in-famiglia-f200aaa8-36de-4e9c-9f48-6ff58ba-deb16.html?fbclid=IwAR12ByCnYIjjjaqvE08bdjIPj6hdaHqTxxMfhu4rbvUcTDWmK3yAM-v71i4vU>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

SERIANNI, L. Lingua medica e lessicografia specializzata nel primo Ottocento. *La Crusca nella tradizione letteraria e italiana*. Atti del Congresso Internazionale per il IV centenario dell’Accademia della Crusca (Firenze, 29 settembre – 2 ottobre 1984), Accademia della Crusca, Firenze, 1985.

SERIANNI, L. Per una neologia consapevole. In: MARAZZINI, C.; PETRALLI, A. (a cura di). *La lingua italiana e le lingue romanze di fronte agli anglicismi*. Firenze: goWare, 2015, p. 127.

SERIANNI, L. Quali neologismi piacciono al vocabolario? *Treccani*, 2020. Disponibile all’indirizzo: https://www.treccani.it/magazine/webtv/videos/Int_Luca_Serianni_neologismi_vocabolario.html. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

SGROI, S. C. *Dal coronavirus al Covid-19: Storia di un lessico virale*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, 2020.

SGROI, S. C. Il Green Pass all’Accademia della Crusca e altrove, ovvero per una storia del Green Pass. In “Accademia della Crusca”, 2021. Disponibile all’indirizzo: <https://accademiadellacrusca.it/it/contenuti/il-green-pass-all-accademia-della-crusca-e-altrove-ovvero-per-una-storia-del-green-pass/16408>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

VACCARELLI, F. “Burocratese e gobbledygook: il linguaggio oscuro in italiano e inglese”. In “Treccani”, 2019. Disponibile all’indirizzo: https://www.treccani.it/magazine/lingua_italiana/speciali/anglicismi2/4_Vaccarelli.html. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

VALLE, G. “L’itanglish e l’insegnante di inglese”. In “Treccani”, 2018. Disponibile all’indirizzo: https://www.treccani.it/magazine/lingua_italiana/speciali/anglicismi/Valle.html. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

VANNI, G. (regista) *Me ne frego! Il fascismo e la lingua italiana*. Roma: Istituto Luce Cinecittà, 2014 (DOCUMENTARIO) (56 minuti). Disponibile all’indirizzo: <https://www.youtube.com/watch?v=68vLo3Ej7Kc>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

ZOPPETTI, A. “Aggiornamenti sul contagio lessicale del virus a corona”. In: *Diciamolo in italiano*, 2020a. Disponibile all’indirizzo: <https://diciamoloinitaliano.wordpress.com/2020/04/20/aggiornamenti-sul-contagio-lessicale-del-virus-a-corona/>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

CORRIERE DELLA SERA. *Smart working e baby sitting, Draghi: “Chissà perché dobbiamo usare tutte queste parole inglesi”*. Corriere della Sera, 2021 (filmato) (0.46 secondi). Disponibile all’indirizzo: <https://www.youtube.com/watch?v=FRReJtUydL0k>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

ZOPPETTI, A. *Day by day: dal “D-day” all’istituzione del “di day*. In “Diciamolo in italiano”, 2020. Disponibile all’indirizzo: <https://diciamoloinitaliano.wordpress.com/2020/11/16/day-by-day-dal-d-day-allistituzione-del-di-day/>. Ultima consultazione: 13 ott. 2023.

Ricevuto il: 14/04/2023

Accettato il: 15/10/2023

LA FUNZIONE ANTI-DIALOGICA. CONDIZIONI DI INCONGRUENZA NEGLI SCAMBI DI BATTUTE DELLA POESIA ITALIANA DEL NOVECENTO

**A função antidialógica. Condições de incongruência
nos diálogos da poesia italiana do século XX**

**The Anti-Dialogic Function. Conditions of Incongruity
in the Dialogues of Twentieth-Century Italian Poetry**

GIULIA MARTINI*

ABSTRACT: L'analisi degli scambi di battute presenti nei libri di poesia italiana del XX secolo ha mostrato un orizzontale ricorso all'espedito del dialogismo in chiave disfunzionale e pragmaticamente patologica, fra balbuzie, comunicazioni interrotte, conflittuali o prive di senso; il dialogo, in altre parole, non si manifesta come intima adesione a una comunicazione consonante e reciproca, ma rinvia al malfunzionamento della comunicazione stessa. Dai *Canti di Castelvecchio* (1903) di Giovanni Pascoli a *Composita solvantur* (1994) di Franco Fortini, gli episodi lirici che contengono interazioni verbali sembrano originarsi e rimandare a una 'funzione anti-dialogica': proliferano le conversazioni patologiche, i fallimenti posizionali, le interazioni conflittuali, gli insuccessi pragmatici; i parlanti tendono a interagire in modo disfunzionale e dislogico, abbondano i fraintendimenti, i silenzi e le reticenze, manca la cooperazione, come se gli attori fossero costruiti per non comunicare. Il presente contributo si propone quindi di inquadrare la funzione anti-dialogica appena delineata attraverso il confronto fra alcuni campioni testuali e i principali moduli di incongruenza pragmatica, prima introdotti a partire da

*Ph.D. – Università degli Studi di Siena
giuu.martini@gmail.com (ORCID: /0009-0004-9907-898X)



una classificazione degli atti linguistici, quindi attraverso l'approfondimento di un campione paradigmatico.

PAROLE CHIAVE: Poesia italiana contemporanea; Dialogo; Atti linguistici; Analisi conversazionale; Analisi del discorso.

RESUMO: A análise das trocas presentes nos livros de poesia italiana do século XX mostrou um recurso horizontal ao expediente do dialogismo em chave disfuncional e pragmaticamente patológica, entre comunicações gags, interrompidas, conflitantes ou sem sentido; o diálogo, em outras palavras, não se manifesta como uma adesão íntima a uma comunicação consonantal e recíproca, mas se refere ao mau funcionamento da própria comunicação. Do *Canti di Castelvécchio* (1903) de Giovanni Pascoli à *Composita solvantur* (1994) de Franco Fortini, os episódios líricos que contêm interações verbais parecem originar-se e remeter a uma 'função antidialógica': proliferam as conversas patológicas, as falhas posicionais, as interações conflituosas, as falhas pragmáticas; os falantes tendem a interagir de forma disfuncional e deslógica, abundam mal-entendidos, silêncios e reticências, falta cooperação, como se os atores fossem construídos para não se comunicar. A presente contribuição visa, assim, a enquadrar a função antidialógica que acabamos de esboçar através da comparação entre algumas amostras textuais e os principais módulos de incongruência pragmática, introduzidos primeiro a partir de uma classificação dos atos de fala, depois através do aprofundamento de um poema paradigmático.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia italiana contemporânea; Diálogo; Atos de fala; Análise da Conversação; Análise do discurso.

ABSTRACT: The analysis of the exchanges present in the books of Italian poetry of the twentieth century has shown a horizontal recourse to the expedient of dialogism in a dysfunctional and pragmatically pathological key, between conflicting or meaningless communications; the dialogue, in other words, does not manifest itself as an intimate adherence to a consonant and reciprocal communication, but refers to the malfunctioning of the communication itself. From Giovanni Pascoli's *Canti di Castelvécchio* (1903) to Franco Fortini's *Composita solvantur* (1994), the lyrical episodes that contain verbal interactions seem to originate and refer to an 'anti-dialogical function': pathological conversations, positional failures, conflictual interactions proliferate; speakers tend to interact in a dysfunctional and dislogical way, as if they were built not to communicate. The present article aims to frame the anti-dialogical function through the comparison between some tex-

tual samples and the main modules of pragmatic incongruity, first starting from a classification of speech acts, then through a paradigmatic sample.

KEYWORDS: Contemporary Italian poetry; Dialogue; Speech acts; Conversation Analysis; Discourse Analysis.

1. Introduzione al concetto di *funzione anti-dialogica*

Dialogo e lirica sembrano, a prima vista, irriducibili l'uno all'altra. Il senso più comune di entrambi i termini rimanda infatti a due tipi diversi di evento discorsivo e, di fatto, a due differenti tipi di relazionalità, quella sociale e quella individuale. Se il dialogo rimanda a un evento sociale fondato sulla co-costruzione di un discorso da parte di due interlocutori in relazione, il gesto lirico modernamente inteso si ricostituisce come l'evento di un singolo individuo, il suo emergere nello spazio di un discorso da lui stesso prodotto, mettendo in relazione sé con sé. Per dirla con Mazzoni (2005), “il poeta moderno trova difficile oltrepassare la sfera dell'io: quando ci prova, sembra fuoriuscire dalla misura che è immanente alla logica del suo genere, addentrandosi in un territorio che il nostro orizzonte d'attesa giudica sperimentale” (p. 178).

Eppure nella lirica del Novecento, dai *Canti di Castelvecchio* di Pascoli (1903) a *Somiglianze* di De Angelis (1976), per indicare due estremi convenzionali di una parabola che interseca alcune tra le esperienze più rappresentative della poesia italiana del XX secolo, sono numerosi gli episodi dialogici, vale a dire i componimenti che registrano scambi di battute, passaggi di parola fra attori testuali che si avvicinano nell'esercizio della *speakership*; in alcuni casi – basti pensare ai gozzaniani *Colloqui* (1911) o a *Nel magma* (1963) di Luzi – l'espedito dialogico viene assunto come principio costitutivo dell'opera, per cui le interazioni verbali direttamente riportate si addensano anche quantitativamente, centrando l'offerta stilistica e tematica al cuore del libro.

Ponendo sotto una lente d'ingrandimento tali accensioni mimetiche, si può osservare la presenza costante di una funzione anti-dialogica: in sintesi, si tratta del fatto che le interazioni verbali si presentano, nei testi lirici, costantemente connesse a una sorta di 'difetto di fabbrica', da cui prende vita una complessa morfologia di disfunzioni e patologie della comunicazione. In altri termini, gli scambi di battute non designano il luogo di un'apertura all'altro, ossia di una concezione positiva di dialogo come reciproca adesione e costruzione di senso, ma rinviano al malfunzionamento della comunicazione stessa, attraverso una molteplicità di sintomi collocati a loro volta su una molteplicità di livelli:

- a) strutturale (come il salto di turno¹);
- b) relazionale (l'antagonismo o la disconferma², che corrisponde al messaggio 'Tu non esisti');
- c) del contenuto (la tendenza a tornare su argomenti intrattabili, come la morte);
- d) pragmatico.

1 Per la nozione di turno, cfr. SACKS (1974).

2 Cfr. LAING (1977).

Su quest'ultimo piano si sofferma il presente intervento, che intende inquadrare la funzione anti-dialogica appena introdotta attraverso il confronto fra alcuni campioni testuali – scelti fra i testi dialogici dei principali autori novecenteschi, da Pascoli fino a De Angelis – e i principali moduli di incongruenza pragmatica, contribuendo in tal modo all'ampia e dibattuta questione della soggettività lirica moderna articolata nel rapporto tra la forma poetica e l'espedito dialogico. Per accennare brevemente alla questione, si potrebbero riprendere gli interrogativi che Mazzoni (2002) pone in merito alla poetica di Fortini, cui è dedicata la terza e ultima parte di questo articolo:

Che cosa comporta, per la struttura di una poesia lirica, dover rappresentare un mondo nel quale il senso comune è falsa apparenza, e in cui la vita personale e i destini generali non si incontrano se non attraverso la mediazione di un ragionamento? E poi: è davvero significativo parlare di questi contenuti nella forma della poesia lirica? Perché non esporli in un saggio o in un trattato? (p. 211)

Per analogia, sembra possibile riformulare queste domande prestandole al servizio del nostro caso: cosa comporta, per una lirica, “dedicarsi alla vita della mimesi empirica e accidentale” (p. 213) di un'interazione, stante il fatto che spesso uno dei produttori degli enunciati riportati parrebbe trascendere o ritirarsi nell'io che produce l'enunciato riportante? Cosa rende significativo il ricorso all'espedito dialogico, per cui il contenuto che questo veicolo non può essere depositato che in una forma eslege, insolita per il dettato lirico, che tradizionalmente preferisce la strategia antitetica dell'allocuzione lanciata nel vuoto, ideale a restituire la “nuda forma di un processo di pensiero” (p. 212)? Per quanto minima infatti, questa certa quantità di vita empirica, di contingenza, cui il dialogato intrinsecamente rimanda, porta a un generale sovvertimento delle convenzioni proprie del nostro genere. Accanto a queste considerazioni, altre domande si aprono: in che misura il soggetto dell'enunciato originale trascenderebbe nel soggetto dell'enunciazione lirica? Se si considera *Nel magma* di Luzi, per esempio, si può notare facilmente la sostanziale autonomia del primo (l'antieroe protagonista del libro) rispetto alla parola universale del secondo.

I prossimi paragrafi dell'articolo mostreranno come all'io che interagisce con i vari attori dialogici sia impedito, nello specifico sul piano pragmatico, di risolversi nel rapporto intersoggettivo, ovvero di intendere e farsi intendere, e quindi non può più parlare per tutti, ossia divenire il soggetto istituzionale dell'enunciazione lirica: l'io che ascolta/riporta lo scambio emancipa la presunta, a tratti delirante, oggettività del discorso diretto dalla sua supposta separatezza rispetto al fatto lirico, accogliendo l'incomunicazione nella struttura di un altro livello discorsivo con cui questa entra in rapporto necessario, continuando pertanto “a parlare per tutti [...] ma in un modo palesemente innaturale” (MAZZONI, 2002, p. 215).

2. Condizioni di incongruenza pragmatica

Nel suo importante volume dedicato all'analisi del dialogo, frutto del crescente interesse sviluppato per la pragmatica e la teoria dell'argomentazione, Stati (1982) propone una riclassificazione degli atti linguistici distinguendo, nell'ordine di trattazione, enunciati direttivi, Domande, Asserzioni, Richiami, enunciati *tu*-valutativi, Inferenze e enunciati commissivi (sostanzialmente le promesse e le minacce). Nello sforzo di trattare le singole funzioni "nel modo meno vago possibile" (p. 36), pur consapevole della problematicità intrinseca in ogni proposta tassonomica e in ogni tentativo di decodifica (e quindi tenendo fermo il principio della relatività pragmatica, per cui ogni battuta è suscettibile di più interpretazioni³), ogni atto linguistico viene considerato alla luce non solo dello scopo enunciativo delle unità sintattiche che lo compongono, ma anche della sua felicità⁴, misurata anche sulla congruenza⁵ dell'enunciato-replica, che può soddisfare o meno le aspettative del mittente; in questo senso, una conversazione patologica si caratterizza per la disponibilità ad accogliere battute pragmaticamente inaccettabili.

Ma, come si domanda van Dijk (1980), "quali condizioni pragmatiche rendono gli enunciati accettabili (o inaccettabili)? La risposta della filosofia del linguaggio si è basata sull'osservazione approfondita del fatto che la produzione degli enunciati è un atto, che può essere riuscito o no" (p. 280). Porsi questa domanda è un passaggio preliminare di qualsiasi analisi conversazionale. La pragmatica infatti risponde operando classificazioni degli atti illocutori assunti in situazione, ossia in rapporto al contesto. Come scrive Sbisà (1989), l'interpretazione degli enunciati sarà

3 "Si potrebbe pensare a un principio della 'relatività pragmatica': l'enunciazione di una battuta si giustifica, è pragmaticamente motivata per un certo allocutore e in un particolare contesto di comunicazione. La relatività pragmatica agisce più spesso della relatività semantica (la stessa frase può essere valutata come accettabile da un ricevente, e inaccettabile da un altro) e di quella sintattica (alcune frasi, corrette per molti parlanti, risultano scorrette per alcuni altri)" (p. 64); tenendo fermo l'"assunto secondo il quale la conversazione è una produzione congiunta [...] una stessa azione può ricevere diverse interpretazioni" (BONGELLI, 2015, p. 41).

4 Cfr. Austin, 1962. Come ricorda Duranti (2007), "Nella filosofia del linguaggio, anziché parlare di *frasi*, negli anni sessanta si è cominciato a parlare di *atti linguistici* (in inglese *speech acts*). Questo cambiamento rifletteva una nuova prospettiva di ricerca, in cui il parlare veniva visto come un fare, cioè come un tipo di azione sociale, non più solo soggetto a regole grammaticali o condizioni di verità, ma anche a condizioni di attuazione o di successo (siccome queste condizioni renderebbero l'atto 'felice' o meno, furono chiamate *felicity conditions*)" (p. 41).

5 Riprendendo la definizione di Stati (1982), si chiama "'congruenza' la proprietà dialogica degli enunciati-replica che consiste nella conformità con le regole di successione delle funzioni pragmatiche in una coppia di battute, conformità che soddisfa le aspettative di chi ha pronunciato l'enunciato-stimolo" (pp. 61-64).

tanto più problematica quanto più “ci si allontana dalla situazione ‘liscia’ in cui la risposta non fa che accogliere o tutt’al più selezionare le indicazioni provenienti dall’atto linguistico” (p. 191). Seguendo questo tracciato, si ricapitolano di seguito gli atti linguistici, allo scopo di mostrare alcune tra le principali condizioni di incongruenza delle funzioni pragmatiche in atto nelle situazioni non lisce dei testi poetici. Il modello di riferimento è quello di Stati (1982), ma l’ordine di trattamento è stato invertito per poter cominciare dalle domande: gli enunciati dialogici per eccellenza⁶, in quanto invitano direttamente alla presa di parola; e si direbbe, a colpo d’occhio, anche i più ricorrenti nei dialoghi lirici.

2.1 Le Domande

Stati definisce ‘Domanda’ “la funzione pragmatica degli enunciati che il mittente produce con lo scopo di apprendere qualcosa dall’allocutore, colmando così un vuoto nelle proprie conoscenze e soddisfacendo la sua curiosità” (1982, p. 102); come scrive Barthes (2014, p. 120): “il vero respingimento è: ‘non c’è risposta’”

io vengo annullato in modo più sicuro se sono respinto non solo come oggetto domandante, ma anche come soggetto parlante (come tale, ho se non altro la padronanza delle formule); è il mio linguaggio, ultimo appiglio della mia esistenza, che viene negato, non la mia domanda; per la domanda, posso aspettare, rinnovarla, formularla in altro modo; ma, se vengo privato del potere di domandare, io sono come morto per sempre⁷.

Come accennato a proposito degli interlocutori indolenti, sono frequenti i casi in cui la risposta viene a mancare. Non solo: in linea con il paradosso dialogico (*dialogical paradox*) di cui parla Hermans (2010) in conclusione alla sua *Dialogical Self Theory* per cui proprio laddove

6 Come scrive Blanchot (2015) “L’interrogazione è quel movimento in cui l’essere si gira e appare come la sospensione dell’essere nel suo volgersi. Di qui lo speciale silenzio delle frasi interrogative. È come se, interrogandosi, l’essere [...] lasciasse cadere la parte rumorosa dell’affermazione, la parte tagliente della negazione e, nel punto dove comincia a liberarsi, si sbarazzasse di se stesso, aprendosi e aprendo la frase in modo tale che nell’apertura essa non sembra più centrata in se stessa, ma fuori di sé – nel neutro” (p. 17).

7 Ma cfr. anche Sbisà (1989): “Esiste anzitutto il fenomeno del ‘lasciar cadere’ l’atto linguistico dell’altro, che genera una situazione in cui tale atto linguistico non conta affatto come una mossa nel gioco interpersonale dei ruoli deontici – non riesce a essere un atto illocutorio valido, né conformemente alle indicazioni degli indicatori di forza che contiene, né sotto un’altra interpretazione” (p. 191).

il dialogo è più necessario, non si verifica anche negli scambi lirici più la domanda è importante (saliente, cruciale) più è facile che rimanga irrisolta. Un campione rappresentativo si trova in *Strategia* di Carlo Bordini (2010 [1981]):

dico all'allenatore:
"senti, ma chi la vince
questa partita?"
Mi ha guardato e ha detto:
"senti, siete pagati
per combattere fino all'
esaurimento. Non vedi che
anche l'arbitro se n'è andato?
Non ha importanza chi vince."
"E il pubblico?"
"Ti importa del pubblico?"
"No"
"E allora guadagnati la borsa".
"Senti, ma io non la odio più,
e neanche lei mi odia!"
"Perché, dice, vi siete mai
odiati? Non è questo che
conta".
"E allora che conta?". (p. 356)

Sono addirittura cinque le domande che rimangono senza risposta in questa interazione: mentre le due domande centrali dell'allenatore non esigono formalmente una risposta, in quanto interrogative retoriche ("Non vedi che / anche l'arbitro se n'è andato?", "Perché, dice, vi siete mai / odiati?"), le tre domande poste dall'*io* in apertura, posizione centrale e chiusura sono invece domande sincere, alle quali il partner non risponde per scelta, inficiandole pragmaticamente perché ritiene che non abbiano importanza ("senti, ma chi la vince / questa partita?" [...] Non ha importanza chi vince", "E il pubblico?" / "Ti importa del pubblico?"). Delle domande formulate dall'*io*, è l'ultima quella la cui risposta conterebbe più di tutte ("E allora che conta?"); ma proprio questa domanda cade nel vuoto, senza attivare, a differenza delle precedenti, nessun tipo di orizzonte responsivo, nemmeno disconfermante. In apertura a uno dei suoi saggi più noti, *L'interazione strategica (Strategic Interaction)*, Goffman (1971 [1969]) osserva:

Una questione da prendere in considerazione sarà il rapporto che esiste tra la risposta del soggetto ed i fatti. Ciò implica due problemi. Primo, si può dire che la risposta possiede un determinato grado di pregnanza. Ad un estremo può sembrare comprendere tutti i fatti, per cui l'interrogatore

riterrà superfluo continuare a cercare di ottenere informazioni sull'argomento; all'altro estremo il soggetto può rispondere di non avere alcuna informazione pertinente da offrire. Secondo, le risposte possono variare quanto alla loro esattezza, cioè a seconda della misura in cui si adattano, sono pertinenti o corrispondono ai fatti. Un'altra questione sarà il rapporto di ciò che viene detto con ciò che è conosciuto da chi dice. Ciò implica tre problemi. Il primo è che le risposte che non forniscono informazioni possono essere di specie diversa: 'Non lo so', 'Lo so, ma non voglio dirlo', 'Non lo dico, né dico se potrei dirlo'. Il secondo problema è che quando il soggetto non risponde negativamente la sua risposta può rivelare in misura diversa ciò che egli ritiene che possa essere pertinente: questa è la questione della franchezza o candore. Il terzo problema è che la risposta data dal soggetto può essere una risposta a cui crede e che darebbe a se stesso oppure una a cui non crede e che non darebbe se ponesse la domanda a se stesso: questa è la questione dell'onestà o sincerità (*self-belief*). (p. 13)

Riassumendo, una domanda non ha successo se il destinatario non fornisce l'informazione richiesta, ignora la risposta o non la vuole dire, dà una risposta falsa, devia l'argomento o ancora procrastina l'esaudimento dell'azione a un futuro non meglio precisato – come accade in *Verano e solstizio* di Sereni (1995 [1981]): “Perché, tu che sai tutto di Roma, / lo chiamate così quel vostro cimitero / con quel nome spagnolo che significa estate? / [...] Ne prendo nota – sorrise – te lo dico la prossima volta” (p. 248).

Dal momento che le domande sono gli enunciati-stimolo per eccellenza, i modi per inficiarle sono cospicui; ne offre un saggio l'incipit di *Rebus, 27* di Sanguineti (2004 [1984]): “che cosa fai? (mi dicono sovente): io non rispondo niente (qualche volta): oppure / rispondo invece (qualche volta): niente: – e certe volte dico: troppe cose, per dirtele:” (p. 160). Cercando di inquadrare l'orizzonte patologico di un enunciato con funzione Domanda, si riportano dunque alcuni tra i principali casi di repliche incongrue tra quelli considerati da Stati:

– “L'allocutore confessa la propria ignoranza, replicando – ‘Non lo so’ e sim.” (p. 199). Scipio Slataper definisce “artista del ‘forse’” (PAINO, 2012, p. 89) Guido Gozzano, nella cui opera troviamo molti casi di risposta deludente, ossia non sufficientemente informativa: “‘Dove andrà?’ – ‘Dove andrò! Non so.... Viaggio’” (GOZZANO, 1980 [1911], p. 181); per citare almeno un ‘non so’ secondo-novecentesco, si rimanda al De Angelis di *31 agosto 1941 (Terra del viso)*: “‘Come è potuto accadere?’ / ‘Non so’” (DE ANGELIS, 2017 [1985], p. 146).

– “Repliche-Domande prive di coerenza con la precedente Domanda-stimolo; preferiamo definirle delle ‘non repliche’” (STATI, 1982, p. 201). Fermo restando che la coerenza è un valore

relativo⁸, la replica può intrattenere con la domanda un rapporto più o meno obliquo (gravitare nell'orbita della questione a una distanza variabile dal suo centro) fino al punto da non potersi più considerare una risposta; sembra il caso di *Nella hall (Nel magma)* di Mario Luzi (1998 [1963]): “Questo vuole il tuo tempo, perché non gli vai incontro?” / rimugina senza ironia apparente costui / [...] ‘Devoti sempre, devoti a qualcosa; e quando / non si crede più a niente devoti al nostro tempo’ / gli risponde qualcuno, forse io” (p. 345). Oppure l’anomalia può essere logica, come nella stringa contenuta nella lirica incipitaria di *Sovrimpressioni* di Zanzotto (2011 [2001]), *Verso i Palù*: “– Pan, / dove sei? / – Sì” (p. 834). Altri esempi di replica incongruente rispetto alla domanda del soggetto: da *Quella che...* di Fortini (FORTINI, 2014 [1994]), “Sono, – le chiesi, – vicino a morire?” / Sorrise come allora. / ‘Di te so, – mi rispose, – tutto. Lascia / quel brutto impermeabile scuro. // Ritornerai com’eri” (p. 518); da *Preghiera del nome* di Cesare Viviani (2003 [1990]), “Dimmi, Maria, tu che sai per intercessione, / perché temo tanto che questo vaso si spezzi?” / ‘Esso abbellisce’, rispondevi” (p. 135); o ancora *Controsfinge (Il movimento dell’adagio)* di Rossi (2003 [1993]):

- Perché per l’aria il piangere e sospirare?
- Insieme coricandoci sull’erba mazzolina.

- Chi allora sarà la Madonna della salvaguardia?
- Ruminano i vicini nelle crepe del corridoio.

- Quando l’anima dunque discende più velata?
- Dal fumo dei polmoni sgorgasse la saggezza.

- Dove si addensano però gli ardenti conforti?
- Giaceva nella notte la pagnotta dimenticata.

- E contro che si difende l’ultima guarnigione?
- Ogni bambino nasce con la sua intenzione.

8 Ricorda Bazzanella (2005) che “La coesione da sola non garantisce la coerenza, che è fondamentalmente concettuale. Coerenza è la proprietà che distingue i testi da un insieme casuale di frasi; si tratta di un rapporto semantico tra gli enunciati o all’interno di un testo e si trova non solo a livello linguistico, ma anche a livello proposizionale, cognitivo” (p. 81). In questa sede, Bazzanella ricorda i principali aspetti che distinguono le differenti concezioni di questa importante nozione: si può parlare di coerenza *a parte obiecti* o *a parte subiecti*, *coerenza relazionale*, *coerenza referenziale* (ossia la continuità di *topic*), o ancora, di coerenza come *non contraddizione* (congruità).

- Quale quindi il dolore mai più medicabile?
- Si slavano le righe del povero testamento.

- Ma come in sostanza, alla fin fine, veramente?
- Magari con altre quattordici parole.... (pp. 265-266)

Questo componimento, a dialogicità totale, è composto da sette distici, ognuno formato da una coppia di battute adiacenti: il primo verso costituisce la domanda e il secondo una risposta che, per quanto il primo parlante non la trovi problematica (come mostrano i connettivi logici “allora”, “dunque”, “però”, “E”, “quindi”, “Ma”), non può che apparire, agli occhi del lettore, come una violazione della massima della qualità, ovvero, la massima secondo cui la replica deve essere pertinente rispetto allo stimolo (GRICE, 1975).

– Repliche con la funzione di Domanda, con cui l’interrogato elude la domanda di partenza; come nell’incipit di *Metamorfosi* di Umberto Saba (SABA, 1988 [1947]): “‘Se non era l’Italia il tuo paese / – dico per dire: lo so ben che l’ami – / quale ti garberebbe patria?’ Io taccio; / egli ripete la domanda. – ‘E tu?’” (p. 548); oppure, nella fortiniana *Le sette di sera* (da *Questo muro*, 1973): “‘Elio, come va? gli dissi. [...] ‘Perché non ti fai mai vedere?’ // disse, tremando e fingendo di nulla” (FORTINI, 2014, p. 338). A proposito di quest’ultimo campione, si ricorda che Leo Spitzer considera “false domande”⁹ le formule d’apertura di un incontro con cui ci si informa dello stato di salute dell’altro – formule che Sacks (2017 [1975]) chiama sostituti del saluto –, in quanto vengono percepite come un rito convenzionale, necessario e allo stesso tempo insignificante, per cui chi le formula “non [...] si aspetta una risposta precisa” e chi le riceve è esonerato almeno in parte dal rispondere. Rientrano nelle repliche-Domanda anche le “richieste di chiarimenti necessari per poter dare l’informazione di cui ha bisogno l’emittente della Domanda-stimolo” (STATI, 1982, p. 200) – “‘C’è qualcosa da cavare dai sogni?’ mi chiede [...] / ‘Qualcosa di che genere?’ e guardo lei” (LUZI, 1998, p. 329) – e le domande che ripetono direttamente la domanda-stimolo, di cui l’esempio più noto è forse *La tessitrice* di Pascoli (2001 [1903]):

9 “si ha a che fare con false domande, ovvero con domande che non sono intese come tali: la domanda con cui si chiedono informazioni sullo stato di salute altrui, per esempio, è diventata a tal punto convenzionale, che in realtà non ci si aspetta una risposta precisa, soprattutto perché l’interlocutore è vivo e vegeto di fronte a noi. [...] Nel discorso parlato alcune forme tradizionali vengono intese da entrambi i parlanti come formule insignificanti, la cui presenza tuttavia è considerata necessaria. Mi sono chiesto spesso perché nelle relazioni sociali non si abbia il coraggio, quando si incontra qualcuno per la prima volta, invece di cominciare a parlare del tempo, di dire apertamente una frase come: ‘Cerchiamo di superare questo primo imbarazzante momento!’” (SPITZER, 2007, p. 186).

Piango, e le dico: Come ho potuto,
dolce mio bene, partir da te?
Piange, e mi dice d'un cenno muto:
Come hai potuto?
[...]

Piango, e le chiedo: Perché non suona
dunque l'arguto pettine più?
Ella mi fissa, timida e buona:
Perché non suona? (pp. 191-192)

– “L’allocutore contesta, critica, mette in dubbio una presupposizione non pragmatica desunta dalla Domanda o una proposizione da essa inferita” (STATI, 1982, p. 201), come in *Per sempre!* (*Canti di Castelvecchio*): “‘Sei bimba e non sai / *Per sempre* che voglia dir mai!’ / Rispose: ‘Non so che vuoi dire? / *Per sempre* vuol dire *Morire...*’” (pp. 41-42); un esempio più recente è in *Caffè di Inverigo* (*Armi e mestieri*) di Neri (2007 [2004]): “‘perché non abita qui?’ dicevano, / ‘e dopo’ rispondeva ‘dove vado?’” (p. 155).

– “L’incongruenza deriva da un fattore pragmatico. L’interrogato contesta all’interrogante il diritto di formulare la Domanda, gli proibisce di interrogarlo o mette in dubbio la sincerità della Domanda” (STATI, 1982, p. 201). In un botta e risposta fra marito e moglie in apertura di un componimento di Orelli (2015 [2001]), la domanda eulogica (in quanto indica un atteggiamento collaborativo) del primo parlante viene accolta dall’interlocutrice con una replica dislogica, manifestamente spazientita, che lascia intendere che la questione non era (secondo lei) da porsi: “A sinistra un leghista attempato / alla moglie: ‘Li metto nella borsa / gli occhiali?’. Lei: ‘Diocristo nella sacca!’” (p. 258); parafrasando l’interiezione, ‘Che domanda! Non lo sai che gli occhiali vanno nella sacca?’. In un’altra micro-interazione da *Armi e mestieri* di Neri (2007 [2004]), per converso, un terzo parlante si intromette a gamba tesa nello scambio, rimproverando all’interrogante il fatto di aver rivolto la domanda a un allocutore non fededeigno:

Scampato ai pericoli dell’età sua
il vecchio bevitore viveva di pochi lavori
sterrava di quando in quando
le strade di campagna.
Proprio a lui si era rivolto un ragazzo
per dire “eravamo colpevoli?”
ma un suo compagno l’aveva spinto via
“cosa vuoi sapere, da un ubriacone”. (p. 178)

Occorre infine rimandare alle false risposte, ovvero le repliche che hanno tutte le carte in regola per esaudire il successo formale di una domanda ma che si rivelano, per qualche motivo,

scorrette: insincere o non aderenti allo stato delle cose. Nella pascoliana *Sogno (Myricae)*, per esempio, la falsa risposta viene utilizzata per attivare la strategia della disillusione (il soggetto domanda a un allocutore dove si trovi una determinata persona, ma la risposta che ne riceve non corrisponde alla realtà della visione): “– Mamma? – È là che ti scalda un po’ di cena – / Povera mamma! e lei, non l’ho veduta” (PASCOLI, 2016, p. 183).

2.2 Gli enunciati direttivi

“Definiamo direttivo l’enunciato con la funzione pragmatica di indurre l’allocutore a compiere oppure a non compiere una azione non verbale o verbale esplicitamente menzionata nell’enunciato” (STATI, 1982, p. 68); in generale quindi, l’enunciato fallisce se l’azione in questione non viene (o viene) compiuta. Valga su tutti gli esempi *Un sogno* di Sereni (1995 [1965]), dove il direttivo (implicito) è esibire il lasciapassare necessario per attraversare “il ponte”: “‘Le carte’ ingiunse. ‘Quali carte’ risposi. / ‘Fuori le carte’ ribadì lui ferreo / vedendomi interdetto. Feci per rabbonirlo [...]” (p. 159). Il “Non ci fu / modo d’intendersi” dei vv. 16-17 è un’acquisizione definitiva dello statuto perennemente anti-comunicativo degli scambi di battute sereniani; il fallimento della comunicazione, inoltre, segna il passaggio dall’agone verbale alla lotta fisica, che chiude il testo in un memorabile fermoimmagine:

Avvinghiati lottammo alla spalletta del ponte
in piena solitudine. La rissa
dura ancora, a mio disdoro.
Non lo so
chi finirà nel fiume.

2.3 Asserzioni, Inferenze, Richiami

“Definiamo ‘assertiva’ la funzione pragmatica delle frasi prodotte dal mittente con lo scopo di comunicare al ricevente un’informazione, di portare alla sua conoscenza qualcosa che egli crede – a ragione o a torto – che il ricevente ignori” (STATI, 1982, p. 135); anche le modalità per disinnescare un’asserzione agiscono molteplici: dalle espressioni di dissenso rispetto al contenuto al tentativo di indovinare lo scopo occulto dell’atto. Le condizioni di incongruenza di un’asserzione valgono, di base, anche per le Inferenze – ovvero gli enunciati “il cui contenuto proposizionale è dedotto dal comportamento verbale o non verbale dell’allocutore” (p. 167) – e per i Richiami – le frasi prodotte “per trasmettere delle proposizioni di cui il mittente sa perfettamente che sono già note al ricevente” (p. 157). In linea di massima, questi enunciati vengono inficiati quando l’interlocutore dissente dalla versione dei fatti presentata dal partner: “La ragazza cadde in tuo potere, ma non ebbe a gloriarsene / a quanto ne so io’ grandina sul

mio volto / la sua voce piagnucolosa e assente / [...] ‘Oh non andò come tu credi’ rispondo” (LUZI, 1998, p. 334).

Un caso di fallimento dello scopo occulto di un enunciato-richiamo sono i versi finali del celebre componimento gozzaniano *Le due strade*: l’Avvocato, riferendosi a Grazia, si rivolge all’Amica dicendole qualcosa che questa sa già benissimo – “Amica! E non m’ha detta una parola sola!” (GOZZANO, 1980 [1907], p. 86) – allo scopo di trovare un supporto rispetto al doloroso significato che la fanciulla incarna, significato che l’Amica (che si guarda bene dal manifestarlo) ha subito tanto quanto il soggetto (si tratta, in sostanza, del confronto con la giovinezza, ormai sfiorita per entrambi i parlanti). Ciò nonostante, l’Amica rifiuta di riposizionarsi come alleata contro il nemico-comune, negando la voce a una parte di lei difficile da accettare. Non solo: come desiderosa di rifarsi della sconfitta (cui dà risalto la velocità della partenza della giovane, che vola sulla biciletta tagliando corto, fuggendo dalla situazione conversazionale), si aggancia all’enunciato-richiamo del soggetto per ‘mettere il dito nella piaga’, rivoltandolo contro di lui: “Te ne duole?” (v. 97; come dicesse: ‘io, al contrario di te, sono degna di Grazia, prenderemo il thè insieme, siamo pari...’).

2.4 Enunciati tu-valutativi

Sono le frasi “proferite con l’intento di giudicare il partner: un suo comportamento non verbale o verbale, le sue proprietà fisiche, morali, intellettuali ecc.” (STATI, 1982, p. 162); rientrano negli enunciati tu-valutativi i giudizi favorevoli quanto le critiche, i ringraziamenti quanto i rimproveri, gli elogi (ironici o meno) quanto le congratulazioni. Le repliche incongrue agli enunciati tu-valutativi possono essere: contestazioni del giudizio espresso, dichiarazioni di innocenza, minimizzazione a vario grado pacificante o risentita e aggressiva, asserzione di un altro punto di vista; come scrive Stati, “al livello pragmatico tali battute si suddividono in due sezioni, contestazione della Critica e asserzione della propria verità” (p. 218). Un esempio di insuccesso pragmatico di un enunciato tu-valutativo si trova in *A un compagno d’infanzia (Gli strumenti umani, 1965)*: “‘Ma tu hai la bellezza...’ / ‘Chiacchiere [...]’” (SERENI, 1995, p. 170).

3. Un campione paradigmatico

A conclusione di questa breve rassegna delle principali condizioni di incongruenza in atto negli episodi lirici del Novecento, si propone di seguito l’approfondimento di un campione paradigmatico, ovvero *Ricordo di Borsieri (Questo muro, 1973)* di Fortini (2014), dove nessuno degli attori replica in modo pragmaticamente congruo alla battuta dell’altro:

‘Non voltare quell’angolo’, mi diceva. ‘È meglio
che tu non veda. Fa ancora impressione.

È così sfigurato, irriconoscibile’.

‘Ma tu non sei Borsieri?’, rispondeva. ‘Ti riconosco anche se sei molto invecchiato. E anch’io. Nel Quarantanove o poco più tardi e già c’era la guerra di Corea – imprecisi andavano allora nei cieli i segni del secolo – non eri venuto, pazzo, a domandarmi qualche lavoro? Non eri stato in Spagna con Angeloni? E s’era parlato di Ascaso, di Gallo, di quelle cose’.

‘Rimani qui’

ora mi sussurrava, con ansia e fiato corrotto:
‘È orribile, è meglio non guardare.
Le nostre energie sono preziose, non giovano emozioni inutili. Bisogna parlare insieme.
Mantieni i contatti? C’è bisogno di gente come te’.

Perché aver pietà più di lui che di me?
Mi chiedevo. Salutarlo di secco e andare avanti.

Dietro l’angolo, entravo nel vento, la terra gelata, nulla, neppure muco rappreso. Vedevo le moli d’un nuovo quartiere, auto, pochi passanti.
‘Dunque non era vero’, mi sono detto.
‘Nulla è stato, tutto avevamo sognato.
Laggiù è la mia casa, la stanza mia, i libri mansueti, i visi cari, il letto, il sonno’. (pp. 336-337)

Lo scambio comincia improvvisamente con un infinito prescrittivo negativo che l’enunciatore, identificato nel titolo, rivolge al soggetto (“Non voltare quell’angolo”); il verbo dichiarativo posto immediatamente dopo divide in due parti la battuta, che continua con un’ellittica e frammentaria spiegazione-giustificazione dell’iniziale enunciato direttivo: l’imposizione si rovescia così nel pronto riflesso di premura che un interlocutore comparso all’improvviso riserva al soggetto, che ha cura di salvaguardare da un’orripilante visione. Ma l’io dialogico ignora del tutto l’oscuro monito; anche il suo intervento si divide in due parti, delimitate dal *verbum dicendi* in posizione

mediana: dopo la domanda retorica di accertamento (“Ma tu non sei Borsieri?”), il riconoscimento dell’altro diventa l’occasione per una constatazione su di sé (vv. 4-5) e per richiamare il comune passato e le trascorse conversazioni (vv. 6-13).

Dal punto di vista sintattico, il solo, minimo appiglio alla battuta precedente è la congiunzione avversativa impiegata come formula d’apertura, che svolge appunto la funzione di introdurre un nuovo discorso. L’identificazione dell’interlocutore prende la veste di un’interrogativa retorica, inficiata e rafforzata (la natura ambivalente delle interrogative retoriche comporta infatti una sovrapposizione di funzioni diverse, con risvolti più complessi rispetto agli altri ordini di enunciato) dall’asserzione che segue il verbo dichiarativo: un verbo di linearità dialogica (“rispondevo”) incongruo rispetto alla mancata continuità (persistenza, tenuta) del topic della battuta-stimolo. Al riconoscimento è subordinata poi una valutazione concessiva che potrebbe suonare dislogica, se non fosse per l’appendice frastica tramite la quale l’io si associa al destino di invecchiamento.

Nel terzo e ultimo turno, che si scinde in due centri discorsivi diversi, l’interlocutore ignora l’intero discorso dell’io e torna a esortarlo a non muoversi, a non abbandonare il posto (“Rimani qui” / ora mi sussurrava, con ansia e fiato corrotto: / “È orribile, è meglio non guardare”). Le parole reiterano, con alcune varianti, l’incipit della prima battuta: l’imposizione di un’*agency* bloccata è seguita da un’asserzione impostata nei termini di un’oggettività assoluta (“È meglio”), usata per inibire la percezione visiva dell’io (“che tu non veda”, “non guardare”), per scoraggiarlo alla presa di visione di qualcosa che inquieta, turba. Come le precedenti, anche questa battuta cade nel vuoto, viene cioè pragmaticamente ignorata, senza lasciare traccia di sé nella battuta consecutiva, che nasce pragmaticamente irrelata dalla precedente; in altre parole, nessuno degli enunciati prodotti contiene componenti di ricezione.

Appare di estremo interesse, infine, il fatto che lo stesso cortocircuito della mancata visione ricorresse già nella lirica pascoliana *Un sogno* citata in merito alle false risposte (“Mamma? ‘È là che ti scalda un po’ di cena’ / Povera mamma! e lei, non l’ho veduta”); di fatto, la post-combustione del soggetto continua decretando la dimensione onirica dell’evento: “Nulla è stato, tutto avevamo sognato. / Laggiù è la mia casa, la stanza mia, / i libri mansueti, i visi cari, / il letto, il sonno”. In conclusione, gli aspetti messi in evidenza rendono *Ricordo di Borsieri* un campione di disfluenza pragmatica: i parlanti seguono la propria traiettoria discorsiva, senza incrociare quella dell’altro.

Considerazioni finali

In conclusione, il dialogismo nella poesia italiana del XX secolo sembra l’espedito della crisi, una crisi che lo scambio verbale porta a espressione e mette in scena. Se leggiamo queste interazioni cercando di individuare l’occasione dialogica, quale acquisizione di senso porta il dialogo, come si articola, e in che toni, lo scambio fra gli interlocutori, si affaccia a rispondere

una sintomatologia variamente ridistribuita fra i macro-poli della difficoltà della comunicazione (spesso il dialogo non arriva a realizzarsi e i *verba dicendi* e i conati allocutivi si accumulano in turbolenze che non scatenano uno scambio diretto) e del conflitto: lo scambio diviene portatore di un senso intrattabile, o gli interlocutori portano avanti un discorso su piani inconciliabili fra loro. Il dialogo tende a essere attivato come elemento problematizzante o da problematizzare, indicando in molti casi l'impossibilità del dialogo stesso. Gli episodi dialogici novecenteschi, in ultima analisi, smentiscono qualsiasi visione del mondo ordinata e risolta: le interazioni verbali dei personaggi (non di rado caotiche, inconcludenti, apparentemente insignificanti e prive di senso) si avvicinano alle conversazioni oblique, discontinue e scalarmente apocalittiche della realtà quotidiana che, come scrive ancora Stati (1982), danno continuamente "l'impressione di lavoro in corso, di incompletezza, di carattere frammentario e sconnesso" (p. 38).

Riferimenti bibliografici

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. Oxford: Oxford University Press, 1962.
- BARTHES, R. *Frammenti di un discorso amoroso*. Torino: Einaudi, 2014.
- BAZZANELLA, C. *Linguistica e pragmatica del linguaggio. Un'introduzione*. Roma-Bari: Laterza, 2005.
- BLANCHOT, M. *La conversazione infinita. Scritti sull'«insensato gioco di scrivere»*. Torino: Einaudi, 2015.
- BONGELLI, R. *Sovrapposizioni e interruzioni dialogiche*. Fano: Aras, 2015.
- BORDINI, C. *I costruttori di vulcani. Tutte le poesie 1975-2010*. Bologna: Luca Sossella, 2010.
- DE ANGELIS, M. *Tutte le poesie 1969-2015*. Milano: Mondadori, 2017.
- DURANTI, A. *Etnopragmatica. La forza nel parlare*. Roma: Carocci, 2007.
- FORTINI, F. *Tutte le poesie*. Milano: Mondadori, 2014.
- GOFFMAN, E. *L'interazione strategica*. Bologna: il Mulino, 1971.
- GOZZANO, G. *Tutte le poesie*. Milano: Mondadori, 1980.
- GRICE, P. *Logica e conversazione*. In: SBISÀ, M (a cura di). *Gli atti linguistici. Aspetti e problemi di filosofia del linguaggio*. Milano: Feltrinelli, 1978, pp. 199-219.
- HERMANS, H.; HERMANS-KONOPKA, A. *Dialogical Self Theory. Positioning and Counter-Positioning in a Globalizing Society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- LAINO, R. *L'io e gli altri. Psicopatologia dei processi interattivi*. Trad. it. R. Tettucci. Firenze: Sansoni, 1977.

- LEVINSON, S. *La pragmatica*. Trad. it. M. Bertuccelli Papi. Bologna: il Mulino, 1985.
- LUZI, M. *L'opera poetica*. Milano: Mondadori, 1998.
- MAZZONI G. *Forma e solitudine. Un'idea della poesia contemporanea*. Milano: Marcos y Marcos, 2002.
- MAZZONI, G. *Sulla poesia moderna*. Bologna: il Mulino, 2005.
- NERI, G. *Poesie. 1960-2005*. Milano: Mondadori, 2007.
- ORELLI, G. *Tutte le poesie*. Milano: Mondadori, 2015.
- PAINO, M. *Signore e signorine di Guido Gozzano*. Pisa: Edizioni ETS, 2012.
- PASCOLI, G. *Canti di Castelvecchio*. Ed. critica a cura di N. Ebani. Bologna: La Nuova Italia, 2001.
- PASCOLI, G. *Myrica*. Ed. critica a cura di G. Nava. Bologna: Pàtron, 2016.
- ROSSI, T. *Tutte le poesie (1963-2000)*. Milano: Garzanti, 2003.
- SABA, U. *Tutte le poesie*. Milano: Mondadori, 1988.
- SACKS, H.; SCHEGLOFF, A.; JEFFERSON, G. A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, n. 50/4, 1974, pp. 696-735.
- SACKS, H. *Fare sociologia*. Trad. it. E. Caniglia. Pavia: Altravista, 2017.
- SANGUINETI, E. *Mikrokosmos. Poesie 1951-2004*. Milano: Feltrinelli, 2004.
- SBISÀ, M. Affetto e diritto come dimensioni dell'interazione verbale. In: GALIMBERTI, C. (a cura di). *La conversazione. Prospettive sull'interazione psicosociale*. Milano: Angelo Guerini e Associati, 1992, pp. 185-203.
- SERENI, V. *Poesie*. Ed. critica a cura di D. Isella. Milano: Mondadori, 1995.
- SPITZER, L. *Lingua italiana del dialogo* Trad. it. L. Tonelli. Milano: il Saggiatore, 2007.
- STATI, S. *Il dialogo. Considerazioni di linguistica pragmatica*. Napoli: Liguori, 1982.
- VAN DIJK, T. A. *Testo e contesto. Studi di semantica e pragmatica del discorso*. Trad. it. G. Collura. Bologna: il Mulino, 1980.
- VIVIANI, C. *Poesie 1967-2002*. Milano: Mondadori, 2003.
- ZANZOTTO, A. *Tutte le poesie*. Milano: Mondadori, 2011.

Ricevuto il: 11/04/2023
 Accettato il: 18/10/2023